



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras**

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Rua Barão de Geremoabo, nº147; CEP: 40170-290 Campus Universitário - Ondina
Salvador - BA

Tel.: (71) 336-0790 / 8754 Fax: (71) 336-8355 E-mail: pgletba@ufba.br



**ARTHUR DE SALLES:
ESBOÇOS E RASCUNHOS**

por

Alicia Duhá Lose

v. 1

SALVADOR – BA

2004



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras**

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Rua Barão de Geremoabo, nº147; CEP: 40170-290 Campus Universitário - Ondina
Salvador - BA

Tel.: (71) 336-0790 / 8754 Fax: (71) 336-8355 E-mail: pgletba@ufba.br



**ARTHUR DE SALLES:
ESBOÇOS E RASCUNHOS**

por

Alicia Duhá Lose

Orientadora: Profa. Dra. Célia Marques Telles

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras e Linguística.

SALVADOR – BA

2004

A

Ari, por fazer, a um só tempo, os papéis de pai e mãe do nosso filho, de marido, de amigo, de colega e de co-orientador.

Tom, por dividir com esta tese seu tempo e sua atenção desde os primeiros meses de vida.

Marie, pela solidariedade, aos meus pés, nas intermináveis horas de trabalho.

AGRADECIMENTOS

- A minha fabulosa família Duhá, pelo amor, pela educação e pela cultura proporcionados.
- A minha família Góes Neiva, pelo amor sincero que me dedicam e pelo apoio em todas as horas.
- À Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Bordini, por me fazer enxergar além dos meus horizontes.
- À Prof^a. Dr^a. Célia Marques Telles, minha orientadora, pela confiança e amizade.
- À Prof^a. Dr^a. Sônia van Dijck, pelos conselhos, esclarecimentos e ensinamentos, pela paciência e amizade.
- À Prof^a. Dr^a. Dileta Silveira Martins por me acolher como a uma filha e me fazer conhecer melhor o mundo das letras.
- À Prof^a. Dr^a. Alice Campos Moreira, pelos ensinamentos e incentivos.
- À Prof^a. Dr^a. Regina Zilberman, ao Prof. Dr. Ir. Mainar Longhi (*in memoriam*) e a todos os professores da Faculdade e do Curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que será sempre a minha casa.
- À Vanilda Mazzoni, pela amizade e pelo apoio nas horas de agonia.
- Às Prof^{as}. Dr^{as}. Albertina Ribeiro da Gama e Beth Brait pelos preciosos ensinamentos.
- Aos demais pesquisadores do Grupo de Edição Crítica da "Obra" de Arthur de Salles, pela partilha de conhecimentos, informações e inquietações.
- A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a feição deste trabalho.

Meu muito obrigada a todos, de coração!

Ponho-me a falar dele e eis-me a alinhar palavras como se fosse possível medir, com umas poucas frases toscas, toda a imensidade do maior poeta da Bahia, depois de Castro Alves! (...) – Que é que tem feito a Bahia por Artur de Sales? Sim, amigos, até hoje, é o velho Artur de Sales quem tem dado a Bahia o patrimônio inestimável dessa inteligência, dessa cultura, dessa bondade, que tudo isso é a sua poesia. E, em troca, que há recebido? Sei, sei... Homenagens, discursos... E talvez haja quem já esteja de projeto engatilhado para uma estátua ou uma placa em esquina de qualquer das nossas ruas, na hora das homenagens póstumas. Talvez... Mas agora? O Homem que é o Poeta que merece? Onde estás, Bahia, que não amparas em teu seio maternal, que não livras de cuidados e perigos, de canseiras e desgostos, esse que é um dos maiores dos teus filhos? Sei que a Bahia está viva. Que considera não um 'ato meritório' mas um dever zelar pelo inestimável patrimônio que é Artur de Sales. Pois que o faça. Para ser digna do seu passado. Para merecer o futuro que a espera.

Tomé de Souza [psedônimo de Adroaldo Ribeiro Costa]

RESUMO

Tomando-se como base o livro *Mal de Arquivo* de Derrida é discutida a constituição dos arquivos, elementos, autores, censuras; o papel de cada um; autor, pesquisador, arconte são analisados a partir do Acervo de Arthur de Salles. Para demonstrar o valor do trabalho realizado no seu acervo, faz-se um levantamento da fortuna crítica do poeta. Através da pesquisa de fontes primárias, apresenta-se um cotejo dos dados biobibliográficos do poeta inúmeras vezes repetidos, fazendo-se uma atualização dos mesmos. Avalia-se, ainda, através da correspondência do poeta, a década de 1930, quando ele, em funções de vicissitudes, profissionais e pessoais, é tomado pelo desgosto, que se reflete diretamente na sua atividade literária. A par disso, são editados semidiplomaticamente os manuscritos das pastas 001 e 003, dos quais se faz também um breve levantamento vocabular. Discorre-se sobre o fazer poético do autor; através de seus manuscritos analisa-se a escrita em fase de criação. Esses documentos deixam, também, entrever a intertextualidade, cuja análise pode ser complementada com elementos presentes no epistolário do poeta. Não obstante, apresentam-se dois estudos que evidenciam as fontes de inspiração do poeta, o primeiro inspirado em um poema de Almeida Garrett, e o outro nas cantigas de amor do medievo. Por último, são expostas as vantagens que os recursos tecnológicos da informática podem trazer ao trabalho de edição, assim como os cuidados que eles inspiram. A isso, se segue uma proposta inovadora de edição digital, que traz, além dos elementos convencionais de uma edição semidiplomática em papel, novos elementos proporcionados pelos recursos da informática.

Palavras-chave: Arthur de Salles; acervo literário; biobibliografia; manuscritos; edição digital.

ABSTRACT

Based on Derrida's *Mal d'Archive*, the constitution of the archives, their elements, their authors, and their censures are discussed; the role of each one in this play, the author, the researcher and the *archont* are analyzed in the Arthur de Salles Literary Archive. A brief inventory of the Bahian poet's critical fortune is carried out in order to demonstrate the value of the work performed in his Literary Archive. By the investigation of primary sources, an poet's biobibliographical data are updated and presented. The poet's correspondence during the 1930's is also evaluated. This period is of considerable importance in his life and production, since, due to professional and personal vicissitudes, the poet was affected by sorrow, which directly reflected in his literary activities. Furthermore, the manuscripts of the cases 001 and 003 are semidiplomatically edited. The poetic construction of the author is also discussed; by the investigation of his manuscripts, poet's *scripta* in its creation period is analyzed. These documents also reveal the intertextuality that can be complemented by the analysis of the elements encountered in the poet's epistolary. Nevertheless, two studies that clearly render evident the sources of the poet's inspiration are presented, the first inspired in an Almeida Garrett's poem and the last in medieval troubadour poems. Finally, the advantages that Computer Sciences technological resources can offer to the work on edition, as well as the cares they inspire, are exposed. The paper edition is accompanied by an innovative proposal of a digital edition, which brings, besides the conventional elements of a semidiplomatical paper edition, new ones offered by Computer Sciences resources.

Key words: Arthur de Salles; literary archive; biobibliography; manuscripts; digital edition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O poeta Arthur Gonçalves de Salles em 1945.	23
Figura 2 – Arthur de Salles e a família	24
Figura 3 – Casa onde nasceu Arthur de Salles	25
Figura 4 – Classificação quanto ao tipo dos documentos da pasta 001	218
Figura 5 – Classificação quanto ao tipo dos documentos da pasta 003	219
Figura 6 – Classificação quanto ao tipo dos documentos das pastas 001 e 003	219
Figura 7 – Movimentos de correção dos rascunhos das pastas 001 e 003	221
Figura 8 – Movimentos de correção dos borrões passados a limpo das pastas 001 e 003	222
Figura 9 – Movimentos de correção dos textos definitivos das pastas 001 e 003	223

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.S.= Arthur de Salles
acr. ent. inf. = acréscimo na entrelinha inferior
acr. ent. sup. = acréscimo na entrelinha superior
acr. marg. dir. = acréscimo na margem direita
acr. marg. esq. = acréscimo na margem esquerda
acr. marg. sup. = acréscimo na margem superior
acr. pont. isol. = acréscimo de pontuação isolada
AN = anotações
BPL = borrão passado a limpo
CD = compact disc
cf. = conferir
doc. = documento
exp. lat. = expressão latina
f. = fólio
IS = isolada
l. = linha
NX = não xerocopiado
Obs.= Observação
OD = original datiloscrito
OM = original manuscrito
Per. n. ind.= Periódico não indicado
PO = poesia
p. = página
r. = recto
R = rascunho
s. d.= sem data
s. l.= sem local
s. t.= sem título
s.n.p. = sem número de página
sobr. = sobreposição
subs. ent. inf. = substituição na entrelinha inferior
subs. ent. sup.= substituição na entrelinha superior
subs. marg. esq. = substituição na margem esquerda
supr. = supressão
TD = texto definitivo
tít. = título
v = verso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 ARQUIVO: A MORADA DA CENSURA	4
2.1 O ACERVO DE ARTHUR DE SALLES E SUAS CENSURAS	10
2.2 OBJETIVOS DESSA TESE	16
3 UM ACERVO RECONTANDO A HISTÓRIA	18
3.1 DADOS BIOGRÁFICOS A PARTIR DOS DOCUMENTOS CONTIDOS NA PASTA 046	20
3.2 REVISÃO DE DADOS BIOGRÁFICOS TOMANDO POR BASE INFORMAÇÕES EXTRAÍDAS DE CECÍLIA DE LARA	29
3.3 PANORAMA BIOBIBLIOGRÁFICO DE ARTHUR DE SALLES NA DÉCADA DE 30	41
4 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DOS MANUSCRITOS DAS PASTAS 001 E 003	50
4.1 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A CLASSIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS	50
4.2 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA TRANSCRIÇÃO	51
4.3 DIFICULDADES DA TRANSCRIÇÃO	53
4.4 <i>CORPUS</i> DESSA EDIÇÃO	55
4.5 DESCRIÇÕES, TRANSCRIÇÕES E <i>FACSIMILES</i>	59
4.5.1 PO-IS-OM-001-0001	59
4.5.2 PO-IS-OM-001-0002	62
4.5.3 PO-IS-OM-001-0005	65
4.5.4 PO-IS-OM-001-0007	74
4.5.5 PO-IS-OM-001-0009	76
4.5.6 PO-IS-OM-001-0010	79
4.5.7 PO-IS-OM-001-0012	81
4.5.8 PO-IS-OM-001-0013	84
4.5.9 PO-IS-OM-001-0014	87
4.5.10 PO-IS-OM-001-0015	91
4.5.11 PO-IS-OM-001-0016	93
4.5.12 PO-IS-OM-001-0017	96
4.5.13 PO-IS-OD-003-0029	99
4.5.14 PO-IS-OM-003-0031	102
4.5.15 PO-IS-OM-003-0033	106
4.5.16 PO-IS-OM-003-0034	108
4.5.17 PO-IS-OM-003-0038	110

4.5.18 PO-IS-OM-003-0041	114
4.5.19 PO-IS-OM-003-0042	117
4.5.20 PO-IS-OM-003-0043	124
4.5.21 PO-IS-OM-003-0044	129
4.5.22 PO-IS-OM-003-0045	131
4.5.23 PO-IS-OM-003-0046	134
4.5.24 PO-IS-OM-003-0047	136
4.5.25 PO-IS-OM-003-0049	140
4.5.26 PO-IS-OM-003-0050	144
4.5.27 PO-IS-OM-003-0052	147
4.5.28 PO-IS-OM-003-0053	149
4.5.29 PO-IS-OM-003-0054	153
4.5.30 PO-IS-OM-003-0055	155
4.5.31 PO-IS-OM-003-0056	157
4.5.32 PO-IS-OM-003-0057	159
4.5.33 PO-IS-OM-003-0059	161
4.5.34 PO-IS-OM-003-0060	165
4.5.35 PO-IS-OM-003-0061	168
4.5.36 PO-IS-OM-003-0062	171
5 UM LEVANTAMENTO VOCABULAR NOS TEXTOS SALLESIANOS	175
5.1 PARNASIANO NA FORMA, SIMBOLISTA NO VOCABULÁRIO	177
5.2 METODOLOGIA UTILIZADA NO LEVANTAMENTO VOCABULAR	181
5.3 LEVANTAMENTO VOCABULAR A PARTIR DOS DOCUMENTOS DA PASTA 001 E 003	184
6 MOVIMENTOS DAS CORREÇÕES	218
7 SOBRE O FAZER POÉTICO DE ARTHUR DE SALLES	224
7.1 ETAPAS DE UMA ESCRITURA	224
7.2 AS APARÊNCIAS ENGANAM: UM EXEMPLO COM DOIS MANUSCRITOS DE ARTHUR DE SALLES	229
7.2.1 De <i>Catalectos</i> a <i>Rimas Várias</i>	229
7.2.2 "O Clamor da terra": um manuscrito híbrido	232
8 REMINISCÊNCIAS	234
8.1 ARTHUR DE SALLES: O LEITOR E O ESCRITOR	235
8.2 O ROMANCE DA CASTELÃ	243
8.3 "RIMAS VÁRIAS": UMA CANTIGA DE AMOR	246
9 A TECNOLOGIA A SERVIÇO DA CRÍTICA TEXTUAL	250

9.1 EDIÇÃO DIGITAL DOS MANUSCRITOS DAS PASTAS 001 E 003 DO ACERVO DE ARTHUR DE SALLES	255
9.1.1 Especificações da edição digital	256
10 CONCLUSÃO	258
REFERÊNCIAS	260
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

O acervo do poeta baiano Arthur de Salles (1879-1952) foi constituído em 1977, e desde então, sobre ele já se debruçaram diversos pesquisadores. Os documentos que o constituem são manuscritos (autógrafos ou apógrafos); datiloscritos (com emendas autógrafas ou não) e impressos; exemplares das publicações do poeta; fotografias, entrevistas realizadas com seus familiares e amigos, depoimentos e documentos pertencentes à fortuna crítica; além de exemplares de todas as teses, dissertações e trabalhos gerados pelo Grupo de Edição Crítica da "Obra" de Arthur de Salles.

Arthur de Salles: esboços e rascunhos tem como intenção trazer de volta à cena discussões de aspectos vários relativos ao homem e ao poeta Arthur de Salles, depreendidos de diversos materiais presentes no acervo: cartas, fortuna crítica, manuscritos.

Para discorrer sobre tudo isso, essa tese encontra-se dividida em oito capítulos, numerados do 2 ao 9, sendo numeradas, também, a Introdução e a Conclusão, e um CD, contendo a edição digital.

O primeiro capítulo, que toma como base o livro *Mal de Arquivo*¹, de Jacques Derrida, expõe a questão da constituição dos arquivos, seus elementos, seus autores, suas censuras; o papel de cada elemento dentro do jogo de mostra-esconde dos acervos; o autor, o pesquisador, o arconte, que pode ser representado, às vezes, pelo próprio autor, pelo curador, pelo pesquisador. Demonstra-se que a isso tudo, o Acervo de Arthur de Salles serve como instigante exemplo. Ainda nesse capítulo faz-se um breve levantamento da fortuna crítica do poeta no intuito de demonstrar – e ao mesmo tempo justificar – o valor do trabalho realizado no acervo.

O segundo capítulo apresenta uma análise dos dados biobibliográficos de Arthur de Salles divulgados pela imprensa à época do seu falecimento. Esses dados foram extraídos de 50 recortes de jornais coletados pela filha do poeta e entregues ao acervo. Várias dessas informações foram também, posteriormente, divulgados em livro, como se vê em *A Nova*

¹ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001. p. 118-119.

*Cruzada: contribuição para o estudo do pré-modernismo*², de Cecília de Lara, e são até hoje repetidos por aqueles que se propõem a falar de Arthur de Salles. Essas informações, no entanto, nem sempre condizem com aquelas obtidas pelo Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA, ao longo de seus quase 30 anos de trabalho. Faz-se, desta forma, a sua atualização, na medida do possível. Ainda nesse capítulo, avalia-se, através do epistolário do poeta, uma época deveras representativa na sua vida e na sua obra, a década de 1930, quando o autor, em funções de diversas vicissitudes, profissionais e pessoais, é tomado pelo desgosto, que acaba por se refletir diretamente na sua atividade literária.

O terceiro capítulo é composto pela edição semidiplomática dos manuscritos das pastas 001 e 003 (excluindo-se aqueles editados em trabalhos anteriores), apresentando, além dos critérios utilizados para classificação e transcrição dos documentos, as dificuldades da transcrição, o *corpus* da edição, a descrição de cada fólio, seu *facsimile* (inclui-se aí o *facsimile* do documento PO-IS-OD-016-0161-NX:01, pelo fato de este anteceder o documento PO-IS-OD-003-0029-NX:01), sua transcrição, e uma síntese dos movimentos de correção.

O quarto capítulo é constituído por um levantamento do vocabulário presente nos textos aqui editados, com o intuito de vislumbrar a erudição de Arthur de Salles e mostrar em que medida as escolas literárias da época e a leitura dos clássicos influenciaram o poeta.

O quinto capítulo expõe uma análise quantitativa dos movimentos de correção realizados pelo autor em seus manuscritos. E o sexto trata do fazer poético de Arthur de Salles, mostrando as etapas da escrita. Utilizando-se de alguns de seus manuscritos, analisa-se a sua escritura em fase de criação, através de seus movimentos de correção. Para isso, são trazidos os exemplos de dois textos poéticos e um texto em prosa.

O sétimo capítulo, intitulado "Reminiscências", deixa entrever a intertextualidade nos textos de Arthur de Salles. Esse percurso inicia-se com um elemento bastante patente no epistolário do poeta: culturas estrangeiras exerciam um fascínio especial sobre Arthur de Salles. Assuntos variados relativos à cultura italiana, por exemplo, são diversas vezes comentados por ele, que demonstra ter grande admiração pela terra de Dante e tudo o que dela advém. Ainda nesse capítulo, estão presentes estudos com dois manuscritos que

² LARA, Cecília de. *Nova Cruzada: contribuição para o estudo do pré-modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros; USP, 1971.

evidenciam as suas fontes de inspiração, o primeiro teve como base um poema de Almeida Garrett, e outro as cantigas de amor do medievo.

O oitavo capítulo discute as vantagens que os recursos tecnológicos da informática podem trazer ao trabalho de edição, assim como chama atenção para os cuidados que eles inspiram; e expõe uma inovadora proposta de edição digital, apontando a metodologia utilizada para sua realização, assim como especifica o programa em que foi realizada e o formato em que se encontra.

Anexos à essa tese estão uma cópia, em formato de marcador de páginas, dos símbolos utilizados nas transcrições dos manuscritos, com o intuito de facilitar a leitura dos *facsimiles*, e um CD, que apresenta a edição digital, trazendo, além dos elementos convencionais de uma edição semidiplomática apresentada em papel, novos elementos que só os recursos da informática podem proporcionar. Desta forma, é apresentada a última versão dos manuscritos, a partir da qual se tem acesso, através de hipertextos, à versão anterior. Ainda a partir da última versão pode-se chegar à descrição do documento e ao seu *facsimile*.

O CD traz, ainda, elementos complementares, como informações sobre o autor, o acervo, o grupo de pesquisa, e uma versão do *Hymno ao Senhor do Bomfim*, de autoria de Arthur de Salles. Desta forma, tenciona-se, ao lado do tradicional, apresentar o novo, mostrando que ambos podem ser independentes e complementares a um só tempo, pois se as formas de exposição podem ser diferentes, as técnicas para extração dos dados continuam sendo as mesmas.

É importante lembrar, ainda, que para a formatação dessa tese tomou-se como base, de acordo com o instituído pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Lingüística da Universidade Federal da Bahia, o *Manual de estilo acadêmico*, de Nídia M. L. Lubisco e Sônia Chagas Vieira.³

³ LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. *Manual de estilo acadêmico*. 2. ed. rev. ampl. Salvador: EdUFBA, 2003.

2 ARQUIVO: A MORADA DA CENSURA

Eram onze e quinze. Ao som do tique-taque do relógio, partículas de poeira dançavam ao sol, e Roland meditava sobre a busca do saber, cansativa, fascinante, infinita. Ali estava, a reconstruir as leituras de um homem já morto, medindo o tempo de seu trabalho pelo relógio da biblioteca e pelas leves contrações de seu estômago. (Não há café na Biblioteca de Londres.) Ele teria de mostrar todo esse tesouro recém-descoberto a Blackadder, que ficaria ao mesmo tempo entusiasmado e mal-humorado, mas assim mesmo satisfeito de saber que aqueles papéis estavam no Cofre nº5 e não na Universidade Robert Dale Owen, em Harmony City, como tantas outras coisas que haviam ido parar lá. Desagradava-lhe a idéia de comunicar sua descoberta a Blackadder. Dava-lhe prazer ser o único a saber. Prosérpina estava entre as páginas 288 e 289. Depois da página 300 vinham duas folhas inteiras dobradas. Roland abriu-as com cuidado. Eram cartas, escritas com a letra mais caprichada de Ash; em ambas aparecia o endereço de Great Russel Street, e em ambas a data era a mesma: 21 de junho. Não aparecia o ano. Ambas começavam com "Prezada senhora", e nenhuma das duas estava assinada. Uma era bem mais curta que a outra.

[...]

Releu as cartas. Teriam aqueles rascunhos resultado numa carta que fora posta no correio? Ou fora o impulso contido? Ou rejeitado? O próprio Roland foi movido por um impulso estranho, um tanto incomum. Sentiu, de repente, que era impossível recolocar aquelas palavras tão palpitantes na página 300 do Vico e devolvê-las ao Cofre nº5. Olhou a sua volta: ninguém estava olhando. Enfiou as cartas entre as páginas de seu exemplar da *Obra seleta* de Ash, edição Oxford, que sempre o acompanhava. Depois voltou às anotações marginais, copiando as mais interessantes metodicamente em suas fichas, até que a campainha soou no alto da escada, anunciando o final da hora de estudos. Havia esquecido de almoçar. (A. S. BYATT)⁴

É preciso explicitar, primeiramente, que se está tratando de uma reunião de documentos relativos ou pertencentes a um poeta, Arthur de Salles. Constitui, portanto, o que denominaremos, *a priori*, de um Arquivo/Acervo Literário – estes dois termos estão sendo usados aqui indistintamente, entendendo-se ambos como sinônimos –, embora se tenha consciência de que nenhuma denominação ou classificação pode ou deve ser feita de

forma tão simplista. Sendo assim, concorda-se com Maria da Glória Bordini ao afirmar que "Trabalhar com acervos literários implica um enfoque multidisciplinar. Os manuscritos de um autor e os documentos que dão testemunho da gênese de sua obra e dos episódios de sua vida requerem um tratamento que foge à simples arquivologia."⁵ Como se disse, o trabalho com acervos faz-se de um conjunto de investigações interdisciplinares, por isso é válido afirmar que a um arquivo interessa tudo, e interessa mais ainda o uso que se fará deste tudo, no todo ou em partes, pois, como afirma Antoine Compagnon "do ponto de vista da apreensão do ato de consciência que representa a escritura como expressão de um querer-dizer, qualquer documento – uma carta, uma nota – pode ser tão importante quanto um poema ou um romance."⁶

Mal de Arquivo, termo cunhado por Jacques Derrida em seu livro homônimo, explica aquilo que o psicanalista Sigmund Freud denominou de *pulsão de morte* e caracteriza a perturbação que sofrem aqueles que se envolvem nesta trama arquivística:

A perturbação do arquivo deriva de um mal de arquivo. Estamos com mal de arquivo (*en mal d'archive*). Escutando o idioma francês e nele, o atributo "*en mal de*", estar *com mal de arquivo*, pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome "mal" poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiva. É dirigir-se a ele com desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. Nenhuma paixão, nenhuma pulsão, nenhuma compulsão, nem compulsão de repetição, nenhum 'mal-de', nenhuma febre, surgirá para aquele que, de um modo ou outro, não está com mal de arquivo."⁷

Quem trabalha com arquivo sofre do *mal de arquivo* porque ao classificar, selecionar, escolher este ou aquele documento para ser visto sob um determinado aspecto, já está impondo o seu ponto de vista, fazendo os seus recortes e as suas censuras (vistos nesse texto através da ótica freudiana como sinônimo de *recalque*) de forma pessoal e quase inconsciente.

⁴ BYATT, A. S. *Possessão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 15 e 17.

⁵ BORDINI, Maria da Glória. *Manual de organização do acervo literário de Erico Verissimo*. Porto Alegre: PUCRS, 1995, p. 5. (Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias, v. 1, n. 1)

⁶ COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: EDUFMG, 1999. p. 65.

⁷ DERRIDA, Jacques. *op. cit.*, p. 118-119.

Arquivo, como se disse há pouco, pode ser definido como uma reunião, uma organização, um ajuntamento de elementos. E, em se tratando de arquivos de escritores e intelectuais, se está falando de um conjunto de uma certa forma consciente, no qual os elementos são agrupados com um determinado propósito. Diz-se consciente porque, mesmo que o autor não imagine o seu arquivo como sendo objeto de análise por terceiros, ele próprio guarda, armazena, agrupa, organiza seu espólio, tendo com o produto do seu trabalho uma relação paternal, atitude protetora que depende a constituição de todo e qualquer arquivo⁸. E, como lembra Derrida, "O arquivo sempre foi um penhor, e como todo o penhor, um penhor de futuro."⁹ Investindo nesse futuro, de forma consciente ou não, todo escritor se *arquiva*.

Sendo assim, poder-se-ia pensar em algo que correspondesse a algum conjunto de semelhanças, porém, cada arquivo, sendo, como se verá mais tarde, um elemento com vida própria, tem suas características e peculiaridades, posto que arquivo é memória e memória, ousa-se afirmar, é um organismo vivo. Dessa forma, cada arquivo terá uma função diferente a depender de quem o organiza e de como o arquivamento é feito, pois "a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do conteúdo *arquivado*, em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivo tanto produz quanto registra o evento".¹⁰

Há arquivos organizados pelos próprios autores, ao longo de suas vidas, e neles o próprio escritor é, ao mesmo tempo, o arquivista e o arquivado, selecionando e *recalcando*, dando à luz e dissimulando num jogo de esconde-esconde, fazendo do seu arquivo o lugar do dito e do não-dito, da voz e do silêncio, do manuscrito e do palimpsesto. O escritor sofre de forma extrema do *mal de arquivo*, da *pulsão de morte* que, trabalhando contra o próprio arquivo, tende a destruí-lo ou a disfarçá-lo, mascará-lo, maquiá-lo, o arquivo trabalhando contra si mesmo, deixando registrados não os traços da memória, mas registros que por si sós já são traços de outras memórias.

Nesse tipo de arquivo o escritor, de forma quase pueril, acredita poder preservar para a posteridade apenas o melhor de si, da sua imagem. No entanto, mesmo que seu intento seja expor apenas o seu perfil mais fotogênico, sempre haverá um "rato de arquivo"

⁸ Cf. *Id. ibid.*, p. 13.

⁹ *Id. ibid.*, p. 31.

¹⁰ *Id. ibid.*, p. 29. (Grifos do autor).

para descobrir e desvelar o que estava escondido, dissimuladamente, presente nas ausências.

Organizando todos os seus passos, tentando apagar todas as pistas, o autor deixa outras, que fazem o arquivista (ou seja lá o nome que recebe esta personalidade invasiva que dedica sua vida à pesquisa sobre a vida e a obra de outrem) percorrer outros caminhos, por vezes mais longos, por vezes equivocados, mas que certamente, o farão chegar lá, naquele sótão escuro onde o escritor colocou todos os seus silêncios e apagamentos.

Há outros escritores que ainda em vida delegam o poder de organização e administração de seus arquivos, mesmo que de forma parcial, diga-se de passagem, a terceiros. Fala-se em *parcial* porque sempre haverá, antes da cessão dos materiais deste pré-arquivo, que já é, de uma certa forma, um arquivo, uma seleção prévia do arquivável, portanto, os elementos que entram nesta categoria já são a *sobra* do que foi recalcado.

Há arquivos, também, organizados *post-mortem*, e cuja tutoria, ou curadoria, fica a cargo de determinadas instituições, pelas quais passarão inúmeros pesquisadores, e cuja organização nunca chegará a tomar uma feição definitiva, se é que se pode almejar qualquer coisa de definitivo em organismos tão vivos quanto os arquivos. Neste caso, o recalçamento, ou a censura, fica a cargo da família ou dos herdeiros ou da própria instituição – fazendo a seleção do que deve e do que não deve ser divulgado, do que é relevante ou não ser exposto –, sendo, desta forma, uma segunda censura, pois o próprio autor, de forma (in)consciente já teria feito a sua própria seleção.

Arconstituição. Este neologismo, a princípio estranho, une em si dois elementos indissociáveis. O arquivo (neste recorte específico) literário, é sempre uma *instituição*, e como tal, possui os seus *comandantes*, os seus responsáveis. E estes *cérberos* podem tomar feições variadas, como, por exemplo, o próprio autor, a família, herdeiros de qualquer instância, pesquisadores, institutos de ensino e pesquisa, governo, etc. A todos estes guardiões, Derrida chama de *Arcontes*, termo que na antiga civilização grega designava os magistrados superiores que detinham o poder político de fazer e representar as leis, a autoridade publicamente reconhecida, que interpretava os documentos oficiais sob a sua jurisdição.

Para que documentos se constituam em arquivo, não basta que sejam depositados em um local, sobre um suporte, à disposição de uma autoridade, é preciso o poder arcôntico

de unificação, identificação e classificação, ou seja o poder de consignação, entendendo-se *consignar*, assim como Derrida o define: designar uma residência, confiar, pôr em reserva, em um lugar e sobre um suporte, reunindo os signos; coordenar em um único *corpus*, sistema ou sincronia todos os elementos que se articulam em uma unidade. Em um arquivo não deve haver dissociação ou heterogeneidade¹¹. Assim como não há memória sem suporte, também não há arquivo sem arconte e sem recalques. Não há arquivo sem *mal de arquivo*.

Todo o arquivo é a casa dos fantasmas, sempre há um a espreitar o tempo todo, a povoar as prateleiras e os papéis, dialogando com o pesquisador ou qualquer um que ouse andar por entre as suas colônias de ácaros e fungos.

O arquivo é um cemitério, tão movimentado, cheio de vidas e memórias quanto aquele cemitério de que fala Erico Verissimo em *Incidente em Antares*¹². Lá se depositam as marcas, as provas, os restos de toda uma vida. Estes restos, no entanto, não são sobras, são resultados, e não terão o seu sossego eterno garantido, serão visitados e chorados constantemente, louvados e execrados, e, depois de um certo tempo, serão removidos, remexidos pelos coveiros para ocuparem outro lugar, e irem mudando de feição à medida que o tempo passa e a cada vez que se olha para eles – pois quanto maior o distanciamento em tempo e grau de parentesco (ligação), maior a isenção em relação ao olhar sobre o acervo – até o corpo virar esqueleto, que virará ossada que, por sua vez, virará pó, e as gerações seguintes o verá por outro prisma e os espíritos virarão espectros, e as lembranças virarão retratos na parede.

Todo o cadáver é preparado para o seu enterro, lhe são postas as melhores roupas, o cabelo ganha arrumação cuidadosa, alguns passam por uma esmerada sessão de maquiagem; da mesma forma acontece com o arquivo, que é arrumado e mascarado para ganhar a melhor feição na hora em que todos os olhares estarão voltados para ele.

"Não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade; não há arquivo sem exterior"¹³, também não há arquivo sem suporte, sem interpretação, sem decodificação do que nele está contido, pois a pesquisa do

¹¹ *Id. ibid.*, p. 14.

¹² VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. 43.ed. São Paulo: Globo, 1994. 485p.

¹³ DERRIDA, Jacques. *op. cit.*, p. 22.

arquivo não é uma pesquisa de origem, uma mera escavação, é um trabalho de diálogo entre os indícios. Os arquivistas não são garimpeiros, são arqueólogos.

Como se afirmou anteriormente, um arquivo é um organismo vivo, este organismo, porém, fica em estado total de inércia até que alguém vá até ele e se aproprie (no melhor dos sentidos) das informações que lá estão contidas, estejam elas explícitas ou implícitas. O arquivo volta à vida, saindo do seu estado de latência no momento em que é observado, analisado, pesquisado. Esta pesquisa pode percorrer os mais variados caminhos, a depender dos objetivos do pesquisador *sensu lato*, podendo ainda mudar de rumos, a depender do que seja descoberto, a depender da forma como o arquivo decidir se mostrar. Este jogo de mostra-não-mostra dos arquivos fascina e instiga o pesquisador, que, sofrendo do *mal d'archive*, é incitado a ir cada vez mais fundo. No entanto, a intenção real do arquivo era fazê-lo desanimar, desistir; porém, na maioria dos casos o feitiço vira contra o feiticeiro e o arquivo passa a ter as suas entranhas cada vez mais remexidas.

O escritor faz com sua obra um trabalho de recalçamento, dissimulando, apagando, substituindo, sobrepondo, o que o geneticista, por exemplo, por sua vez, despudoradamente tenta trazer à tona. Ao burilar seu texto, escrevendo, reescrevendo, corrigindo, o autor recalca a sua própria inspiração, que viera no primeiro jato de tinta sobre o papel, no primeiro lance de escrita, para deixar agir a sua consciência de artesão da palavra, procurando a melhor ou a mais adequada solução para este ou aquele trecho do seu texto, escondendo o que seu inconsciente deixou aflorar naquele primeiro momento. Nada disso, no entanto, escapa aos olhos da crítica genética que, segundo Regina Zilberman, "busca conhecer o escritor não pela produção editada, mas nas entrelinhas das notas marginais não publicadas"¹⁴.

Quando se está trabalhando com documentos de arquivo, dar à luz determinados fatos ou obras, ou trechos de obras de um autor significa, de alguma forma, que se está recalçando outros. Trazer à tona marcas que o *tempo* se incumbiu de dissimular, marcas advindas de recalques anteriores, explícitos ou implícitos, ocasionados pelo autor ou pelos seus arcontes – pesquisadores, editores, no caso dos arquivos literários – são questões de reconhecida importância e que merecem sempre cuidadosa discussão.

¹⁴ ZILBERMAN, Regina. Mulheres de escritores – sujeitos da história. In: MORGANTI, Vera Regina. *Confissões do amor e da arte: entrevistas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. p. 417.

O trabalho com arquivos traz, antes de mais nada, a exigência do bom senso, pois um autor não é ou foi uma entidade, é uma pessoa e como tal, pressupõe-se, viveu em sociedade, teve família, amigos, pessoas com as quais teve ligações de toda ordem, que o rodeavam e conviviam com ele; informações relativas a estas pessoas estarão certamente, latentes ou patentes, nos documentos arquivados. Já que, como se disse, tudo interessa a um arquivo, aí estarão incluídos correspondências pessoais (íntimas muitas vezes), documentos oficiais, informações que, às vezes, para os que as avistam de fora nada de indecoroso representam, mas que para os diretamente implicados, muito constrangimento podem representar.

Assim, as discussões sobre a ética na gestão dos arquivos são sempre um ponto pacífico nos congressos e eventos que reúnem aqueles que se ocupam do trabalho arquivístico. Estas preocupações são ainda redobradas quando se trata de arquivos de escritores modernos, pois, muitas vezes, ou o próprio autor ainda é vivo ou familiares e pessoas muito próximas o são.¹⁵

É necessário que se pense sempre que nem tudo o que o acervo *diz* interessa, e nem tudo o que interessa pode ser dito.

2.1 O ACERVO DE ARTHUR DE SALLES E SUAS CENSURAS

Arthur de Salles, que viveu entre 1879 e 1952, escreveu tanto em prosa quanto em verso, transitou entre o Parnasianismo e o Simbolismo e pode ser considerado um dos representantes da fase de transição pré-modernista. Membro da Academia de Letras da Bahia, Arthur de Salles ocupava a cadeira de nº 3.

Publicou em vida apenas 4 obras completas (*Poesias*, 1920; *Sangue Máo*, 1928; *Poemas Regionais*, 1948 e a tradução de *Macbeth*, de Shakespeare, com um ensaio que se constitui no Prefácio do volume 10 da coleção Clássicos Jackson). Sua "Obra Dispersa", no entanto, assume proporções bem maiores. Até o momento, o Grupo de Edição Crítica de

¹⁵ Cf. BORDINI, Maria da Glória. *Anais do III Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros. Tema: ética e política de gestão de acervos literários*, Porto Alegre: PUCRS, 1998. (Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias, v. 4, n. 1)

Textos da UFBA, que se ocupa do Acervo do autor, pôde confirmar a publicação de 24 títulos em jornais e 85 títulos em revistas.

A importância de Arthur de Salles também pode ser constatada pelos resultados preliminares das pesquisas que tiveram por base a *Fortuna Crítica* do poeta.¹⁶ Quando da sua morte, os jornais da capital e do interior do estado trouxeram cerca de 50 notícias, ao longo das quais estão contidos muitos textos de exaltação, consternação e apologia à vastíssima cultura do poeta.

Arthur de Salles era um homem querido e um intelectual admirado. Era, nos círculos artísticos, literários e sociais, pessoa das mais estimadas, quer pela formação intelectual que o distinguia, quer pela simplicidade de seus costumes. Todos o queriam e admiravam, considerando-o um mestre. Prova disso foi a grande comoção causada pela sua morte, que desencadeou uma série de homenagens e solenidades em sua memória, promovidas por diversas associações culturais e autoridades civis e militares. Seu enterro, que correu às expensas do Estado, "numa última homenagem àquele que tantos serviços prestou à nossa cultura", segundo afirmou o *Diário da Bahia*¹⁷, foi acompanhado por grandes nomes da intelectualidade e da comunidade local.

Meio século passado, e Arthur de Salles continua a constar das antologias e coletâneas literárias, como se pode verificar em *História da literatura brasileira*, de Massuad Moisés¹⁸, na obra homônima de Luciana Stegagno Picchio, traduzida para o Brasil e publicada em 1997¹⁹, na obra organizada por Cassiana Lacerda Carolo, *Decadismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética*, publicada em 1980²⁰, na antologia, *A Poesia baiana no século XX*, organizada por Assis Brasil²¹, e em tantos outros trabalhos que se ocupam da literatura brasileira. Arthur de Salles consta ainda como verbete da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, de Afrânio Coutinho²², no qual são feitas 14 referências ao poeta.

¹⁶ Cf. LOSE, Alícia Duhá. *op. cit.*

¹⁷ MORRE o maior poeta da Bahia. *Diário da Bahia*, Salvador, p. 1 e 4, 28 jun. 1952.

¹⁸ Cf. MOISÉS, Massuad. *História da literatura brasileira: simbolismo*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1985. p. 264.

¹⁹ Cf. PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Tradução de Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 352.

²⁰ Cf. CAROLLO, Cassiana Lacerda (Org.). *Decadismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL; MEC, 1980. p. 285-295.

²¹ Cf. BRASIL, Assis (Org.). *A poesia baiana no século XX: antologia*. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999. p. 44-47.

²² Cf. COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global, 2001. 2v.

Trabalhos recentíssimos, como o de José Aderaldo Castello – *A Literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)* – publicado em 2003, mencionam Arthur de Salles como um dos poetas da transição parnasiano-simbolista.²³

Com frequência, também, Arthur de Salles é lembrado e citado por intelectuais e artistas da sua terra natal em artigos e entrevistas. Aldamir da Cunha Miranda, em artigo publicado em maio de 2001, no jornal *A Tarde*, de Salvador, cujo título é "O poeta Artur de Sales", afirma que a lembrança de sua presença e a sua obra ficaram marcados na memória das gerações subseqüentes²⁴. Referência a ele também faz Caetano Veloso em uma entrevista concedida à revista *Cult*, em agosto de 2001, na qual cita um trecho, que conhece de cor, do poema "Lúcia" de Arthur de Salles, de quem, segundo ele, seu pai era grande admirador²⁵.

Foi Caetano Veloso também quem gravou o *Hino do Senhor do Bonfim*, cuja letra é de Arthur de Salles. O *Hino* é cantado pelo povo baiano todos os anos na festa em homenagem ao santo de maior devoção na Bahia. A popularidade deste hino é tanta que muito comum também é a sua execução, inúmeras vezes, pelos músicos dos trios elétricos no carnaval baiano.

Em vista da dimensão da obra deixada pelo poeta baiano, o Setor de Filologia Românica do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia empenhou-se em organizar a Coleção Arthur de Salles, o que foi feito em 1977. Desde então, o Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA vem se ocupando do resgate de informações sobre a vida e a obra do citado poeta. A Coleção Arthur de Salles se encontra arquivada, atualmente, em três diferentes acervos: o Acervo Hélio Simões, o da Academia de Letras da Bahia, e o do Setor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UFBA, o mais relevante deles, por possuir documentos pertencentes à família do Poeta²⁶.

Os documentos da Coleção que se encontram na UFBA foram divididos em categorias de acordo com as suas características extrínsecas e intrínsecas, constituindo-se

²³ CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: EdUSP, 2003. p. 22, 361. 2v.

²⁴ MIRANDA, Adalmir da Cunha. O poeta Artur de Sales. *A Tarde*, Salvador, 19 maio 2001. Caderno Cultural, p. 3.

²⁵ ADRIANO, Carlos; VOROBOW, Reinaldo. *Outras palavras*. Entrevista com Caetano Veloso. *Cult*. Revista brasileira de literatura, São Paulo, p. 42-43, ago. 2001.

de: manuscritos (autógrafos ou apógrafos, que ainda podem ser anotações ou esboços, rascunhos, borrões passados a limpo, texto definitivo e ainda o epistolário do autor); datiloscritos (com emendas autógrafas ou não) e impressos. Ainda compõem o acervo exemplares de todas as teses, dissertações e trabalhos gerados pelo Grupo de Edição Crítica da "Obra" de Arthur de Salles, além de elementos relativos à biografia do autor, fotografias, entrevistas realizadas com seus familiares e amigos, depoimentos e documentos pertencentes à sua fortuna crítica.

Como boa parte dos arquivos literários, o de Arthur de Salles se mostra bastante completo. A maioria dos documentos pertencentes a ele já foi estudada em edições crítico-genéticas; trabalhos de fortuna crítica; análises da sociedade e a cultura baiana da época presentes na sua correspondência; elementos de sua criação literária também extraídos de sua correspondência, ou seja, trata-se indubitavelmente de um arquivo produtivo, em termos da memória literária de uma personalidade, de uma época e de uma região.

Há, porém, elementos que estão presentes e se mostram de forma bastante evidente nos documentos do acervo. Estes nada dizem a respeito da produção literária e intelectual do poeta, pelo menos em um primeiro olhar, mas deixam o pesquisador frente a um dilema: dar as informações à luz ou não. É necessário saber que, ao se deparar com uma situação diferente, deve-se, em primeiro lugar, decodificar a informação e posteriormente processá-la.

O escritor Arthur de Salles, ele mesmo, foi o seu maior arconte, sofrendo, como era de se supor, do *mal de arquivo* e da *pulsão de morte*. Descuidado e altruísta, deixava que seus filhos utilizassem seus rascunhos para fazer deveres da escola, como nos prova um manuscrito pertencente ao seu Acervo que traz, no verso da folha, um soneto e, no recto, uma cópia de palavras erradas, possivelmente, em um ditado²⁷. Pode ser, no entanto, que o inverso é que fosse verdadeiro, que fosse Arthur de Salles que se utilizasse dos papéis descartados pelos filhos para criar seus próprios textos. Têm-se, então, informações sobre traços da personalidade do poeta através de um testemunho extrínseco, porém, não evidente.

²⁶ GAMA, Albertina Ribeiro da; TELLES, Célia Marques. Os Rascunhos e as anotações de Arthur de Salles. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES, 4., 1994, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 1994. p. 95.

²⁷ Cf. doc. 001:0013 f. 1v.

Como não era uma pessoa de posses, muito pelo contrário, Arthur de Salles utilizava-se para escrever, muitas vezes, de aparas de papel, sobras de tipografia, o que também nos é confirmado por uma grande quantidade de manuscritos seus, pertencentes ao acervo. Têm-se, desta forma, informações sobre a condição social do poeta, em dados discretos de seu acervo.

Porém, o maior testemunho que os seus manuscritos nos dão é sobre o fato de em certo momento da vida o poeta ter tentado se desfazer de todos os seus originais, buscando apagar os passos deixados atrás de si e toda a sua produção inédita, o que hoje constitui a parte mais substancial de seu acervo, sob o qual já se debruçaram, e ainda o fazem, diversos pesquisadores. Essa tragédia, de acordo com os depoimentos colhidos pelos pesquisadores, foi evitada pelos filhos do poeta, que lançaram água sobre o fogo ateadado. As cicatrizes de ambos os atos são visíveis nos seus manuscritos, os papéis ficaram marcados, de forma indelével, de fogo e de água, alguns chegando a perder boa parte.

Todas estas informações, e muitas mais, não estão escritas em lugar algum, mas deixaram seus traços no suporte material.

A maior parte dos documentos que hoje constituem o Acervo de Arthur de Salles foi trazida pela filha do poeta, Dona Celina Salles Trigueiros, que entregou aos cuidados do Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA os documentos pertencentes ao poeta, aos quais ela singelamente tratava de "os papéis de papai". Foi através de depoimentos dela e de outras pessoas que conviveram com Arthur de Salles que se conseguiu compreender muitas das informações contidas nos documentos do Acervo, que, apesar de serem visíveis, não eram evidentes. As inferências foram corroboradas pelas informações.

Outra inestimável fonte de informações sobre o poeta são as cartas enviadas ao seu maior interlocutor, o também poeta Durval de Moraes. Era para o amigo que Arthur de Salles escrevia as suas mais demoradas cartas, era com ele que travava os mais longos e sinceros diálogos. Ele era o grande guardião dos seus segredos, seus anseios, seus momentos de brilhantismo e desespero. Durval, como um bom arconte, fez exatamente o oposto do que fez Arthur de Salles: guardou todas as missivas recebidas, e alguns rascunhos das enviadas ao amigo. Esta *coleção* passou às mãos de seu filho, e hoje se encontra na Academia de Letras da Bahia. O que ficou *perdido* pelo caminho, provavelmente, jamais se saberá.

O trabalho com o arquivo é um trabalho de memória, sobre uma memória, como reconstituição, e esta reconstituição faz-se com a junção de vários elementos e inferências, excluindo-se desse trabalho, no entanto, a subjetividade e a leviandade. Há casos em que não se podem ter hipóteses, é necessário haver fatos.

Fagundes Duarte, em sua conferência intitulada "Prática de edição: onde está o autor?"²⁸, lembra que o pesquisador que trabalha com manuscritos inacabados deve levar em conta o que se pode, a partir das características dos materiais, perceber do relacionamento do autor com a obra, para, de posse dessas informações, ter pistas de qual seria o futuro dos documentos. Afinal, ainda segundo Duarte, é do editor "a difícil missão de tomar uma decisão por procuração, mas não sem antes tentar responder a uma pergunta fundamental: o que pretendia o autor fazer com aquele texto?"²⁹

É memória, portanto, o poema escrito sobre o papel, é memória a marca em formato circular provocada pela provável sobreposição da base de um copo úmido sobre a folha, é memória o comentário feito pelo escritor e a letra embaralhada, vinda logo após esse comentário.

Uma única folha de papel é um documento para o filólogo, pois traz o esboço de uma poesia; é um documento para o geneticista, pois traz os movimentos iniciais de feitura da obra; e é um documento para o biógrafo, pois traz dados que, aliados a alguns outros dados, representam informações sobre a vida do poeta; é um documento para o historiador, pois retrata de alguma forma a sociedade contemporânea ao poeta.

Um fato *impresso* sobre um testemunho autoral diz respeito à biografia de seu autor, à história de sua sociedade, de sua criação literária, da cultura de sua época. Marcas extrínsecas nos documentos – marcas de copo, marcas de fogo, marcas de água, marcas do tempo – são como as cicatrizes em um corpo: contam a sua história.

Acredita-se que o trabalho com acervos não tem conclusões. Os elementos estão todos ali, uns mais evidentes, outros menos. De tempos em tempos a esses se juntam outros, mas, assim como um quebra-cabeça, as peças vão se reunindo aos poucos, com a

²⁸ DUARTE, Luis Fagundes. Prática de edição: onde está o autor?. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES, 4., 1995, São Paulo. *Anais...* São Paulo: APLM/ANNABLUME, 1995. p. 335-358.

²⁹ *Id. ibid.*, p. 338.

diferença de que cada uma delas pode se agrupar com diversos elementos para formar novas figuras.

O poeta Arthur de Salles reunia em si toda a potência do mal de arquivo, sofrendo de extrema paixão por seu trabalho, e trabalhando para destruir de forma irrecuperável o seu arquivo. Deixou marcas e silêncios, pistas que vem sendo trilhadas pelos pesquisadores do Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA contagiando a todos com o *mal d'archive*.

2.2 OBJETIVOS DESSA TESE

Por se trabalhar com um acervo que, como já se disse, é um universo heterogêneo, essa tese termina por ganhar feições variadas.

Presentes entre os documentos do Acervo de Arthur de Salles estão suas cartas com Durval de Moraes, estas, quando analisadas juntamente com as informações biográficas extraídas das entrevistas e dos depoimentos e cotejadas com informações documentais revelam dados que podem trazer nova luz à biografia do poeta. Com o intuito de dirimir dúvidas e corrigir equívocos, todo o arquivo é posto em cotejo. Através do que é dito e do que é omitido nos diversos documentos, são preenchidas várias lacunas na biobibliografia do poeta. Com essa tese, portanto, tenciona-se corrigi-las e divulgá-las.

Os manuscritos do autor, não trazem informações biográficas explícitas, mas através deles é possível chegar ao âmago criativo de Arthur de Salles e vislumbrar suas leituras, seus gostos, sua cultura, as influências por ele sofridas, além de traços sutis de sua personalidade, como seu agudo senso crítico e sua inquietação criadora, que o faziam escrever e reescrever um mesmo trecho várias vezes, trocando uma palavra por um sinônimo perfeito que melhor lhe parecesse ao contexto. Toda essa inquietação transparece de seu rico e elaborado vocabulário, que também demonstra as fontes nas quais Salles se inspirou.

A descrição extrínseca dos manuscritos mostram sua auto-censura, sua *pulsão de morte*, seu descuido. Já, o conteúdo dos manuscritos explicita suas leituras, suas fontes de inspiração, suas afinidades literárias, o que também é visível pela substancial produção do

grupo de pesquisa. Portanto, com essa tese tenciona-se mostrar a qualidade literária de Arthur de Salles através do trabalho filológico com seus manuscritos. Para isso é feita a edição semidiplomática dos manuscritos das pasta 001 e 003 de seu Acervo.

Feita essa edição, quer-se mostrar que o antigo e o novo podem e devem caminhar juntos, utilizando os recursos tecnológicos da informática, fundamentados pelas técnicas filológicas tradicionais, como se pode ver na Edição Digital que complementa essa tese.

3 UM ACERVO RECONTANDO A HISTÓRIA

Um acervo literário pode abrigar os mais variados tipos de documentos, desde livros, elementos de gênese, manuscritos, datiloscritos, cadernetas de anotações, documentos pessoais, como cartas, fotografias, certidões (nascimento, óbito, casamento), diplomas, passaporte, tiquetes de ônibus, obras de arte, bibliotecas inteiras, objetos íntimos (óculos, bengalas), reportagens, recortes de jornais ou revistas, coletânea de depoimentos, enfim, tudo o que, de uma forma ou de outra, possa trazer alguma luz sobre a vida e a obra dos escritores.

Fazendo nossas as palavras de Roberto Zular:

Se nos aproximamos do texto, discutimos sua própria existência, vemos que é um intrincado jogo de camadas, uma ilimitada sucessão de escolhas e possibilidades. Se procuramos o método, encontramos a contínua desestabilização dos limites de sua própria constituição. Se vamos a fundo no processo, chegamos na biblioteca, na correspondência e nos contornos histórico-sociais do fazer artístico.³⁰

No caso específico de Arthur de Salles, a pesquisa de fontes, que já vem sendo realizada desde 1977, tem se mostrado essencial para a atualização de diversos dados biobibliográficos do poeta. Exemplo disso são os documentos constituintes da *Fortuna Crítica* de Arthur de Salles, de que o Acervo dispõe.

Entre esses documentos, trabalhados inicialmente³¹, foram selecionados 50 recortes de jornais da época da morte do poeta. Estas breves notícias coletadas por seus filhos mostram a repercussão que teve na imprensa baiana a morte de Arthur de Salles, o que forneceu uma noção da posição que o poeta ocupava na intelectualidade de sua época. A quantidade de homenagens realizadas, o número de notas de pesar e notícias sobre o acontecimento estampadas nos jornais, o esforço de seus conterrâneos para não deixar sua memória cair no esquecimento mostram a comoção causada pela sua perda.

³⁰ ZULAR, Roberto. A Pluralidade da escrita. In: _____ (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 14.

³¹ LOSE, Alcía Duhá. *Arthur de Salles: a edição de outros escritos*. 2001. 267f. + anexos + CD. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia., Salvador.

A partir das informações contidas nesses documentos, cotejadas com aquelas que vêm sendo levantadas pelo Grupo de Edição Crítica da "Obra" de Arthur de Salles, através de depoimentos, cartas, documentos, etc., foi possível delimitar um novo perfil do poeta baiano, tanto como homem quanto como intelectual. Esse trabalho mostrou-se de grande interesse e mereceu continuidade ao longo das pesquisas.

O cruzamento desses dados tem possibilitado que se retifiquem diversas informações acerca do poeta, que vinham sendo repetidas ao longo de vários anos, em biografias e biobibliografias, já que Arthur de Salles figura em importantes obras sobre a literatura brasileira, e sua obra tem sido objeto de pesquisa na Bahia há muitos anos.

Outro ponto interessante desse tipo de trabalho é que ele permite vislumbrar a imagem, ou melhor, a idéia que aqueles que conviveram com poeta faziam dele. Essa imagem também pode ser construída através de depoimentos daqueles que conviveram com a personalidade que está sendo pesquisada, porém, no caso de Arthur de Salles e de tantos outros, quando mais o tempo passa, mais raras são as possibilidades de se encontrarem vivos os seus contemporâneos.

No caso do poeta baiano, à época da organização do acervo, essas pessoas foram procuradas e alguns depoimentos foram colhidos. No entanto, mesmo assim, sempre há diferenças substanciais entre lembranças guardadas no coração e na memória e notícias escritas no calor da hora, com a fidelidade do momento. Evidentemente, um tipo de informação não anula o outro, eles trazem, na maioria das vezes, elementos complementares. E esse tipo de trabalho, por sua natureza, tende sempre a fornecer novos dados, informações elucidativas, acrescentando peças ao quebra-cabeça. Acreditando na importância desse tipo de trabalho, deu-se continuidade à busca de informações e mais algumas dúvidas foram sanadas.

A partir desse ponto da pesquisa, espera-se que não seja mais possível repetir informações cristalizadas, diversas das quais, já se sabe, não condizem com a verdade. Algumas dessas informações pouco mudam em relação ao que vinha sendo divulgado até hoje, outras, porém, apresentam diferenças de extrema relevância.

3.1 DADOS BIOGRÁFICOS A PARTIR DOS DOCUMENTOS CONTIDOS NA PASTA 046

Os documentos da Fortuna Crítica de Arthur de Salles organizados no acervo do Setor de Filologia da UFBA estão distribuídos em 5 pastas, contendo documentos com proveniência bastante diversa. Uma parte desses documentos foi resultado de pesquisa em jornais e revistas contemporâneos ao poeta, outra foi proveniente de doações de familiares e amigos.

O objeto desta análise foi a pasta 046, que possui 53 documentos, todos coletados em jornais da época, a maioria deles relativos à morte do poeta e às homenagens póstumas a ele prestadas.

Todos estes documentos foram recolhidos pela filha do poeta, D. Celina Salles Trigueiros, em datas, com raras exceções, posteriores à morte do pai. Após serem cedidos, pela própria D. Celina Trigueiros, coube à equipe do Grupo de Pesquisas organizá-los, restaurá-los, quando possível, colando-os em folhas de papel ofício e classificando-os por ordem alfabética de títulos.

Por serem os documentos, no mais das vezes, apenas recortes, é difícil precisar, em vários casos, indicações que, para uma pesquisa de fortuna crítica, seriam preciosas, mas que no caso desta nossa pesquisa não tiveram maior relevância como, por exemplo, nome de jornal, data e local de publicação, número de página e nome de autor.

Reunidos na mesma pasta encontram-se, ainda, 3 documentos, também extraídos de jornais – "O hino ao senhor do Bonfim"³², de Arthur de Salles, "Poesia Religiosa Bahiana"³³ e "Oferecida a Castro Alves", também de Arthur de Salles – documentos estes que não integraram o nosso *corpus*, visto que essa parte da pesquisa se ocupou dos dados biográficos de Arthur de Salles, e não de sua obra em si.

³² Este hino foi regravado por Caetano Veloso no disco intitulado *Panis et circensis*, infelizmente, porém, com indicação de autoria equivocada, posto que, de acordo com o citado disco, o autor deste célebre hino seria Pethion de Villar, quando, na verdade, é Arthur de Salles. A confusão se deve, provavelmente, ao fato de haver dois hinos criados na mesma época, um por Pethion de Villar e outro por Arthur de Salles.

³³ Notícia da celebração das festas comemorativas ao terceiro centenário de Nossa Senhora da Conceição a se realizar no mês de dezembro, acompanhada de 2 textos: "Cântico do Brasil" de Durval de Moraes e "Hino a Nossa Senhora da Conceição da Bahia" de Arthur de Salles.

A escolha desses documentos, especificamente, deveu-se à importância de D. Celina Salles Trigueiros como peça-chave no trabalho de reconstituição da memória de Arthur de Salles. Como filha do poeta, D. Celina Trigueiros foi responsável pela cessão de inúmeros materiais, além de colaborar, sobremaneira, com depoimentos e relatos a respeito do pai e de seus companheiros de jornada literária.

Todos esses documentos cedidos por D. Celina Trigueiros encontram-se atualmente sob a responsabilidade do Setor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UFBA, acondicionados em uma pasta suspensa, de papel cartonado, dividida, na época do seu tombamento, em três núcleos: (a) Obra de Arthur de Salles, (b) Obras sobre Arthur de Salles e (c) Obras que fazem referência a Arthur de Salles. Na parte frontal superior da pasta, encontra-se a seguinte indicação: "046 Originais de D. Celina Salles Trigueiros". Escrita no papel da própria pasta, tem-se a seguinte anotação: "046 NÃO XEROCOPIADO Rio 26.01.81".

Todos os recortes de jornais estão colados em folhas de ofício, já um pouco amareladas pelo tempo, perfuradas e presas por um gancho metálico. Dividindo os módulos, há divisórias de cartolina, seguidas de folhas de ofício onde se encontram datilografados, além do cabeçalho – "Originais de D. Celina Salles Trigueiros" – a denominação de cada módulo e o autor e o título de cada recorte ali contido (quando estas informações foram possíveis de ser obtidas).

Vários dos textos de jornais trazem fotografias de Arthur de Salles, nos quais o autor já está maduro, de cabelos brancos e óculos; há ainda fotografias do velório ou do poeta rodeado por seus companheiros, e gravuras do busto do poeta. Estas mesmas fotos e gravuras encontram-se repetidas em diversos jornais e acompanhando textos variados.

Estas breves notícias coletadas pela filha do poeta podem nos dar uma pequena noção da posição que Arthur de Salles ocupava na intelectualidade de sua época. A quantidade de homenagens realizadas, o número de notas de pesar e notícias sobre sua morte estampadas nos jornais, o esforço de seus contemporâneos para não deixar sua memória cair no esquecimento mostram a comoção causada pela sua perda.

A partir da análise das informações contidas nestes 50 documentos que integram a fortuna crítica de Arthur de Salles, foi possível delimitar um perfil do poeta baiano, na ocasião de sua morte, tanto como homem quanto como intelectual. E foi fazendo uso das

informações contidas nesses documentos que estruturou-se uma breve biografia do autor³⁴. Porém, como o perfil biográfico do autor já vem sendo, há muito, traçado pelo Grupo de Edição Crítica da "Obra" de Arthur de Salles, com base nos depoimentos de familiares e amigos do poeta e no epistolário do autor, foi possível verificar que algumas das informações contidas nestes recortes de jornais não são de todo fiéis, portanto, foi necessário adicionar alguns esclarecimentos e corrigir alguns equívocos.

Segundo os jornais e de acordo com o que se sabe, Arthur de Salles (Figura 1) nasceu em 25 de março de 1879, em Salvador. Casou-se com Aurélia Godilho de Salles, com quem teve 4 filhos: nesta informação já há um equívoco substancial, pois é omitida a existência de mais dois filhos do casal, já que todos os jornais listam a família Salles da seguinte forma: Celina Salles Trigueiro, casada com Florisvaldo dos Santos Trigueiro, Durval Godilho de Salles, Fernando Godilho de Salles (também poeta, que faleceu antes do pai) e Marino Artur de Salles. Ou seja, ele teria quatro filhos, tendo um deles morrido antes do pai. Na realidade, a família se compunha de mais dois personagens: Otávio, que teria nascido em novembro, 1919 (data *a quo*), e faleceu poucos meses depois, em março, 1920 (data *ad quem*), para quem o poeta escreveu o poema "Berço Vazio"; e Renato, nascido em 21 de setembro de 1922 e falecido em 10 de dezembro de 1949, apenas quatro meses após o irmão Fernando (21/09/49) (Figura 2). Portanto, como se vê, três filhos do poeta morreram antes do pai e não apenas um, como foi largamente noticiado pelos jornais. O poeta viu falecer também a sua esposa.

É mais do que sabido, e essa informação pode ser facilmente extraída das cartas do poeta e dos depoimentos de seus contemporâneos, que Arthur de Salles foi um homem que, ao longo de toda vida, passou por dificuldades financeiras. Sendo assim, é um tanto incoerente dizer, como se afirmou anteriormente, que ele morava em uma confortável residência com a família (Figura 3), já que por diversas vezes ele teve de se privar do convívio com os seus, morando nos locais onde trabalhava como funcionário público, para aliviar financeiramente os seus familiares.

³⁴ Em todos os excertos utilizados, a título de citações, foi respeitada a grafia original dos documentos, inclusive nas diversas formas de grafar o nome do Autor.

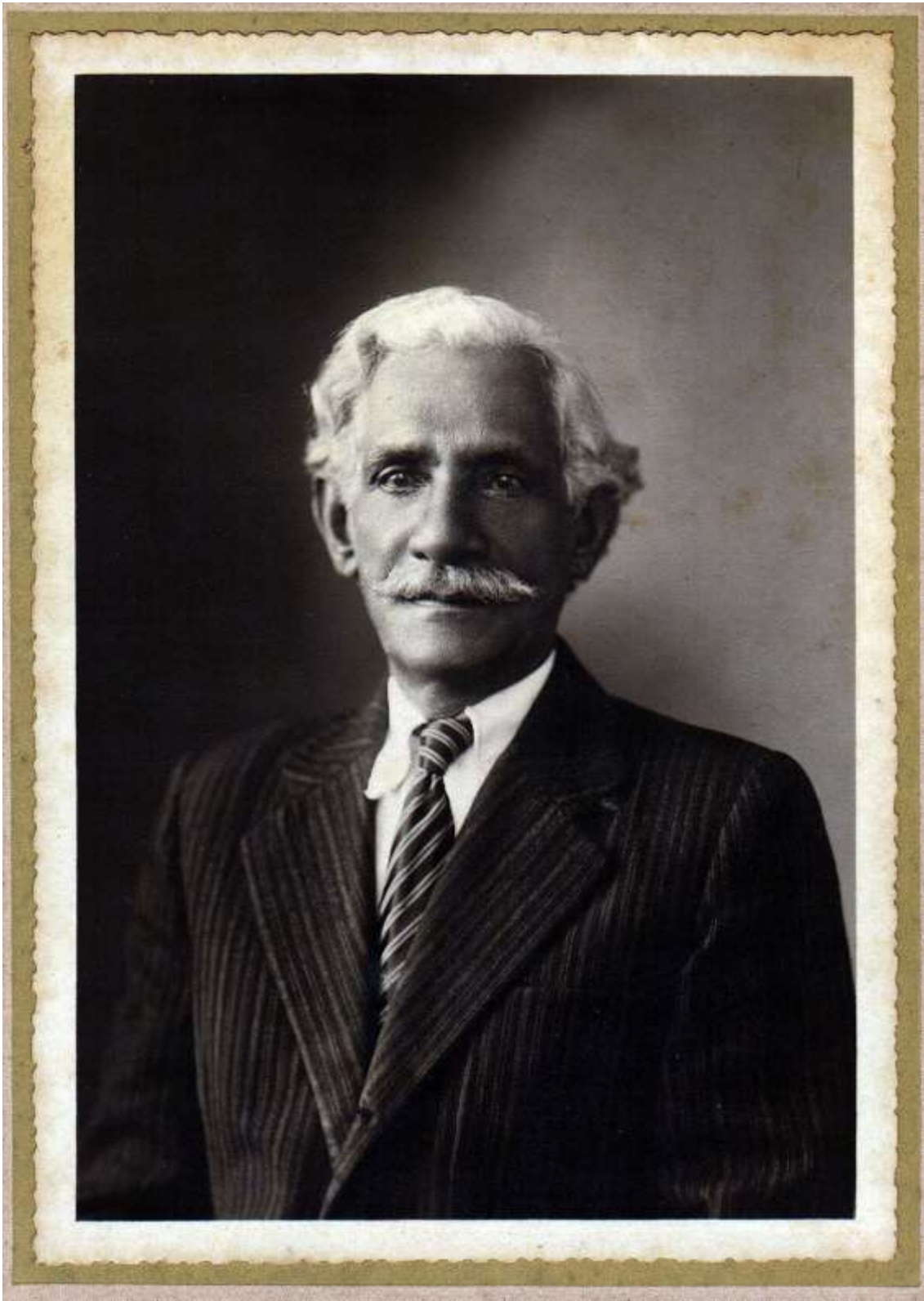


Figura 1 – O poeta Arthur Gonçalves de Salles em 1945
(fonte: Acervo Arthur de Salles, Instituto de Letras da UFBA)



Figura 2 – Arthur de Salles e a família: (sentados, a partir da esquerda) D. Aurélia, Celina, Arthur de Salles; (de pé) Durval, Marino Arthur, Renato, Fernando
(fonte: Acervo Arthur de Salles, Instituto de Letras da UFBA)



Figura 3 – Casa onde nasceu Arthur de Salles

(fonte: Acervo Arthur de Salles, Instituto de Letras da UFBA)

Informações anteriores haviam levado a afirmar-se que Arthur de Salles faleceu na Cidade do Salvador, aos 27 dias do mês de junho de 1951, de cirrose hepática, às 4 horas e 20 minutos da madrugada, ao lado de seu filho Durval Salles, a quem disse suas últimas palavras. A data de seu falecimento, no entanto, não está de todo correta, pois de acordo com o Livro de Registro de Enterramentos do Cemitério da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, à página 142, "Arthur Gonçalves de Salles, do sexo masculino, viúvo, pardo, 73 anos, brasileiro, profissão poeta, foi enterrado no carneiro 3A, quadra Santa Delfina, em 27 de junho de 1952".

Segundo os críticos de sua época, a produção édita de Arthur de Salles resume-se da seguinte forma: *Poesias*³⁵, publicado em 1920, onde estão reunidos os livros "Púrpuras", "Rosas de Antanho", "Dias Rurais" e "Ermo em Flor" e *Poemas Regionais*³⁶, publicado em 1948, que reúne os poemets "Sangue-Mau" e "O Ramo da Fogueira". Os jornais não fazem menção, no entanto, a *Sangue Máo*, editado em 1928³⁷ e à tradução de *Macbeth*, de Shakespeare, com um ensaio que se constitui no Prefácio do volume 10 da coleção Clássicos Jackson, editado em 1948.³⁸

Os jornais afirmam, ainda, a existência de uma tradução inacabada, *Antonio e Cleópatra*, que estaria sendo preparada por Arthur de Salles, porém, ao longo de todos esses anos de pesquisa, nenhuma informação sobre essa tradução foi encontrada. Não é impossível, no entanto, que algum dia se venha a descobrir o texto, para que se possa, dessa forma, inclui-lo na sua produção bibliográfica.

Segundo os jornais, Arthur de Salles teria sido professor dos Aprendizados Agrícolas de São Bento das Lages e de Sergipe, e do Instituto Baiano de Ensino e outros Ginásios de Salvador. No entanto, as pesquisas nos levam a informações de que no Aprendizado Agrícola de São Bento das Lages, por exemplo, Salles atuou como bibliotecário, não como professor, e que o Aprendizado Agrícola de Sergipe, ao qual os jornais se referem, é, na verdade, o Aprendizado Agrícola localizado na cidade de Quiçamã, no estado de Sergipe. Nas informações extraídas dos jornais, consta ainda que

³⁵ Cf. SALLES, Arthur de. *Poesias*; 1901-1915. Bahia: [s.n.], [1920]. 252+ivp.

³⁶ Cf. SALLES, Arthur de. *Poemas regionais*; Sangue mau, O ramo da fogueira. Bahia: Era Nova, 1948. 129p.

³⁷ Cf. SALLES, Arthur de. *Sangue Máo*; poema. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1928. viii+108p.

Arthur de Salles teria lecionado nos Aprendizados Agrícolas de Mato Grosso e de Pernambuco, no entanto, ao longo das pesquisas do Grupo não foi encontrado respaldo para manter essas informações.

O jornal *Estado da Bahia*, de 15 de julho de 1952, noticiava que

A Academia resolveu, dada a importância do acervo literário do morto, designar os acadêmicos Magalhães Neto, Hélio Simões e Manoel Barbosa para coligirem tudo quanto seja necessário para o Silegeu Baiano perpetuar a obra do celebrado poeta. (doc. 046:0037)

A notícia não estava equivocada, apenas não foi o reflexo fiel dos fatos que posteriormente ocorreram, pois essa anunciada coletânea, por inúmeros percalços, só veio à luz em 1973, 21 anos após a morte do poeta, quando a equipe, formada então por Hélio Simões, José Calazans, Carlos Eduardo da Rocha, Wilson Lins e Adroaldo Costa conseguiu finalmente, com os auspícios da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, editar a *Obra Poética de Artur de Sales*³⁹.

Sobre o enterro do poeta, diz-se que ocorreu às 16h30min, saindo da sua residência para o Cemitério Público da Quinta dos Lázaros. Porém, apesar de essa informação ser bastante relevante e constar de todos os recortes de jornais pesquisados que falavam sobre o enterro, ela está equivocada, pois Arthur de Salles foi, na verdade, sepultado no Cemitério da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, conforme atesta o já citado Livro de Registros de Enterramentos desse cemitério às páginas 142 e 143. Essa confusão se justifica pela proximidade geográfica dos cinco cemitérios cercanos: Cemitério Público da Quinta dos Lázaros, Cemitério da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, Cemitério da Ordem Terceira do Carmo, Cemitério dos Jesuítas e Cemitério dos Padres.

Outro elemento importante e interessante para o cruzamento dos dados feito na pesquisa do Grupo, que já leva mais de 25 anos, são as cartas do poeta. Através delas, os pesquisadores puderam chegar a diversas informações sobre a Obra Dispersa de Arthur de Salles publicada em jornais e revistas. Todavia, pôde-se constatar, também através das pesquisas, que algumas afirmações feitas pelo próprio poeta, ao seu amigo Durval de

³⁸ Cf. SHAKESPEARE. William. Macbeth. Tradução de Arthur de Salles. In: _____. *Macbeth. Rei Lear*. Trad. de Arthur de Salles e J. Costa Neves. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1948. p. 1-131. (Clássicos Jackson, 10). Prefácio de Artur de Sales.

Moraes, o destinatário da maior parte de sua correspondência, não correspondem à verdade dos fatos.

Por exemplo, neste trecho de uma carta de 22 de abril de 1924, o poeta afirma, sem muita convicção, no entanto, que tivera alguns de seus versos publicados pelo Globo. Ele escreve: "Salvo que o Globo publicou uns versos meus. Não sei se é jornal ou revista. (...)" (doc.068:0365). As pesquisas nada encontraram, nem na revista *O Globo* nem no jornal *O Globo*. Foi feita também uma busca na *Revista do Globo* de Porto Alegre, para a qual se contou com a colaboração da Profa. Dra. Alice Terezinha Campos Moreira, da PUCRS, que coordena o trabalho com esse acervo, e lá, também, nada consta.

Outra informação epistolar que não pôde ser confirmada foi a de que haveria alguma publicação sallesiana no jornal *Diario de Noticias*, como se lê no trecho a seguir:

A princípio, o discurso saíu sem peroração por esquecimento do Weber, ou como não visse pregado na lauda pensou que o que saíu no Diario de Noticias não era preciso (doc. 071:0401)

Nada foi localizado no jornal *Diario de Noticias*.

Arthur de Salles faz, ainda, nas 221 cartas enviadas ao amigo, referências a diversos periódicos que nunca puderam ser localizadas, por exemplo: *Nova Era*, *A Justiça*, *O Filhote*, *O Jornal*, *A Folha da Noute*.

Esse cotejo comprova que a pesquisa de fontes primárias, assim como a pesquisa feita em equipe no trabalho com acervos, mostra-se cada vez mais importante para a história literária, pois tudo em um acervo está interligado, mesmo que a princípio não se perceba, e através do cruzamento dos dados pode-se chegar a preciosas e significativas informações.

³⁹ BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. *Obra poética de Artur de Sales*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1973. 464p.

3.2 REVISÃO DE DADOS BIOGRÁFICOS TOMANDO POR BASE INFORMAÇÕES EXTRAÍDAS DE CECÍLIA DE LARA

Pesquisando o Acervo Arthur de Salles percebeu-se que alguns dados, repetidos há vários anos pelos críticos do poeta, não condiziam com as informações fornecidas pelos documentos ali reunidos. Continuando o cotejo entre a fortuna crítica e as informações extraídas da correspondência do poeta, dos depoimentos de amigos e familiares, da datação de alguns manuscritos e dos documentos do poeta têm-se corrigido esses lapsos, tentando, desta forma, fazer jus ao que teria acontecido efetivamente.

Tomou-se, para tanto, como base, o texto extraído do livro de Cecília de Lara sobre *A Nova Cruzada*, publicado em 1971⁴⁰, por ser este, até hoje, um dos materiais mais consultados por aqueles que buscam informações sobre o poeta baiano.

O livro traz uma biografia do poeta bastante completa, cujos dados foram extraídos pela autora de depoimentos concedidos por alguns amigos de Arthur de Salles. Na maioria dos casos a autora, apoiou-se bastante na memória deles. O trabalho tem extrema relevância por ser pioneiro e reunir dados e informações sobre *A Nova Cruzada*, movimento literário baiano de considerável repercussão, e seus componentes. A obra traz, além de um histórico do movimento, dados biobibliográficos dos intelectuais, seus idealizadores.

É um trabalho sério e de fôlego, e, por isso mesmo, deveras consultado e citado por todos aqueles que têm algum interesse no movimento. No entanto, em muitos casos, algumas das informações encontradas nele distam daquelas extraídas da pesquisa realizada no acervo do poeta Arthur de Salles. Mesmo assim, elas foram, e ainda são, ao longo de muitos anos, reproduzidas e divulgadas. Waldemar Mattos, por exemplo, publicou em junho de 2002 um artigo intitulado "O Poeta Artur de Sales", cujo texto teve como principal fonte de informação, ainda, o trabalho de Cecília de Lara.⁴¹

No intuito de esclarecer alguns pontos, sem, no entanto, diminuir o mérito desse trabalho pioneiro, faz-se necessário realizar algumas emendas ao texto original, conforme se propõe a seguir.

⁴⁰ LARA, Cecília de. *op. cit.*

Diz Cecília de Lara:

Arthur de Salles, um dos nomes mais representativos da literatura bahiana da fase simbolista-parnasiana, embora figure em antologias da poesia brasileira ou mereça citação na história literária, continua sendo um autor desconhecido. E o fato mais grave é que, até agora, decorridos quase vinte anos de sua morte, significativa parte de sua produção literária talvez o melhor dela, segundo poucos que a conhecem, permanece esparsa nos periódicos contemporâneos do autor, ou ainda totalmente inédita, talvez perdida.⁴²

Nessas afirmações a autora tem toda a razão. No entanto, outro ensaísta, Antonio Loureiro de Souza, acredita em informação contrária. Na sua obra intitulada *Gregório de Matos e outros ensaios* lê-se:

A obra de Artur de Sales é relativamente pequena se considerarmos que êle poderia ter produzido muito mais. Tanto publicada como inédita. Tratando-se, no entanto, de um intelectual voltado *exclusivamente*⁴³ para a poesia, de raro em raro incursionando pelo terreno da prosa, onde, por sinal, continuava o mesmo artífice que era no verso, seria excessivo exigir-se mais, acrescentando, ainda, que o valor não se mede pela quantidade e, sim, pela qualidade.⁴⁴

Estas palavras, apesar de terem um caráter elogioso, não condizem de todo com a verdade, pois Arthur de Salles não precisa ser escusado por não ter escrito mais. Hoje se sabe que a Obra Dispersa de Arthur de Salles publicada em periódicos nada tem de modesta.⁴⁵ Ademais, os escritos deixados inéditos pelo poeta são de considerável fôlego, prova disso são os trabalhos do Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA que já editou, além de dispersos, rascunhos e esboços, três obras completas: aquela que foi o objetivo de vida do autor e que permaneceu inédita após a sua morte, a obra na qual ele passou a vida

⁴¹ MATTOS, Waldemar. O Poeta Artur de Sales. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 45, p. 127-132, jun. 2002.

⁴² LARA, Cecília de, *op. cit.*, p. 63.

⁴³ Grifo nosso.

⁴⁴ SOUZA, Antonio Loureiro de. Arthur de Sales. In: _____. *Gregório de Matos e outros ensaios*. Salvador: Progresso, 1959. p. 39.

⁴⁵ Cf. PEREIRA, Norma Suely da Silva. *Um punhado de versos e paginas de prosa*. 2002. 225f. + anexos. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador. e TELLES, Célia; TELES, Maria Dolores; LOSE, Alcília Duhá e PEREIRA, Norma Suely. A Obra dispersa de Arthur de Salles publicada em periódicos. *Revista Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n. 27-28, p. 38-58, jan.-dez. de 2001.

inteira trabalhando denominada por ele de *Os Poemas do mar*⁴⁶; além de *Rincões patrícios*⁴⁷ e *O Dote de Matilde*⁴⁸.

É importante ainda ressaltar nesse trecho de Loureiro de Souza o fato de Arthur de Salles ser, na concepção do ensaísta, "um intelectual voltado exclusivamente para a poesia", pois apesar de algumas incursões em prosa, Salles era essencialmente poeta, como ele mesmo afirmava e como se lê no registro de seu enterro.

Hoje, decorridos 51 anos da sua morte, pouca coisa mudou em relação ao quadro delineado por Cecília de Lara, no que concerne à divulgação do nome e da obra do autor. No entanto, a recolha da Obra Dispersa do poeta já apresentou significativos resultados, e a sua obra inédita, da qual se tem conhecimento, já foi editada criticamente pelo Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA, o que resultou em um livro, publicado em 1981⁴⁹, três teses de doutorado, defendidas em 2002, a presente tese, a defendida em 2004, e treze dissertações de mestrado, defendidas entre 1982 e 2002, além de diversos trabalhos apresentados em congressos e artigos publicados em periódicos especializados.

O Poeta, que mereceu os mais eloqüentes elogios e reconhecimento daqueles que algum contato têm ou tiveram com a sua obra, apresenta um inestimável valor para literatura baiana e brasileira, por isso o Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA tem se esforçado para trazê-lo de volta ao merecido lugar no cânone da literatura nacional.

Continuando a analisar o que disse Cecília de Lara:

Os ensaios, as ligeiras referências superficiais que existem sobre Arthur de Salles registram pouco da bibliografia do autor ou sobre o autor. De sua obra menciona-se o que foi publicado em livro, e são os contemporâneos que fazem alusão aos esparsos inéditos. Enfim, Arthur de Salles é um autor a ser estudado a partir das etapas iniciais de coleta de sua produção em jornais e revistas ou, talvez, ainda na mão de amigos ou familiares que conservem suas criações.⁵⁰

⁴⁶ CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. 2001. 796f. il. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

⁴⁷ ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia. *A prosa inacabada de Arthur de Salles: Rincões Patrícios e outros escritos*. 1999. 209f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

⁴⁸ TELES, Maria Dolores. *A obra dispersa de Arthur de Salles em Nova Revista, Bahia Ilustrada e A Luva: tentativa de edição crítica*. 1998. 248f.+anexos. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

⁴⁹ SALLES, Arthur de. *Sangue-mau*. Ed. crít. sob a dir. de Nilton Vasco da Gama. Salvador: EDUFBA, 1981. 339p.

Admitindo se tratar de um trabalho inicial e possivelmente incompleto, Cecília de Lara apresenta uma biografia do autor, trazendo dados que, no momento, lhe pareceram suficientes, mas que, no entanto, podem ser complementados.

Segundo ela,

Arthur Gonçalves de Salles nasceu na Cidade do Salvador, no "Cais Dourado", distrito de Pilar, a 7 de março de 1879, na rua do Julião, hoje Campos Sales, numa casa na qual se inaugurou uma placa, em 1953, no dia da posse de E. Chagas de Oliveira na Academia de Letras, na cadeira cujos patronos eram Manuel Botelho de Castro e Arthur de Salles.⁵¹

Essa afirmação também é reforçada por Hélio Simões, que menciona "Os seus setenta e três anos de vida, nascido que foi a 7 de março de 1879, num sobrado do Pilar (Salvador), que uma lápide assinalava mas que um incêndio destruiu, tendo falecido em 27 de junho de 1952 numa casa da Boa Vista de Brotas, que Castro Alves cantou (...)"⁵². Waldemar Mattos, por sua vez, afirma que Arthur de Salles "Nasceu na Cidade do Salvador a 7 de março de 1878, num sobrado de esquina, da rua do Pilar", acertando o local e equivocando-se na data. Essa informação é também fornecida pelo próprio Salles que, em sua autobiografia, escreve simplesmente que "nasceu na capital do estado da Bahia, a 7 de Março de 1879"⁵³

Cecília de Lara afirma que:

Passou Arthur de Salles sua infância no mesmo local onde nasceu, junto ao mar, proximidade que seria fator relevante no futuro escritor. Com o tempo a casa ficou afastada do mar, com os trabalhos de atêrro e construção, na Cidade Baixa.⁵⁴

Esta informação não é incorreta, mas é incompleta, pois, através das cartas do autor dirigidas ao amigo Durval de Moraes, sabe-se que ele viveu parte da sua infância, de 1891 a 1893, em Estância, em Sergipe, e foi lá que escreveu os seus primeiros versos, dedicados ao seu primeiro amor, uma jovem chamada Angelina.

⁵⁰ LARA, Cecília de. *op. cit.*, *loc. cit.*

⁵¹ *Ibid.*, p. 64.

⁵² SIMÕES, Hélio. Breves notas introdutórias. In: BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. *Obra Poética de Artur de Sales*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1973. s.n.p.

⁵³ Cf. doc. PR-AB-CO-OM-039:0183-NX:01/03-HS.

⁵⁴ LARA, Cecília de. *op. cit.*, *loc. cit.*

Outra cidade e esta de maior prestígio para mim: Estancia. Não sei se alguma vez, atravez de tantos annos de vida intima, te fallei alguma vez desta cidade sergipana. Não sei. O que sei é que ella nunca morreu na minha memoria, na memoria dos meus. Ella é a pagina mais bella da minha vida. Ver a Estancia foi sempre um desejo ardente que pude emfim realizar. E o fiz em dias de Novembro.⁵⁵

Sobre a vida escolar de Arthur de Salles, Cecília de Lara informa:

Cursou as primeiras letras na Escola pública, do distrito de Pilar, matriculando-se depois no Colégio dirigido pelo Pe. Manoel José, recebendo aulas de Latim, Português, Francês, História, etc. Seu desejo era seguir carreira militar. Assentou praça no 9º Batalhão de Infantaria, com destino à Escola Militar. Seguiu para o Rio, com êsse propósito, mas não o logrou.

Diz A. Andrade Muricy que o pai se opôs tenazmente a tal idéia. Chagas de Oliveira diz que Arthur de Salles esperou seis meses por uma vaga, que não se deu.⁵⁶

De acordo com as informações constantes da edição crítica de *Sangue-Mau*, sabe-se que de 1900 a 1901, Arthur de Salles foi Anspeçada do 9º Batalhão de Infantaria, do 3º Distrito Militar. Em 04 de novembro de 1900 deveria ter se submetido à inspeção de saúde, pelo fato de ter requerido matrícula na Escola Preparatória de Realengo. Em 15 de novembro do mesmo ano é submetido à inspeção de saúde e considerado apto para prosseguir estudos militares no Rio de Janeiro. Em 1901, viaja para o Rio de Janeiro pela primeira vez para prestar exame na Escola Militar de Realengo. No entanto, nada se sabe sobre o motivo de sua volta.⁵⁷

Cecília de Lara conclui essa informação afirmando que "O fato é que regressa a Salvador e entra no Instituto Normal, em 1903."⁵⁸

Sobre o início das atividades docentes de Salles, Cecília de Lara escreve: "Recebe a láurea de Aluno-Mestre, em 1905. É, então, nomeado bibliotecário do Instituto Agrícola S. Bento das Lajes, cargo decisivo para complementar sua formação, pela oportunidade de

⁵⁵ Cf. doc. 070:0397 [carta de 14.12.1935], do Acervo Arthur de Salles.

⁵⁶ LARA, Cecília de. *op. cit.*, *op. cit.*

⁵⁷ Cf. SALLES, Arthur de. *Sangue-Mau...*, p. 56.

⁵⁸ LARA, Cecília de. *op. cit.*, *loc. cit.*

leituras variadas."⁵⁹ No entanto, a autora não informa a data desta nomeação que, segundo consta na edição crítica de *Sangue-Mau*, ocorreu em 1908⁶⁰.

Cecília de Lara afirma que Arthur de Salles "Nesta ocasião conviveu com outra figura de importância na literatura simbolista, Durval de Moraes, também bahiano, que exercia o cargo de assistente químico da mencionada Escola Agrícola."⁶¹ No Instituto de São Bento das Lages, a cela de Salles foi batizada, pelos amigos, de *Covadonga* – uma referência à primeira batalha da reconquista cristã, em 722, a Batalha de Covadonga, e que marca o início da expulsão dos mouros da Península Ibérica –, e a de Durval, de *Turris Eburnea* – menção à Ladainha de Nossa Senhora. Com o afastamento de Durval de Moraes, Salles passou a utilizar-se da *Turris* como seu gabinete de trabalho.

A amizade com Durval surgiu nesta ocasião, estendendo-se ao longo de toda a vida. A maior prova desta amizade são as cartas trocadas por ambos ao longo de cerca de 30 anos. Do que se conservou, o Acervo possui fotocópias de 223 delas, sendo 221 de Arthur de Salles a Durval de Moraes e 2, ainda em rascunho, de Durval a Salles. Os originais desses documentos foram entregues recentemente pelo filho de Durval de Moraes à Academia de Letras da Bahia.

Cecília de Lara informa ainda que Arthur de Salles "De bibliotecário passa a professor, em 1911, com exercício no Patronato Marquês de Abrantes, anexo à mesma escola de S. Bento das Lajes."⁶² Realmente Salles é nomeado pelo Ministro do Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio para exercer o cargo de Adjunto do Curso Primário do Aprendizado Agrícola anexo à Escola Agrícola da Bahia (Escola Média ou Teórico-Prática de Agricultura).⁶³

Hélio Simões diz que, de acordo com o próprio Salles,

Do seu tempo de bibliotecário é que se lembrava com saudades. Ledor incansável, que ainda nos últimos anos se encafuava, aqui, na Biblioteca Pública, leu todos os volumes que havia na excelente – a informação é dele – livraria da Escola Agrícola. Tornou-se então profundo conhecedor das ciências naturais. Fez-se perito em malacologia, grande colecionador de conchas, correspondendo-se, a propósito, com especialistas na matéria.⁶⁴

⁵⁹ *Ibid.*, loc. cit.

⁶⁰ *Ibid.*, loc. cit.

⁶¹ *Ibid.*, loc. cit.

⁶² *Ibid.*, loc. cit.

⁶³ Cf. SALLES, Arthur de. *Sangue-Mau...*, p. 56.

⁶⁴ SIMÕES, Hélio. *op. cit.*

De acordo com Eloywaldo Chagas de Oliveira, esse período como bibliotecário serviu para Arthur de Salles como uma espécie de curso pós-graduação, extremamente importante para sua formação cultural.⁶⁵

Arthur de Salles assume o posto de professor no Aprendizado Agrícola em 31 de março de 1911 e, algum tempo depois, em razão da desativação da escola, é transferido para a escola localizada no convento de Brotas, onde havia funcionado a antiga Abadia Beneditina.

Seguindo com as informações biográficas relativas ao poeta, Cecília de Lara escreve que ele "Habitava o Convento de Brotas, (...) Dizem que aí ocupou a cela que fôra de Junqueira Freire."⁶⁶ Sobre essa questão não há certeza, as únicas informações que se têm a esse respeito são o seguinte trecho de uma carta de 22 de abril de 1915 em que Arthur de Salles escreve ao amigo Durval de Moraes: "Amo com um sagrado amor esta cella onde talvez Junqueira Freire, o frade rebelado, andasse gravando no bronze dos versos aquella sua tristeza e aquella sua rebeldia."⁶⁷ E, em um texto intitulado "A vitória da solidão" Durval de Moraes, amigo fraterno de Salles, seu maior correspondente, que lhe sabia mais da vida do que ele próprio, afirma que "(...) Artur de Sales, aquele que, por uma fatalidade histórica, habitava num convento a cela onde sofreu o peso das suas 'contradições' a alma esclileana de Junqueira Freire."⁶⁸

É sabido, principalmente em função da sua correspondência, que, entre 1913 e 1926, Arthur de Salles viveu entre Brotas, Candeias, Passé, Salvador e a Villa de São Francisco, onde morava sua família.

Sobre a vida pessoal, Cecília de Lara informa que Salles "Fica noivo de Aurélia Godinho, de Passé."⁶⁹

Algumas informações colhidas pelos pesquisadores do Grupo levam a crer que D. Aurélia Alves Godinho era natural da Vila de São Francisco. No entanto, em carta ao amigo Durval, Salles se refere à cidade de Passé como "a terra de minha mãe, de minha

⁶⁵ OLIVEIRA, Eloywaldo Chagas de. Discurso de posse. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 14, p. 64, 1953.

⁶⁶ LARA, Cecília de. *op. cit.*, *loc. cit.*

⁶⁷ Cf. doc. 0066:0312 [carta de 22.04.1915], do Acervo Arthur de Salles.

⁶⁸ MORAES, Durval de. A vitória da solidão. *Bahia Ilustrada* In: BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. *Obra Poética de Artur de Sales*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1973. p. 463.

⁶⁹ LARA, Cecília de. *op. cit.*, *loc. cit.*

noiva e do meu primeiro verso"⁷⁰. Ainda em relação ao noivado, não se têm informações exatas sobre a data desse acontecimento, e sobre o seu "primeiro verso", como se informou anteriormente, em outra carta a Durval de Moraes, Salles revela tê-lo escrito em Estância, em Sergipe, para o seu primeiro amor que, segundo ele mesmo, fora a menina Angelina.

Cecília de Lara afirma ainda que "A família da noiva transfere-se para Candeias, sendo, então, freqüentes as viagens do poeta por essa época." (p. 64).

Cecília de Lara escreve que Salles "Casa-se em 1914"⁷¹, porém em carta de 1913, Arthur de Salles convida seu amigo Durval para seu casamento, que se realizará em sua residência, na Ladeira do Carmo, n. 22, no dia 31 de maio.⁷² Ainda sobre o casamento, o jornal *Gazeta do Povo* noticia o consórcio ocorrido em 31 de maio de 1913 na igreja da rua do Paço.⁷³

Segundo Cecília de Lara, depois do casamento, Arthur de Salles e a esposa passam "a morar em S. Francisco do Conde, no melhor sobrado do local. Tinha um pequeno sítio para lazer."⁷⁴ Essas afirmativas, no entanto, causam estranheza, pois, como já se afirmou, apesar de não se ter nenhuma informação concreta sobre elas, sempre foi pública e notória a difícil situação financeira do poeta, que certamente não lhe permitiria esses luxos, como se pode conferir neste trecho do texto de Durval de Moraes:

Atirado num canto da província, que os maus governos arruinaram e transformaram em procilga, pauérrimo [sic], suportando o peso atávico das tristezas e dos pecados das raças de que descende, amarrando ao potro de martírios do professorado público, mal pago e mal visto (...)⁷⁵.

Cláudio Veiga, por sua vez, em sua obra intitulada *Sete tons de uma poesia maior*, afirma que "Sua vida transcorre sob o signo de uma *pobreza heróica*, segundo a expressão de um de seus amigos"⁷⁶

Sobre sua atividade intelectual de escritor, Cecília de Lara diz que

⁷⁰ Cf. doc. 0064:0281 [carta de 27.01.1913], do Acervo de A.S.

⁷¹ LARA, Cecília de. *op. cit.*, *loc. cit.*

⁷² Cf. doc. 064:0285 [carta de 12.04.1913], do Acervo de A.S.

⁷³ Cf. GAZETA do Povo. n. 2.350, p. 1, 05 jun. 1913.

⁷⁴ LARA, Cecília de. *op. cit.*, p. 65.

⁷⁵ MORAES, Durval de. *A vitória da solidão...*, p. 463.

⁷⁶ VEIGA, Cláudio. *Sete tons de uma poesia maior*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 8.

No período de sua vida que vai da formatura [1905] a 1915 escreveu grande parte de sua obra, que integrará *Poesias*, publicado em 1920: "Púrpuras", "Rosas de Antanho", "Dias Rurais", "Êrmo em Flor". A partir dessa época, diz E. Chagas de Oliveira, após um decênio áureo, "vicissitudes após vicissitudes viriam acumular-se nos caminhos de Arthur de Salles"⁷⁷

Esta diminuição da produção literária do poeta também pode ser constatada através das cartas ao amigo Durval de Moraes.⁷⁸

Na década de 30, Arthur de Salles passou por enorme desgosto, a que se refere Cecília de Lara:

Chefe de família, vê-se, com a revolução de 30 e o fechamento do Aprendizado Agrícola. (...) Acha-se como Professor em disponibilidade da Escola Agrícola (1930-1935?). (...) sem meios para sustentar-se. Leciona Português, História, Francês, em Salvador. Diz Giraldo B. Silveira que Arthur de Salles trabalhou no ginásio Itapagipano, que êle dirigia na ocasião. Chagas de Oliveira cita o Instituto Bahiano e outros locais, onde êle teria lecionado.⁷⁹

Segundo os depoimentos dos familiares, em 1932, assim como em várias outras ocasiões, Arthur de Salles teria lecionado no Ginásio Itapagipano e no Ginásio Ipiranga, e no Instituto Bahiano de Ensino, onde o Prof. Hugo Balthazar da Silveira lhe preparara um quarto para viver e trabalhar, com uma pequena biblioteca. Aí também estudava seu filho, Durval Salles, que foi interno do Instituto até 1936, como nos informa a seguinte carta:

Agora mesmo estou no Instituto Bahiano de Ensino, de onde te escrevo, passando um tempo para evitar despesas para Brotas onde mora minha mãe e irmãs, e onde eu estava, [...] Este Instituto é o collegio onde tenho meu filho Durval, de velhos amigos companheiros da Escola Normal.⁸⁰

Cláudio Veiga, referindo-se a esse fato em seu livro recentemente republicado, diz apenas que Arthur de Salles "tornou-se professor secundário, graças aos antigos condiscípulos Hugo Balthazar da Silveira e Giraldo Balthazar da Silveira, donos de estabelecimentos de ensino. Lecionou português, francês e história."⁸¹

⁷⁷ LARA, Cecília de. *op. cit., loc. cit.*

⁷⁸ Cf. LOSE, Alícia Duhá. Panorama biobibliográfico de Arthur de Salles na década de 30. *Seminário "Anos 30: cultura e Política"*. Salvador: FCJA/ILUFBA. (no prelo)

⁷⁹ LARA, Cecília de. *op. cit., loc. cit.*

⁸⁰ Cf. doc. 068:0346 [carta de 06.07.1921], do Acervo de A.S.

⁸¹ VEIGA, Cláudio. *op. cit., loc. cit.*

Cecília de Lara escreve:

Até 1930 Arthur de Salles viveu em S. Francisco, isolado da vida da capital na sua humildade e amor à solidão, que revela numa carta a Astério de Campos; "No entanto amo a solidão, tenho que ela é fecunda; mas a solidão estrelada de Alberto de Oliveira, a solidão onde se possa sonhar, evocar, amar. A solidão como um ponto de partida, não como ponto de parada na vida". Após o período em que fica em Salvador, em disponibilidade, mas sem remuneração, é designado para o Aprendizado de Mato Grosso, mas não aceita.⁸²

Não há informações sobre essa designação, embora isto também conste das notas dos jornais que, ao noticiarem a morte do poeta, trouxeram alguns dados biográficos extra.

No jornal *A Tarde* de 28 de maio de 1931, na seção *Notícias do Rio*, consta a nomeação do Prof. Arthur de Salles para o Patronato João Coimbra, e em 22 de outubro de 1931 noticia-se a sua exoneração por não ter tomado posse ao cargo. Sobre esse episódio, Salles escreve ao amigo, em 30 de outubro de 1931, dizendo que a tática do governo era não dar dinheiro para que o funcionário pudesse se locomover e não tendo condições de se apresentar, o mesmo era demitido por abandono de posto. É justamente o que teria se passado com Salles.

Cecília de Lara afirma que Artur de Salles "Depois é indicado para Barracão, na Bahia"⁸³ No entanto, é de 19 de fevereiro de 1927 a primeira carta endereçada de Barracão a Durval de Moares. E em carta de 20 de fevereiro de 1929 escreve ao amigo: "De novo aqui em Barracão após nove mezes [sic] de licença."⁸⁴

Continuando, Cecília de Lara escreve que "em 1935 é removido para Quissamã, nos arredores de Aracajú, Sergipe"⁸⁵ Sabe-se que em 6 de agosto de 1935 é nomeado por Getúlio Vargas, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, para exercer o cargo de Adjunto de Professor Primário do Aprendizado Agrícola de Sergipe da Diretoria do Ensino Agrícola, do Departamento Nacional da Produção Vegetal. E, em 18 de setembro de 1935 toma posse no Aprendizado Agrícola de Quissamã, Sergipe, onde, segundo Cecília de Lara, "permanece até se aposentar, em 1950".⁸⁶ A informação sobre o ano da aposentadoria, no entanto, não está correta, pois Arthur de Salles é aposentado pelo

⁸² LARA, Cecília de. *op. cit.*, *loc. cit.*

⁸³ LARA, Cecília de. *op. cit.*, p. 66.

⁸⁴ Cf. doc. 069:0380 [carta de 20.02.1929], do Acervo de A.S.

⁸⁵ LARA, Cecília de. *op. cit.*, *loc. cit.*

⁸⁶ LARA, Cecília de. *op. cit.*, *loc. cit.*

Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, através de decreto de 26 de setembro de 1949, publicado no *Diário Oficial dos Estados Unidos do Brasil*, nº 224, de 28 de setembro de 1949, p. 13900b, do 'cargo da classe E, da carreira de Auxiliar de Ensino do Quadro Suplementar, do Ministério da Agricultura'. Note-se que, embora a informação não seja fiel, Cláudio Veiga dá a mesma data indicada por Cecília de Lara. À página 8 do seu livro reeditado em 2002 lê-se: "Em 1950 é aposentado, em seu modestíssimo posto."⁸⁷

Segundo Cecília de Lara, "Conta Andrade Muricy que em 1937 Arthur de Salles foi ao Rio em busca de melhoria para a sua tão sacrificada posição. Demorou-se meses, inútilmente."⁸⁸ O que se sabe é que em outubro de 1936 Artur de Salles viaja ao Rio de Janeiro, onde exerce a função de Adido da Secretaria da Agricultura por mais ou menos um ano.

Posteriormente afirma Cecília de Lara que

Aposentado, Arthur de Salles volta a exercer em Salvador o magistério, dedicando-se sobretudo à História e Português. Dessa época há várias referências à singular figura do poeta, participando da vida da cidade do Salvador. "A figura varonil e simpática do poeta era alvo da admiração e respeito quando transitava pelas ruas da cidade. Cabeleira revolta, alva, olhar penetrante, fronte sonhadora, tez queimada, perambulava pelas ruas da cidade, pelos cafés e rodas literárias, especialmente entre moços poetas, aos quais, com a sua palavra amiga e o seu conselho sincero encorajava e incitava o jovem a prosseguir na sua trajetória"⁸⁹.

Referência a esse respeito e à admiração que suscitava o poeta, especialmente entre os jovens intelectuais, também fazem os jornais ao noticiarem a morte de Salles.

Seguindo essa pequena biografia, Cecília de Lara escreve que, nessa época, Salles encontrava-se "Profundamente abatido com a morte dos filhos Renato e Fernando, ambos poetas e com a perda da espôsa, companheira de mais de 30 anos"⁹⁰. Todavia, não se tem nenhuma informação sobre o poeta Renato Salles (nascido em 21 de setembro de 1921 e falecido em 10 de dezembro de 1949), ao contrário de Fernando (falecido em 21 de setembro de 1949), notoriamente seguidor da carreira do pai.

⁸⁷ VEIGA, Cláudio. *op. cit., loc. cit.*

⁸⁸ LARA, Cecília de. *op. cit., loc. cit.*

⁸⁹ SILVEIRA, Givaldo Baltazar. Arthur de Salles; esboço bio-literário. *Jornal da Tarde*, Salvador, 8 de set. 1956.

⁹⁰ LARA, Cecília de. *op. cit., loc. cit.*

Sobre o amor paternal de Arthur de Salles e os reflexos dele na sua obra, Antonio Loureiro de Souza escreve o seguinte:

Vejamos, agora, um outro aspecto da poesia de Artur de Sales. Êsse todo íntimo, exteriorização real de um sentimento que nêle sempre foi eloqüente e vivido: o sentimento paterno. Como sabem os seus mais afeiçoadados, amando, embora, estremadamente, a todos os seus filhos, a um dedicava senão maior afeto, porém predileção: Fernando Sales, como o pai poeta inspiradíssimo, cuja lira o Destino partiu bem cedo ainda, para a angústia maior do pai que lhe sobreviveu. A êsse filho dedicava Artur de Sales uma veneração especial. Era poeta. Perdendo-o em 1948, como que para êle o mundo também desapareceu.⁹¹

É válido ressaltar que Antonio Loureiro de Souza aponta erradamente o ano de morte de Fernando Salles.

Como já se disse, o poeta perdeu ainda um filho, chamado Otávio, que morreu ainda bebê⁹², e cuja perda grande dor causou ao pai, que escreveu para ele o poema *Berço Vazio*. D. Aurélia, esposa de Salles, faleceu em 21 de março de 1948, tendo o casamento durado 35 anos.

Em função da grande tristeza, informa Cecília de Lara, Arthur de Salles

(...) recolheu-se gravemente enfêrmo ao lar das irmãs.

Na **última entrevista**, relata Chagas de Oliveira, **em dezembro de 1950**, declara o poeta, vergado pelo sofrimento: "ainda não comecei a escrever o poema da minha dor". E não o começaria, porque após alguns meses veio a falecer. Numa tarde cinzenta e fria levaram-lhe o corpo ao cemitério da Ordem de S. Francisco, a 27 de junho de 1951.⁹³

A data da entrevista, concedida a Cláudio Tuiuti Tavares, é 16 de dezembro de 1951. E sobre os detalhes da morte e do sepultamento do poeta as informações, apesar de equivocadas, são repetidas com relativa freqüência até hoje, como se pode verificar, por exemplo, à página 1429 da *Enciclopédia de Literatura Brasileira* de Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza, lançada em 2001, e à página 352 da *História da literatura brasileira*, de Luciana Stegagno Picchio, cuja primeira edição italiana é de 1972, onde o falecimento de Arthur de Salles é dado como ocorrido no ano de 1951. Na verdade, Arthur de Salles faleceu, no dia 27 de junho de 1952, às 4h da manhã, em casa de sua irmã, D. Lídia de

⁹¹ SOUZA, Antonio Loureiro de. *op. cit.*, p. 58-59.

⁹² Cf. doc. 061:0221.

⁹³ LARA, Cecília de. *op. cit.*, *loc. cit.*

Salles Cirne, à rua Marquês de Abrantes, n. 40, vítima de cirrose hepática com ascite, aos 73 anos de idade. Foi sepultado no Cemitério da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, nas Quintas, às 16h30min, como se pôde verificar nos documentos de imprensa e no já citado Livro de Registro de Enterramentos do Cemitério da Venerável Ordem Terceira de São Francisco.

O excelente trabalho de Cecília de Lara, por se basear majoritariamente em relatos orais, traz informações que nem sempre condizem com a verdade dos fatos documentalmente verificados. No entanto, até hoje continua a ser o trabalho mais consultado e citado quando se trata dos dados biográficos de Arthur de Salles. A partir da pesquisa no acervo do poeta foi possível retificar diversas informações que, se espera, possam ser, a partir de agora, veiculadas.

3.3 PANORAMA BIOBIBLIOGRÁFICO DE ARTHUR DE SALLES NA DÉCADA DE 30

Arthur de Salles teve, dos seus 73 anos de vida, 38 dedicados ao funcionalismo público, atuando, principalmente, como professor primário. No entanto, apesar de trabalhar como professor, foi sobretudo poeta. Não por acaso, é essa a profissão assinalada no termo de enterramento de Arthur de Salles. Como afirma Natan Coutinho, "a poesia nele não era uma habilidade mental a ser exercida nas horas vagas. A poesia foi seu sangue, sua alma, a razão inteira de sua existência. Ela o absorvia, o possuía integralmente"⁹⁴.

Ao longo de 30 anos (no período de 1908 a 1935), Arthur de Salles trocou correspondências com o seu grande amigo e também poeta Durval de Moraes que, nascido em 1882, morreu em 1948. Diplomado em Química Farmacêutica, morou e exerceu sua profissão, durante algum tempo, no Rio de Janeiro. Como poeta simbolista publicou *Sombra fecunda* (1913), *Lira franciscana* (1921), *Cheia de graças* (1924), *Rosas do*

⁹⁴ QUEM deve ocupar na Academia de Letras da Bahia a cadeira vaga com o falecimento do poeta Arthur de Salles? Per. n. ind., s.l., s.d. Col. Um tema por dia.

silêncio (1926), *O Poema de Anchieta* (1929), *Solidão sonora* (1943), além de três peças de teatro e muitos poemas em jornais e revistas da época⁹⁵.

O conteúdo destas cartas, além de deixar transparecer o percurso do movimento cultural na Bahia, nos permite traçar um panorama biobibliográfico de Arthur de Salles.

O valor desta correspondência já foi ressaltado inúmeras vezes, por trazer informações relevantes tanto sobre a vida pessoal, quanto intelectual de Arthur de Salles⁹⁶. É possível, portanto, apreender delas o contexto em que viveu e atuou o poeta baiano, analisando em que medida as circunstâncias de sua vida tiveram influência direta sobre a sua produção intelectual, pois é importante lembrar que, em Arthur de Salles, a pessoa e o poeta estão imbricados de tal forma que separar um do outro torna-se, geralmente, impraticável.

Especificamente para este item, selecionaram-se as cartas que abrangem as décadas de 20 e 30. Nelas se encontram, além de dados relevantes sobre costumes e tradições da época, informações sobre acontecimentos literários, políticos e econômicos, e inúmeras informações de cunho pessoal, nas quais se vê o reflexo do contexto socioeconômico nacional.

Homem sensível e de vida modesta, Arthur de Salles sofreu a dor da incompreensão, daqueles a quem a vida maltrata. Heli Menegale dizia que sua "palavra um pouco tímida, continha sempre uma pitada de sabedoria, mas amargava de ironia e desencanto"⁹⁷.

A atividade intelectual de Arthur de Salles sempre oscilou entre períodos de latência e fertilíssima produtividade, porém, a vida, que lhe foi sempre muito dura, aplicou-lhe golpes implacáveis, o que acabou por se refletir de modo definitivo na sua produção poética. Em meio à crise cacauêira do Nordeste, e a Revolução de 30, que mobilizou todo o

⁹⁵ TELLES, Célia Marques. Uma carta de Durval de Moraes a Arthur de Salles. *Qvinto Império*; Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa, Salvador, n. 6, p. 87-103, 1º sem. 1996.

⁹⁶ Cf. GAMA, Nilton Vasco da; TELLES, Célia Marques. A "Obra" de Arthur de Salles contida na sua correspondência com Durval de Moraes. In: MOTA, Jacyra (Org.) CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1, Salvador, 1997, *Atas...* Salvador: UFBA, 1997. v.2, disq. 7, linghist, com. 8; GAMA, Albertina Ribeiro da; TELLES, Célia Marques. Alguns aspectos da cultura literária baiana nas cartas de Arthur de Salles a Durval de Moraes. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre: PUCRS, p. 92-100, 1996. v. 2, n. 2.; TELLES, Célia Marques. Uma carta de Durval de Moraes a Arthur de Salles...; TELLES, Célia Marques. Das cartas à impressão: uma trajetória. *Leitura*; Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFAL, Maceio, n. 22, p. 43-51, jul.-dez. 1998.

⁹⁷ MENEGALE, Heli. Arthur de Salles, o poeta praieiro. *Jornal do Comércio*, Salvador, 21 maio 1960.

país, o funcionário público Arthur de Salles passa por inúmeros percalços e vê os problemas políticos e financeiros por que passava o Brasil influenciarem sobremodo a sua vida e, por conseqüência, a sua obra.

No entanto, o escasseamento da produção literária de Arthur de Salles, que teve início na década de 30, não se refletiu na qualidade de seus versos. Segundo Heli Menegale, “Se algum dia for publicada a poesia inédita que deixou, hão de comover profundamente os versos de sua última fase, mística, misteriosa, de estranha densidade”.⁹⁸

Cláudio Veiga afirma que "Nos seus setenta e três anos de existência, sua produção se concentra, aproximadamente, em três décadas, dos vinte aos cinqüenta anos; noutras palavras, da Guerra dos Canudos à Revolução de 1930."⁹⁹

Na última entrevista concedida, Arthur de Salles desabafa

Desde 1930, por motivos de todos conhecidos e pelo infortúnio, me afastei das atividades literárias. Anteriormente, pensava como Gabriel d'Annunzio: *Criar com alegria*. Hoje, depois de muito pensar, medito como Goethe: *Da tua dor faze um poema...* E ainda não comecei a escrever o poema da minha dor.¹⁰⁰

Essa densidade, louvada por Menegale, é reflexo das circunstâncias vividas por Arthur de Salles, como se pode ver no trecho de uma carta da 1934, onde o poeta afirma:

Aqui como sempre, cada vez mais velho, mais feio mais triste e mais doente. (...) Se hoje reunisse os poucos versos que tenho feito ultimamente lhes daria este título: Exílio. (...) Exílio seria ou será o título do meu livro. Expressaria bem este desconforto.¹⁰¹

A publicação de trabalhos escritos em datas muito anteriores ou mesmo a republicação de textos não inéditos era um hábito muito comum entre os intelectuais da época. Isso, porém, a partir do final da década de 30, termina por se tornar quase que uma exclusividade na obra de Arthur de Salles, que neste momento deixa, praticamente, de produzir textos novos e passa, em geral por insistência de amigos e admiradores de sua obra, a publicar textos escritos em fases anteriores.

⁹⁸ *Id. ibid.*

⁹⁹ VEIGA, Cláudio. *op. cit.*, p. 9.

¹⁰⁰ TAVARES, Cláudio Tuiuti. A Última entrevista de Arthur de Salles. *Diário de Notícias*, Salvador, 6 de jun. 1952.

¹⁰¹ Cf. doc. 069:0390 [carta de 13.05.1934], do Acervo de Arthur de Salles.

Em cartas do início da década de 20, e até mesmo antes, já se podiam perceber prenúncios dessa passividade que tomaria conta do poeta. No entanto, é indispensável atentar para o fato de que Arthur de Salles engana com seu pessimismo. Já em 1911 pode-se ler: "Um dia, a sombra amarga da Tristeza/Descera fina e fria sobre esta anciosa/Pobre alma cheia de desesperança...."¹⁰²

Em 1923 ele conta ao amigo Durval, "Não leio, não escrevo, não entro no meu gabinete de trabalho."¹⁰³ Esses comentários, porém, deixam entrever, sobretudo, na alma simbolista de Arthur de Salles, o pessimismo aflorando a todo instante, um pessimismo que se reflete mais nas palavras do que nos fatos.

Motivos para o escasseamento da produção literária e para o desânimo do poeta são facilmente localizados no conteúdo das cartas enviadas ao amigo. Em meados da década de 20 a saúde do poeta já começa a apresentar sinais de debilidade. Em 1924 ele escreve: "Eu aqui adoentado, triste, aborrecido. Mas escreve-me e eu ficarei melhor".¹⁰⁴

E, em 1925, os problemas conjunturais brasileiros já começavam a se refletir na vida do funcionalismo público federal, como vemos neste trecho de uma carta de 28 de agosto:

Recebi as tuas cartas e o teu telegrama sobre esse negocio de Barreiras, onde, ao que consta, tropas legalistas se concentrarão para enfrentar os revolucionarios que estão a poucas leguas, em Goyas. Continuo aqui na Villa a espera do resultado dessas marchas e contramarchas do ministerio quanto à installação do Patronato etc. (...) Já te disse que o Instituto, logo no inicio do seu ministerio lhe mandava uma carta colletiva pedindo uma melhoria de emprego para mim. (...)¹⁰⁵

Essas vicissitudes, aliadas a problemas familiares, como era de se esperar, influenciaram de maneira direta a produção intelectual do autor, que, embora pareça relutar, tentando retomar o trabalho, confessa ao amigo:

Pouco tenho escripto. Os dissabores, as tristezas destes ultimos [dias] [...] me não trabalhar. Depois da morte ao meu irmão comeccei a por em verso, a glosar, um assumpto regional – Sangue máo. Em meio veio a morte de meu velho e de novo parei (...)¹⁰⁶

¹⁰² Cf. doc. 062:0251 [carta de 03.11.1911], do Acervo de Arthur de Salles.

¹⁰³ Cf. doc. 068:0355 [carta de 15.02.1923], do Acervo de A.S.

¹⁰⁴ Cf. doc. 069:0370 [carta de 23.12.1924], do Acervo de A.S.

¹⁰⁵ Cf. doc. 069:0371 [carta de 28.08.1925], do Acervo de A.S.

¹⁰⁶ Cf. doc. 069:0371 [carta de 28.08.1925], do Acervo de A.S.

No entanto, embora o autor afirme reiteradas vezes ao longo das cartas que nada está produzindo, a continuação do mesmo parágrafo mostra que, apesar de Arthur de Salles não se encontrar em franca produtividade, ele tampouco está parado, e dá andamento a trabalhos anteriores:

(...) destaquei desse assumpto um episodio – O Ramo da Fogueira (...). Este e outros assumptos dariam com o nome de Romanceiro boas paginas regionaes. (...) Tudo isto entre pescadores. E nada mais. Corrijo os versos do Mar e algumas paginas de prosa e o Machbeth. (...)¹⁰⁷

Porém, as pistas deixadas pelas palavras do poeta dirigidas ao amigo se mostram enganosas quando comparadas com as datas das publicações sallesianas, já que, como se lê na sua cronologia biobibliográfica constante da edição crítica de *Sangue-Mau*, boa parte de sua obra publicada em livro se encontra entre as décadas de 20 e 30: o livro *Poesias*, por exemplo, é publicado em 1920; o *Hymno ao Senhor do Bomfim* é de 1923; o poema dramático *Sangue-Mau* é escrito entre 1924 e 1925 e publicado em 1928; o poema *Sub umbra* é escrito em 1925 e publicado em 1926. É nessa época, também, que está em plena produtividade com a tradução de *Macbeth*.¹⁰⁸ Isso tudo, além de inúmeras publicações em periódicos¹⁰⁹, desmente as palavras carregadas de pessimismo e desolação de Arthur de Salles, embora, em carta de 27 de março de 1927, demonstre, com veemência, seu descaso em relação à atividade literária e intelectual:

O dr. Armando de Campos, meu distincto amigo (...) fará ou quer fazer no salão de D. Angela Vargas, a gloriosa declamadora, sua palestra a meu respeito em dados biographicos e trabalhos ineditos. Telegraphou-me pedindo estas cousas. Infelizmente os meus trabalhos e tudo meu estão na Villa. Para aqui nada trouxe (...) Quanto aos dados biograficos são tão simples, que tu mesmo os darás.¹¹⁰

E, na carta seguinte, relata que os problemas de ordem pessoal e conjuntural ainda persistem: “Doenças, aborrecimentos, a greve que tudo suspendeu. (...)”¹¹¹

¹⁰⁷ Cf. doc. 069:0371 [carta de 28.08.1925], do Acervo de A.S.

¹⁰⁸ Cf. SALLES, Arthur de. *Sangue-Mau...* p. 59-61.

¹⁰⁹ Cf. PEREIRA, Norma Suely da Silva. *op. cit.*; TELLES, Célia; TELES, Maria Dolores; LOSE, Alícia Duhá e PEREIRA, Norma Suely. *op. cit.*

¹¹⁰ Cf. doc. 069:0376 [carta de 27.03.1927], do Acervo de A.S.

¹¹¹ Cf. doc. 069:0377 [carta de 07.06.1927], do Acervo de A.S.

Porém, apesar de declarar ao amigo que "As Musas não me visitam nem eu as procuro", ele era deveras lembrado por seus amigos admiradores e também pelos críticos. Em carta de junho de 1927 comenta:

Está ahi no Rio um sr. Godofredo Filho moço poeta futurista a quem nós, da roda muito estimavamos por ser esperançoso nos versos. Este moço depois não sei porque tomou ogeriza de mim que já por duas vezes quiz escanchar-me em artigos isto sem motivo, sem discussão. (...) Ahi, em artigo ou entrevista, em O Jornal fallou de letras na Bahia, incluindo-me no numero dos sonetistas (...) O Altamirando Requião, não podendo vingar-se do Chiachio que lhe denunciou as roubalheiras literarias, e do Armando de Campos, procurou sempre desbancar-me do numero dos poetas procurando fazer eleição para principe e cabalando para o Affonso de Castro Rabello um distinctissimo moço, creio, que alheio a essas miserias como eu. (...) Pensei que o meu isolamento, meu recanto, minha vida meu[s] versos não incomodavam ninguém. (...)¹¹²

Esse isolamento a que Arthur de Salles faz menção não se devia pessoalmente ao poeta, que, como funcionário público federal, foi transferido mais de uma vez, para cidades do interior. Ele, que afirma ter "a fome das distâncias e a sede dos isolamentos"¹¹³ parecia, por esta época, procurar, por desgosto com a vida e por falta de alternativas, manter-se nesse exílio.

Além das questões conjunturais que lhe amarguravam a existência nessa época, Arthur de Salles, que era reconhecido como um patrimônio inestimável de cultura e inteligência de sua terra¹¹⁴, também enfrentou problemas por ser um professor fora dos parâmetros didáticos, por procurar dar aos alunos um pouco de arte e cultura, o que, por volta de 1927, terminou por lhe trazer mais incomodações, conforme relata ao amigo:

De mim, soube que dissera no ministerio que eu era bom poeta e máo professor. (...) Ensinar quinze annos, fazer da minha pequena biblioteca o recurso dos meus discipulos, (...) ensinar-lhes com carinho, e boa vontade o que não estava no programa do Regulamento da casa, como francez, historia universal, literatura, dilatar o quanto me foi possivel as vistas intellectuais dos allunos dos livros (...) Ora aqui está, por certo, a demora da minha effectividade.¹¹⁵

¹¹² Cf. doc. 069:0377 [carta de 07.06.1927], do Acervo de A.S.

¹¹³ Cf. doc. 069:0377 [carta de 07.06.1927], do Acervo de A.S.

¹¹⁴ SOUZA, Tomé de [pseudônimo de Adroaldo Ribeiro Costa]. Artur de Salles. *Diario da Bahia*, Salvador, p. 5, s.d.

¹¹⁵ Cf. doc. 069:0378 [carta anterior a março de 1927], do Acervo de A.S.

Em 08 de janeiro de 1929 Arthur de Salles traduz os seus sentimentos de desgosto, desencanto e cansaço com toda essa situação em apenas poucas palavras: “Meu silêncio é a maneira mais certa mais sincera, mais eloquente de expressão de minha alma.”¹¹⁶

No início da década de 30, os problemas brasileiros se agravam, e a situação do poeta em nada melhora. A quantidade de cartas ao amigo também escasseia e estas passam a ser mais descritivas e menos poéticas, ganham um tom amargo e cansado, daqueles que estão desencantados com a vida.

Em dezembro de 1930 Arthur de Salles havia sido posto em disponibilidade pelo Governo Federal, e em maio de 1931, comenta amargurado:

Ora aqui está o que a revolução me trouxe (...) O meu estado de saúde, a minha vida destes últimos meses, entre a doença e a necessidade, me tem posto num estado de completa irritação e tristeza ressentidas (...). Não leio, não escrevo.¹¹⁷

Na carta seguinte, de 30 de outubro de 1931, Salles explica melhor a situação, que se agrava cada vez mais, dizendo que o governo o havia exonerado por não ter se apresentado ao posto a ele destinado por falta de condições financeiras.¹¹⁸

Mas as dificuldades de Arthur de Salles com o seu empregador não acabavam por aí. Em outubro de 1931 ele conta ao amigo que, além de ser posto em disponibilidade e, posteriormente, ser exonerado, enfrenta também problemas com os ordenados de um ano que, segundo ele, estava sem receber.¹¹⁹ Isso, além de colocá-lo em dificuldades financeiras, lhe causa grande desgosto, fazendo-o concluir que “vantagem maior seria que me pagassem e me deixassem em paz já que dezenove anos de serviço de nada valem. (...)”¹²⁰

Ainda em outubro, Salles reage e conta ao amigo, embora sem muito entusiasmo, que retomou o trabalho, se não o de criação, pelo menos o de publicação. Escreve ele: “Reuno os meus versos antigos para uma publicação qualquer e corriji o Macbeth de Shakespeare.”¹²¹

¹¹⁶ Cf. doc. 069:0379 [carta de 08.01.1929], do Acervo de A.S.

¹¹⁷ Cf. doc. 069:0383 [carta de 12.05.1931], do Acervo de A.S.

¹¹⁸ Cf. doc. 069:0385 [carta de 30.10.1931], do Acervo de A.S.

¹¹⁹ Cf. doc. 069:0385 [carta de 30.10.1931], do Acervo de A.S.

¹²⁰ Cf. doc. 069:0385 [carta de 30.10.1931], do Acervo de A.S.

¹²¹ Cf. doc. 069:0385 [carta de 30.10.1931], do Acervo de A.S.

Em 1932 as dificuldades com a carreira de professor continuam, pois enquanto tenta a reversão de sua exoneração, busca outras soluções para sua situação, lecionando em escolas particulares, além de pleitear uma vaga como professor do Estado, alternativa que, no entanto, não lhe é possível pois, segundo afirma, “a reforma escolar aqui ainda não me deu ensejo.”¹²²

Em uma ocasião bastante anterior, Salles havia escrito a Durval de Moares, comentando as vicissitudes de um amigo em comum, as quais Salles parece não compreender. Ele questiona: “Oh! Como é que o dinheiro ou a carne aniquila uma alma?!..”¹²³

Fato semelhante a este parece ter se passado com o próprio Arthur de Salles, que, no entanto, ao se ver com restrições financeiras e complicações de saúde, tenta dar continuidade, embora com dificuldades, a sua carreira literária. Em carta de fevereiro de 1932, ele relata: “Não escrevo. Apenas ando reunindo os versos para num só volume publicá-los. (...) A cabeça não pode, coitada, tratar de letras tão confusa que anda com as cousas da vida.”¹²⁴

Em 6 de agosto de 1935, após conseguir a reversão de sua exoneração, Arthur de Salles é nomeado por Getúlio Vargas, Adjunto de Professor Primário do Aprendizado Agrícola de Sergipe, de onde escreve ao amigo Durval: “Escrevo-te daqui do Aprendizado Agrícola de Sergipe para onde fui designado depois de quatro annos de disponibilidade. (...) Era preciso vir porque são vinte e dous annos que consegui reaver.”¹²⁵

Em meio a isso tudo, Arthur de Salles se esquivava, mais uma vez, da publicidade e da crítica, que, como se pode ver, não o quer esquecido:

Um poeta paulista, Silveira Bueno, escreveu-me uma carta pedindo me trabalho ineditos para o seu jornal, a Folha da Noute, de que é critico. (...) Vae escrever sobre meu livro e quer estabelecer a ligação ou conhecimento dos poetas do norte e do sul. Ainda não mandei nada; tal o meu estado actual de vida sem tranquilidade.¹²⁶

¹²² Cf. doc. 069:0387 [carta de 17.02.1932], do Acervo de A.S.

¹²³ Cf. doc. 064:0295 [carta de 30.10.1913], do Acervo de A.S.

¹²⁴ Cf. doc. 069:0387 [carta de 17.02.1932], do Acervo de A.S.

¹²⁵ Cf. doc. 069:0395 [carta de 20.09.1935], do Acervo de A.S.

¹²⁶ Cf. doc. 069:0396 [carta de 21.11.1935], do Acervo de A.S.

A última carta datada que o Acervo possui entre os dois amigos é de 14 de dezembro de 1935 e nela o poeta relata uma visita que acabara de fazer a uma cidade onde havia morado na sua infância. A carta, em tom nostálgico, se encerra com os versos de Olavo Bilac, que demonstram bem o ânimo de Arthur de Salles naquele momento:

Pela tristeza do que tenho sido
Pelo esplendor de que deixei de ser.¹²⁷

O poeta, no entanto, viveu ainda 17 anos após a escrita dessa carta, e, embora as criações de Arthur de Salles não tenham surgido com tanta frequência, o mesmo não ocorreu com as publicações de sua obra, que se seguiram até 1952, pouco antes da sua morte. Seu último texto publicado em vida foi o poema "Navarca", uma republicação, no número 13 da *Revista da Academia de Letras da Bahia*, da qual Salles era membro.¹²⁸ Após sua morte se seguem ainda algumas publicações póstumas, muitas delas resultado dos trabalhos com o seu Acervo, existente acerca de quase três décadas e que, cada vez mais, tem se mostrado um grande manancial para pesquisa.

¹²⁷ Cf. doc. 069:0397 [carta de 14.12.1935], do Acervo de A.S.

¹²⁸ Cf. SALLES, Arthur de. *Sangue-Mau...*, p. 66.

4 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DOS MANUSCRITOS DAS PASTAS 001 E 003

São apenas rascunhos e esboços. É isto que torna interessante este manuscrito: deciframos nele todo o esforço do artista, nele acompanhamos a invenção em seu exercício obstinado, em suas pesquisas, suas hesitações, seu lento desembaraço.¹²⁹

4.1 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A CLASSIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS

De acordo com Albertina Ribeiro da Gama e Célia Marques Telles, os documentos manuscritos da Coleção Arthur de Salles podem ser distribuídos em quatro categorias quanto ao tipo: anotações e esboços, rascunhos, borrão passado a limpo, e texto definitivo.

Para a classificação do material trabalhado nesta edição foram utilizados os critérios esboçados pelas pesquisadoras em artigo intitulado "Os Documentos manuscritos da 'Coleção Arthur de Salles'".¹³⁰ Segundo elas, as anotações e esboços são do mais diversos caráter e comprovam a assistemática dos manuscritos de Arthur de Salles. Os rascunhos, além das emendas, trazem na sua apresentação uma mancha escrita não muito regularmente lançada no papel e não apresentam numeração das páginas. Neles se podem observar, às vezes, mais de uma campanha, que podem, entretanto, estar com a mesma tinta ou não.

Os borrões passados a limpo, por sua vez, "apresentam-se com a numeração dos fólhos, com linhas bem definidas, escrita pousada e clara. Algumas vezes trazem claramente

¹²⁹ LANSON, Gustave. Un manuscrit de Paul et Virginie. In: _____. Étude sur l'invention de Bernardin de Saint-Pierre. *Études d'histoire littéraire réunies et publiés par ses collègues, ses élèves et ses amis*. Paris: Librairie ancienne Honnoré Champion, 1930. p. 225.

¹³⁰ GAMA, Albertina Ribeiro; TELLES, Célia Marques. Os documentos manuscritos da Coleção Arthur de Salles. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis*, Olomouc (Rep. Tcheca), v. 69, n. 6, p 61-5, 1996. p. 63.

o título no primeiro fólio."¹³¹ Já, em relação ao texto definitivo, são três os elementos que o caracterizam: "a limpeza, a identificação, a numeração dos fólhos. Notam-se raras, ou nenhuma, emendas; os fólhos são numerados, escritos apenas no recto e em todos eles aparece a indicação da obra. A **scripta** é clara e bem pousada. Outros traços do texto definitivo são a data e a assinatura lançadas no último fólio."¹³²

4.2 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA TRANSCRIÇÃO

Para a transcrição semidiplomática dos manuscritos, foram utilizados os critérios preconizados pelo Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA, com algumas adaptações de acordo com as necessidades surgidas ao longo do trabalho.

- devido às irregularidades de disposição da escrita de Arthur de Salles nos textos em processo de criação, que tanto pode vir lançada de forma convencional na página como pode vir na diagonal, na horizontal, ou ainda com o papel de cabeça para baixo, optou-se por numerar as linhas dos fólhos contando apenas aquelas preenchidas com escrita ou sinais muito particulares do autor. Desta forma, numeraram-se as linhas de cinco em cinco, a partir da primeira;
- as anotações localizadas fora das linhas da mancha escrita do fólio são indicadas nos quadros demonstrativos dos movimentos de correção encontrados abaixo da transcrição de cada fólio, como anotação marginal, não tendo indicação de número de linha;
- a grafia original dos textos é conservada na íntegra, mesmo nos casos em que fica claro o equívoco ou ato falho do autor;

¹³¹ GAMA, Albertina Ribeiro; TELLES, Célia Marques. Os documentos manuscritos da Coleção Arthur de Salles. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis*, Olomouc (Rep. Tchecha), v. 69, n. 6, p 61-5, 1996. p. 63.

¹³² GAMA, Albertina Ribeiro; TELLES, Célia Marques. Os documentos manuscritos da Coleção Arthur de Salles. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis*, Olomouc (Rep. Tchecha), v. 69, n. 6, p 61-5, 1996. p. 64.

- as palavras escritas umas sobre as outras são separadas, por não parecerem relevantes ao processo de criação do autor, e sim, serem devidas à rapidez do traçado;
- é respeitada, dentro do possível, a disposição dos textos na página;
- observações adicionais do editor são expostas em uma coluna ao lado direito da transcrição;
- notas marginais do autor são transcritas em fonte menor;
- para a transcrição dos movimentos de escrita do autor são utilizados os seguintes símbolos:

(†)	ilegível
(...)	leitura impossível por dano do suporte
/ */	leitura conjecturada
< >	supressão
()	rasura ou mancha
<†>	supressão ilegível
[]	acrécimo
[←]	acrécimo na margem esquerda
[→]	acrécimo na margem direita
[↓]	acrécimo na entrelinha inferior
[↓↓]	acrécimo na entrelinha inferior, abaixo de outro acréscimo na entrelinha inferior
[↑]	acrécimo na entrelinha superior
[↑↑]	acrécimo na entrelinha superior, acima de outro acréscimo na entrelinha superior
[↑↑]	acrécimo na margem superior
[←↓]	acrécimo na margem esquerda, abaixo do trecho substituído
[←↑]	acrécimo na margem esquerda, acima do trecho substituído
[< >]	acrécimo suprimido
< > / \	substituição por sobreposição
< > [←]	substituição por supressão e acréscimo na margem esquerda

- < > [↓] substituição por supressão e acréscimo na entrelinha inferior
 - < > [↑] substituição por supressão e acréscimo na entrelinha superior
 - < > [→] substituição por supressão e acréscimo na margem direita
 - < > [←↓] substituição por supressão e acréscimo na margem esquerda, abaixo do trecho substituído
 - < > [←↑] substituição por supressão e acréscimo na margem esquerda, acima do trecho substituído
- para movimentos em que o autor suprime um elemento e torna a acrescentá-lo mais adiante no mesmo verso ou na mesma frase, movimento que alguns editores denominam de *deslocamento*, são usados os símbolos que indicam supressão e acréscimo.

4.3 DIFICULDADES DA TRANSCRIÇÃO

A grafia de Arthur de Salles em seus manuscritos apresenta-se como um dos maiores desafios ao pesquisador, já que representa um dos primeiro obstáculos para o trabalho com o texto, que, não sendo transcrito com precisão, pode levar a diversas interpretações equivocadas.

No caso desta edição, na qual se trabalha com diversos rascunhos e borrões, o pesquisador se depara com um problema a mais, pois, como já se disse, nos rascunhos a escrita não é muito regular, a letra é pouco pousada e apresenta numerosas emendas. Ao final de cada fôlio, a escrita vai ficando mais descuidada e rápida, e ao final do documento nota-se um maior número de oscilações do autor, com mais supressões e substituições. As manchas provocadas pela umidade e o desbotamento da tinta também dificultam a leitura de determinadas partes, assim como os rasgos do papel.

O vocabulário apresenta-se também como dificultador no processo de transcrição, visto que nele é possível haver tanto palavras correntes do vernáculo como aquelas já de uso bastante raro e ainda algumas criações pessoais do autor, o que faz com que muitas vezes não seja possível a realização da leitura por conjectura.

Outro empecilho não tão relevante, mas digno de nota, é o fato de o autor, no afã da criação, emendar diversas palavras.

Vejam-se, então, algumas das características gerais da grafia no processo de escrita de Arthur de Salles:

- as letras **a** e **o**, quando grafadas em sua forma minúscula, apresentam sistematicamente confusão, podendo uma ser escrita em lugar da outra;
- algumas letras apresentam-se abertas na parte superior, em decorrência do que se confundem com outras: o **a** se confunde com **u**; o **o** se confunde com **v** e o **d** se confunde com **r**;
- a letra **d** aparece por vezes com a haste superior encurtada, podem ser confundida com a letra **a**;
- outras letras também são facilmente confundidas entre si, como: o **r** e **s** minúsculos que apresentam grafias muito semelhantes, assim como o **f** e **p**, e o **g** e **j**; o mesmo problema ocorre em relação ao **Q** e **P** maiúsculos;
- as letras **m** e **n** aparecem com grande irregularidade em relação à quantidade de pernas, que podem variar de 2 a 5;
- a letra **i** aparece muitas vezes sem ponto ou com este recaído sobre as letras anteriores ou subseqüentes; quando o ponto está presente, geralmente é representado por um traço que se assemelha a um acento;
- a letra **t** apresenta-se com traço sobre a letra seguinte, parecendo um acento quando essa se trata de uma vogal, ou até mesmo sem traço;
- o **ç** diversas vezes apresenta-se sem a cedilha;
- vários ditongos nasais aparecem grafados sem a indicação do til ou com este recaído sobre as letras próximas;
- **F** maiúsculo aparece sem traço;
- **T** maiúsculo vem com traço na metade da haste vertical;
- os acentos graves e agudos se confundem diversas vezes, podendo ainda aparecer de forma indeterminada, representados simplesmente por um traço vertical, que não necessariamente recairá sobre a letra acentuada.
- devido à pressa, algumas letras aparecem em ordem inversa.

4.4 *CORPUS* DESSA EDIÇÃO

Os documentos aqui editados encontram-se acondicionados em pastas suspensas, em papel cartonado, de cor bege pardacento, a pasta 001, contendo 17 documentos não datados, e a pasta 003, contendo 35 documentos também não datados. Os documentos encontram-se acondicionados, em ordem crescente de numeração, em sacos de plástico especiais, reunidos e presos por presilha metálica, sendo que cada saco plástico contém apenas um fólio. Presa na parte superior de cada pasta há a indicação de seu número (001) ou (003) e do código do primeiro (0001, no caso da 001; e 0029, no caso da 003) e do último (0017, no caso da 001; e 0062, no caso da 003) documento que ela contém.

As pastas encontram-se em arquivo metálico, especialmente designado para armazenar os documentos relativos ao Acervo Literário de Arthur de Salles. Do total de documentos presentes em cada pasta, na 001 apenas 12 foram trabalhados, os 5 restantes foram excluídos desta pesquisa por já terem sido trabalhados em pesquisas anteriores. O mesmo procedimento foi utilizado para a pasta 003, da qual foram trabalhados apenas 24 documentos.

Após feita a exclusão destes documentos, chegou-se à constituição do seguinte *corpus*, composto, na sua quase totalidade, por textos de poesia:

PO-IS-OM-001:0001 (f. 1r e 1v)

PO-IS-OM-001:0002 (f. 1r e 1v)

PO-IS-OM-001:0005 (f. 1r e 1v, 2r e 2v e 4r e 4v)

PO-IS-OM-001:0007 (f. 1r)

PO-IS-OM-001:0009 (f. 1r e 1v)

PO-IS-OM-001:0010 (f. 1r)

PO-IS-OM-001:0012 (f. 1r e 1v)

PO-IS-OM-001:0013 (f. 1r e 1v)

PO-IS-OM-001:0014 (f. 1r e 1v)

PO-IS-OM-001:0015 (f. 1r)

PO-IS-OM-001:0016 (f. 1r e 1v)

PO-IS-OM-001:0017 (f. 1r e 1v)
PO-IS-OD-003-0029 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0031 (f.1r e 1v)
PO-IS-OM-003-0033 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0034 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0038 (f.1r e 1v)
PO-IS-OM-003-0041 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0042 (f.1r e 1v, 2r e 2v)
PO-IS-OM-003-0043 (f.1r e 1v)
PO-IS-OM-003-0044 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0045 (f.1r e 1v)
PO-IS-OM-003-0046 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0047 (f.1r e 1v)
PO-IS-OM-003-0049 (f.1r e 1v)
PO-IS-OM-003-0050 (f.1r e 1v)
PO-IS-OM-003-0052 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0053 (f.1r e 1v)
PO-IS-OM-003-0054 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0055 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0056 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0057 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0059 (f.1r e 1v)
PO-IS-OM-003-0060 (f.1r e 1v)
PO-IS-OM-003-0061 (f.1r)
PO-IS-OM-003-0062 (f.1r e 1v)

Excetuando-se os documentos 001:0001/f.1r e v; 001:0002/f.1r e v; 001:0007/f.1r e 001:0009/f.1r; e 001:0016/f.1r e v, todos os outros são textos de versão única; são anotações, rascunhos, borrões passados a limpo e textos definitivos de poesia, um texto em prosa e uma carta. Essa carta, cuja notação é PO-IS-OM-003-0055/f.1r, foi acondicionada, provavelmente por engano, na pasta 003 e somente depois de feita a transcrição e analisado

o conteúdo é que se pôde perceber o erro. No entanto, ela não foi excluída deste *corpus*, sendo, porém, apenas editada semidiplomaticamente e tendo seu vocabulário incluído no levantamento vocabular dos textos sallesianos. O mesmo ocorreu com o documento 001:0002/f.1r e v, que apresenta um texto em prosa.

É bom ressaltar que quase todos os documentos com que se trabalhou, são, como denomina Fagundes Duarte, “textos adiados”¹³³, cheios de incorreções e falhas, hesitações de toda ordem.

Excetuando-se quatro, os demais são textos de manuscrito único, o que limitou a possibilidade do trabalho de gênese a apenas três poemas e um texto em prosa, limitando-se ainda, dentro disso, a apenas dois testemunhos de cada um deles, sem que se pudesse ter a certeza da vontade última do autor, embora alguns deles pudessem apresentar diversas características de textos em estado terminal, mesmo que trazendo algumas emendas autorais.

O texto em prosa mencionado acima encontra-se acondicionado na pasta 001 e somente após a transcrição e as análises iniciais foi possível perceber que o manuscrito não tratava de poesia. Como, a princípio, se iria trabalhar apenas com textos poéticos, pensou-se em descartar esse documento, porém terminou-se optando por mantê-lo como componente deste *corpus*, pois, além de não ter sido analisado em nenhum dos trabalhos anteriores, continha características que o aproximavam dos demais, a saber: é, como outros documentos da pasta 001, um rascunho, e o conteúdo do verso do fôlio apresenta-se como um esboço do texto desenvolvido no recto, semelhante ao que ocorre nos três poemas que possuem dois testemunhos, como se citou anteriormente.

Após a delimitação inicial do *corpus*, foi necessário definir se os documentos permitiam fazer deles uma edição semidiplomática, não perdendo de vista uma das máximas da Crítica Textual, de que nenhuma edição, por mais acurada que seja, é definitiva. E, como lembra Fagundes Duarte, é necessário que se tenha “o máximo de cuidado sempre que se trate de apresentar, como editáveis e dirigidos a um público vasto, autógrafos de textos que os autores decidiram manter no recato das respectivas gavetas.”¹³⁴

¹³³ DUARTE, Luis Fagundes. Prática de edição: onde está o autor?. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES, 4, 1995, São Paulo, *Anais...* São Paulo: APML/ANNABLUME, 1995, p. 14.

¹³⁴ *Id. ibid.*, p. 45.

A segunda etapa do trabalho, o cotejo das transcrições e das descrições, foi feita com base nas transcrições realizadas anteriormente por bolsistas de graduação, participantes do projeto *A edição crítica da obra de Arthur de Salles*. Apesar de o trabalho ter sido feito com apuro e cuidado, foram constatadas muitas divergências entre os manuscritos e as transcrições, as quais foram dirimidas com uma nova leitura dos originais.

As descrições, por sua vez, também foram complementadas e aprimoradas, num terceiro momento, para que fossem o mais fiéis possível, dando ao leitor a oportunidade, ao menos parcial, de visualização dos documentos.

A quarta etapa do trabalho, a edição semidiplomática dos manuscritos, constituiu-se como uma complementação da segunda, na qual foram utilizados os critérios para edição semidiplomática preconizados pelo Grupo de Edição Crítica de Textos do Instituto de Letras da UFBA, oferecendo ao leitor, além da transcrição dos textos, os movimentos de correção executados pelo poeta, no seu trabalho de elaboração poética.

A quinta etapa, que deveria dar conta do aparato genético dos manuscritos pesquisados, teve, como já foi dito, por força das circunstâncias, de ficar restrita a apenas quatro documentos já referidos, já que eram os únicos a possuir mais de um testemunho, e, a partir de uma análise mais acurada de todos, pôde-se verificar o coincidente engano havido, em todos os casos, no momento do tombamento, no qual os documentos foram colocados em ordem inversa àquela que seria a cronológica, sendo considerado como verso o que teria sido escrito por primeiro, e como recto o que teria sido a etapa seguinte.

Não obstante, se teve a oportunidade de mostrar um pouco do *modus scribendi* do autor, provando que Arthur de Salles executava seu labor poético fazendo muito mais uso de técnica do que de inspiração.

A sexta etapa, constituída da análise da *scripta* do autor, foi desenvolvida de diversas maneiras, fazendo uso variado dos mesmos documentos. Desta forma, fez-se um levantamento vocabular dos documentos trabalhados, no intuito de verificar em que medida as escolas literárias da época influenciaram o poeta, além de mostrar a impressionante erudição do poeta. Fez-se ainda uma análise da estrutura e da métrica de alguns documentos, tentando mostrar, por exemplo, as intenções do autor de construir, em pleno século XX, um poema com características e vocabulário medievais. Estas últimas etapas encontram-se exposta no primeiro volume deste trabalho.

4.5 DESCRIÇÕES E TRANSCRIÇÕES

4.5.1 PO-IS-OM-001-0001¹³⁵

Manuscrito autógrafo, em papel almaço, amarelado, medindo 219mm X 323mm. Um fólio, escrito no recto e no verso. A mancha escrita do recto, com 30 linhas, em tinta preta, mede 210mm X 280mm. A escrita é pousada, tendendo a alinhar-se para direita. Trata-se, provavelmente, de um poema, borrão passado a limpo pelo próprio poeta, e traz o título no ângulo superior central: *A viagem noturna do poeta*. O fólio apresenta manchas d'água na lateral esquerda e marcas provocadas pela ação do fogo em todas as bordas. O manuscrito apresenta trechos riscados pelo poeta às linhas 20 e 25 do recto. A mancha escrita do verso, com 11 linhas, mede 130mm X 175mm. As três primeiras linhas são um esboço dos dois versos finais do poema contido no recto e vêm em tinta preta, as demais vêm em azul. O verso é um rascunho e apresenta uma escrita rápida e descuidada, trazendo riscos e uma série de pontos na lateral esquerda, além de manchas d'água na lateral direita e na borda inferior, decorrentes da *scripta* do recto. No meio da primeira linha, na palavra *que*, a pena de aço feriu o papel, que se encontra corroído pela tinta, e entre as linhas 3 e 4 um pingo de tinta corroe o papel, provocando um furo. O manuscrito apresenta, no verso, trechos riscados pelo poeta às linhas 2, 4, 7 e 8.

¹³⁵ Desdobramento da sigla: PO (poesia); IS (isolada); OM (original manuscrito); 00X (número da pasta); 000X (número de tombo do documento).

A viagem noturna do
poeta

5 Quanta vez andiei inquieto e atormentado
Por tua grande paz. E quantas debruçado
Sobre o torvo golphão das miserias humanas
Abri como de um barco ao léo de ondas insanas
Meus braços para ti supplicantes e afflictos.
Ah! Plantar na adustão dos teus ermos benditos
10 Minha tenda em rasgões de nomade tristonho!
E com a linha da scisma e uns pedaços de Sonho
Remendar este manto esfarpado da vida!(.)

.....
15 Minha sede febril de tua agua escondida
Nos profundos grotões, onde as horas silentes
Vão buscal-a, passando em theorias dormentes
Sem a gracas bravia can das tab(a)róàs
Quando passam florindo o caminho de loàs
Tinha a fome febril do teu pão amassado
Pelas mãos do Silencio. O teu pão levedado
20 Com a cinza da <Renuncia>...

E fui. Bebi tua agua
E esta alma fez-se um ninho em vez de accesa fragua-
Outra visão mais clara e mais bella da terra.
Comi teu pão. Lavei as feridas da guerra
25 <Que a vida (†) abriu em mim vencedor e vencido>
Dos teus dias-anciãos que foram peregrinos
Aprendi a licção de altos dogrmas divinos.
E para decifrar lettras de estranhos verbos
Fui conversar os teus crepusculos acertos.
30 Vim buscar essa luz que matei excelsa e forte
O tédio hostil da vida e o fascinio da morte

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	20	Com a cinza da <Renuncia>...
	25	<Que a vida (†) abriu em mim vencedor e vencido>

0001/f.1v

Vim te buscar essa luz *que* brava, excelsa e forte
O tédio <ainda>
O tédio hostil da vida e o fascínio da morte

<Que> alçai haver.

5 Tuas noutes dantescas!.....

. Que é um modo de então voltares

<lembrei a (†) que> –

E como <dodas> o primeiro que houve

OBSERVAÇÕES

rasura

sinal e série de pontos

sinais e série de pontos

sinais e série de pontos

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	2	O tédio <ainda>
	4	<Que> alçai haver.
	7	<lembrei a (†) que> –
	8	E como <dodas> o primeiro que houve

4.5 2 PO-IS-OM-001-0002

Manuscrito autógrafo, em papel almaço, amarelado, medindo 218mm X 330mm. Um fólio, escrito no recto e no verso. A mancha escrita do recto, com 23 linhas, em tinta preta, mede 210mm X 245mm. Trata-se de um borrão passado a limpo, com diversas emendas realizadas em uma campanha posterior. Nas três primeiras linhas a escrita é pousada, as onze linhas seguintes apresentam a escrita em grande desordem, com várias supressões e acréscimos nas entrelinhas, apresentando ainda dois desenhos, sendo o primeiro deles uma flor e o segundo, sobrepondo um pouco o primeiro, é semelhante a uma pirâmide deitada. As nove linhas seguintes trazem um traçado mais fino e uma tinta mais fraca, o texto apresenta-se na disposição de um diálogo. A última linha parece ter sido escrita com a mesma tinta e a mesma pena da segunda parte da *scripta*. O fólio traz um título, sublinhado, no ângulo superior central: O clamor da terra. O manuscrito apresenta no recto emendas feitas pelo poeta às linhas 5, 6, 7 10, 11, 18 e 20, e traz, ainda, manchas d'água na lateral esquerda e na borda inferior e marcas provocadas pelo fogo nas bordas superior e inferior, ambas à direita. O verso do fólio traz um rascunho que apresenta 3 linhas na mancha escrita, que mede 170mm X 25mm. A escrita vem em tinta preta. À última linha, encontram-se 5 palavras riscadas, uma delas, ainda, manchada pelo excesso de tinta. O verso do fólio apresenta manchas causadas pela umidade e pela ação do fogo, aparecendo ainda a sombra da escrita do recto. A *scripta* do verso é um fragmento do texto contido no recto.

O clamor da terra

OBSERVAÇÕES
tinta azul e pena grossa

Ella clamava assim dentro da grande noute negra
Sob o olhar das estrelas mudas e espectantes
Para o ceo cheio da febre secular do seu clamor.

- 5 A sua voz <suprema> [↑Tudo callou a sua voz] de yapurú ferido:
Furnas e socavoes <grotas>, [↑<valles>] [↓valla e], terras e <plainos>
As grandes mattas, [↑remotas,:] as terras e as planuras.
Fez-se fundo queixume o bramido da cachoeira
O uivo das onças ficou trancado na bocarra dos fojos:
- 10 <Como que> [↑Fez-se fundo grande bramido] se fez queixa <o tròð> das cachoeiras.....
<<E>/C\omo que> as <aguas> rios estacaram attentas e surpresas.
Os rios sobrestearam o rodamoinho das aguas
E ella fallou assim.
- Ó Bella e fecunda luminosa redentora –
- 15 – Eia João Mulungú..
– Eia Manel Juruna –
– Homem você sumiu, que foi isso?..
[↑Em covou que misterio –] Rabo de saia, João Mulungú?..
Não vê, Manel Juruna –
- 20 – Você sumiu e depois tambem sumiu <J>/Z\anoca
Mulata desenfreada
Rabo de saia, Joao Mulungu –
- Os rio surpresos, attentos.

tinta preta e pena mais fina
e com ponto e til

tinta borrou no ponto de cima

desenho de uma flor e uma
pirâmide invertida
Ó com tinta mais clara; fragmento
escrito com tinta mais clara e
pena mais fina

emenda sobreposta

mesma tinta e mesma pena da
segunda parte

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	5	A sua voz <suprema> [↑Tudo callou a sua voz] de yapurú ferido:
	6	Furnas e socavoes <grotas>, [↑<valles>] [↓valla e], terras e <plainos>
	10	<Como que> [↑Fez-se fundo grande bramido] se fez queixa <o tròð> das cachoeiras.....
sub. ent. inf.	6	Furnas e socavoes <grotas>, [↑<valles>] [↓valla e], terras e <plainos>
supr.	6	Furnas e socavoes <grotas>, [↑<valles>] [↓valla e], terras e <plainos>
	10	<Como que> [↑Fez-se fundo grande bramido] se fez queixa <o tròð> das cachoeiras.....
	11	<<E>/C\omo que> as <aguas> rios estacaram attentas e surpresas.
	11	<<E>/C\omo que> as <aguas> rios estacaram attentas e surpresas.
acr. ent. sup.	7	As grandes mattas, [↑remotas,:] as terras e as planuras.
	18	[↑Em covou que misterio –] Rabo de saia, João Mulungú?..
sobr.	11	<<E>/C\omo que> as <aguas> rios estacaram attentas e surpresas.
	20	– Você sumiu e depois tambem sumiu <J>/Z\anoca

0002/f.1v

Ella fallou assim

Dentro de grande noute negra

<Sob o <o>/O\lhar das estrelas> mudas e espectadas

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	3	<Sob o <o>/O\lhar das estrelas> mudas e espectadas
sobr.	3	<Sob o <o>/O\lhar das estrelas> mudas e espectadas

4.5.3 PO-IS-OM-001-0005

Manuscrito com quatro fólhos, todos autógrafos, em papel de caderneta pautado, amarelado, medindo 160mm X 155mm. Os fólhos estavam reunidos em uma encadernação costurada, como nos provam os furos na margem interna. Todos os fólhos vêm escritos no recto e no verso, com tinta preta, e apresentam aparentemente o mesmo estado de conservação. Em todos, a escrita é pousada e de leitura relativamente fácil, e todas as linhas iniciam-se com letras maiúsculas, deixando claras as características de borrões passados a limpo.

A mancha escrita do fólho 1 recto, medindo 95mm X 145mm, traz 22 linhas. Na primeira linha, tem-se o título – *Hymeneo* –, acompanhado da assinatura do poeta. Logo abaixo, encontram-se 5 linhas recuadas à direita, escritas em letra miúda, à guisa de epígrafe, com indicação de autoria na quinta linha: *Tobias Barreto*. Logo abaixo, têm-se, ainda seguindo a mesma margem recuada, duas linhas acrescidas posteriormente, em letra mais descuidada e tinta mais clara. Na nona linha, há um poema em duas estrofes de seis versos cada uma, separadas por três sinais em forma de X. A pena de aço utilizada pelo poeta feriu o papel nas linhas 10 (*Dor*), 13 (*Templo* e *Creanças*) e 20 (*nossa*). O fólho apresenta ainda alguns rasgos provocados pela pena na escrita do verso, como se vê às linhas 2, 6, 9 e 16. À linha 17, há um trecho riscado – *Pallidos tremulos febris*. À linha 11, há uma palavra acrescentada posteriormente, com a mesma tinta das linhas 7 e 8, o mesmo ocorre à linha 17 e também à 22, na qual se encontram duas palavras acrescentadas posteriormente – *labios trementes*. O papel da borda inferior direita encontra-se desgastado pela ação de insetos, que, todavia, não chegaram a perfurá-lo, no mesmo local vêm-se também fortes manchas de umidade. A mancha escrita do verso, com 20 linhas, mede 100mm X 133mm. O verso do fólho apresenta três estrofes de 6 versos e entre cada uma encontram-se três sinais de adição (+ + +). À primeira linha do verso, encontra-se uma frase acrescentada posteriormente – *As nossas eram bruma e almas*. Na linha 6, a tinta corroe o papel, ferido pela pena de aço, atingindo as primeiras letras da palavra *Sensações*, o mesmo ocorreu na linha 10, na palavra *bebamos*, na linha 13, atingindo duas palavras, *beijo* e *Luz* e, na linha 19, há um pequeno furo proveniente da escrita do recto. O fólho apresenta ainda

manchas de umidade e as sombras da escrita do recto. A mancha escrita do verso apresenta trechos emendados pelo poeta às linhas 1, 2, 3

O fólio 2 apresenta no recto, na margem superior, acima das linhas do papel, o início de uma assinatura do poeta, bastante irregular, e logo após, na linha seguinte, aparecem três sinais de adição (+ + +), que iniciam e intercalam as estrofes seguintes também. A mancha escrita, medindo 100mm X 138mm, traz um poema em três estrofes de seis versos cada uma. O papel apresenta manchas provocadas pela umidade na borda inferior direita, que também se encontra rasgada, apresentando uma pequena marca de dobradura. Ao longo de todo o recto do fólio aparece a sombra da mancha escrita do verso. O manuscrito não apresenta palavras riscadas e apenas uma, sobreposta, à linha 18. A tinta encontra-se borrada às linhas 3, 10 e 11. À última linha do recto traz uma data – *Bahia Março de 98* – acompanhada da rubrica do poeta. A mancha escrita do verso, medindo 92mm X 147mm, traz o título na segunda linha da página, centralizado – *Esquecimento* –, e um poema, também em três sextetos, sendo que o terceiro e o sexto verso de cada estrofe vêm recuados à direita. A sombra da mancha escrita do recto aparece por todo o verso do fólio. O poema não apresenta trechos riscados, tratando-se claramente de um texto passado a limpo.

O fólio 3¹³⁶, apresenta, na mancha escrita do recto, que mede 95mm X 130mm, 22 linhas. Não traz título e não apresenta rasuras, a não ser na linha 13, onde aparece uma leve mancha de tinta. À margem inferior direita, vê-se uma marca de dobradura, onde o papel aparece mais escurecido. Ainda na margem direita, há uma pequena falha no papel, que se encontra rasgado, sem prejudicar, no entanto, a leitura. O verso do fólio, que traz a continuação do texto contido no recto, apresenta 20 linhas, na mancha escrita, que mede 98mm X 135mm. A escrita também não apresenta nenhuma rasura, e a marca de dobradura, bastante visível no recto, é quase imperceptível no verso.

O fólio 4 traz na mancha escrita do recto, que mede 95mm X 132mm, 17 linhas. Trata-se de três poemas, passados a limpo: dois versos seguidos de uma data – *Passé Outubro 98* –; um título – *Diz-me* – seguido de dois quartetos; outro título – *Duas Scenas* –

¹³⁶ Este fólio foi trabalhado por Rosa Carvalho na sua dissertação de mestrado, portanto, não fez parte do *corpus* da nossa pesquisa. Cf. CARVALHO, Rosa Borges Santos. *Poemas do Mar" de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA, 1995. 226f+anexos. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia.

seguido de um quarteto. O fólio traz apenas duas emendas, à linha 8, na palavra *Canções*, e à linha 1, na palavra *espaço* e apresenta um pequeno furo provocado pela corrosão da tinta, além de algumas manchas de umidade nos ângulos inferior e central. A mancha escrita do verso, que mede 100mm X 129mm, apresenta também 17 linhas. Na primeira metade do fólio há 10 versos divididos em um quarteto e dois tercetos, seguidos de uma data – *Bahia Dezembro 98*. A metade inferior do fólio traz um título – *Gratidão* –, seguido de uma dedicatória e uma estrofe de quatro versos. O fólio apresenta uma única emenda à linha 6. O papel possui algumas manchas ao centro e à margem esquerda inferior, provocadas pela umidade. Um pingo de tinta provocou uma mancha no papel entre as linhas 13 e 14.

		OBSERVAÇÕES
	Hymeneo. <i>Arthur de Salles</i>	assinatura
	E Deos que nos visse na campã dormindo Vedava que as auras nos fossem bolir. E aos anjos inquietos dissera sorrindo:	
5	São noivos ainda deixai-os dormir Tobias Barreto. <i>Isto é amor e deste se vive</i> <i>Isto é amor e deste amor se [↑morre]</i>	escrito posteriormente com outra caneta
	A Vida é um sonho roseos dourados	
10	O Mundo abysmo de Treva e Dor Façamos preces. façamos votos [→/a luz do] De puro affecto de immenso ardor No <i>templo</i> augusto de nossas Crenças Diante a imagem do Santo Amor	com a mesma caneta das l. 7 e 8 rasura
15	X X X Depois risonhos ajoelhados <Pallidos tremulos febris> arfantes [→/ <bellos>] Cantemos hymnos canções idyllios Puros ardentes e delirantes	com outra caneta
20	E bendigamos a <i>nossa</i> Vida Por entre beijos febricitantes <i>labios trementes</i>	a tinta corroeou o papel escrito posteriormente, com pena mais fina, a mesma das linhas 7 e 8

TIPO DE EMENDA	LINHA	
acr. ent. sup.	8	Isto é amor e deste amor se [↑morre]
acr. marg. dir.	11	Façamos preces. façamos votos [→/a luz do]
	16	<Pallidos tremulos febris> arfantes [→/ <bellos>]
supr.	16	<Pallidos tremulos febris> arfantes [→/ <bellos>]
	16	<Pallidos tremulos febris> arfantes [→/ <bellos>]

0005/f.1v

	Divinesemos as nossas Almas [[↑] <i>As nossas eram bruma e almas</i>]	OBSERVAÇÕES escrito posteriormente com pena mais fina
	No effluvio rubro das Emoções	
	<Santifiquemos as nossas Crenças>	
	<Na> pyra ardente dos Corações	
5	E atiremos-nos vertiginosos	
	No mar fervente das Sensações.	rasura
	+++	
	A terra bebe nas horas mortas	
	O doce orvalho dos Ceos Azues	
10	Assim <i>bebamos</i> na mesma taça	rasura
	Da Vida o vinho que nos seduz	
	E embriaguemos-nos sedentos soffregos	
	Num <i>beijo</i> mixto de Amor e <i>Luz</i> .	rasura; idem
	+++	
15	O mar se atira de encontro as rochas	
	Na furia immensa dos vendavaes	
	Despedacemos os nossos peitos	
	Entre suspiros gemidos, ais	
	E nossas mentes esbrazeadas	
	Sonhem Venturas celestiaes.	

TIPO DE EMENDA	LINHA	
acr. marg. sup.	1	Divinesemos as nossas Almas [[↑] <i>As nossas eram bruma e almas</i>]
supr.	3	< <i>Santifiquemos as nossas Crenças</i> >
	4	< <i>Na</i> > pyra ardente dos Corações

0005/f.2r

OBSERVAÇÕES

início de assinatura de Arthur

- A-
- + + +
- Então rompamos estas co(rtinas)
Então rasguemos os finos veos
- 5 Do aureo Templo dos nossos Sonhos
Flores e fitas são seus tropheos
Em quanto os astros por sobre as naves
Alaga[↓m] os ambitos de luz dos Ceos
- + + +
- 10 Que importa (a) Vida se a Vida é sonho
Que im(porta) o Mundo se elle é abysmo
Que importa raios trovões coriscos
Se não existe: Scepticismo.
A nós Venturas a nós Delicias.
- 15 Sonhos eivados de mysticismo
- + + +
- Que importa Prantos se aqui ha Risos
Que importa <†>/Trevas se há Solari\dade
Que importa a tumba? Se a tumba vamos
- 20 Nos resurgimos na immensidade
E nossas Almas quebrando as Cousas
Vogam nos mares da Eternidade.
Bahia Março de 98 S

rubrica de Salles

TIPO DE EMENDA	LINHA	
acr. ent. inf.	8	Alaga[↓m] os ambitos de luz dos Ceos
sobr.	17	Que importa <†>/Trevas se há Solari\dade

Esquecimento

5 Amei uma mulher na minha infancia
No tempo mais risonho da existencia
Na quadra mais feliz.
Na infancia a doce quadra da innocencia
Cheia de encantos puros, de bellezas
E *risos* infantis.

rasura do recto

10 Foi nos tempos ditosos e fagueiros
Quando a vida me corria alegre e pura
Em placido verão
Pois bem: foi nestes tempos tão saudosos
Na aurora da existencia, inda innocente
Que amei esta mulher.

15 Era bella como o rio das alvoradas
Risonha como a rosa seductora.
De orvalho nacarada
Seos olhos eram lumes scintillantes
Sua falla era um thrino mavioso
De rolla enamorada

0005/f.4r

OBSERVAÇÕES

Nascia Venus formosa
Surjia Diana bella.
Passé Outubro 98.

Diz-me.

5 Diz-me donzella já te esquecestes
Daquellas noutes calmas serenas
Que nossas almas cantavam juntas
<Q>/C\anções ardentes canções serenas

10 Daqueles beijos febris ardentes
Do arfar constante do nosso peito
Tendo por luzes a luz dos astros
E a verde relva por brando leito.?!....

Duas scenas.

Já vinha a branca aurora vespertina
15 Enchendo o espa<†>/c\o azul de luz brilhante
O sol já se mostrava radiante
Do Oriente na porta purpurina

TIPO DE EMENDA	LINHA	
sobr.	8	<Q>/C\anções ardentes canções serenas
	15	Enchendo o espa<†>/c\o azul de luz brilhante

As flores despertavam na campina
 Aos impulsos da luz febricitante
 Nas palmas do coqueiro verdejante
 Cantava o sabiá canção divina

- 5 As brisas sussurravam nas palmeiras
 <†>/As flores\ espargiam prazeiteiras
 Um perfume subtil que embriagava

- Voava o colibri beijando a rosa
 E outra scena, meo Deos, tambem formosa
 10 Maria que num rio se banhava.
 Bahia Dezembro 98.

Gratidão
 No allem de D. Amalia Costa.

- 15 Não tenho o estro ardente e forte
 Não tenho o brilho da inspiração
 Para dizer-vos em phrazes douro
 O sentimento da gratidão.

TIPO DE EMENDA	LINHA	
sobr.	6	<†>/As flores\ espargiam prazeiteiras

4.5.4 PO-IS-OM-001-0007

Manuscrito apógrafo, escrito apenas no recto, com emendas autógrafas, em papel de carta, amarelado, medindo 200mm X 267mm. A mancha escrita, medindo 167mm X 236mm, apresenta 20 linhas escritas em tinta preta, desbotada pela ação do tempo. Trata-se de um texto definitivo que apresenta poema em três sextetos, que traz o título na parte superior central – Rimas várias, sublinhado, em substituição ao título que havia anteriormente: *Catalectos*, que se encontra riscado, logo abaixo, recuado à direita lê-se Restos de uma novella perdida, sublinhado. O papel possui marcas de dobradura no centro e na lateral inferior esquerda, indo da linha 10 à linha 21, e na margem direita, que se estende da linha 5 a 14. O fólio traz ainda manchas de umidade e mofo, no ângulo superior direito, que foram responsáveis por alguns rasgões no papel. À borda inferior encontram-se também manchas de umidade, rasgos e marcas de dobradura. A metade inferior do fólio apresenta marcas da escrita de um outro fólio sobreposto a este. O manuscrito apresenta trechos emendados pelo poeta, em tinta mais forte, às linhas 1, 6, 9, 11, 12, 16 e 18. Há, em letra posterior a do manuscrito, no ângulo superior esquerdo, em algarismo arábico, o ordinal 1º.

1º <Catalectos> [↑Rimas varias]

letra do poeta

Restos de uma novella perdida..

- Por vós ey tido e ey provado
 Por vos amar tanta provança.....
 5 Nunca de vós não ouve grado,
 Nem ouve ben minha esperança[.]
 Ay minha gran desventura....
 Coita de amor que sempre dura!

- <Por vós> <d>/D\esnembra <a desrazão> [↑toda] [→cuidação]
 10 O coração que tudo nembra.
 Por vós[,] que avedes dado em sembra
 Males sem co<i>/n\t<a>/o\ ao coração....
 Ay minha gran desventura
 Coita de amor que sempre dura!

- 15 Não val meu pranto, ca sei ben
 Que nem de vós ser<a>/ey\ nembrado- [→serey]
 Voy-me per hy com meu cuidado
 Sen attender <†>/p\er nulla ren.
 Ay minha gran desventura...
 20 Coita de amor que sempre dura!

tinta mais clara

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	1	<Catalectos> [↑ <u>Rimas varias</u>]
	9	<Por vós> <d>/D\esnembra <a desrazão> [↑toda] [→cuidação]
acr. pont. isol.	6	Nem ouve ben minha esperança[.]
	11	Por vós[,] que avedes dado em sembra
supr.	9	<Por vós> <d>/D\esnembra <a desrazão> [↑toda] [→cuidação]
sobr.	9	<Por vós> <d>/D\esnembra <a desrazão> [↑toda] [→cuidação]
	12	Males sem co<i>/n\t<a>/o\ ao coração....
	12	Males sem co<i>/n\t<a>/o\ ao coração....
	16	Que nem de vós <u>ser<a>/ey\</u> nembrado- [→serey]
	18	Sen attender <†>/p\er nulla ren.
acr. marg. dir.	9	<Por vós> <d>/D\esnembra <a desrazão> [↑toda] [→cuidação]
	16	Que nem de vós <u>ser<a>/ey\</u> nembrado- [→serey]

4.5.5 PO-IS-OM-001-0009

Manuscrito autógrafo, de um fólio escrito no recto e no verso, em papel almaço, amarelado, medindo 222mm X 315mm. A mancha escrita, que ao longo do fólio vem recuando para a direita, mede 136mm X 205mm. Aparentemente parece tratar-se de um texto definitivo de um poema em três estrofes de seis versos cada, seguido, o último, de um sinal de adição (+). Na margem superior central traz o título Catalectos, sublinhado e emendado na letra *t*. A escrita é limpa e pousada, e não apresenta trechos riscados. O recto do fólio apresenta manchas de umidade e de mofo à margem direita. Todas as bordas do papel encontram-se rasgadas e com marcas de dobraduras. Na parte inferior direita do fólio, fora da mancha escrita, vê-se um pingo de tinta. Ao longo de toda a mancha escrita do recto é possível ver a sombra da escrita do verso, que apresenta uma escrita mais ligeira e menos cuidada. A mancha escrita do verso, medindo 120mm X 144mm, apresenta quatro estrofes de seis versos cada, e, à margem superior direita, encontra-se uma data, lançada com a página de cabeça para baixo – 2 de Junho 922, onde a tinta manchou um pouco. O poema, um borrão passado a limpo, apesar de não apresentar título, traz apenas uma emenda, à linha 11. A tinta manchou um pouco o papel nas linhas 5, na palavra *solidão*, na 6, em *frei*, na 15, em *Das trevas*, na 16, em *vão-me*, na 21, em *rimar* e na 24 em *cardas*.

Catalec<†>/\os

- Por vós ey tido e ey provado
 Por vos amar tanta provança....
 Nunca de vos não ouve grado
 5 Nem ouve bem minha esperança...
 Ay minha gran desventura...
 Coita de amor que sempre dura
- De vós deslembra a sem razão
 O coração que tudo alembra,
 10 De vós que havedes dado em sembra
 Males sem conto ao coração.
 Ay minha gran desventura
 (C)oita de amor que sempre dura.
- Non val meu pranto ca sei ben
 15 Que non de vós será nembrado
 Voy-me por hy em meu cuydado
 Sen attender por nulla ren
 Ay minha gran desventura
 Coita de amor que sempre dura.
 20 +

TIPO DE EMENDA	LINHA	
sobr.	1	<u>Catalec<†>/\os</u>

7 de Junho 922

OBSERVAÇÕES

escrita ao inverso, L.1, ang. sup. dir.

- A noute vae alongada
 Pela immensa escuridão
 E eu leio, enchendo o silencio
- 5 Desta minha sol(id)ão
 Na cella do (f)re(i) poeta
 Sextilhas de Frei Antão.
- Lá fora de quando em quando
 Corre um ligeiro brilhar:
- 10 Luz de lampyrrio que passa,
 C<o>omo se estrella, ao voar,
 Deixara no largo voo
 Rastilhos de ouro no ar.
- Depois no ceo e na terra
- 15 Da(s tre)v(as) a densidão
 E eu leio. E vã(o-)me estes versos
 No mesmo diapazão
 Á luz da lampa fumosa
 De morrediço clarão.
- 20 Vão-me as sextilhas sahindo
 Mas, ai de mim! que o rim(ar)
 Não tem a diva doçura
 Nem o celso cantar
 Que dimanavam das c(ord)as
- 25 Daquella lyra sem par.

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	11	C<o>omo se estrella, ao voar,

4.5.6 PO-IS-OM-001-0010

Manuscrito autógrafo, em papel de carta, amarelado, medindo 222mm X 222mm. O manuscrito consta de um fólio, escrito apenas no recto. A mancha escrita, com 23 linhas, em tinta preta, mede 170mm X 220mm. A escrita é muito ligeira e descuidada, deixando claras as características de um rascunho. O ângulo superior esquerdo do fólio traz marcas de corte feito por tesoura que vão do início do fólio até a linha 12, e uma dobradura que vai da linha 12 até a 20. A margem interna apresenta ainda marcas de umidade, também presentes na parte inferior da margem externa. O fólio traz no ângulo superior duas assinaturas do poeta, e não apresenta título. O manuscrito apresenta trechos riscados ao longo de quase todo o fólio: linhas 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 18, 19, 20, 22 e 23. À linha 2, encontra-se uma palavra sotoposta: *E infamia* e, à linha 9, uma letra sobreposta, duas palavras acrescentadas na entrelinha superior – *no mar* –, e uma na entrelinha inferior – *medonho*. O manuscrito apresenta ainda vários sinais aleatórios, riscados.

0010/f.1r

Arthur de Salles Arthur de Salles

Trata do coração fertil da dura <†>. [↓E infamia]
 <O outono se criou>
 <O outono é primavera>
 5 <Vós o fizestes a te>
 <Repousa a alma e o coração>
 Te
 Tocam-se os fusthas afundam-se os mares
 /B\oiando <†>[↑no mar.] implacável [↓medonho]
 10 <Albatrozes!>
 <Esse mult(†)> albatroz luminoso do sono
 <Morto o>:.
 Morto o grande albatroz luminoso do Sonho

OBSERVAÇÕES
 assinaturas

série de sinais arbitrários riscados

<E vos trouxestes aqui para>.

15 <Basta. O condo longo es>
 Basta. O condo longo. espairento. E Passa.
 (E)ste clarão de s(o)l rejuvence a vid(a).
 <E a urna (†)>
 <Por milagre>.

20 <Ha nas sombras>
 Por milagre singlará uma estrada florida
 <Ha primavera na dura>
 <E o velho coração>

sinal arbitrário

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. inf.	2	Trata do coração fertil da dura <†>. [↓E infamia]
supr.	3	<O outono se criou>
	4	<O outono é primavera>
	5	<Vós o fizestes a te>
	6	<Repousa a alma e o coração>
	10	<Albatrozes!>
	11	<Esse mult(†)> albatroz luminoso do sono
	12	<Morto o>:.
	14	<E vos trouxestes aqui para>.
	15	<Basta. O condo longo es>
	18	<E a urna (†)>
	19	<Por milagre>.
	20	<Ha nas sombras>
	22	<Ha primavera na dura>
	23	<E o velho coração>
sobr.	9	/B\oiando <†>[↑no mar.] implacável [↓medonho]
subs. ent. sup.	9	/B\oiando <†>[↑no mar.] implacável [↓medonho]
acr. ent. inf.	9	/B\oiando <†>[↑no mar.] implacável [↓medonho]

4.5.7 PO-IS-OM-001-0012

Manuscrito autógrafo, escrito no recto e no verso, em papel de bloco amarelado. Em ambos os lados o texto que se apresenta é um rascunho. Não traz título e mede 140mm X 200mm. Traz marcas de dobras tanto no sentido vertical como no horizontal. Para a escrita do recto foram utilizados dois tipos de tinta: da linha 1 até a metade da linha 7 a tinta é azul, deste ponto em diante a tinta é preta. O fólio apresenta ainda algumas palavras escritas a lápis: no ângulo inferior esquerdo, lê-se *abandono* e *Rui Barbosa* escritas uma abaixo da outra, na vertical; próximo à margem direita, com a folha de cabeça para baixo, há mais três linhas escritas: *Os Sonhos de Xqpk / La Nouvele Revue / 71*. Sendo assim, o recto do fólio apresenta 15 linhas, sendo 10 na horizontal, 2 na vertical e 3 com o papel invertido. Há emendas feitas pelo poeta às linhas 5, 6, 7, 8 e 10. O recto apresenta ainda uma mancha de tinta na margem direita do papel, que também pode ser vista no verso, que se apresenta escrito com a folha de cabeça para baixo, e, como o papel é bastante fino e poroso, a sombra da escrita do verso é bastante visível no recto, ocorrendo também o inverso. A mancha escrita do verso mede 170mm X 123mm e possui 17 linhas, sendo as 11 primeiras escritas em tinta azul e as demais escritas a lápis. O documento apresenta trechos riscados em quase todas as linhas (2, 3, 4, 5, 7, 13 e 15), mostrando tratar-se, claramente, de um rascunho. E apresenta, ainda, uma emenda feita na entrelinha inferior, à linha 6.

0012/f.1r

		OBSERVAÇÕES
	Pobre Samaritana. um cantaro e a caminho. Parar. Olhar em torno. as arvores sem morte Tudo queimado e morto um centelhas em febre. 5 Nem um pote de água em teu triste casebre. <Todos os cantaros> vasios <No estertor> (†) <Tiveste-os borbulhantes> – Todos os cantaros vasios <.....>/<E tiveste>\	tinta azul
	<Todos eles a borbulhar. E refletos> da tristeza dos teus cantaros vasios.	tinta preta
10	<Sem aqueles sonoros>	tinta preta
	Os Sonhos de Xq□pk La Nouvele Revue 71	a lápis, com o papel invertido
15	abandono Rui Barbosa	a lápis, na vertical

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	5	<Todos os cantaros> vasios <No estertor> (†)
	6	<Tiveste-os borbulhantes> –
	7	Todos os cantaros vasios <.....>/<E tiveste>\
	8	<Todos eles a borbulhar. E refletos>
	10	<Sem aqueles sonoros>
sobr.	7	Todos os cantaros vasios <.....>/<E tiveste>\

- Nas aguas quietas do velho lago
 <Daquela margem para esta margem>
 Boiando <as velas brancas>
 <La vae>
- 5 Vai <fundo> o
 Vae singra a noute nas aguas silenciosas [↓Oipú.]
 <Pesar das estrelas>
 Na pistas irregular das velas esbriça(da)s mancha de tinta
- 10 Pesar vago das vellas
 Furor da riba em sanha.-
 – os saveiros do Defun outra tinta
- desde que mu)ito se tratar escrita lançada ao inverso, a lápis
 <Escriptas>
 Lembrança de mal ao ver escriptas. – Exato
- 15 <Thais (†) voz (†) a cures?>
 A sobra (†). Eu vi
 Varias vezes fazer desde que estou aqui

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	1	<Daquela margem para esta margem>
	2	Boiando <as velas brancas>
	3	<La vae>
	4	Vai <fundo> o
	7	<Pesar das estrelas>
	13	<Escriptas>
	15	<Thais (†) voz (†) a cures?>
acr. ent. inf.	6	Vae singra a noute nas aguas silenciosas [↓Oipú.]

4.5.8 PO-IS-OM-001-0013

Manuscrito de apenas um fólio, escrito no recto e no verso, em papel de bloco pautado, amarelado, medindo 155mm X 225mm. A escrita do recto, em tinta preta, é autógrafa e possui 20 linhas, com a mancha escrita medindo 140mm X 200mm. Traz o título no ângulo superior central – *Para Maria Léda* –, que vem riscado, e na linha 2 *Bella outra de Maria Leda*, sublinhado. Trata-se do rascunho de um poema em três quartetos, seguido de uma assinatura do poeta e mais um quarteto acrescentado posteriormente. O fólio traz marcas provocadas pela ação do fogo na borda inferior esquerda, além de rasgos na borda lateral direita e manchas de tinta azul no ângulo superior esquerdo. Na borda superior esquerda do recto, ao lado da linha 1, aparece o pronome pessoal *Ele*, escrito na transversal, e, logo abaixo, um traço irregular. O manuscrito apresenta trechos riscados às linhas 1, 2 e 17. O verso do fólio apresenta uma escrita apócrifa, lançada em 7 linhas, a lápis, medindo a mancha escrita 140mm X 70mm. A letra é graúda e bem cuidada, bem diferente da do poeta. Trata-se claramente de um exercício de grafia, que traz o título *Erros* e a data – *dia 31-3-43* – escrita por outra mão. Ao longo de todo o verso do fólio, vê-se a sombra da escrita do recto.

0013/f.1r

Ele <Para Maria Lèda>
<Bella outra de Maria Leda>

OBSERVAÇÕES
escrito em diagonal
verso sublinhado
traço irregular

5 Como um sonoro bater das azas
De aves por uma longa alameda
Assim teus risos enchen nossalma
De alma ledice Maria Lèda

10 Graça iniquieta das borboletas
De azas de ouro, de azul e seda.
Assim resplende nas nossas almas
Tua ledice Maria Lèda.

15 E ris e passas, brincas e brilhas.
E a alma da gente se enleia e enreda
Na teias fina dos teus encantos.
Tua ledice Maria Lèda

Arthur de Salles
Brilham teus dias como as <anr> estrelas
Nunca a tristeza sombria e Treda
Velem teus dias tua beleza
20 *Tua ledice Maria Leda –*

assinatura
estrofe escrita posteriormente

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	1	Ele <Para Maria Lèda>
	2	<Bella outra de Maria Leda>
	17	Brilham teus dias como as <anr> estrelas

0013/f.1v

– Erros – *dia 31-3-43*

5 de – repente – há – e
de – repente – há – e
de – repente – há – e
de – repente – há – e
de – repente – há – e
. de – repente – há – e

OBSERVAÇÕES
escrito por outra mão

4.5.9 PO-IS-OM-001-0014

Manuscrito autógrafo, de um fólio, escrito no recto e no verso, em tinta preta, em papel almaço, amarelado, medindo 216mm X 328mm. Não traz título em nenhum dos lados. O recto, um borrão passado a limpo, apresenta 21 linhas, na mancha escrita que mede 135mm X 215mm. O texto vêm disposto na página da seguinte forma: duas estrofes de 9 versos, e uma de quatro versos. Há apenas duas emendas no texto além de um verso riscado na linha 3. Na linha 1 há a inserção da palavra *Naqueles*, no início da frase, e na linha 19 a inserção do termo *o arado*. O recto do fólio traz manchas de umidade por todo o papel e uma pequena marca provocada por fogo na parte superior da margem externa. No centro do fólio recto vê-se uma marca, decorrente do verso, de formato circular, que vai das linhas 13 a 19, ocasionada, provavelmente, pela deposição de um objeto de base circular sobre a folha de papel. O recto do fólio apresenta ainda marcas de tinta preta no ângulo inferior. Além disso, o fólio apresenta pequenos rasgos nas bordas laterais esquerda e direita e no ângulo inferior direito. Ao longo de todo o recto é possível se ver a sombra da escrita do verso, que apresenta na mancha escrita, medindo 195mm X 295mm, 28 linhas escritas de forma bastante irregular e descuidada, denotando evidentemente um rascunho, sendo que as quatro primeiras são ocupadas apenas por assinaturas e rubricas do poeta. A parte superior do fólio traz o esboço de um anagrama com o nome *Dinorah*, que tem apenas as três primeiras linhas escritas, as demais vêm acompanhadas da letra *J* e alguns sinais aleatórios. Após o anagrama, que ocupa das linhas 5 a 11, têm-se 12 linhas escritas, onde se encontram vários riscos e emendas nas entrelinhas. Ao final do fólio há mais 4 linhas lançadas com o papel de cabeça para baixo. No verso do fólio pode-se ver com muita clareza a mancha de formato circular descrita anteriormente. Pode-se ver também a sombra da escrita do recto, na parte superior do fólio. Na parte inferior do fólio encontram-se manchas de tinta.

0014/f.1r**OBSERVAÇÕES**
escrito com tinta mais clara

- [↑*Naqueles*] os tempos mais antigos
Os lavradores eram reis
<Lavravam terra>
Tangiam gado pelos campos
5 Lavravam terras e davam leis
As fihas eram tao formosas
Que não ficavam sem casar
Vinham de longe moços belos
Filhos de reis para as levar
- 10 Cada palacio trinta sallas
Forradas de ouro e pedrarias
Roupas de purpura e de seda
Da cor do ceo, do mar, do dia.
E tanta luz pelas alcovas
- 15 Sallas e tectos sumptuosos
Que parecia que as estrellas
Tinham descido das alturas
Para servir de lampadarios.
- 20 No campo [↑o arado] abrindo sulcos
E a luz do sol, como semente,
Cahindo em chuva dentro delles.
Trigal onde ando flavescente.

TIPO DE EMENDA	LINHA	
acr. ent. sup.	1	[↑ <i>Naqueles</i>] os tempos mais antigos
	19	No campo [↑o arado] abrindo sulcos
supr.	3	<Lavravam terra>

Arthur de Salles
 Arthur de Salles Arthur de Salles
 Arthur de Salles
 Arthur de Salles

OBSERVAÇÕES

assinaturas e rubricas
 na margem superior

- 5 Divina [↑eira] <rosa> do jardins do sonho–
 i <Iluminado os roseiros do versos> Arthur de Salles
 n [↑(†)] (†) das raças, da –
 o J
 r J (sinais)
- 10 a J (sinais)
 h _#↑
 Da <luz que teus olhos>[↑grande do [↓<que>] amor em<fervidas anelos>] magos
 [←horna] <Iluminando> os corações captivos
 [←H] Nasce
- 15 Iluminado ás amplidos nada.
 Na taça as <†>[↑tem] do teus labios <roseos>[↑espalha cor]
 O riacho rubro do prazer sorrir:
 Ro<l>/d\ei <nas ondas dos seios>[↑como num mar sorvedouros]
 Andei <bebbendo como vistes>[↑compridas] como (†)
- 20 <†>/L\(\†) no arduna nos teus braços de ouro.
- Do teu corpo a manhan sonora e queta
- Dos teus callam a noute negra
 Irrompe e brilha serenamente
 Na.
- 25 O mar
- E os seus divinos apasiguamentos
 E suas mãos carregadas de destroços.
- Floco, flutuoso, oscilante,

assinatura na margem direita

3 barras horizontais

escrita lançada, ao inverso, no
 ângulo inferior direito

TIPO DE EMENDA	LINHA	
acr. ent. sup.	5	Divina [<i>↑eira</i>] <rosa> do jardins do sonho–
	7	n [<i>↑(†)</i>] (†) das raças, da –
supr.	5	Divina [<i>↑eira</i>] <rosa> do jardins do sonho–
	6	i <Iluminado os roseiros do versos> Arthur de Salles
	12	Da <luz que teus olhos>[<i>↑grande</i> do [<i>↓<que></i>] amor em<fervidas anelos>] magos
	12	Da <luz que teus olhos>[<i>↑grande</i> do [<i>↓<que></i>] amor em<fervidas anelos>] magos
subs. ent. sup.	12	Da <luz que teus olhos>[<i>↑grande</i> do [<i>↓<que></i>] amor em<fervidas anelos>] magos
	16	Na taça as <†>[<i>↑tem</i>] do teus labios <roseos>[<i>↑espalha cor</i>]
	16	Na taça as <†>[<i>↑tem</i>] do teus labios <roseos>[<i>↑espalha cor</i>]
	18	Ro<l>/d\ei <nas ondas dos seios>[<i>↑como num mar sorvedouros</i>]
	19	Andei <bebbendo como vistes>[<i>↑compridas</i>] como (†)
acr. ent. inf.	12	Da <luz que teus olhos>[<i>↑grande</i> do [<i>↓<que></i>] amor em<fervidas anelos>] magos
subs. marg. esq.	13	[<i>←horna</i>] <Iluminando> os corações captivos
acr. marg. esq.	14	[<i>←H</i>] Nasce
sobr.	18	Ro<l>/d\ei <nas ondas dos seios>[<i>↑como num mar sorvedouros</i>]
	20	<†>/L(†) no arduna nos teus braços de ouro.

4.5.10 PO-IS-OM-001-0015

Manuscrito autógrafo, em papel de carta, amarelado, medindo 210mm X 272mm. O manuscrito consta de um fólio escrito apenas no recto, em tinta preta, com 23 linhas na mancha escrita, que mede 180mm X 225mm. Não traz título, apesar de parecer um borrão passado a limpo, e apresenta emendas às linhas 3, 5, 9 e 21. O fólio traz muitas manchas decorrentes de umidade e de tinta proveniente do contato com outro papel; há ainda pequenos rasgos nos ângulos superior e inferior e na borda inferior do fólio, que apresenta ainda marcas de dobradura nos ângulos superior e inferior direito e inferior esquerdo.

0015/f.1r

OBSERVAÇÕES

- Ah! os ciganos....
 Bandeirantes de não sei que sertões ignorados....
 Que serras <serras> <resplandecentes>[↑esplendecentes] de esmeraldas....
 Que leitos de rios onde rolam pedras raras....
- 5 E o ouro finca <do> nas areias <brancas> e videntes. e claras traço com ponto depois de *videntes*
- La se vão elles,
 Os eternos batedores do globo....
- Ha uma ansia de ineditismo *singulares* *t e n* com traços na lateral
 Nas pupillas negras <das>[↑*dessa*] gente caminheira....
- 10 Um sonho magoad. de céos não vistos....
 Uma esperança fatigada de horizontes...
 Um desejo queimante
 De terras, de aguas, de montanhas, e florestas....
 A sede mentida de estradas.....
- 15 A fome retirante de paisagens
 Tremendo nos gelos polares
 Estorcendo-se nos braseiros do equador...
- La se vão elles
 Os eternos trilhadores do planeta...
- 20 Poeirentes da poeira de todas as estradas...
 D<as> poeir<as> novas
 Levantada pelos curtos vertiginosos
 Pelos picos dominadores.

TIPO DE EMENDA	LINHA	
sup.	3	Que serras <serras> <resplandecentes>[↑esplendecentes] de esmeraldas....
	5	E o ouro finca <do> nas areias <brancas> e videntes. e claras
	5	E o ouro finca <do> nas areias <brancas> e videntes. e claras
	21	D<as> poeir<as> novas
subs. ent. sup.	3	Que serras <serras> <resplandecentes>[↑esplendecentes] de esmeraldas....
	9	Nas pupillas negras <das>[↑ <i>dessa</i>] gente caminheira....

4.5.11 PO-IS-OM-001-0016

Manuscrito autógrafo, em papel almaço, amarelado, medindo 220mm X 321mm. O manuscrito consta de um fólio, escrito no recto e no verso, em tinta preta. Não traz título em nenhum dos lados, parecendo se tratar, em ambos, de rascunho. São dois testemunhos do mesmo poema, sendo que o conteúdo do recto é o desenvolvimento do que havia sido esboçado no verso. O recto do fólio possui 27 linhas na mancha escrita que mede 190mm X 271mm. A escrita, com pena fina, é descuidada, tendendo a alinhar-se para a direita. Traz trechos emendados às linhas 1, 2, 11, 13, 14, 20, 23, 25, 26 e 27. No início das linhas 25 a 27 aparece uma seqüência de letras **f**, formando uma série em linha oblíqua, que continua após o último verso, na horizontal. O fólio traz rasgos em todas as bordas. Nos ângulos superior direito e inferior esquerdo aparecem marcas de dobradura. A mancha escrita do verso, que mede 175mm X 263mm, apresenta-se comprometida pelo rasgo no ângulo superior, acima descrito. Das 23 linhas escritas, 4 delas encontram-se rasuradas no início das frases. A escrita também é bastante descuidada e apresenta trechos emendados às linhas 2, 4, 8, 15, 19, 20, 21 e 23. À linha 19 encontram-se alguns sinais aleatórios, à linha 21 aparece uma marca de tinta contendo impressões digitais e, após o último verso, vê-se uma mancha de tinta. Na borda inferior do verso do fólio o papel apresenta marcas de dobradura de forma bastante irregular. No ângulo inferior direito aparece a sombra da escrita do recto.

- Giram-lhe a vida <bella> e errante
 Uns tons de lenda, <de heroísmo>[↓soffrimento e destinno] e dor.
 Um dia
 Veio bater-lhe à porta estranho cantador.
- 5 Tres dias e tres noutes na porfia...
 Vinha de lá, de lá, duma região distante
 Vencendo, um esterão de centenas de leguas.
 Tres dias e tres noutes na porfia
 Numa luta sem treguas –
- 10 Era ano duns turvos
- Giram-lhe a vida [↑bella] errante
 Traços de lenda e soffrimento e destemor
 <Tons de heroísmo e destemor>
 Um dia <†> de bem distante
- 15 Vencendo um esterão de centenas de leguas
 Bater-lhe á porta um cantador...
 Feio e caçado e poeirento
 Bater-lhe a. porta um cantador
 Que do nome p(†) lhe saia
- 20 <Vinha surgida pela força>[↑††††] [↓nome]
 (D)o tyrameiro fancinaz
- Eis que se encontras.
 Venha atraves de de lentos <†>/leguas\
 De pouso em pouso procurando
- 25 <O> tyrameiro fancinaz.
 Eis <que se encontram nesse dia>
 <E>

traços na parte superior do V

série de "efes"

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	1	Giram-lhe a vida <bella> e errante
	13	<Tons de heroísmo e destemor>
	14	Um dia <†> de bem distante
	25	<O> tyrameiro fancinaz.
	26	Eis <que se encontram nesse dia>
	27	<E>
subs. ent. sup.	2	Uns tons de lenda, <de heroísmo>[↓soffrimento e destinno] e dor.
	20	<Vinha surgida pela força> [↑††††] [↓nome]
acr. ent. sup.	11	Giram-lhe a vida [↑bella] errante
acr. ent. inf.	20	<Vinha surgida pela força> [↑††††] [↓nome]
sobr.	23	Venha atraves de de lentos <†>/leguas\ (D)o tyrameiro fancinaz.

0016/f.1v

OBSERVAÇÕES

- (...) vida bella e erran/te*/
 (...) lenda, e soffrimento e <destemor>
 (...) de estranho destemor:
 </U*/m dia>
- 5 Um dia, vem de bem distante
 /F*/eio, cançado, poeirento
 Bater-lhe à porta um cantador
- Vierá através de <milas> leguas
 De pouso em pouso procurando
 10 O tyrameiro fancinaz...
 Eis que se encontram nesse dia.
 E+
- Vencendo um esterão de centenas de leguas
 Veio bater lhe á porta um estranho cantador.
- 15 <Viera de pouso em pouso> .-
 Feio, cançado, poeirento.
- E tres dias a fio e tres noutes a fio
 Numa luta sem treguas
- Certa vez <na>.
- 20 <C>/C\erta vez na <fazenda> ...
- Certa vez <†> tyranna <alça vôo voa>
- Vida ao leo da tyranna. E a sua aventura
 Por arraiaes e povoados
- <Canta> ás vezes.

papel rasgado
 papel rasgado
 papel rasgado
 papel rasgado
 papel rasgado

série de desenhos

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	1	(...) lenda, e soffrimento e <destemor>
	4	</U*/m dia>
	8	Vierá através de <milas> leguas
	15	<Viera de pouso em pouso> .-
	19	Certa vez <na>.
	20	<C>/C\erta vez na <fazenda> ...
	21	Certa vez <†> tyranna <alça vôo voa>
	21	Certa vez <†> tyranna <alça vôo voa>
	24	<Canta> ás vezes.
sobr.	20	<C>/C\erta vez na <fazenda> ...

4.5.12 PO-IS-OM-001-0017

Manuscrito autógrafo, em papel pautado, amarelado, medindo 220mm X 329mm. O manuscrito consta de um fólio, escrito no recto e no verso. Não traz título. A mancha escrita do recto, um rascunho, traz 31 linhas e mede 200mm X 276mm. A escrita, em tinta preta, inicia-se pousada, mas ao longo do fólio vai se tornando descuidada e inclinando-se para direita. O fólio traz rasgões no ângulo superior e na lateral direita. O recto do fólio apresenta vários trechos emendados pelo poeta: às linhas 8, 9, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 30, 31 e 32. Nas linhas 8, 18 e 19 existem algumas palavras acrescentadas na entrelinha superior: *o idyllio*, na linha 8, *Nesta parte menor do infinito universo*, na linha 18, *dentro do fructo* na linha 19. No ângulo superior direito, o papel encontra-se rasgado, com marcas de dobraduras e manchas escuras provocadas pela umidade. A tinta corroe o papel ferido pela pena de aço na linha 3 – *atormentado*, na linha 4 – *gravado*. No verso do fólio, cuja mancha escrita mede 120mm X 85mm, a escrita apresenta-se em tinta muito fraca, com pena fina e ocupa apenas a metade inferior da folha, onde se podem ver apenas oito linhas escritas, tratando-se claramente de anotações autorais. Ao longo de todo o verso do fólio, pode-se ver a sombra da escrita do recto, em tinta bem mais forte, dificultando bastante a leitura. Nas linhas 5 e 7 os rasgos decorrentes do recto também prejudicam a leitura, impossibilitando a identificação da palavra que se encontra sobre ele.

- O homem do Pentateuco escreveria certo?
 Cheio da solidão queimante do deserto,
 Cheio de fome e de sede, errante e atormentado,
 Não teria Moisés no Genesis gravado
 5 A palavra da cor do caos, frio e infecundo
 Ao envez do verbo ardente e divino e fecundo?..
 Faça-se a luz e a luz foi feita. Ó a Suprema
 Epopéa do amor <é da vida!>[↑o idyllio]. O poema.
 O <primeiro Cantar dos Cantares>.O amor.
 10 Todos os rythmos do Universo rebentando
 Deste Rythmo! E em redor, eternos, gravitando.
 :
 Faça-se a dor e a dor foi [feita. E ella soluça
 . Dentro do caos
 15 Mas não será talvez a dor
 Rest(o)s do caos pairando – girando disperso
 Nesta vida.
 Na imensa f(i)cção. [↑Nesta parte menor do infinito universo]
 Surgem dentr(o) do caos informe e frio [↑dentro do fructo]
 20 (C)omo surgi um <†> dentro da noute enferma
 Caiu um vago clarão dentro de um ceo luzilou
 E <ella> então entrou no caos a voz do verbo divino
 Faca-se a luz! <(†) a voz> (†)
 <†>
 25 Eternidade (da) luz.
 Lus Que fique à rijura iluminando [↓passo]
 Luz interna Que illumina sem cessar
 Os caminhos:
 Pelas sendas do tempo e do espaço [↑caminhos] do poeta
 30 Pelos plainos do tempo <pelos>
 <Ave, ave!...>

rasurado

rasurado

t com um corte e dois traços

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	8	Epopéa do amor <é da vida!> [↑o idyllio]. O poema.
supr.	9	O <primeiro Cantar dos Cantares>.O amor.
	20	Como surgi um <†> dentro da noute enferma
	22	E <ella> então entrou no caos a voz do verbo divino
	23	Faca-se a luz! <(†) a voz> (†)
	24	<†>
	30	Pelos plainos do tempo <pelos>
	31	<Ave, ave!...>
acr. ent. sup.	18	Na imensa ficção. [↑Nesta parte menor do infinito universo]
	19	Surgem dentro do caos informe e frio [↑dentro do fructo]
	29	Pelas sendas do tempo e do espaço [↑caminhos] do poeta
acr. ent. inf.	26	Lus Que fique à rijura iluminando [↓passo]

0017/f.1v

– Joana Angela dos (†)
Que (†) Ampli
(†)do das rela
ou S.P. (†)

5 Itaparica (†)
Estrada triumphal
A (†)
Teu (†)

OBSERVAÇÕES

4.5.13 PO-IS-OD-003-0029

Datiloscrito com emendas manuscritas autógrafas, em papel de seda, bastante poroso, pardacento, medindo 210mm X 320mm. Um fólio, escrito apenas no recto. A mancha escrita, com fita preta, apresenta 39 linhas e mede 110mm X 274mm. Trata-se de um texto definitivo que apresenta 14 emendas feitas a tinta, 7 feita a lápis, e 4 rasuras feitas no momento da datilografia. As emendas consistem em 9 acréscimos de sinais de acentuação (linhas 4, 5, 6, 10, 13, 20), duas letras sobrepostas, uma escrita a tinta (linha 7) e outra a lápis (linha 19), um acréscimo de um travessão (linha 25) e um sinal não identificado (linha 31) e dois sinais em formas de × (linhas 10, 35), além das quatro rasuras de datilografia (linhas 6, 27, 31). O texto é composto de 6 sextetos, sendo que a última estrofe encontra-se incompleta, apresentando apenas 3 versos. O terceiro e o sexto versos de cada estrofe apresentam-se recuados à direita da página. As estrofes encontram-se numeradas, tendo sido a numeração acrescida posteriormente, a lápis, no centro da página, antes de cada estrofe.

O papel encontra-se rasgado nas bordas; trazendo ao ângulo inferior marcas deixadas pelo fogo. O ângulo inferior esquerdo está dobrado em dois lugares, havendo ainda uma leve mancha de umidade. O ângulo superior direito traz uma marca de dobradura e o número 4 escrito, a lápis, em algarismo arábico. O ângulo superior direito está rasgado e traz algumas dobras. Este documento foi dobrado em quatro partes. Este fólio datiloscrito é antecedido por outro que, por problemas de organização preliminar, se encontra na pasta 016 do Acervo, sob o número 0161 (ver anexos), o qual se inicia na nona estrofe, indo até a décima quarta. Este, por sua vez, deve vir antecedido de, pelo menos, outros dois fólhos, que não foram localizados.

0029/f.1r

L		OBSERVAÇÕES
	[14]	a lápis
	Ah! Eu me lembro... Em épocas remotas, (Não existiam párias nem ilotas) Na Terra algue[]m chegou:	Acento do <i>alguém</i> acrescentado a mão, a caneta
5	De[^]sse Algue[]m fiz-me amante... sou vassalo!! E e[^]sse Algue[]m, – c<u>/r\uel e vil Sardanapalo! – No <a>/o\próbrrio me atirou.	Acentos em <i>Dêsse</i> e <i>Alguém</i> acrescentados a mão, a caneta Acento em <i>êsse</i> acrescentado a mão, a caneta; rasura da datilografia <u>/r\ a caneta
	[15]	a lápis
10	Começa aí a história infanda e triste Em que a “Moeda” se fe[^]z, no mundo, antiste, [^] O seu maior braço! E cultuada e adulada sem reservas, Fe[^]z das fo[^]rças humanas simples servas, Lançou-as na opressão!...	Acento em <i>fêz</i> acrescentado a mão, a caneta; acréscimo do sinal em forma de x, a caneta Acentos de <i>Fêz</i> e <i>fôrças</i> acrescentados a mão, a caneta
15	[16]	a lápis
	Salomé de contornos fulgurantes, Escolheu um a um, os seus amantes E em classe os dividiu; – Dela vem a discórdia, e vem a guerra...	
20	Nela está todo o mal aqui[] da <t>/T\erra, Que em mim refletiu!...	Acento do <i>aquí</i> acrescentado a mão, a caneta; T emendado a lápis
	[17]	a lápis
25	Onde paira, Jesús, tua doutrina De igualdade, de amor, de luz divina [,] [–] Tua divina lei?... Harpagão e Iago têm do mundo o cetro!... E a justiça que em vão <o>/a\os céus impetro Não sei quando a terei!	a caneta a caneta Rasura da datilografia
	[18]	a lápis
30	Em meu sangue se nutre o “nouveau riche”; É um filho espúrio, um? [†] alma de azeviche, Embora do “bom to<m>/n\”... Por elegância, fala em Kropotkine... Discute Marx, Rousseau, Engels, Lenine,	Emenda a caneta Rasura da datilografia
35	Fou[↓ _x]rier e Saint Simon!	a caneta
	[19]	a lápis
	Não póde o mundo ser um <a>/f\alanstério... Mas que a equidade possa o seu império Ter na Terra... Oh! Senhor!	Rasura da datilografia

TIPO DE EMENDA	LINHA	
acr.	1	[14]
	4	Na Terra algue[´]m chegou:
	5	De[^]sse Algue[´]m fiz-me amante... sou vassalo!!
	5	De[^]sse Algue[´]m fiz-me amante... sou vassalo!!
	6	E e[^]sse Algue[´]m, – c<u>r\uel e vil Sardanapalo! –
	6	E e[^]sse Algue[´]m, – c<u>r\uel e vil Sardanapalo! –
	8	[15]
	10	Em que a “Moeda” se fe[^]z, no mundo, antiste, [x]
	10	Em que a “Moeda” se fe[^]z, no mundo, antiste, [x]
	13	Fe[^]z das fo[^]rças humanas simples servas,
	13	Fe[^]z das fo[^]rças humanas simples servas,
	15	[16]
	20	Nela está todo o mal aqui[´] da <t>T\erra,
	22	[17]
	24	De igualdade, de amor, de luz divina [,]
	25	[–] Tua divina lei?...
	29	[18]
	31	É um filho espúrio, um [†] alma de azeviche,
	36	[19]
acr. ent. inf.	35	Fou[√x]rier e Saint Simon!
sobr.	7	No <a>o\próbrio me atirou.
	20	Nela está todo o mal aqui[´] da <t>T\erra,

Obs.: por se tratar de evidente deslize do(a) datilógrafo(a), as rasuras de datilografia não foram contabilizadas como emendas autorais.

4.5.14 PO-IS-OM-003-0031

Manuscrito autógrafo em papel de bloco pautado, pardacento, medindo 202mm x 252mm. O recto do fólio traz título – *Evocação* – lançado no ângulo superior, fora da pauta, e escrito em tinta preta, assim como o restante do fólio. O documento consta de um fólio escrito no recto e no verso, e se trata de um rascunho em ambos os lados, apesar de apresentar título no recto. A mancha escrita do recto que mede 170mm x 200mm tem 20 linhas e a do verso, 13, medindo 170mm x 180mm. O papel traz, à margem direita e à margem inferior, marcas deixadas pelo fogo e uma grande mancha d'água em formato de um semicírculo medindo 227mm. A margem direita apresenta, ainda, marcas de cortes feitos com tesoura nos ângulos superior e inferior. O sombreado da escrita de um lado é bastante visível no outro devido à porosidade do papel. O papel encontra-se corroído pela tinta às linhas 8, 9 e 10 do recto. O documento apresenta 29 emendas no recto e 12 no verso, além de 3 notas marginais, também no verso. Há, ainda, no verso duas pequenas manchas de tinta preta à margem direita e duas à esquerda. No ângulo direito inferior, há um grafo feito a lápis. À margem superior existem também, algumas manchas de tinta preta. À linha 13 do verso encontra-se a assinatura do autor.

0031/f.1r**L**

Evocação

OBSERVAÇÕESborrão no traço superior da letra *e*

- Deixai que evoque aqui neste supremo instante
 Este nome de nuve a[↑I]arga voz diante
 O velho coração anda <estremece> <†>/e\ vibra [↓estremece]
- 5 <A alma E (†)>
 Muito longe, de mim com frio e (†) ofega[↓do]
 Vem de lá dos <infernos> [↑desvãos] nevoentas do [↓passado.] Escrito em diagonal
 [↓desperta]
 <E acorda mesmo (†)>.
 <Fim> Escuta-o nesse ano <e o coração acorda>
- 10 Torpego entrara, <(†)>
- Escuta-o mesmo assim o velho coração.
 <Estremece e palpita.>
 <E a voz doce>
 Que desperta estremece e vibra (†)
- 15 <Doura-lhe assim tal uma.>
 <Dourado> do esplendor <das>
 Dourado de <infulgor> [↓(†)] <sombrio dos poentes>[↓ao efluir de
 sufo(†)te de outono] [↓↓outomnal]
 <Esta voz vira aqui.>
 <Remarca e como (†) memoria> [↓(†)] [↓↓a apoiado ao cordão da
 memoria]
- 20 Conta so para vós esta (†) a história

grafos aleatórios

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	7	Vem de lá dos <infernos>[↑desvãos] nevoentas do [↓passado.] [↓desperta]
subs. ent. inf.	17	Dourado de <infulgor>[↓(†)] <sombrio dos poentes>[↓ao efluir de sufo(†)te de outono] [↓↓outomnal]
	17	Dourado de <infulgor>[↓(†)] <sombrio dos poentes>[↓ao efluir de sufo(†)te de outono] [↓↓outomnal]
	19	<Remarca e como (†) memoria>[↓(†)] [↓↓a apoiado ao cordão da memoria]
acr. ent. inf.	4	O velho coração anda <estremece> <†>/e\ vibra [↓estremece]
	5	Muito longe, de mim com frio e (†) ofega[↓do]
	7	Vem de lá dos <infernos>[↑desvãos] nevoentas do [↓passado.] [↓desperta]
	7	Vem de lá dos <infernos>[↑desvãos] nevoentas do [↓passado.] [↓desperta]
	17	Dourado de <infulgor>[↓(†)] <sombrio dos poentes>[↓ao efluir de sufo(†)te de outono] [↓↓outomnal]
	19	<Remarca e como (†) memoria>[↓(†)] [↓↓a apoiado ao cordão da memoria]
supr.	4	O velho coração anda <estremece> <†>/e\ vibra [↓estremece]
	5	<A alma E (†)>
	8	<E acorda mesmo (†)>.
	9	<Fim> Escuta-o nesse ano <e o coração acorda>
	9	<Fim> Escuta-o nesse ano <e o coração acorda>
	10	Torpego entrara, <(†)>
	12	<Estremece e palpita.>
	13	<E a voz doce>
	15	<Doura-lhe assim tal uma.>
	16	<Dourado> do esplendor <das>
	16	<Dourado> do esplendor <das>
	18	<Esta voz vira aqui.>
acr. ent. sup.	3	Este nome de nuve a[↑]arga voz diante
sobr.	4	O velho coração anda <estremece> <†>/e\ vibra [↓estremece]

0031/f.1v

L

Mansa a rede do fado (†) son-
 <Quanto a>
 [←↑esternar]
 [←(†)] <O quanto faz pensar>, –
 [←↓<(†)>]
 Mas..

OBSERVAÇÕES

Nota marginal

5 <Mas ah! quantos.>
 O quanto que me dais, pelo pouco. que fiz..

duas pequenas manchas de tinta

<Ma(...) (...) do[↑(†)].>
 <Aos> pobres versos meus ahi vosso poemma

vários pequenos pontos de tinta
pequena mancha de tinta

<Ahi está vosso poema>
 10 [↑(†)] <Ahi está vosso poema abençoado poeta>
 [↑E] Como é <grande> [↑bello] dizer, numa emoção suprema,
 Ó quanto que me dais pelo pouco que fiz
 Arthur de Salles

assinatura do poeta

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	10	[↑(†)] <Ahi está vosso poema abençoado poeta>
	11	[↑E] Como é <grande> [↑bello] dizer, numa emoção suprema,
acr. ent. sup.	7	<Ma(...) (...) do[↑(†)].>
	11	[↑E] Como é <grande> [↑bello] dizer, numa emoção suprema,
supr.	2	<Quanto a>
	3	<O quanto faz pensar>, –
	3	<Mas ah! quantos.>
	7	<Ma(...) (...) do[↑(†)].>
	8	<Aos> pobres versos meus ahi vosso poemma
	9	<Ahi está vosso poema>
	nota marginal	[←↓<(†)>]
acr. marg. esq. sup.	nota marginal	[←↑esternar]
acr. marg. esq.	nota marginal	[←(†)]
acr. marg. esq. inf.	nota marginal	[←↓<(†)>]

4.5.15 PO-IS-OM-003-0033

Manuscrito autógrafo em papel de bloco, pardacento, medindo 210mm x 271mm. As linhas das pautas têm tom azulado. Consta o manuscrito de um fólio escrito apenas no recto, trazendo no ângulo superior título – *Samba* – parcialmente sublinhado, em tinta preta, já esmaecida pelo tempo, a mesma tinta usada ao longo de todo o fólio. A mancha escrita, que mede 70mm x 249mm, apresenta 23 linhas. Trata-se de um texto definitivo e apresenta apenas 3 emendas. O documento foi dobrado ao meio, e ainda no ângulo inferior direito, na margem direita e nos ângulos superiores direito e esquerdo. À margem esquerda existem dois rasgos, que não atingem, porém, a mancha escrita.

0033/f.1r**L****OBSERVAÇÕES**Samba

- No terreiro varrido estua o vozeirão da gente....
 Saias rufantes de creoulas...
 Vestidos multicores de caboclas <c>/n\ovas
 5 De <†>/m\ulheres alvas vermelhas como <cajú>.
 O rapazio ri, bebe, namora...
 Olhares brejeiros trocam concupiscencias reprovadas.
- Timidos...
 Sons caros
 10 Trinas.
 Gargalhadas esfuziantes
 E o tintim da bocca das garrafas na *borda* dos copos. *ord borrado*
- E faz-se a roda, o samba ferve a chula echoa:
 Aí minha beleza
 15 Não quero samba no salão da baroneza
- O solo treme no tremor do sapateio...
 O solo roda nos volteios, nos regiros.
 Nas negacas das mulheres e dos homens.
 E a pesantina das violas – nota clara trinulante.
 20 Saltitando no sombrio rumuroso dos pandeiros.
 Zungubango, zugumbango, zungumbango.
 Estrallejando estrallejando as palmas soam.
 Não quero samba no salão da baroneza

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	5	De <†>/m\ulheres alvas vermelhas como <cajú>.
sobr.	4	Vestidos multicores de caboclas <c>/n\ovas
	5	De <†>/m\ulheres alvas vermelhas como <cajú>.

4.5.16 PO-IS-OM-003-0034

Manuscrito autógrafo em papel pautado, pardacento, medindo 209mm x 235mm. Não traz título. Consta o manuscrito de um fólio escrito apenas no recto. A mancha escrita, que mede 90mm x 200mm, traz 25 linhas escritas em tinta preta não esmaecida pelo tempo. As características do documento são as de um texto definitivo que apresenta, apenas, 4 emendas. Em todos estes trechos os versos estão quase que totalmente rasurados em decorrência do desgaste provocado pelo tempo, no papel. O documento foi dobrado nos ângulos superiores direito e esquerdo e no ângulo inferior direito. A margem esquerda apresenta pequenos rasgos e uma marca de dobra. No ângulo superior direito e à margem inferior existem algumas manchas de tinta em tom azulado. O texto desse documento traz traços de intertextualidade com "Os Mulungús" analisado por Maria Dolores Teles na sua dissertação de mestrado.¹³⁷

¹³⁷ TELES, Maria Dolores. *op. cit.*, f. 173-178.

0034/f.1r

L

Senhora: Em verso chão, <sem> o fremito das rimas.
 – Cigarras a cantar na manhan do Poema.
 Aves a pipilar nos roseirae dos Verso –
 Vae sua historia assim [↓enfim] cantada. Um dia

5 Por uma tarde mansa e morna de Dezembro
 Numa volta da estrada, à beira de um barranco,

Surgiu-me hirto, e sereno, alongado e cinzento
 Um velho mulungú – symbolo bello e rude
 Da alma destes rincões recontados do Norte.

10 Nem uma flor siquer naquelles ramos curvos
 Nem uma folha só nas hirsuta ramaria
 Galhos e galhos, só. E na extrema, suspensos
 Grandes ninhos bamboando ao vento da ardentia.
 Uma arvore, sem flor, sem folhas e sem fructos.

15 Sustendo ainda assim mesmo uma porção de ninhos.
 Que sentido da vida, inedito, surgia
 Daquella arvore-expectro, oscillando com o vento
 Ali beirada de um barranco, a fluição inquieta
 Na crescente maré da sombra e do silencio. ?.

20 Não sei. Sei que fugi daquella arvore duende
 Certo malassombrando o viajante tardio
 Malassombrando as proprias arvore em torno.
 Hoje à luz desta tarde, as aves da lembranças
 <Voejam> [↓Esvoaçam] por ceo de scisma (†)

OBSERVAÇÕES

traço diagonal

chamada entre *assim* e *cantada*
 indicando o local de inserção da
 emenda

acrescentado a lápis

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. inf	24	<Voejam>[↓Esvoaçam] por ceo de scisma (†)
acr. ent. inf.	4	Vae sua historia assim cantada. [↓enfim] Um dia
supr.	1	Senhora: Em verso chão, <sem> o fremito das rimas.

4.5.17 PO-IS-OM-003-0038

Manuscrito autógrafo em papel pautado, pardacento, medindo 218mm x 328mm. É um texto definitivo e traz o título – *Ether divino! Ventos* –, lançado no ângulo superior, em tinta preta. Consta o manuscrito de um fólio escrito no recto e verso. O fólio tem 35 linhas na mancha escrita do recto, a qual mede 200mm x 310mm, e 24 linhas na mancha escrita do verso, que mede 160mm x 200mm. A escrita do recto inicia-se bem próxima à margem e vai recuando para a direita ao longo do texto. As bordas do documento estão rasgadas e com marcas de dobraduras. Na margem, centralizado, o manuscrito apresenta o número 2, e no ângulo superior esquerdo há uma anotação feita a lápis. Por todas as bordas, o papel apresenta pequenos rasgos, porém, na margem inferior, à direita o rasgo compromete a leitura do manuscrito nas três últimas linhas. O texto, se inicia no recto e se estende até o verso. Ao final do fólio, a letra vai se aligeirando e são realizadas algumas emendas. Ao que parece, esse texto tem ligação com o do manuscrito 003-0042, "Prometheu Acorrentado".

0038/f.1r

L

Bahia

2

[↑Ether divino! Ventos]

OBSERVAÇÕES

Anotação marginal lançada com o papel de cabeça para baixo.
Tinta mais fraca que a usada no restante do manuscrito

- De aza rapida, vós fontes inesgotaveis
Mães dos rios e vós ondas innumeraveis
Sorriso que arragaes a fase azul do mar.
- 5 Terra matriz do mundo, e tu sól cujo olhar
<D>/T\udo desvenda e sabe: escutae minha voz
Contemplae o tor<†>/m\ento, o soffrimento atroz
Soffridos por um deus pelos deuses captivo
Vede os ultrajes vede a tortura em que vivo.
- 10 E eu devo aqui soffrer, devo soffrer durante
(†)tos excelsos! Vede a cadeia humilhante
Forjada para mim por Jupiter o duro
Novo chefe do Olympto!.. O presente! o futuro.
Sempre o infortunio, sempre. É o que me faz gemer
- 15 Que me faz suspirar. Ah! Quando é que hei de ver
O fim do meu tormento?.. Ah! o futuro, que digo:
Eu o conhecia já. tinha-o inteiro commigo...
Leio nelle. E jamais cairá sobre mim
Um mal que eu não preveja Ah! soffra muito aqui:
- 20 Nosso destino: imberbisaveis!. Na verdade
Nenhum mortal jamais vence a necessidade,!..
Bem o sei !.. Deveria em silencio arvortar
Minha desgraça.. Mas como poder calar ?.
Eu bemfeitor da humana gente, eu desgraçado
- 25 Sob o supplicio atroz? Sim, aos deuses furtei-a
Para dal-a aos mortaes, na ber(†)ta guardaia,
As centelhas fecundas, a geratriz da chama
Que as artes <†>/t\odas ensinam – dom que derrama
Todos os bens na vida. E por isto é que gemo,
- 30 Sob o jugo eternal desse castigo extremo,
Às intemperies do ar, encandeado!.. Ah! que horror!
Ah! Que horror!... Mas que vem a ser este rumor (...)?
Que perfume o que sinto (...)
Que deus, o semi deu/s*/ (...)
- 35 Quem (†) (...)

TIPO DE EMENDA	LINHA	
acr. marg. sup.	1	[↑Ether divino! Ventos]
sobr.	6	<D>/T\udo desvenda e sabe: escutae minha voz
	7	Contemplae o tor<†>/m\ento, o soffrimento atroz
	28	Que as artes <†>/t\odas ensinam – dom que derrama
sup.	25	<Sob> o supplicio atroz? Sim, aos deuses furtei-a
anotação marginal		Bahia
		2

0038/f.1v**L****OBSERVAÇÕES**

- Será que veem aqui se reportar do fundo
 Espectaculo negro e <†>/a\troz das minhas dores
 E que querem de mim?.. Ah! vede, esses horrores.
 Nesses ferros soluça um deus infortunado
- 5 Que Jupiter odeia, um deus que é detestado
 [←Pe]<Do>/lo\deuses que estão junto [↑com] <ao> olympico Senhor.
 <E> S<c>/e\crime?.. – Elle <m>/a\mou aos homens!.. Um rumor.
 <q>/Q\ual de passaros voando escuto o ar docemente
 Estremece ao batido irriquieto e fremente
- 10 De suas azas. Ah! Eu tremo a tudo <quanto> o que chega
 <Que aproxima de mim>[↓Que de mim se aproxima.]
 <a>/A\calma-te, socega
- É gente amiga a que tu vês perto de ti
 Ella chegou em raros e c<†>/e\leres aqui
- 15 A este alto cume. Foi preciso que a verdade
 Vencesse do sem pae. E esta celeridade
 Devo <me> ao sopro impetuoso e rapido dos ventos
 Porque chegara até aos proprios fundamentos
 Dos nossos antros o cabo, o retumbo, o retro:
- 20 Do trope remendo ao mais bello. Aqui vdo
 <Vencendo a timidez do meu pudor> <[↑o medo [↓<†>] e ousado meio]
 os os pes. >
 <Nús anda lancei do carro alado. Vês....>
 Vencendo o medo, [↑e uma vez] o susto. E anda nús [↑o meus] os pés
 [←Quando] Lancei <ao> me ao (†)ares / alado. E aqui me vês.

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	6	[←Pe]<do>/lo\s deuses que estão junto [↑com]<ao> olympico Senhor.
	21	<Vencendo a timidez do meu pudor>[↑o medo [↓<†>] e ousado meio] os os pes.
subs. ent. inf.	11	<Que aproxima de mim>[↓Que de mim se aproxima.]
acr. ent. inf.	21	<Vencendo a timidez do meu pudor>[↑o medo [↓<†>] e ousado meio] os os pes.
supr.	7	<E> S<c>/e\ u crime?.. – Elle <m>/a\ mou aos homens!.. Um rumor.
	10	De suas azas. Ah! Eu tremo a tudo <quanto> o que chega
	17	Devo <me> ao sopro impetuoso e rapido dos ventos
	21	<Vencendo a timidez do meu pudor>[↑o medo [↓<†>] e ousado meio] os os pes.
	22	<Nús anda lancei do carro alado. Vês...>
	24	[←Quando] Lancei <ao> me ao (†)ares / alado. E aqui me vês.
acr. ent. sup.	23	Vencendo o medo, [↑e uma vez] o susto. E anda nús [↑o meus] os pés
	23	Vencendo o medo, [↑e uma vez] o susto. E anda nús [↑o meus] os pés
sobr.	2	Espectaculo negro e <†>/a\ troz das minhas dores
	6	[←Pe]<Do>/lo\s deuses que estão junto [↑com]<ao> olympico Senhor.
	7	<E> S<c>/e\ u crime?.. – Elle <m>/a\ mou aos homens!.. Um rumor.
	7	<E> S<c>/e\ u crime?.. – Elle <m>/a\ mou aos homens!.. Um rumor.
	8	<q>/Q\ ual de passaros voando escuto o ar docemente
	12	<a>/A\ calma-te, socega
	14	Ella chegou em raros e c<†>/e\ leres aqui
acr. marg. esq.	6	[←Pe]<Do>/lo\s deuses que estão junto [↑com]<ao> olympico Senhor.
	24	[←Quando] Lancei <ao> me ao (†)ares / alado. E aqui me vês.

4.5.18 PO-IS-OM-003-0041

Manuscrito autógrafo em papel de carta, pardacento, medindo 193mm x 327mm, trazendo ao ângulo superior título – *Sulamita* – e mais acima, centralizado, uma anotação sublinhada por um tracejado e em letra menor – *Cantares* – e no ângulo direito a numeração ordinal indicativo de *primeiro*. Trata-se de um borrão passado a limpo que consta de um fólio escrito apenas no recto. O fólio tem 36 linhas, escritas em tinta preta já amarronzada, na mancha escrita que mede 170mm x 300mm. O texto está dividido em partes (estrofes) com o auxílio de um sinal em forma de ×. Os ângulos do documento trazem marcas de dobradura. O ângulo inferior direito apresenta um rasgado, que não atinge, no entanto, a mancha escrita, e tanto a borda superior quanto a borda inferior apresentam pequenos rasgos. No final da linha 6, na margem direita, há uma barra inclinada. O papel está manchado de tinta em quatro pontos do manuscrito.

0041/f.1r

L

[↑Cantares

1º]

OBSERVAÇÕES

Anotação marginal; tracejado sobrescrito.
Grafos aleatórios.

- Sulamita:
<O fervor aos teus desejos canta em mim.>
<Canta> Vive em mim o fervor dos teus desejos.
Tu quiseste que o lume acceso dos teus beijos
- 5 <Fosse> [↑Viesse] pelo <pel tempo passar>/ do norte do tempo infinito Barra inclinada.
Fecundando e illuminando o seio das mulheres.
Ah! tua \lem*\brança.
Ô a ressurreição das noutes aromadas.
- 10 Das rosas <vestido> da inquietação e dos anseios...
Ó creadora do rythmo doloroso das cousas mancha de tinta no papel
Dos jardins encantados da noute
Da tristeza das ruas desertas manchas de tinta no papel
Ó Sulamita!..
- 15 X sinais semelhante a um X e rubrica do autor, além de manchas de tinta grafo
- As rósas das espumas desabrocham brancas
Nos jardins *do* mares tinta borrada em *do*, 2 sinais semelhantes ao dígrafo *lh*; grafo grafo
São ephemerass e eternas essas rosas!..
São ephemeross e eternos meus cantares.
- 20 X sinais semelhante a um X
- Eu não procura, <ó bem amado,> a claridade
Esse perfume fugitivo da Belleza [↑evocadora e sonora]
Para aromar <são meus cantares.>
- 25 <Eu>/O\ que eu procuro anciosa <e fugitiva> e cansada
É gravar a belleza da hora, vivida...
Um mundo / [↑Encher] de eternida
<Da>/A\ gotta de agua de <força>. sua hora -
X sinais semelhante a um ×
- 30 Mulheres que passaes, vistes o meu amado?..
Elle é bello como um verso
Cheio do aroma luminoso das lendas.
Como um *canto disperso* borrão de tinta
Que floresce longe, entre encantadas lendas.
- 35 Ah! não o vistes o desejado
Bem o vejo onde vistes

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	5	<Fosse>[↑Viesse] pelo <pel tempo passar>/ do norte do tempo infinito
supr.	2	<O fervor aos teus desejos canta em mim.>
	3	<Canta> Vive em mim o fervor dos teus desejos.
	5	<Fosse>[↑Viesse] pelo <pel tempo passar>/ do norte do tempo infinito
	10	Das rosas <vestido> da inquietação e dos anseios...
	22	Eu não procura, <ó bem amado,> a claridade
	24	Para aromar <são meus cantares.>
	25	<Eu>/O\ que eu procuro anciosa <e fugitiva> e cansada
	28	<Da>/A\ gotta de agua de <força>. sua hora -
acr. ent. sup.	23	Esse perfume fugitivo da Belleza [↑evocadora e sonora]
	27	<Um> mundo [↑Encher] de eternida
sobr.	25	<Eu>/O\ que eu procuro anciosa <e fugitiva> e cansada
	28	<Da>/A\ gotta de agua de <força>. sua hora -
acr. marg. sup.	anotação marginal	[↑Cantares 1º]

4.5.19 PO-IS-OM-003-0042

Manuscrito autógrafo, não datado, em papel almaço, amarelado, medindo 330mm × 220mm. Dois fólios, escritos no recto e no verso, em tinta preta. Em ambos os fólios encontra-se um rasgo ao centro, que vai da borda lateral até quase o meio do papel, que também se encontra puído nas bordas superior e inferior. A mancha escrita do fólio 1 recto, com 35 linhas, em tinta preta, mede 310mm × 190mm. A escrita é pousada, com o texto tendendo a alinhar-se para direita. Trata-se, provavelmente, de um texto incompleto para teatro e não traz o título. O fólio apresenta manchas provocadas pela umidade na lateral direita e nas margens superior e inferior. As 4 últimas linhas do fólio apresentam a tinta bastante desbotada. Este fólio apresenta poucas variantes autorais. A mancha escrita do fólio 1 verso, com 33 linhas, mede 320mm × 200mm. No verso, o papel apresenta-se mais claro, facilitando a leitura. A escrita ainda é relativamente pousada e cuidada, trazendo ainda poucos lugares variantes. A mancha escrita do fólio 2 recto, com 37 linhas, mede 320mm × 190mm. A escrita é menos pousada do que a do fólio anterior, com o texto tendendo, ainda, a alinhar-se para direita. Este fólio também apresenta manchas provocadas pela umidade, porém, apenas na margem inferior. A escrita já é mais ligeira e descuidada e apresenta mais variantes autorais. O rasgo na borda lateral direita prejudica a leitura das linhas 19 e 20. A mancha escrita do fólio 2 verso, com 38 linhas, mede 330mm × 200mm. As manchas de umidade se apresentam mais escuras e mais visíveis neste lado do fólio, dificultando mais a leitura. A escrita ligeira e bastante descuidada traz diversos lugares variantes, apresentando as características de texto em estado de rascunho.

- Eis-nos, eis-nos aqui nos terminos do mundo
 No remoto paiz do Scytha, bem no fundo
 Do deserto inacesso. Agora, a ti, Vulcano,
 Cabe as ordens cumprir do teu pae soberano
 5 <F> /T\ú vaes aprisionar no cume dos rochedos
 Suspensos sobre o abysmo e os precipios tredos
 Em cadeias de bronze, indestructiveis, este
 Cri<†> /m\inoso. Eil-o aqui: porque o fogo celeste
 – Teu apanagio, <†> /e\ don das artes celestiaes –
 10 Foi elle que a sonhou para dal-o aos mortaes.
 Que soffra por tamanha e criminosa acção
 oh vingança divina. E que elle a<p>prenda então
 De Jupiter o poder e a força respeitar
 E que cesse tambem de <tão forte>[↑(†)] levar
 15 Esse tão vivo amor <pellos>[↑aos] homens.
 Vulcano
 Tú Poder.
 Tu Força tendes feito e cumprido o mister
 Que vos foi commetido. Estás livre. <†>/No\ estranho
 20 Quanto a mim, me fallace a coragem. Ah! tanto!..
 A um deus prender aqui, a montanhas agrilhoadas,
 Accorrentar a estes rochedos fatigados
 Da tempestade um deus do mesmo sangue que eu....
 E no entanto é preciso encadear Prometheu....
 25 Devo coragem ter para essa iniquidade.....
 É fatal resistir a paterna <v>/V\ontade!...
- á Prometheu
- Filho de Themis sabe... ah! por desgraça tua,
 E minha, vou cravar-te a esta montanha nua
 30 Rude e selvagem, com esses ferros invenciveis.....
 Aqui na<†>/d\ a ouvirás, nada verás de humano.
 Ressequido do sol ao fogo intenso e insano.
 Verás murchar a flôr do teu corpo. Máo grado
 Teu. Tardamente, a noute, ao dia illuminado,
 35 Com o manto vestirá de estrellas esmaltado

† sem traço

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	14	E que cesse tambem de <tão forte>[↑(†)] levar
	15	Esse tão vivo amor <pellos>[↑aos] homens.
supr.	12	oh vingança divina. E que elle a<p>prenda então
sobr.	5	<F> /T\ú vaes aprisionar no cume dos rochedos
	8	Cri<†>/m\inoso. Eil-o aqui: porque o fogo celeste
	9	– Teu apanagio, <†>/e\ don das artes celestiaes –
	19	Que vos foi commetido. Estás livre. <†>/No\ estranho
	26	É fatal resistir a paterna <v>/V\ontade!...
	31	Aqui na<†>/d\ a ouvirás, nada verás de humano.

Tardamente ao sol os raios celestiaes
 Dissiparão a bruma e os frios matinaes
 Viverás, sem cessar, succumbido na dor
 Porque ainda não nasceu o teu libertador!....
 5 E eis de que te valeu tanto aos homens amar.
 E, deus, tu não temeste aos deuses i<†>/rr\itar
 Tú fizeste aos mortaes dons que ninguem faria...
 Por isto ficarás aqui, á noute, ao dia,
 Insonne sentinella, inquieta e sem repouso,
 10 Cravado no rochedo esteril, pavoroso....
 Vans tuas, vã<†>/o\s teus gemidos serão!..
 Jupiter tem um inexhoravel coração...
 Sempre duro o senhor que nos governa agora

15 O Poder
 Então porque razão, porque, tanta demora,
 E esta piedade van?... Como?... Pois não odeias
 Não queres grilhetar nestas bronzeeas cadeias
 O que deus aos mortaes o teu fogo sagrado?..
 20 Não odeias o deus dos deuses detestado.?

Vulcano
 Ouve: o sangue é mui<to> forte e a amizade mui forte..

O Poder
 25 Convenho nisso... Mas, podes, desta sorte
 Deixar de obedecer promptamente o teu pae?..
 Não debes respeitar a ordem que delle sae?..

Vulcano
 Sempre implacavel forte e sempre violenta.
 A Força
 30 Crê: não os cura que <odeias> os seus males lamenta..
 <Atormentar-se com isto é um (†)>
 Não te atormentes, pois, desta [↑anima]mutilado
 Vulcano
 Ah Qua<o>/n\to odiosa, ó máos e a vossa habilidade,!

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	22	Ouve: o sangue é mui<to> forte e a amizade mui forte..
	30	Crê: não os cura que <odeias> os seus males lamenta..
	31	<Atormentar-se com isto é um (†)>
acr. ent. sup.	32	Não te atormentes, pois, desta [↑anima]mutilado
sobr.	6	E, deus, tu não temeste aos deuses i<†>/rr\itar
	11	Vans tuas, vã<†>/o\s teus gemidos serão!..
	34	Ah Qua<o>/n\to odiosa, ó máos e a vossa habilidade,!

0042/f.2r**L**

Accusas tua industria?. Ella a causa, de certo,
 Não é do que se<†>/v\ê neste monte deserto:
 Das desgraças que aqui contemplamos....[→*Vulcano*]
 Vulcano

OBSERVAÇÕES

escrito sobre os pontos

5 Ah! fosse cometido <[↓A qualquer outro!..]>[↑dado a outro] este
 mister insano!..

A Força
 Todos os deuses são poderosos no ethereo
 Olympo; mas nenhum tem o supremo imperio
 Só existe[↑1] um deus livre[↑2]: é Jupiter!...

número 1 escrito sobre a letra
e da palavra *existe* e número 2
 escrito sobre a letra *v* da
 palavra *livre*

10 Vulcano Eu o sei
 <E(†)ato.> E sobre isto calado e mudo ficarei

A Força
 Entã<†>/o\ te appressarás <†>/a\o culpado encadear?
 Cuidado: que teu pae não te veja hesitar!..

15 Vulcano
 E vi aqui os anneis para a prisão dos braços

A Força
 Prenderas. prende-<†>/l\he as mãos tambem nos bronzeos laços
 Crava-as bem, sella-os bem ao rochedo encelvado

20 Bate com toda a força o martello pesado

Vulcano
 Obedeço. O trabalho em breve será feito.
 A Força

25 Sobe mais, fere mais, com toda a força e g<†>/e\ito....
 Com toda a fixidez.<†>/P\orque habil como é,
 No estado em que se vê de desespero elle
 <Seria ainda [↑assim] capaz de libertar-se.>
 Ainda muito capaz de escapar seria

30 Vulc.
 Vés esse braço: nada o grilhão partiria.

A Força
 O cantão agora: o grilhoa e o crava á rocha. Aprenda
 Que a sua sciencia é nulla ante a sciencia estupenda.
 De Jupiter agrilhoa e bate mais, assim.

35 V
 (†) Prometheu regressará de mim

TIPO DE EMENDA	LINHA	
acr. marg. dir.	3	Das desgraças que aqui contemplamos...[→Vulcano]
supr.	6	<A qualquer outro!..>
	12	<E(†)ato.> E sobre isto calado e mudo ficarei
	28	<Seria ainda [↑assim] capaz de libertar-se.>
acr. ent. sup.	10	Só existe[↑1] um deus livre[↑2]: é Jupiter!...
	10	Só existe[↑1] um deus livre[↑2]: é Jupiter!...
	28	<Seria ainda [↑assim] capaz de libertar-se.>
acr. ent. inf.	5	Ah! fosse cometido <[↓A qualquer outro!..]>[↑dado a outro] este mister insano!..
sub. ent. sup.	5	Ah! fosse cometido <[↓A qualquer outro!..]>[↑dado a outro] este mister insano!..
sobr.	2	Não é do que se <†>v\ê neste monte deserto:
	14	Entã<†>o\ te appressarás <†>a\o culpado encadear?
	14	Entã<†>o\ te appressarás <†>a\o culpado encadear?
	19	Prenderas. prende-<†>l\he as mãos tambem nos bronzeos laços
	25	Sobe mais, fere mais, com toda a força e g<†>e\ito....
	26	Com toda a fixidez.<†>P\orque habil como é,

0042/f.2v

OBSERVAÇÕES

- L Toma esta cunha e o duro irresistível dente
Enterra-lhe através do peito, <s>/r\ijamente
Vulcano
Prometheu! Prometheu! gemo e choro [→*contigo*]
- 5 A F
Então vacillas tú? Choras pelo inimig<†>/o\
De Jupiter, Vulcano? Ouve bem: desconheci
De chorardes assim por ti mesmo algum dia!..
Vul
- 10 Tú vês um doloroso e tremendo flagício
A F
Vejo um culpado aqui vejo um justo supplicio!.
Vamos, acaba põe-lhe outras cadeias, logo,
Em[↑de]redor dos <teus> rins.
- 15 V– Farei. Mas eu te rogo
Não me ordenes assim em tam<†>/m\anha exigencia
A Forc.
Irão ate ao fim com *rigida* insistencia
<Minhas ordens, Vulcano, e meus clamores. Para De(†)>
- 20 <Agora E†>
As minhas ordens e clamores.. <Vamos> [↑De(†)] (†) atende
Os <rigidos> [↑pesados] aneis <†>/de\ <[↑ambas]> (†) as coxas. Prende.
Vulcano
- 25 Eisl-as presas. Agora / aos pés. liga-os <aos <†>/b\raços>, sem medo
Aos rigidos grilhões <e os crava> crava-os a este rochedo [↑fixo (†)]
<Vamos vigor. Resar para:>[↑E vê] <que Jupiter virá>
<Ver <†> Vigor repara bem que. ô mestre>
[←Vigor.] Repara bem que <†>/o\ <mestre>[↑(†)] duro o mestre (†) de <breve (†)>
Toda a obra examinar. – Vamos, vigor.
- 30 <Em breve a obra ex.> [↑Toda obra examinar.] <(†) deve>
<Ser semelhamente>
<Dentro em pouco>[↑Em breve e] rigoroso a obra examinará
Tua linguagem tem o mesmo (†)idade
<Da tua (†)> a ha nas palavras tuas
- 35 Da tua (†) <enche a> linguagem tua ha (†)
A piedade:.
Então (†)
<†> Mas não

tinta mais clara, escrito posteriormente

tracejado

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	21	As minhas ordens e clamores.. <Vamos>[↑De(†)] (†) atende
	22	Os <rigidos>[↑pesados] aneis <†>/de\ <[↑ambas]> (†) as coxas. Prende.
	28	[←Vigor.] Repara bem que <†>/o\ <mestre>[↑(†)] duro o mestre (†) de <breve (†)>
	30	<Em breve a obra ex.>[↑Toda obra examinar.] <(†) deve>
	32	<Dentro em pouco>[↑Em breve e] rigoroso a obra examinará
acr. marg. dir.	4	Prometheu! Prometheu! gemo e choro [→contigo]
acr. marg. esq.	28	[←Vigor.] Repara bem que <†>/o\ <mestre>[↑(†)] duro o mestre (†) de <breve (†)>
supr.	14	Em[↑de]redor dos <teus> rins.
	19	<Minhas ordens, Vulcano, e meus clamores. Para De(†)>
	20	<Agora E†>
	22	Os <rigidos> [↑pesados] aneis <†>/de\ <[↑ambas]> (†) as coxas. Prende.
	24	Eisl-as presas. Agora / aos pés. liga-os <aos <†>/b\raços>, sem medo
	25	Aos rigidos grilhões <e os crava> crava-os a este rochedo [↑fixo (†)]
	26	<Vamos vigor. Resar para:>[↑E vê] <que Jupiter virá>
	27	<Ver <†> Vigor repara bem que. ô mestre>
	27	<Ver <†> Vigor repara bem que. ô mestre>
	28	[←Vigor.] Repara bem que <†>/o\ <mestre>[↑(†)] duro o mestre (†) de <breve (†)>
	30	<Em breve a obra ex.> [↑Toda obra examinar.] <(†) deve>
	31	<Ser semelhamente>
	34	<Da tua (†)> a ha nas palavras tuas
35	Da tua (†) <enche a> linguagem tua ha (†)	
38	<†> Mas não	
acr. ent. sup.	14	Em [↑de]redor dos <teus> rins.
	22	Os <rigidos> [↑pesados] aneis <†>/de\ <[↑ambas]> (†) as coxas. Prende.
	25	Aos rigidos grilhões <e os crava> crava-os a este rochedo [↑fixo (†)]
	26	<Vamos vigor. Resar para:>[↑E vê] <que Jupiter virá>
sobr.	2	Enterra-lhe atravez do peito, <s>/r\ijamente
	6	Então vacillas tú? Choras pelo inimig <†>/o\
	16	Não me ordenes assim em tam <†>/m\anha exigencia
	22	Os <rigidos> [↑pesados] aneis <†>/de\ <[↑ambas]> (†) as coxas. Prende.
	24	Eisl-as presas. Agora / aos pés. liga-os <aos <†>/b\raços>, sem medo
	28	[←Vigor.] Repara bem que <†>/o\ <mestre>[↑(†)] duro o mestre (†) de <breve (†)>

4.5.20 PO-IS-OM-003-0043

Manuscrito autógrafo, não datado, em papel de carta, pardacento, medindo 222mm x 323mm. O documento apresenta características de um borrão passado a limpo. Consta o manuscrito de um fólio escrito no recto e verso em tinta azul. A mancha escrita do recto, que mede 180mm x 300mm, apresenta 30 linhas e a do verso apresenta 16 linhas e mede 150mm x 280mm. O documento apresenta uma marca de dobradura no centro do papel, que provocou o rasgo nas duas laterais. O papel apresenta marcas de dobras e rasgos menores por todas as margens, sendo que na margem inferior, os rasgos prejudicam e impedem a leitura do texto. A margem inferior traz, ainda, marcas provocadas pelo fogo. No ângulo inferior esquerdo há duas manchas em tinta azul, as quais também são aparentes no verso do fólio. Há uma grande mancha d'água que se espalha por quase todo o fólio e uma mancha, derivada do mofo, à margem direita. Na primeira linha e na terceira aparecem 3 furos provocados por insetos. Das linhas 5 a 1 do recto há uma barra vertical lançada sobre o texto escrito e na linha 6 aparece o número dois em algarismos romanos. Outra barra vertical aparece das linhas 8 até a 16 do verso. Trata-se, evidentemente, de um texto em rascunho.

0043/f.1r

L

OBSERVAÇÕES

Eis que da Thracia o escelso citharedo
Do divino instrumento a voz levanta
Dos ares onde Zep<†>/h\yro não canta
Cala surpreso e mudo o passaredo

5 <Das feras a fereza se quebranta...
Tudo está commovido, tudo quedo
Tudo [↑tem] um semblante doce e ledó
Do coração da pedra à alma da planta...

grafo
risco vertical que vai da linha 5 até a 11

Tudo escuta. Suspensa, a fonte pura
10 Abafa <da> do secreto da espessura
Da doce lympha o trepido soido.>

Rios delles caudaes, delles escassos
E o <†>/r\io que descia estrepitando,
<Das montanhas, o passo> [↑As curvas no rio] sobre estando o passo
15 Estão do som da cythara rendidos..

II

A lyra de Amphion de sons tão puros
Esse goso traz rendida a natureza
Tambem susta do rio a correnteza
20 E amarga corações feros e duros.

E vê: porque Cadméa não tem muros
E fallecida está de fortaleza
Vae a lyra amphionia com presteza
Cercal-a delles altos e seguros

25 Cada nota [↑a] sua pedra desentranha
Do seio commovido da montanha
<<†>/E\ uma a uma>[↑E] <†>/s\e junta. <Eil-os alçados>...

grafo

E ela arada ja <dellas cingida> fortalecida
Eil-os os muros de que está em gran(...)
30 Com (...) (...) (†) de sons alevantados

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	14	Das montanhas, <o passo> [↑As curvas no rio] sobre estando o passo
	27	<<†>/E\ uma a uma>[↑E] <†>/s\ e junta. <Eil-os alçados>...
supr.	5	<Das feras a fereza se quebranta...>
	6	Tudo está commovido, tudo quedo
	7	Tudo [↑tem] um semblante doce e ledó
	8	Do coração da pedra à alma da planta...
	9	Tudo escuta. Suspensa, a fonte pura
	10	Abafa <da> do secreto da espessura
	11	Da doce lymphá o trepido soido.>
	10	Abafa <da> do secreto da espessura
	27	<<†>/E\ uma a uma>[↑E] <†>/s\ e junta. <Eil-os alçados>...
	28	E ela arada já <dellas cingida> fortalecida
acr. ent. sup.	7	Tudo [↑tem] um semblante doce e ledó
	25	Cada nota [↑a] sua pedra desentranha
sobr.	3	Dos ares onde Zep<†>/h\yro não canta
	13	E o <†>/r\io que descia estrepitando,
	27	<<†>/E\ uma a uma>[↑E] <†>/s\ e junta. <Eil-os alçados>...
	27	<<†>/E\ uma a uma>[↑E] <†>/s\ e junta. <Eil-os alçados>...

0043/f.1v

L

<Eis que de Orptheo.>

A lyra de Amphion de sons tão puros

<Como do>

<Convite a>.

5 Em goso traz rendida a natureza

<E>/A\ <que> também susta ao rio a correnteza

E <o> amansa <aos fins mais (†)>[↑<corações ferros de ouro>] [↓<coroas
feras e escuras...]

<De tal [↑<tamanho>] condão <que>.

<Amarga> [↑<Abranda>] de das <proprias> [↑<pedras>] a dureza

10 <<E>/D\>e modo tal>

<De modo que...>

<De Cadméa.>

<Das alimarias *desce* a rijeza>

Tamanho condição da

15 Quetou das alimarias a braveza

E lhes ameiga <os corações es> [↓(†) duras.]>

E por <que> vê: porque Cadméa não tem muros

Vae levantal-os.

E vê porque Cadméa não te muros

20 E fallecida está de fortaleza

<<L>/V\>ae levantal-os elle com firmeza> [↓<que <elle>-.]

Altos

Vae a lyra amphiono com presteza

<Levantal-os tão altos e <d>/s\ão muros.>

25 Cercal-a delles altos e seguros

A cada nota uma pedra desentranha

– <<†>/C\>ensoria a lugar>

Do seio commovido da montanha

<Ja se juntam>, já e eilos formados [↑(†) a mare junta]

30 Amassados do som

E ela a cidade delles já (†)gida

OBSERVAÇÕES

grafo

risco vertical que vai da linha 8 até
a 16linha pontilhada sobre as letras *a*
até a *d*

grafo antes dos pontos

grafo semelhante a letra E
maiúscula. Tinta borrada em *desce*

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	7	E <o> amansa <aos fins mais (†)>[↑<corações feros de ouro>] [↓<coroas feras e escuras...>]
	9	<Amarga>[↑<Abranda>] de das <proprias>[↑<pedras>] a dureza
	9	<Amarga> [↑<Abranda>] de das <proprias>[↑<pedras>] a dureza
subs. ent. inf.	7	E <o> amansa <aos fins mais (†)>[↑<corações feros de ouro>] [↓<coroas feras e escuras...>]
	16	E lhes ameiga <os corações es>[↓(†) <duras.>]
	21	<<L>/V\ae levantal-os elle com firmeza> [↓<que <elle>-.>]
supr.	1	<Eis que de Orptheo.>
	3	<Como do>
	4	<Convite a>.
	6	<E>/A\ <que> também susta ao rio a correnteza
	7	E <o> amansa <aos fins mais (†)>[↑<corações feros de ouro>] [↓<coroas feras e escuras...>]
	8	<De tal [↑<tamanho>] condão <que>.
	9	<Amarga>[↑<Abranda>] de das <proprias>[↑<pedras>] a dureza
	10	<<E>/D\<e modo tal>
	11	<De modo que..>
	12	<De Cadméa.>
	13	<Das alimarias desce a rijeza>
	14	Tamanha condição da
	15	Quetou das alimarias a braveza
	16	E lhes ameiga <os corações es> [↓(†) <duras.>]
	8	<De tal [↑<tamanho>] condão <que>.
	8	<De tal [↑<tamanho>] condão <que>.
	10	<<E>/D\<e modo tal>
11	<De modo que..>	
12	<De Cadméa.>	
13	<Das alimarias desce a rijeza>	
17	E por <que> vê: porque Cadméa não tem muros	
21	<<L>/V\ae levantal-os elle com firmeza> [↓<que <elle>-.>]	
24	<Levantal-os tão altos e <d>/s\ão muros.>	
27	- <<†>/C\ensoria a lugar>	
29	<Ja se juntam>, já e eilos formados [↑(†) a mare junta]	
acr. ent. sup.	8	<De tal [↑<tamanho>] condão <que>.
	29	<Ja se juntam>, já e eilos formados [↑(†) a mare junta]
sobr.	6	<E>/A\ <que> também susta ao rio a correnteza
	10	<<E>/D\<e modo tal>
	21	<<L>/V\ae levantal-os elle com firmeza> [↓<que <elle>-.>]
	24	<Levantal-os tão altos e <d>/s\ão muros.>
27	- <<†>/C\ensoria a lugar>	

4.5.21 PO-IS-OM-003-0044

Manuscrito autógrafo em papel de almaço pautado cortado, pardacento, medindo 153mm x 217mm. Trata-se de um borrão passado a limpo. Consta o manuscrito de um fólio escrito apenas no recto, em tinta azul. A mancha escrita, que mede 200mm x 120mm, apresenta 13 linhas. Apresenta o documento algumas dobras no ângulo superior e cortes desparelhos na margem direita e na inferior. O papel apresenta manchas provocadas pela umidade e pelo mofo.

0044/f.1r

L

OBSERVAÇÕES

- Eis que o Silencio vem – chaveiro [↑clavasco] taciturno
 Acordar-me a lembrança. [↑memoria.] E pelo chão nocturna
 <Abra-me a porta larga>
 Levar-me para alem deste frio [↑escuro] [↑↑(†)], presente
- 5 Abra-me a porta larga e (†) da mente
 <Esse> [↑E] uma medieval surge rezar atenta.
 Ó supremo esplendor daquela idade morta.
 Ressuscitando qual sob estas (†) em (†).
 Toda ela [↑(†)] ampliaa e se alteia. Leva de suas
- 10 Vozes, sussurros, sons. (†) certos
 Vagos clarões de lampadarios dormentes
 <(†)>
 Vultos negros cruzando a sollidão dos mares

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	6	<Esse>[↑E] uma medieval surge rezar atenta.
acr. ent. sup.	1	Eis que o Silencio vem – chaveiro [↑clavasco] taciturno
	2	Acordar-me a lembrança. [↑memoria.] E pelo chão nocturna
	4	Levar-me para alem deste frio [↑escuro] [↑↑(†)], presente
	4	Levar-me para alem deste frio [↑escuro] [↑↑(†)], presente
	9	Toda ela [↑(†)] ampliaa e se alteia. Leva de suas
supr.	3	<Abra-me a porta larga>
	11	<(†)>

4.5.22 PO-IS-OM-003-0045

Manuscrito autógrafo em papel de bloco, pardacento, medindo 186mm x 256mm,. Trata-se de um borrão passado a limpo, com um fólio escrito no recto e verso. A mancha escrita do recto, em tinta azul preto, apresenta 22 linhas e mede 150mm x 190mm, e a mancha escrita do verso, com 9 linhas, mede 150mm x 070mm. O papel apresenta marcas de dobradura em todos os ângulos e apresenta-se rasgado ao longo de toda a margem esquerda. Na quarta linha da mancha escrita do verso o papel apresenta um furo. O sombreado da escrita de um lado é visível no outro. O fólio apresenta manchas derivadas de umidade e mofo e algumas manchas de tinta decorrentes da porosidade do papel

0045/f.1r

L

OBSERVAÇÕES

- De certo poeta da Galícia
Lí não sei onde e não sei quando
Versos tão cheios de blandícia
Como de fonte murmurando.
- 5 Mas só ficou na retentiva
Este refrão de ansiedade
Nocturno, acerba e pungitiva:
"Com soidas de soledade".
- 10 Ultimo adeus ao sonho morto.
Grito de p<i>/a\z libertadora.
<Como de nauta a ver o porto>
Por entre negras ondas largas.
(Naufrago a ver naufrago fundo
È <(†)>[↑vos] tua que se fora.
- 15 È todo um mundo destrinco
Como o seu <balanço> [↑Que vai (†)] e o seu gemido
Enchendo as [↑Por estes] sylabas amargas.
- <Voz de supremo desconforto>
<<V>/V\oz que de (†)>[↑(†)]
- 20 Voz de que pede uma voz de respeito
<Do mar por entre as mares> largas
Por entre o barro das ondas largas

mancha de tinta

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	14	È <(†)>[↑vos] tua que se fora.
	16	Como o seu <balanço>[↑Que vai (†)] e o seu gemido
	19	<<V>/V\oz que de (†)>[↑(†)]
supr.	11	<Como de nauta a ver o porto>
	18	<Voz de supremo desconforto>
	21	<Do mar por entre as mares> largas
acr. ent. sup.	17	Enchendo as [↑Por estes] sylabas amargas.
sobr.	10	Grito de p<i>/a\z libertadora.
	19	<<V>/V\oz que de (†)>[↑(†)]

0045/f.1v**L****OBSERVAÇÕES**

Com saídas. pelo profundo
 Um preto acerbo, afflicto, afflicto
 (†) es<t>/s\e mudo (†)do mundo

Antes veja da eterna
 5 Ô <(†) é exilada (†)>

Ah vae (†) toda (†)
 <Na (†)>
 <Todas> Que tu (†) do que
 Tendo que (†) soledade

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	5	Ô <(†) é exilada (†)>
	7	<Na (†)>
	8	<Todas> Que tu (†) do que
sobr.	3	(†) es<t>/s\e mudo (†)do mundo

4.5.23 PO-IS-OM-003-0046

Manuscrito autógrafo em papel pautado, grosso, pardacento, medindo 218mm x 220mm, e trazendo no ângulo superior esquerdo título – *Sposa do tumulo* –, em tinta azul preto, sublinhado, e o número 4, centralizado na folha, grafado em arábico, em tinta azul. Consta o manuscrito de um fólho escrito no recto em tinta azul, com todas as características de um texto definitivo. A mancha escrita do recto, medindo 190mm x 200mm, possui 14 linhas. As bordas do documento estão rasgadas e com muitas marcas de dobradura, sendo que na margem esquerda há um rasgo em formato de semicírculo cuja borda apresenta a mancha da tinta da escrita da linha imediatamente superior.

0046/f.1r

L

[↑sposa do
túmulo 4]

OBSERVAÇÕES
nota marginal lançada no ângulo esquerdo, em diagonal

Set<a>/t\ a que embalde a mão que ha de vibrar-a espera
Arco atirado a um canto e sem flecha e sem corda.
Ficaste surdo à dor que do seio transborda
Nada da minha dor pode emfim abrandar-te!

5 Pois bem! parte sosinho!.. Esquece tudo.... e parte!...

O guerreiro

– Não! Jamais partirei! Calmo, sereno e forte,
Cantarei no terreiro o meu canto de morte!

.

10 <†>/E\sta chama do Azul se afundou na floresta....
E unísona, vibrou a procura da festa...
O vinho golpvejou das fundas igaçabas.....

Gloria à nação tupy, domadora das tabas!....

Arthur de Salles

assinatura do poeta

TIPO DE EMENDA	LINHA	
sobr.	1	Set<a>/t\ a que embalde a mão que ha de vibrar-a espera
	10	<†>/E\sta chama do Azul se afundou na floresta....
acr. marg. sup.	anotação marginal	[↑sposa do túmulo 4]

4.5.24 PO-IS-OM-003-0047

Manuscrito autógrafo em apara de papel, pardacento, medindo 110mm x 322mm. Consta, o manuscrito, de um fólio escrito no recto e verso ambos em tinta preta. A mancha escrita do recto, que mede 100mm x 309mm, possui 30 linhas escritas, mesma quantidade da mancha escrita do verso, que, por sua vez, mede 100mm x 300mm. O documento é um borrão passado a limpo e traz na margem inferior marcas de dobraduras e um rasgo no ângulo direito, o que compromete a leitura nas duas últimas linhas. Traz marcas de que foi dobrado em três partes. A parte inferior do fólio apresenta manchas provocadas pela umidade e uma grande mancha d'água visível apenas no verso do fólio, próximo ao ângulo inferior esquerdo. O verso do papel traz centralizado à margem superior, o algarismo 2 em arábico, apresenta ainda grafos próximos à margem esquerda, à linha 22 e uma série de números I escritos em algarismos romanos e riscados, e à linha 25 foi grafado o número II em romano.

0047/f.1r

L

OBSERVAÇÕES

O pagem de Dona Branca
 Os dias passa a chorar
 Às noutes do peito arranca
 Suspiros e ais de cortar
 5 No seu leito Dona Branca
 Não sabe deste penar.
 R*<i>/o*mances da Castelhan [↓Arthur de Salles]

anotação marginal; assinatura do poeta; pena diferente, mais fina

Soffre e sonha, na miragem
 <De P> que mais lhe vem torturar
 Sonha o coitado do pagem
 10 Que alta noute, a luz do luar,
 De Dona Branca a miragem
 Vem seu martyrio acabar.

Soffre e sonha(, pesadello
 Mais lhe será que sonhar!)
 15 A ponte do alto castello
 Desce para elle ir gozar
 <Do>/Da\ castelã todo o anhelos
 Toda a belleza sem par.

mancha de tinta sobre o r de para

Sonha mais: seus labios quentes
 20 Os labios d'elle a buscar
 Seus olhos vivos e ardentes
 Os olhos d'elle a queimar
 Seus braços como serpentes
 O corpo d'elle a apertar.
 25 Sonha <ainda> mais: na vasta sala
 Elle, a harpa de ouro, a vibrar
 As scismas doces lhe embala
 Num suave descantar
 Glosando-lhe os pés de opal/a*/
 30 E os olhos de verde mar!

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	8	<De P> que mais lhe vem torturar
	25	Sonha <ainda> mais: na vasta sala
sobr.	17	<Do>/Da\ castelã todo o anhelos
	anotação marginal	R <i><i>/o\</i> mances da Castelhan [↓Arthur de Salles]
acr. ent. inf.	anotação marginal	R <i><i>/o\</i> mances da Castelhan [↓Arthur de Salles]

0047/f.1v**L****OBSERVAÇÕES**

[↑2]

anotação marginal

Mas tanto sonho lhe au<†>/g\menta

O <seu> já tamanho penar

Porque à guerra cruenta

Não fora <do>/os\ mouros do mar

5 Que bem lhe ficara isenta

A alma de tanto pesar.

<Tres lon>

Que os santos abrandem peitos

Bem <fora> quizera acreditar.

10 Tres longos annos vão feitos

Que lhe dura a ancia de amar

Essa de labios perfeitos

Com os das santas do altar.

Nesse tres annos entanto

15 Nesse continuo desfiar

<De tanta oração e tanto>

<Voto Vae-se>

Sobe a prece, desce o pranto,

<Mas é tão vão lamentar!>

20 N<u>/e\m a prece lhe ouve o Santo

Nem Dona Branca o chorar

<IIIIIIII>

Desventuroso e sem vida

<Que (†) da força deu no empenhar>

outra campanha de escrita; pena diferente, mais fina

riscos ondulares soto-postos, indo da margem esquerda até o *p* de *prece*

desenhos aleatórios sobre a escrita entre as linhas 24 e 26

25

II

O pagem de d Stella

Viva, <feliz>, <a> sonhar. [↑os dias a cantar]

À noute se o ceu se estrella

Ou se refulge o luar

30 Aos formosos braços della

(...) feliz, a sonhar

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	2	O <seu> já tamanho penar
	7	<Tres lon>
	9	Bem <fora> quizera acreditar.
	16	<De tanta oração e tanto>
	17	<Voto Vae-se>
	19	<Mas é tão vão lamentar!>
	22	<IIIIIIIIII>
	24	<Que (†) da força deu no empenhar>
	27	Viva, <feliz>, <a> sonhar. [↑os dias a cantar]
	27	Viva, <feliz>, <a> sonhar. [↑os dias a cantar]
acr. ent. sup.	27	Viva, <feliz>, <a> sonhar. [↑os dias a cantar]
sobr.	1	Mas tanto sonho lhe au <†>/g\menta
	4	Não fora <do>/os\ mouros do mar
	20	N<u>/e\m a prece lhe ouve o Santo
acr. marg. sup.	anotação marginal	[↑2]

4.5.25 PO-IS-OM-003-0049

Documento autógrafo em papel pautado, pardacento, medindo 330mm x 220mm. Trata-se de um borrão passado a limpo e não traz título. O manuscrito consta de um fólio escrito no recto e verso, em tinta preta. A mancha escrita do recto, mede 190mm x 301mm e traz 31 linhas. As bordas do documento apresentam manchas provocadas por fogo, além de marcas de umidade. O papel apresenta marcas de dobraduras em todas as bordas, assim como alguns rasgos. Existem, no documento, três manchas provocadas por pingos de água. O papel apresenta rasuras ao ângulo superior e inferior direito. À margem esquerda há uma rasura com várias marcas de dobradura. O documento apresenta, ainda, trechos riscados e um sobrescrito. À última linha há duas manchas em tinta de tom amarronzado. O verso do documento mede 195mm x 290 mm, e tem 34 linhas. Assim como o recto, o verso do documento apresenta trechos riscados e um trecho sobrescrito. Há, ainda, uma mancha escura entre as linhas 6 e 7.

0049/f.1r

L

OBSERVAÇÕES

- (...) a sua <†>/E\ um corpo franzino
 (...) <Esguio>
 A voz vinha de um fundo <assim> [↑escuro] como de grota
 Quando a tarde esmorece <e a brisa sopra mansa>
- 5 <Lenta espaçadas>
 Um sorriso sereno e fugitivo
 <Que em gesto manso>
 Parado no seu rosto.
 Onde uma ave <cantasse> arrulhasse
- 10 <Era lenta e caridosa.> Era uma voz distante
 Era uma voz distante.
- <A voz vinha de um fundo assim como de grota>
 Quando a tarde esmorece. era uma voz distante
 Como a da aguia a cair no fundo de uma grota
- 15 Illuminava a sua face mansa
- Um sorriso sereno e fugitivo
 Illuminava a sua face mansa....
 E o gesto brando <†>/d\escuidosaa, esquivo
 Tinha essa doce timidez da crescenças....
- 20 A voze era distante,
 Lenta, e acudosa como a da agua que murmura
 No fundo de um grotão quando a tarde esmorece
 Um sorriso sereno e fugitivo
 <E na.>
- 25 Um sorriso sereno e fugitivo
 Uma (†) à sangrenta...
 <A mão>
 Como dizer porque <na.>
 Dolorosa destino. Uma excelencia errando
- 30 Dando assombrada de si mesma, <esmo foje>
 Espantado fugindo de si mesma.

mancha de tinta preta ao final da linha

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	3	A voz vinha de um fundo <assim> [↑escuro] como de grota
supr.	2	(...) <Esguio>
	4	Quando a tarde esmorece <e a brisa sopra mansa>
	5	<Lenta espaçadas>
	7	<Que em gesto manso>
	9	Onde uma ave <cantasse> arrulhasse
	10	<Era lenta e caridosa.> Era uma voz distante
	12	<A voz vinha de um fundo assim como de grota>
	24	<E na.>
	27	<A mão>
	28	Como dizer porque <na.>
	30	Dando assombrada de si mesma, <esmo foje>
sobr.	1	(...) a sua <†>/E\ um corpo franzino
	18	E o gesto brando <†>/d\escuidosaa, esquivo

0049/f.1v**L****OBSERVAÇÕES**

- Aos vinte annos deixara o rincão sertanejo
 E <d>/l\á ficara a flor do seu primeiro beijo
 Armando uma cruz à beira do caminho...
 E o passaro maldito, erradio, sem <†>/n\inho
- 5 Começou a canticar seu cantico de morte
 Dos campos do nordeste aos arraiaes do norte.
 Como que o sol lhe dera à belleza funesta
 Es<s>/t\e ardor que devasta, (†), recresta.
 E mata entre visões de fartura e de luz.
- 10 Onde o amor lhe sorria, [↑onde iam sem queixas], o vulto de sua cruz
 Desenhava-se logo.
 Abrindo os negros braços
 Num fundo cor de fogo.
 <Um destino maldito.>
- 15 <Onde caiu seus passos
 – Ia o crime e a dor, cai o som que, [↑a morte], a vingança
 Era <O sangue era >>
 Uma odysseia rara/real são ...:
 Como dous fogos fadus estocados
- 20 No escavado das orbitas, luzilando
 Pela terra entre corpos repartidos.
 Esse destino tragico, maldito,
 <Por onde>
 <No> entanto naquella face
- 25 Naquelle corpo franzino
 Nada trahia
 Na entanto a sua face, o seu corpo franzino
 Nada <trahia> dizia.
 A mansidão da voz <arrastada> e cantante
- 30 E gesto <esquivo, fugitivo>
 O sorriso bem velho e fugitivo
 <Dorada depois e tragico destino>
 <Na face.>
 Na face esguia.

barras inclinadas anulando a escrita das linhas 15 e 16

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	14	<Um destino maldito.>
	15	<Onde caiu seus passos
	16	– Ia o crime e a dor, cai o som que, [↑a morte], a vingança
	17	Era <O sangue era>>
	17	Era <O sangue era>>
	23	<Por onde>
	24	<No> entanto naquela face
	28	Nada <trahia> dizia.
	29	A mansidão da voz <arrastada> e cantante
	30	E gesto <esquivo, fugitivo>
acr. ent. sup.	10	Onde o amor lhe sorria, [↑onde iam sem queixas], o vulto de sua cruz
	16	– Ia o crime e a dor, cai o som que, [↑a morte], a vingança
sobr.	2	E <d>/l\á ficara a flor do seu primeiro beijo
	4	E o passaro maldito, erradio, sem <f>/n\inho
	8	Es<s>/t\e ardor que devasta, (†), recresta.

4.5.26 PO-IS-OM-003-0050

Documento autógrafo em papel pautado, medindo 330mm x 220mm. O manuscrito consta de um fólio escrito no recto e no verso, em tinta preta. O papel apresenta marcas de dobraduras e pequenos rasgos nos ângulos superior esquerdo e inferior direito, assim como manchas de umidade em todas as margens. À margem esquerda aparecem algumas manchas amarronzadas que se sobrepõem à mancha escrita, não prejudicando a leitura, no entanto. A mancha escrita do recto, que mede 180mm x 300mm, apresenta 26 linhas e é um texto definitivo. Trata-se de uma roda, de cantiga, como deixam entrever o conteúdo e a sonoridade, e traz o título – *Roda* – sublinhado na diagonal esquerda superior acompanhado do número 2, também sublinhado. A mancha escrita do recto traz poucas rasuras e substituições. A letra é relativamente clara do início ao fim do fólio. A mancha escrita do verso, com 11 linhas, medindo 120mm x 110mm, apresenta a continuação do texto do recto e traz três trechos riscados e quatro manchas de tinta preta. Pelo verso do papel é possível ver-se a sombra da mancha escrita do verso, assim como as manchas de umidade.

0050/f.1r

L

[↑R/o*/da 2]

Lá vem o dia estrepitando nos rodeios
 No galopada dos vaqueiros
 No rangido azoinante dos carros carregados
 No grito dos vaqueiros

5 – <Eã>/Oa\ boi guademar, óa boi prademá.

Bate que bate a enxada nos <agros>[↑<†>] coivarado<s>
 Cham, cham nos <agros> coivarados...

Torra na terra boa que salta feita em talhos
 10 Como coagulos negros do seu sangue fecundo.
 Sobe no ar, corisca e desce
 No mesmo tom caro – profundo.
 [←Cham], Cham, <nos agros>[↑(†)] coivarados...

15 [←<O sol>] O firmamento é uma coivara acesa
 O dorso nú, curvado sobre a gleba
 O roceiro vae cavando
 Chan chan nos agros coivarados
 Vae cantando:

20 Minha beija-fulô cadê teu ninho?
 Tá na beira do caminho.

Bate que bate a enxada nos agros coivarados
 Rosa saudade
 Tem pena de mim tem dó
 És doce como maxixe
 25 Chuvia pro meu giló.

Chan chan nos agros coivarados

OBSERVAÇÕES

anotação marginal

linha horizontal, centralizada,
 ondulada

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	6	Bate que bate a enxada nos <agros>[↑<†>] coivarado<s>
	13	[←Cham], Cham, <nos agros>[↑(†)] coivarados...
acr. marg. esq.	13	[←Cham], Cham, <nos agros>[↑(†)] coivarados...
	14	[←<O sol>] O firmamento é uma coivara acesa
supr.	6	Bate que bate a enxada nos <agros>[↑<†>] coivarado<s>
	6	Bate que bate a enxada nos <agros>[↑<†>] coivarado<s>
	7	Cham, cham nos <agros> coivarados...
	14	[←<O sol>] O firmamento é uma coivara acesa
sobr.	5	– <Eã>/Oa\ boi guademar, óa boi prademá.
acr. marg. sup.	anotação marginal	[↑R/o*/da 2]

0050/f.1v**L****OBSERVAÇÕES**

<Ah! vida dura deixa.>
 Manga peca quando eu a cato
 Todo o mundo já conhece
 A onda do mar balança
 5 E a pedra do muro desce

mancha de tinta sobre a letra E

<Cham, cham nos>
 Talla Henrique de Oliveira
 Pompeu da Barra Aragão
 Já pois descalpo sois mestre

desenho em forma de estrela

10 <Cham>
 Bate que bate

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	1	<Ah! vida dura deixa.>
	6	<Cham, cham nos>
	10	<Cham>

4.5.27 PO-IS-OM-003-0052

Manuscrito autógrafo em papel de bloco, pardacento, medindo 209mm x 235mm, não trazendo título. Trata-se, provavelmente, de um borrão passado a limpo. Consta o manuscrito de um fólio escrito apenas no recto, em tinta preta. A mancha escrita, com 23 linhas, mede 185mm x 195mm. O documento apresenta marcas de dobraduras e rasgos nos ângulos superior direito e inferior esquerdo. Devido à porosidade do papel, é possível ver, ao longo de todo o fólio, manchas de uma escrita em tinta azul, provavelmente provenientes da acomodação dos papéis, quando um fólio escrito em tinta azul foi armazenado em contato com este. Um pequeno traço horizontal e uma linha pontilhada dividem o texto em três partes.

0052/f.1r**L****OBSERVAÇÕES**

E vejo lá no fundo um campo escuro e quieto
 E uma arvore desnuda à beira de um barranco
 E ninhos balançando ao vento <do> <c>/\evemente
 Sei de alguém que recorda esta arvore senhora –

5

O que fora ainda ha fundo a solidão sonora
 O ermo florido e bello, o juiz da Alegria
 E uma triste visão de excilio e de ruína –
 O Silencio esse Deus que diz ao caos das horas

10

Faça-se o verso e o verso. alto acordo esplende
 Fechem-me as portas do seu claro firmamento

.

Ficam somente o Amor. Somente o Amor. Senhora.

A alma ficou assim, como a arvore da estrada

15

No barranco da dor, sustendo cinco ninhos
 De aves em tanto amor pesadas e nascidas –
 Ficou somente o amor dominando este excilo
 Que ante elle os fados máos e a sapiencia da hervas
 São como grãos de areia aos pés de uma montanha –

20

Ah! vos bem o sabeis quanto elle multiplica,
 As azas para o riso aos pincaros da vida!
 Vos que viveis neste <P>Labor transfigurada
 Certo o canto ouvireis. Vós, dona excelsa e firme

letra *v* da palavra *vida* manchada

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	3	E ninhos balançando ao vento <do> <c>/\evemente
	22	Vos que viveis neste <P>Labor transfigurada
sobr.	3	E ninhos balançando ao vento <do> <c>/\evemente

4.5.28 PO-IS-OM-003-0053

Manuscrito autógrafo em papel pautado, pardacento, medindo 223mm x 290mm. Consta o manuscrito de um fólio escrito no recto e no verso. A mancha escrita do recto, que mede 140mm x 220mm, apresenta 21 linhas escritas em tinta azul. Aparentemente não traz título; a parte superior do papel apresenta-se rasgada, faltando pedaços. O documento traz marcas de dobradura no centro, apresenta rasgos e dobras em todas as margens, faltando partes nas margens superior e esquerda. Há manchas provocadas pela umidade que ocupam boa parte da margem esquerda e da margem inferior, onde também acha-se estragado. Principalmente sobre essas manchas de umidade é possível ver o sombreado da mancha escrita do verso do fólio. Trata-se de um borrão passado a limpo, tendo a escrita limpa e a letra clara e apresentando apenas um verso riscado e três suprimidos com o uso de parênteses. A mancha escrita do verso apresenta 14 linhas e mede 170mm x 230mm. A mancha escrita do recto é bastante visível no verso. Trata-se de um texto em fase de elaboração, apresentando muitas hesitações e ensaios de rimas. Como o papel apresenta rasgos nas margens lateral e superior, a leitura fica prejudicada.

0053/f.1r**L****OBSERVAÇÕES**

(...)ueov (...)e
 (...)ltracio car(...) moso aedo

(...) ara como a que à mão lhe está soando
 Nunca jamais por valle deleitoso

5 A montanha se ouvira andar vibrando.

De Lirio o canto vario e numinoso
 Ante aquelle apanando desfallece
 Inda que (†) salvo e numeroso.

10 Mareyas de quem vingança atra e refece
 Houveram do Parnaso as moradoras
 Porque, certando, o misero as vencesse:

tinta borrada no segundo s de vencesse

(Mareyas de quem vingança atra e refece
 Houve agastado o delio deus um dia,
 <Porque centando o misero o vencesse>)

15 Inda que (†), e acento, a elle vencesse
 Não levara tão alto a melodia.
 Nos socegados campos de Cylleme
 Quando tempos na sua lhe apropia.

final da palavra *socegados* manchada de tinta preta

20 Nem da fruta de Pan clara e solenne
 Sahia a dor da magoa mal soffrida
 Que (†) lhe abriu no peito indemne.

mancha de trinta preta sobre o *m* de magoa

TIPO DE EMENDA	LINHA	
supr.	14	<Porque centando o misero o vencesse>)

0053/f.1v

L

OBSERVAÇÕES

(...)idade

dominio
(†)
sanguinio

escombros
hombros
assombro

anotações marginais

(...) senhora do <A>/m\ar. assim-todo.

ombro
montanhas
estranhas
tamanhas
sanhas

anotações marginais

(†) senhora do mar. <Aonde> /O\ [↑Mar] era todo. [↓(†)]

estremas
somas
supremas
(†)
erra e ...

uma linha pontilhada acompanha as quatro palavras sobrepostas uma sobre a outra. Anotações marginais.
anotações marginais

Aos extremos do mar nos extremos da terra.

5 Fui senhora do mar amei-o extremo a extremo -
Iluminei a linha aguda dos meus mastros
(...)m as luz de nossos ceos e <a luz de> clarão de outros astros
(...)- astros
astros-

anotações marginais

Rugia a tempestade a levar de rojo

(...) a tempestade humana <virando>[↑(†)] no meu bojo.

10 Num <reguengo.>

Desperta em <Num clamor a heroína> e

Desperta num clamor <do>

E Alma do homem rugia e estrondava em meu bojo

Desperta.

(...)nda
ronda
sonda
hediônda
rodonda

anotações marginais
cinco últimas linhas escritas em diagonal

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	9	(...) a tempestade humana <virando>[↑(†)] no meu bojo.
acr. ent. inf.	3	(†) senhora do mar. <Aonde> /O\ [↑Mar] era todo. [↓(†)]
supr.	7	(...)m as luz de nossos ceos e <a luz de> clarão de outros astros
	10	Num <reguengo.>
	11	Desperta em <Num clamor a heroína> e
	12	Desperta num clamor <do>
sobr.	2	(...) senhora do <A>/m\ar. assim-todo.
	3	(†) senhora do mar. <Aonde> /O\ [↑Mar] era todo. [↓(†)]
acr. ent. sup.	3	(†) senhora do mar. <Aonde> /O\ [↑Mar] era todo. [↓(†)]
anotação marginal		dominio
		(†)
		sanguinio
		escombros
		hombros
		assombro
		ombro
		montanhas
		estranhas
		tamanhas
		sanhas
		estremas
		somas
		supremas
		por terra encerra
		erra e ...
		(...)- astros
		astros
		(...)nda
		ronda
		sonda
		hediônda
		rodonda

4.5.29 PO-IS-OM-003-0054

Manuscrito autógrafo, em papel de bloco, pardacento, medindo 202mm x 237mm. Não traz título e apresenta as características de um borrão passado a limpo. Consta o manuscrito de um fólio escrito apenas no recto. A mancha escrita do recto, em tinta preta, tem 24 linhas e mede 175mm x 200mm. Apresenta o documento, no ângulo inferior esquerdo, uma rasura e marcas deixadas pelo fogo. A margem inferior apresenta sinais de que foi cortada com tesoura. O fólio traz, ainda, uma mancha de umidade que afeta toda a margem esquerda e o ângulo superior esquerdo. A escrita é com pena grossa e letra graúda, diminuindo um pouco para o final do fólio, onde também aparecem alguns trechos riscados e sobrescritos. À linha 17 encontra-se um sinal semelhante ao sinal de adição. A leitura das últimas linhas fica prejudicada pelas rasuras no papel.

0054/f.1r

L

OBSERVAÇÕES

- Outra visão mais bela [[↑]mais clara] e mais bela da terra
 Com razão. Sarei as feridas da guerra
 Que a vida abriu – sem vencedor e vencido
 Dos teus dias-anciãos que foram peregrinos
 5 Aprendi a lição de altos dogmas divinos
 E para decifrar letras de estranhos verbos
 Eu conservei os seus crepusculos acerbos
 Ela foi para mim como uma Sulamita
 Douda a clamar por mim pela noute infinita
 10 Fui rei, em pompa e brilho, e fui pastor e bardo
 Derramei aos seus pés (†) de nardo
 E foi a vida, o canto, a alegria, a beleza
 E essa fina, sutil e fecunda tristeza
 Que sempre ao fundo está da toda alma christan
 15 <†>/E\ nos diz que sem Deus toda a esperança é van
 Flor (†)nda e fecunda no sopro rijo ao austro

+

- Eu tive sempre em mim a saudade de um claustro
 E ela me fez tutor. <esta emoção do grado>[↓ <a (†)>] [↓↓ a transis das etnias]
 20 <Vive em nós>
 <Da. forma do (†)>
 Esses dias a sensatez de naves de gabroinos
 /E*/ssa <†> emoção <†> nossa alma surpresa
 /N*/ossa (†) e da nossa grandeza

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. inf.	19	E ela me fez tutor. <esta emoção do grado>[↓ <a (†)>] [↓↓ a transis das etnias]
	19	E ela me fez tutor. <esta emoção do grado>[↓ <a (†)>] [↓↓↓ a transis das etnias]
supr.	20	<Vive em nós>
	21	<Da. forma do (†)>
	23	/E*/ssa <†> emoção <†> nossa alma surpresa
	23	/E*/ssa <†> emoção <†> nossa alma surpresa
acr. ent. sup.	1	Outra visão maisbela [[↑] mais clara] e mais bela da terra
sobr.	15	<†>/E\ nos diz que sem Deus toda a esperança é van

4.5.30 PO-IS-OM-003-0055

Manuscrito autógrafo em papel de bloco, pardacento, medindo 202mm x 253mm. Um fólio escrito apenas no recto, em tinta preta. Não traz título. A mancha escrita, que mede 170mm x 205mm, apresenta 26 linhas. O documento apresenta marcas de corte feito com tesoura no ângulo superior esquerdo. As bordas trazem marcas deixadas pelo fogo. No ângulo inferior esquerdo há uma grande mancha escura provocada pela ação do fogo que destruiu boa parte do papel, prejudicando consideravelmente a leitura. A escrita é descuidada e apresenta diversos trechos riscados. Trata-se do rascunho de uma carta.

- Quando annunsiastes a intenção de <uma festa>
De uma publica prova de apreço ao velho
cultor das letras, <†> tentei fugir e recusar.
Não fugistes nem recusais. Aqui estais
5 e aqui estou para a expressão alta e segura
de minha gratidão, – Quantos anos com o
<vosso> a nobreza [↑(†)] de vosso gesto premiar
Os poucos serviços que vem prestando às letras
Bahianas, nos ambitos de sua vida provincial,
10 onde se afogam as aspirações mais altas
e ambições mais nobres, <no justo registro>
<de aurelar o nome com as palmas da vitoria>
<(…) e louros da glória> Não é que pense como um
velho mestre francez que “beleza os que nunca
15 atravessaram o horizonte do seu vale.”*/
Não. <Mar> <†>/E\ que esta velha provincia
sempre nova <no> <Na flor [↑(†)] combusta – de “inteligem
cia e espiritualida -” <no seu continuo>
<girar dentro das orbitas da vida (†)>>
20 <†> .. que não na afasta, <não> da-nos (†)
sahir da \ de (†) e na prata (†)
delas foram (†) onde se celebraram as gerações
(…)(†)das <a (†) dão o justo>[↓ que vão dando o seu]
(…) <†>
25 (….)alho na [↑com a] experiencia do
(…) lembrança.

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. inf.	23	(…)(†)das <a (†) dão o justo>[↓ que vão dando o seu]
supr.	1	Quando annunsiastes a intenção de <uma festa>
	3	cultor das letras, <†> tentei fugir e recusar.
	7	<vosso> a nobreza [↑(†)] de vosso gesto premiar
	11	e ambições mais nobres, <no justo registro>
	12	<de aurelar o nome com as palmas da vitoria>
	13	<(…) e louros da glória> Não é que pense como um
	16	Não. <Mar> <†>/E\ que esta velha provincia
	17	sempre nova <no> <Na flor [↑(†)] combusta – de “inteligem
	18	cia e espiritualida -” <no seu continuo>
	19	<girar dentro das orbitas da vida (†)>>
	17	sempre nova <no> <Na flor [↑(†)] combusta – de “inteligem
	18	cia e espiritualida -” <no seu continuo>
	19	<girar dentro das orbitas da vida (†)>>
	20	<†> .. que não na afasta, <não> da-nos (†)
	20	<†> .. que não na afasta, <não> da-nos (†)
	24	(…) <†>
acr. ent. sup.	7	<vosso> a nobreza [↑(†)] de vosso gesto premiar
	17	sempre nova <no> <Na flor [↑(†)] combusta – de “inteligem
	25	(….)alho na [↑com a] experiencia do
sobr.	16	Não. <Mar> <†>/E\ que esta velha provincia

4.5.31 PO-IS-OM-003-0056

Manuscrito autógrafo em papel de bloco, pardacento, medindo 203mm x 254mm. Consta o manuscrito de 1 fólio escrito apenas no recto. A mancha escrita, que mede 160mm x 183mm, apresenta 23 linhas, em tinta preta e não traz título e possui algumas das características de um borrão passado a limpo, apresentando diversos trechos riscados. A letra que no início do fólio apresenta-se mais clara vai aligeirando-se do meio para o final. O ângulo superior do documento foi cortado com tesoura; no entanto, ainda é possível entrever o restante da marca deixada pela ação do fogo. O fólio apresenta uma grande mancha de umidade que vai do ângulo superior esquerdo até o ângulo inferior esquerdo, afetando toda a margem esquerda. O documento apresenta, ainda, marcas de dobradura no centro.

0056/f.1r

L

OBSERVAÇÕES

Mas um dia tudo isto refez-se num momento
O que porvir: que foi feito – que foi tardo
vai agora trilhando a passo exausto e tardo
Agros brutos, griseos os cançados caminhos
5 Dão-lhe o cardo que amarga. E lá ficaramlhe
Volteja espia e grasna agora a horda dos corvos
E os dias sem manhans, os crepusculos torvos
Empurrando brutais: em reflexos e acoites
Para <e bate> (†) e portas iriças da noutes

10 E mandibulas silenciosa mastigando
Rosas primaverais. E esse <clamor (†)>[↑insano]
<L>/D\ e cailhe tarde submersa a subir do ocaso
<F>/T\urvo <(†)>e se espraia <quando (†)>[↓<(†)>]

15 E dentro dalma e fora da alma
<(†)>/A\ soar dentro da alma e fora dalma <(†)>/co\briira [↓mortos] sinal arbitrário semelhante a um F
tinta borrada em ro de dentro
[↓↓↓(†)] [↓↓↓em tudo]
Ante a mudez da terra [↓e a crueza [↑mudez] dos astros]
<(†)>/E\ afogam [↑dever] na onda (†)

Do mar morto o (†) ao Luso –

20 +
E o caminheiro triste do exilio -
Foram-se parelhos afundavam-se o/*s/ mortos

borrão de tinta

4.5.32 PO-IS-OM-003-0057

Manuscrito autógrafo em papel de bloco pautado, pardacento, medindo 202mm x 253mm, consta de um fólio escrito apenas no recto. A mancha escrita, em tinta preta e com pena grossa, medindo 172mm x 230mm, não traz título e apresenta 26 linhas. Traz o documento, à margem esquerda e ângulo inferior esquerdo, manchas provocadas pela umidade. O fólio apresenta também algumas manchas de tinta preta sobre a mancha escrita, grafos semelhantes a aspas simples e a aspas duplas na margem esquerda. Os ângulos inferior esquerdo e inferior direito apresentam marcas de dobraduras, que também aparecem ao centro do fólio. A borda inferior traz uma pequena rasura e um pequeno furo no ângulo direito superior. Apresenta características de borrão passado a limpo.

0057/f.1r

L

[↑Eu tive sempre em mim esta saudade do claustro]

Deixai que evoque aqui neste supremo instant<a>/e\

Este nume divino e cuja voz distante

Muito longe, de som frio e quasi apagado

Vem de lá dos desvãos nevoentos do passado

5 Escuta-o mesmo assim o velho coração.

Que desperta estremece e vibra com/*o/ então

<D>/C\ansado do esplendor de um poente outonnal [↑Escuta-o mesmo

assim o velho /*coração/]

E dela, a solidão essa voz divinal.

<Para> Tanto vez [↑e] ansiei inquieto e atorment/*a/do

10 Por sua grande paz. E quanta debruçado

Sobre o torvo golfão das miserias humanas

Abri como <(†)>/dia\ nublado, ao som das ondas <ansas>[↑murchas]

Meus braços para ele imprecantes e aflitos.

Ah! P<o>/\entas na <(†)>adustão dos seus ermos benditos

15 Minha tenda em rasgões de nomade tristonho

E com a sonbra da cisma e em pedaços de sonho

Remendar este manto esfarpado da vida.

Tinha sêde febril de sua agua escondida

.Em profundos grotões, onde as horas silentes

20 Vão busca-a passando em teorias dormentes

Sem graça bravia e o san das tabaróas

Quando passam florindo ao caminho de lôas

Tinha a fome voraz do seu pão amassado

Pelas mãos do silencio, o seu pão levedado

25 Com a cinza do Renascer. E fui: Bebia sua agua

Esta fez-se em vinho em vez da acessa fragua

OBSERVAÇÕES

anotação marginal; emenda a um dos versos do manuscrito 54.

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	12	Abri como <(†)>/dia\ nublado, ao som das ondas <ansas>[↑murchas]
supr.	9	<Para> Tanto vez [↑e] ansiei inquieto e atorment/*a/do
	14	Ah! P<o>/\entas na <(†)>adustão dos seus ermos benditos
acr. ent. sup.	7	<D>/C\ansado do esplendor de um poente outonnal [↑Escuta-o mesmo assim o velho /*coração/]
	9	<Para> Tanto vez [↑e] ansiei inquieto e atorment/*a/do
sobr.	1	Deixai que evoque aqui neste supremo instant<a>/e\
	7	<D>/C\ansado do esplendor de um poente outonnal [↑Escuta-o mesmo assim o velho /*coração/]
	12	Abri como <(†)>/dia\ nublado, ao som das ondas <ansas>[↑murchas]
	14	Ah! P<o>/\entas na <(†)>adustão dos seus ermos benditos
acr. marg. sup.	anotação marginal	[↑Eu tive sempre em mim esta saudade do claustro]

4.5.33 PO-IS-OM-003-0059

Manuscrito autógrafo em papel de carta, pardacento, medindo 218mm x 330mm. Consta o manuscrito de 1 fólio escrito no recto e no verso. Traz a margem superior dobrada e rasgada, apresentando, ainda um pequeno rasgo à margem esquerda. No ângulo inferior esquerdo vê-se a marca de uma dobradura. Possui, ao longo de toda a sua extensão, mas principalmente ao centro, manchas provocadas pela umidade. Devido à porosidade do papel e a estas manchas de umidade, é possível ver a sombra da escrita de um lado no outro, o que compromete um pouco a leitura. A mancha escrita do recto, medindo 200mm x 230mm, tem 27 linhas escritas em tinta azul, em alguns trechos, esmaecida pelo tempo. O documento não traz título e apresenta diversas emendas autorais: trechos riscados, sobrescritos e sotoescritos, parecendo tratar-se de um rascunho. Acima da linha 1 há uma série de traços e pontos sobrepostos em diagonal à palavra *Salomé* que se encontra sublinhada por um tracejado irregular. Há uma linha horizontal sotoposta à linha 6 e um sinal arbitrário, semelhante a uma cruz, à linha 9. A mancha escrita do verso, medindo 190mm x 260mm, apresenta 23 linhas escritas com tinta azul mais clara e mais esmaecida pelo tempo e pela umidade. Não traz título e mostra poucas emendas autorais. Apresenta o manuscrito trechos riscados, sobrescritos e um trecho escrito abaixo. Nas últimas três linhas foram escritos alguns números em algarismos arábicos, que parecem ser anotações aleatórias.

0059/f.1r

L

Salomé <na razão – João a Ti.>[↑devene o seputulo da sociedade moderna] [↓a mundo acusado (†)] [↓↓a (†) que da (†) (...)]

A razão anda não fica a pensar se o acto acaba tudo. (†)
Antes da dezollação uma vacilla<(†)>/çã\, clarão abriu. assim crer na família (†) no impiria como um veludo. Salomé

5 pede a cabeça mas fica uma limfeta – João morre –

Sal<- an vida> a duvila, a razão – a sciencia –
Loco a fé –
– <(†)>/L\oro decide a razão -
Herodes <o mal>

10 João – Ah! Salomé, dansas agora.....
Labrica e bella. La peti humama
Dansa. Ò dansar a beira dos precipicios
Como os cabritos

Rodas vestiginosamente como um fuso
15 Movido pelas mãos febris de teu orgulho
Ò a flor de um dia na corrente para portada do tempo
Os que riram a luz verão teus jestos lassos, frios
Cahírem do teu corpo como palhas sem viço
Como (†) peitos podres –

20 Como es diferente de (†) –

Teu nome é como um fundo sofrido do relva
Teus olhos como duas ondas (†) [↓<do mar do peccado>]
Não (†) em (†) na tua bocca cor de [↓rosas]
As palavras que (†) a rede dos saltos (†)

25 Tua é uma amphora de bordas <finas> rubras [↑<Porque> (†) (†) valia.]
<Como os desejos (†)..>
– Como a Luxuria que anda acabada pelo teu copo

OBSERVAÇÕES

série de traços soto-postos, seguido de um desenho arbitrário e de uma série de traços, verticais, inclinados e sobrescritos.

linha vertical com uma série de pontos soto-postos.

sinal arbitrário entre *Herodes* e *o mal*.

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	1	Salomé <na razão – João a Ti.>[↑devene o seputulo da sociedade moderna] [↓a mundo acusado (†)] [↓↓a (†) que da (†) (...)]
acr. ent. inf.	1	Salomé <na razão – João a Ti.>[↑devene o seputulo da sociedade moderna] [↓a mundo acusado (†)] [↓↓a (†) que da (†) (...)]
	1	Salomé <na razão – João a Ti.>[↑devene o seputulo da sociedade moderna] [↓a mundo acusado (†)] [↓↓a (†) que da (†) (...)]
	22	Teus olhos como duas ondas (†) [↓<do mar do peccado>]
	23	Não (†) em (†) na tua bocca cor de [↓rosas]
supr.	6	Sal<– an vida> a duvila, a razão – a sciencia –
	9	Herodes <o mal>
	22	Teus olhos como duas ondas (†) [↓<do mar do peccado>]
	25	Tua é uns amphora de bordas <finas> rubras [↑<Porque> (†) (†) valia.]
	25	Tua é uns amphora de bordas <finas> rubras [↑<Porque> (†) (†) valia.]
	26	<Como os desejos (†)..>
acr. ent. sup.	25	Tua é uns amphora de bordas <finas> rubras [↑<Porque> (†) (†) valia.]
sobr.	3	Antes da dezollação uma vacilla<(†)>/çãø\, clarão abriu. assim crer
	8	– <(†)>/L\oro decide a razão -

0059/f.1v

L

OBSERVAÇÕES

Vê tenho o aprumo leve e ele (†) espanta
 Das aves quando ar cortam nas vivas rondas
 O forte e grácil como viu peixe. E fugitivo
 Como sua praia ao longe entre sombreas frondas.

- 5 Bem que de vôo e de ascensão em meio agita
 Dos ventos e do mar. (†)nhas formas redondas
 Tem o majo, a expressão infinita
 Da vida [†eterna] que abre nas hajas e nas ondas.

- (†) nem velam entra (†) e harpas
 10 <Pro(†) revem>
 Quando <ao (†),>[†<o vento>] ao (†), (†) (†) e escape
 <Leia anciãos.>
 <(†)> (†).
 <Remos de (†)>
 15 Õ vento <calido>[†(†)], a <(†)>.

- De cá dos fundo mar
 <Como Ca(†)> O (†) das (†).
 Portadoras da alegria.
 <(†) dos> tejumpares.
 20 <(†)>/A\ dor que vae

sinal arbitrário semelhante a uma
 cruz de malta

Com as travessuras claras da morte
 <(†)>/((†))\((†) da onda azulina
 Labio da vida fina da luz
 31.4 20.3
 9
 9039 9903

anotações marginais

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	11	Quando <ao (†),>[†<o vento>] ao (†), (†) (†) e escape
	15	Õ vento <calido>[†(†)], a <(†)>.
supr.	10	<Pro(†) revem>
	12	<Leia anciãos.>
	13	<(†)> (†).
	14	<Remos de (†)>
	15	Õ vento <calido>[†(†)], a <(†)>.
	17	<Como Ca(†)> O (†) das (†).
acr. ent. sup.	18	<(†) dos> tejumpares.
	8	Da vida [†eterna] que abre nas hajas e nas ondas.
sobr.	20	<(†)>/A\ dor que vae
	22	<(†)>/((†))\((†) da onda azulina

4.5.34 PO-IS-OM-003-0060

Manuscrito autógrafo em papel de bloco, pardacento, medindo 216mm x 315mm. Consta o manuscrito de um fólio escrito no recto e no verso. A mancha escrita do recto, medindo 190mm x 220mm, tem 16 linhas escritas em tinta azul. Não traz título. O documento apresenta marcas de que foi dobrado ao meio e nos ângulos inferiores direito e esquerdo e superior direito. Apresenta o documento uma mancha à margem esquerda do papel e três manchas à tinta azul no ângulo inferior direito. Traz emendas autorais: trechos riscados, escritos abaixo e sobrescritos. A mancha escrita do verso, que mede 190mm x 030mm, tem apenas 3 linhas, sendo que todas estão riscadas. Além disso, o documento mostra ainda um trecho escrito abaixo, e também riscado, à linha 2. Vê-se o sombreado da grafia e das manchas do verso no recto e vice-versa. Trata-se de um rascunho.

0060/f.1r

L

OBSERVAÇÕES

- Nao aterra como arcades (†)
 <Popa (†)do que vão pellas>
 Dae livre curso a (†) que <vos> vae torturado
 A(†)nuda (†) cresciam que (†)
 5 Copia a dor que não fala ao (†) (†)
 Não poder <†>[↑mais] e o parte- .
 E mas meus filhos.
 seguem
 Noticia vos dou eu ti lhes mulheres, <na proa>[↓<†> tambor]
 10 <(†) pausa>
 Criados (†)mpre foi. Venha do abis<†>/m\o pede
 E eu acuso. Eu corro. E eles hospede sua
 As marcas de um artista
- (†) que (†), que (†) <o (†)>. [↓o droga de (†)]
- 15 <Me tranca> aqui, de vez, da-
 <Espelunca>[↓Exorcisa um fim], [↑da], atraso, de vez, a inércia

papel manchado

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	6	Não poder <†>[↑mais] e o parte- .
	9	Noticia vos dou eu ti lhes mulheres, <na proa>[↓<†> tambor]
subs. ent. inf.	14	(†) que (†), que (†) <o (†)>. [↓o droga de (†)]
	16	<Espelunca>[↓Exorcisa um fim], [↑da], atraso, de vez, a inércia
supr.	2	<Popa (†)do que vão pellas>
	3	Dae livre curso a (†) que <vos> vae torturado
	9	Noticia vos dou eu ti lhes mulheres, <na proa>[↓<†> tambor]
	10	<(†) pausa>
	15	<Me tranca> aqui, de vez, da-
acr. ent. sup.	16	<Espelunca>[↓Exorcisa um fim], [↑da], atraso, de vez, a inércia
sob.	11	Criados (†)mpre foi. Venha do abis<†>/m\o pede

0060/f.1v

L

OBSERVAÇÕES

<Mudou (†) o o (†)ande (†)> guerra.
<fuja. Grenne e Marlowe – Shakspere >[↓A esta gerações]
<vai suceder>

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. inf.	2	<fuja. Grenne e Marlowe – Shakspere >[↓A esta gerações]
supr.	1	<Mudou (†) o o (†)ande (†)> guerra.
	3	<vai suceder>

4.5.35 PO-IS-OM-003-0061

Manuscrito autógrafo em papel de carta pautado, pardacento, medindo 202mm x 258mm. Consta o manuscrito de um fólio escrito apenas no recto. O documento traz marcas, no ângulo inferior esquerdo, deixadas pela ação do fogo. Apresenta uma grande mancha d'água que se estende por toda a margem esquerda e se caracteriza por ser mais escura na parte inferior. O documento está cortado com tesoura no ângulo superior esquerdo. O fólio apresenta 20 linhas na mancha escrita, que mede 170mm x 230mm. Não traz título. Trata-se de um rascunho e traz diversas emendas: trechos riscados, trechos sobrescritos e um trecho escrito abaixo. Há um traço diagonal que vai da linha 4 à linha 7, anulando a palavra *raro*. À linha 14 aparecem dois pontos [...] e, abaixo da linha 20, duas manchas escuras correspondentes às manchas dos dois pontos anteriores.

0061/f.1r**L**

Basta. [↑Esquece] [↑↑ a(†)] [↑↑↑(†)] O caminho longo e paisente.

<Passa (†)>

Este clarão de sol rejuvenece a vida

Por melhor que esse agora esses estros da florida.

<Ha primavera nascera. E mais leve a descida [↓(†)]>

5 <(†)> raro

<(†)>

Ha roseirais florido nos vales de um ceu claro

<Ha>[↑Com] primavera na alma. [↑e] É mui leve a descida.

raro anulado com traço diagonal que vai da linha 4 à linha 7

borrão ilegível

<A>/D\o reguecar da (†)

10 <Fez-se um leve [↑e] clarão,> [↓Esse (†)] alto sonoro e raro

Transformou-se em riso alto sonoro, raro

<<E com> <com> [↑E] esse canto <(†)>>

Canto primaveral que embebe outros cantos

Com a primavera na alma é mais leve a [↓descida]

. .

15 <Mas>/E\ o vosso coração parte da nossa terra

<Urna aberta de que.->

Chove palmas de luz no que veio da guerra

Com uma estrofe a luzir em cada cicatriz

<B[↑r]incas louvor vós Que eu [↑ainda] fiz e refiz>

20 Do ter

borrão

OBSERVAÇÕES

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	8	<Ha>[↑Com] primavera na alma. [↑e] É mui leve a descida.
subs. ent. inf.	10	<Fez-se um leve [↑e] clarão,> [↓Esse (†)] alto sonoro e raro
acr. ent. inf.	4	<Ha primavera nascera. E mais leve a descida [↓(†)]>
	14	Com a primavera na alma é mais leve a [↓descida]
supr.	1	Basta. [↑Esquece] [↑↑ a(†)] [↑↑↑(†)] O caminho longo e paisente. <Passa (†)>
	5	<(†)> raro
	6	<(†)>
	16	<Urna aberta de que.->
	19	<B[↑r]incas louvor vós Que eu [↑ainda] fiz e refiz>
acr. ent. sup.	1	Basta. [↑Esquece] [↑↑ a(†)] [↑↑↑(†)] O caminho longo e paisente. <Passa (†)>
	1	Basta. [↑Esquece] [↑↑ a(†)] [↑↑↑(†)] O caminho longo e paisente. <Passa (†)>
	1	Basta. [↑Esquece] [↑↑ a(†)] [↑↑↑(†)] O caminho longo e paisente. <Passa (†)>
	8	<Ha>[↑Com] primavera na alma. [↑e] É mui leve a descida.
	10	<Fez-se um leve [↑e] clarão,> [↓Esse (†)] alto sonoro e raro
	19	<B[↑r]incas louvor vós Que eu [↑ainda] fiz e refiz>
	19	<B[↑r]incas louvor vós Que eu [↑ainda] fiz e refiz>
sobr.	9	<A>/D\o reguecar da (†)
	15	<Mas>/E\ o vosso coração parte da nossa terra

4.5.36 PO-IS-OM-003-0062

Manuscrito autógrafo em papel de carta, espesso, pardacento, medindo 203mm x 312mm. Consta o manuscrito de um fólio escrito no recto e no verso. O documento traz marcas deixadas pelo fogo: toda a margem direita e grande parte da margem inferior. Há uma grande mancha d'água à margem esquerda do papel. A mancha escrita do recto, medindo 180mm x 270mm, possui 28 linhas. Apresenta características de um borrão passado a limpo. Traz título lançado ao ângulo superior – *Mariannnas* – em tinta preta e sublinhado. O documento apresenta diversas emendas autorais: trechos riscados, sobrescritos e alguns trechos escritos abaixo. À linha 5 há um sinal semelhante a uma cruz de malta; no início da linha 15 aparecem dois pontos. A mancha escrita do verso, que mede 160mm x 290mm, possui 29 linhas. O verso também apresenta as características de um borrão passado a limpo, com diversas emendas autorais: traz trechos riscados e sobrescritos. A segunda e terceira estrofes estão separadas por dois traços horizontais, sendo que o segundo é bem mais longo que o primeiro. Há uma mancha vertical que vai da linha 20 a 25 e, um grafo arbitrário no final das linhas 25 e 26. O documento parece ter ligação com o manuscrito 003-0049.

0062/f.1r

L

[↑Mariannas]

vem sê o meo bem

<Marianna arrastou pela.>

Aquelle para ser escorraçado.

Pelo entoeja do seu proprio fado.

5

+

<A>/O\ mal que <†>/e\lla espalhava entre os homens perdidos

Era o seu bem (†) na terra. O unico bem. que veio

Fria, esquina, fugindo aos homens que a buscavam

<Como> Com a fome de cem humanos

10

E a sede de cem desertos.

Repartiu-o, <com.>

O mal e o seu bem. O unico bem que veio

<Da partilha que a vida.>

<Repartia-o, assim-.>

15

Dava-o como se d<†>/á\, da cacimba lodosa –

A agua que mata a sede [↑e depois] e mata a vida.

Dava – <sabendo-os em prancto em cujo> seio [↓como um fructo amargo e apodrecida]

..Dáva-

<Da>/P\orque o dava -? Não o sabia. E aos homens que abraçam

20

O mal era o seu bem. O unico bem na terra.

Era a <†>/s\ua missão leval-o, <como a guardas -> [↓<espalha então as partes>] [↓↓e dal-os as partes.]

<Como a fome,>

Irmão da fome irmã da peste, irmão da guerra

<E Forma> humana da secca, <extinguir os nascentes>

25

D-.

Dava-o porque? Não sabe. E dava-o [↑(†)] <espavorida> [↑ja medros] tinta manchada na letra o [↓medrosa]

<Nada> [←↓Nada], assombrada de si mesma.

Espantada <assombrada> espavorida....

OBSERVAÇÕES

anotação marginal

desenho semelhante a uma cruz de malta

dois pontos no início da linha

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	26	Dava-o porque? Não sabe. E dava-o [↑(†)] <espavorida> [↑ja medros] [↓medrosa]
subs. ent. inf.	21	Era a <†>/s\ua missão leval-o, <como a guardas →> [↓<espalha então as partes>] [↓↓e dal-os as partes.]
	21	Era a <†>/s\ua missão leval-o, <como a guardas →> [↓<espalha então as partes>] [↓↓e dal-os as partes.]
acr. ent. inf.	17	Dava – <sabendo-os em prancto em cujo> seio [↓como um fructo amargo e apodrecida]
	26	Dava-o porque? Não sabe. E dava-o [↑(†)] <espavorida> [↑ja medros] [↓medrosa]
sub. ent. inf. marg. esq.	27	<Nada> [←↓Nada], assombrada de si mesma.
supr.	2	<Marianna arrastou pela.>
	9	<Como> Com a fome de cem humanos
	11	Repartiu-o, <com.>
	13	<Da partilha que a vida.>
	14	<Repartia-o, assim.->
	17	Dava – <sabendo-os em prancto em cujo> seio [↓como um fructo amargo e apodrecida]
	22	<Como a fome,>
	24	<E Forma> humana da secca, <extinguir os nascentes>
	24	<E Forma> humana da secca, <extinguir os nascentes>
acr. ent. sup.	16	A agua que mata a sede [↑e depois] e mata a vida.
	26	Dava-o porque? Não sabe. E dava-o [↑(†)] <espavorida> [↑ja medros] [↓medrosa]
sobr.	6	<A>/O\ mal que <†>/e\lla espalhava entre os homens perdidos
	6	<A>/O\ mal que <†>/e\lla espalhava entre os homens perdidos
	15	Dava-o como se d<†>/á\, da cacimba lodosa –
	19	<Da>/P\orque o dava -? Não o sabia. E aos homens que abraçam
	21	Era a <†>/s\ua missão leval-o, <como a guardas →> [↓<espalha então as partes>] [↓↓e dal-os as partes.]
acr. marg. sup.	anotação marginal	[↑↑Mariannnas]

0062/f.1v

L

OBSERVAÇÕES

De que fundo revolto e tenebroso
 Surgiu, nas trevas do sertão radioso
 Aquella flor noturna da desgraças!
 Que doloroso e tragico destino
 5 Andar semeando a dor, o desatino
 O sangue e <†>/a\ maldição por onde passa!.

Era uma saga surda e millenaria
 Dessa fatalidade bruta e cega
 Que veio solitaria
 10 Das tempestades da tragedia grega.

(...) um sorriso sereno e fugitivo
 Illuminava a sua face mansa
 O gesto brando esquivo
 15 Tinha sua doce timidez de creança.

A voz tinha esse <d>/t\om de imploração da prece
 Voz distante, velada, de amargura.
 Lenta e saudosa como a de agua que murmura
 Ao fundo de gretão quando <a tarde esvoa>[↑anoutece.]

20 Corpo lançado como o das palmeiras novas
 Por elle, tanta vez, num cipoal de trovas
 O desejo, <fremito>[↑(†)] enr<†>/r\oscava e subiam.
 E a cor tisonada e quente, o negror dos cabellos.
 Gritavam contra o verde fertil dos olhos be<†>/l\os:

25 Verdes, verdes, pequenos e parados.
 Como dous fogos-fatuos estocados
 Há [↑No concavo] no fundo das orbitas – luziam.

grafo

Mas esse olhar era sombrio.

<Tinha na ansia afflictiva extremada de aza>[↓Fugindo no ceo de fogo e
 chão de braza.]

TIPO DE EMENDA	LINHA	
subs. ent. sup.	19	Ao fundo de gretão quando <a tarde esvoa>[↑anoutece.]
	22	O desejo, <fremito>[↑(†)] enr<†>/r\oscava e subiam.
subs. ent. inf.	29	<Tinha na ansia afflictiva extremada de aza>[↓Fugindo no ceo de fogo e chão de braza.]
acr. ent. sup.	27	Há [↑No concavo] no fundo das orbitas – luziam.
sobr.	6	O sangue e <†>/a\ maldição por onde passa!.
	16	A voz tinha esse <d>/t\om de imploração da prece
	22	O desejo, <fremito>[↑(†)] enr<†>/r\oscava e subiam.
	24	Gritavam contra o verde fertil dos olhos be<†>/l\os:

5 UM LEVANTAMENTO VOCABULAR NOS TEXTOS SALLESIANOS

Através do vocabulário se percebe com bastante clareza a tão louvada erudição de Arthur de Salles. Em seus manuscritos encontram-se referências ao vocabulário medieval e ao vocabulário presente nas cantigas de amor.

Celso Cunha, no *Cancioneiro de Joan Zorro*, afirma que "A linguagem poética é por natureza uma linguagem arcaica, porque repousa sobre uma técnica e exige um aprendizado."¹³⁸ "Se" – ainda conforma Celso Cunha – "a linguagem poética atual apresenta características arcaicas em relação à língua corrente, que dizer da trovadoresca, muito mais fixa e convencional?"¹³⁹

Reforçando essa idéia, não é apenas através da estrutura composicional que Arthur de Salles constrói, por exemplo, uma cantiga medieval. Em manuscrito sob o título de "Pequeno dicionário de palavras e phrases" (017:0165; 017:0166; 017:0167), Arthur de Salles faz uma listagem de frases e palavras, acompanhadas de seus significados, onde podemos encontrar palavras que fazem parte do vocabulário medieval, como *meôgo*, *cho*, *chus*, e alguns deles são utilizados em *Rimas Várias*, como *nembra* e *havedes*.

Nesse caso, o poeta, um obcecado pela perfeição, um estudioso inveterado, procurou cumprir o seu objetivo, complementando a estrutura de seu poema com um vocabulário arcaizante, fazendo uso de palavras e expressões presentes em poemas contidos em diversos cancioneiros medievais¹⁴⁰, exemplos disso são *catalectos*, *cuidação*, *desnembra*, *hy*, *nulla ren*, *per*, entre outras.

Em outros casos, muitas das palavras usadas por Arthur de Salles podem ser encontradas tanto em autores clássicos quanto em obras de contemporâneos seus, autores simbolistas e parnasianos, os quais o poeta admirava, como Cruz e Souza, Alphonsus de

¹³⁸ CUNHA, Celso. 1949. O Cancioneiro de Joan Zorro..., p. 214.

¹³⁹ *Id. ibid.*, p. 215.

¹⁴⁰ VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. 1904. Glossário do Cancioneiro da Ajuda. In: _____. (Edit). *Cancioneiro da Ajuda*. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.; CUNHA, Celso. 1945. O Cancioneiro de Paay Gómez Charinho. In: _____. 1999. *Cancioneiro dos trovadores do mar*. Ed. prep. por Elsa Gonçalves. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.; CUNHA, Celso. O Cancioneiro de Joan

Guimaraens e Augusto dos Anjos, ou Olavo Bilac e Raimundo Correia. Várias outras, porém, fazem parte de um léxico pessoal de Arthur de Salles, e essas palavras, muitas vezes criadas por ele, são utilizadas repetidas vezes ao longo de toda sua obra, compondo o que se pode chamar de "marcas" da escrita sallesiana, seu *modus scribendi*.

A intertextualidade está presente e deixa transparecer as leituras feitas pelo poeta. Quando tenciona seguir os passos de Almeida Garrett e sua personagem Dona Branca, Salles usa formas da língua comum, do vocabulário de base¹⁴¹, ao lado de palavras de uso mais restrito – como *anhelo* – ou até mesmo caídas em desuso – como *coitar*, por exemplo; a maioria delas podem ser encontradas em diversos textos de Garrett, e outros contemporâneos.

Outros exemplos interessantes de intertextualidade são as referências a Harpagão – personagem de *O Avaro*, de Molière – e Iago – personagem de *Otelo*, de Shakespeare. Diversos elementos da mitologia greco-romana, como Prometeo, Jupiter, Vulcano, Zephyro e personagens bíblicos como Herodes e Salomé também aparecem nos textos sallesianos, assim como elementos de culturas estrangeiras, como a italiana, a francesa, a inglesa.

A erudição de Arthur de Salles também é refletida em seu vocabulário, em palavras como *adustão* – cauterização pela ação do fogo –, *antiste* – sacerdote pagão da antigüidade; título honorífico que se dava aos bispos –, *flavescente* – da cor do ouro.

Algumas palavras, por exemplo, mostram que Arthur de Salles era bom conhecedor da cultura brasileira. Exemplo disso é *iguaçaba* – pote de barro, utilizada como urna funerária indígena –, *chula* – dança e música de origem portuguesa. Palavras como *guadamar* – boi mestiço de zebu e caracu –, *gleba* – área de terra não urbanizada, própria para cultura – e *cardo* – praga da lavoura – nos dizem da intimidade do poeta com o léxico rural.

Pode-se verificar, através de seu vocabulário, que Arthur de Salles era um poeta inventivo, que sofreu as influências de seu tempo, buscou inspiração nos clássicos, bebeu nas fontes mais diversas, mas que criou um estilo seu, bastante pessoal. O vocabulário de

Zorro... CUNHA, Celso. 1956. O Cancioneiro de Martin Codax. In: _____. 1999. *Cancioneiro dos trovadores do mar*. Ed. prep. por Elsa Gonçalves. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Arthur de Salles é a síntese de sua personalidade: inquieto, complexo, soturno, polido, vasto, surpreendente.

5.1 PARNASIANO NA FORMA, SIMBOLISTA NO VOCABULÁRIO

Em notícia do jornal *A Tarde*, de Salvador, logo após a morte do poeta Arthur de Salles, foi dito que:

[...] nenhuma geração o combatia. Se entre os escritores e poetas acadêmicos contava com admiradores, menos querido e admirado não o era nas rodas dos literatos de tendência e convicções modernistas. Não vivia enclausurado em torre de marfim, acompanhava e participava das vibrações cívicas da juventude, formava com os moços em movimentos renovadores, dominado por uma sinceridade que todos lhe reconheciam e admiravam¹⁴².

Arthur de Salles não foi um escritor fechado em uma só vertente, não seguiu uma única escola, atualizou-se ao longo do tempo e buscou aquilo que de melhor cada movimento lhe oferecia. Escrevendo hinos, odes, sonetos, poemas, poematos, transitou entre a poesia e a prosa, foi escritor, poeta e tradutor: um intelectual versátil, um homem de seu tempo.

Ívia Alves, por exemplo, ao falar sobre os colaboradores da revista *Arco & Flexa*, classifica Arthur de Salles entre os autores de tendências ecléticas do fim do século XX.¹⁴³ Almeida Gouveia, no entanto, classifica Salles como simbolista, juntamente com Francisco Mangabeira e Pethion de Vilar.¹⁴⁴

¹⁴¹ AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*. 2. ed. act. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925. 2v.; FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 1899. 2. v.; SÉGUIER, Jayme. *Diccionario práctico ilustrado*. Porto: Chardron, 1928.

¹⁴² MORREU Artur de Sales. *A Tarde*, [Salvador], 27 jun. 1952.

¹⁴³ ALVES, Ívia. *Arco & Flexa: contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978. p. 44.

¹⁴⁴ GOUVEIA, Almeida. *Pethion de Vilar: cavaleiro do sonho e do ideal (interpretação do simbolismo)*. Salvador: [s.n.], 1970. p. 15.

Salles, homem de vastíssima cultura, "versejara ora como simbolista, ora como parnasiano, ora praticando o classicismo, mas sempre artista impecável na estruturação de sua magnífica produtividade."¹⁴⁵

Conforme se afirma, Arthur de Salles pode ser considerado parnasiano e simbolista, classificação que se comprova através do levantamento lexical de sua obra, pois se a forma de seus versos evidencia, por vezes, o parnasianismo, o vocabulário denota o simbolismo, e o inverso também é verdadeiro.

Ele mesmo, no entanto, se declarara parnasiano e, escrevendo ao amigo Durval, afirma:

Recebi a **Terra do Sol** e a **Revista Social**. Affonso Costa que ahi está, no Rio, disse-me que lhe mandasse producções para a **Terra do Sol**. Não mandei. Vejo que ella é futurista ou tem tendencias futuristas, o que não critico. Eu porem não sou futurista. Meu verso parnasiano não agrada aos srs. da Revista.¹⁴⁶

No final da vida, porém, ele foge aos grilhões do cânone, declarando, em sua última entrevista concedida à imprensa, ao ser questionado se se considerava parnasiano ou simbolista: "hoje sou um poeta, somente um poeta. Considero-me acima de escolas literárias, longe destas prisões literárias de antigamente."¹⁴⁷

Todavia, transparecer em poetas dessa época características de duas escolas literárias não é, de forma alguma, um fato incomum. Isso ocorre, geralmente, na maioria dos escritores que acompanham a transição dos movimentos¹⁴⁸, como foi o caso de Arthur de Salles.

De acordo com José Aderaldo Castello, o enquadramento nos movimentos literários é relativo, como foi o caso das escolas parnasiana e simbolista:

O enquadramento proposto, bastante relativo, lembra o caso anterior dos seguidores do Parnasianismo, quando nem todos foram parnasianos: agora, também, não quer dizer que todos sejam simbolistas. A heterogeneidade de atitudes, prevalecendo, naturalmente, a da preferência de cada um, provém da coexistência de poéticas e, conseqüentemente com elas, das persistências. Por exemplo, participante do grupo da *Nova Cruzada*, na Bahia, Artur Gonçalves de

¹⁴⁵ SESSÃO em homenagem a Arthur de Salles. *Estado da Bahia*, [Salvador], 10 out. 1952.

¹⁴⁶ Cf. doc. 071:0412 [carta não datada] do acervo de A.S.

¹⁴⁷ TAVARES, Cláudio T. *op. cit.*, p. 1 e 3.

¹⁴⁸ Cf. SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 97.

Salles passa do Simbolismo para o Parnasianismo, ao mesmo tempo que exprime atitudes "realistas".¹⁴⁹

Nos versos a seguir, ainda em processo de escritura, podem ver-se várias das características do parnasianismo, onde se cultua a forma através de uma métrica rigorosa (*ababab; cdcdcd; ababab; cdcdcd*) e rimas ricas (*escuridão, solidão; voar, ar; cantar, par*), e a arte justifica-se pela sua beleza formal, a arte pela arte, tendendo ao descritivismo¹⁵⁰. Porém, seu vocabulário, muitas vezes, reporta a um universo etéreo e brumoso, da poesia pura, não racionalizada, que usa imagens e não conceitos, primando pelo subjetivismo e pelo mistério, nos limites do inconsciente, seguindo as características da escola simbolista¹⁵¹:

doc. 001:0009

f.1v

A noute vae alongada
Pela immensa escuridão
E eu leio, enchendo o silencio
5 Desta minha solidão
Na cella do frei poeta
Sextilhas de Frei Antão.

Lá fora de quando em quando
Corre um ligeiro brilhar:
10 Luz de lampyrio que passa,
Como se estrella, ao voar,
Deixara no largo voo
Rastilhos de ouro no ar.

Depois no ceo e na terra
15 Das trevas a densidão
E eu leio. E vão-me estes versos
No mesmo diapazão
Á luz da lampa fumosa
De morrediço clarão.

Vão-me as sextilhas sahindo
20 Mas, ai de mim! que o rimar
Não tem a diva doçura
Nem o celso cantar
Que dimanavam das cordas
25 Daquella lyra sem par.

¹⁴⁹ CASTELLO, José Aderaldo. *op. cit.*, p. 22.

¹⁵⁰ Cf. RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Panorama da poesia brasileira (Parnasianismo)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.

¹⁵¹ Cf. MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952.

Outra característica do simbolismo, também destacada no vocabulário, é essa disposição de criar uma gramática psicológica e um léxico original, cunhando neologismos e regenerando arcaísmos, recorrendo a expedientes gráficos: usando, por exemplo, maiúsculas, onde estas seriam dispensáveis (como em *Frei*, no verso 7), ou y onde os dicionários da época já registravam *i* (*lampyrio*, verso 10, *lyra*, verso 25).¹⁵²

Em Arthur de Salles, no entanto, as influências dos movimentos literários dos quais participou são tão marcantes que se encontrou, através do levantamento vocabular desses 36 documentos, que compreendem uma amostragem aleatória, uma interessante similaridade quantitativa nas *palavras marcadas* de ambas as escolas, 206 das que podem ser consideradas *parnasianas* e 316 das que podem ser consideradas *simbolistas*, o que em números relativos daria aproximadamente 40% e 60%.

Pode-se afirmar, portanto, a partir da análise destes documentos, que a influência de ambas as escolas literárias é bastante forte, com uma pequena predominância vocabular (20%) em favor do simbolismo, nos documentos desta amostra. O que, no entanto, contradiria o próprio autor, que se declarava parnasiano¹⁵³, a princípio, e mais tarde, na entrevista já mencionada, afirma ter ultrapassado essas influências¹⁵⁴.

Apesar de este trabalho ter se ocupado apenas de uma pequena parte dos documentos pertencentes ao Acervo de Arthur de Salles, influências das duas escolas literárias ficam evidentes na obra do poeta. E, o que mais chama a atenção, é que os ideais do parnasianismo e do simbolismo tiveram, ao que podemos constatar, a princípio, praticamente igual importância sobre a criação poética de Arthur de Salles.

¹⁵² Cf. AULETE, Caldas. *op. cit.*; FIGUEIREDO, Cândido de. *op. cit.*; SÉQUIER, Jayme. *op. cit.*; MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 475.

¹⁵³ Cf. doc. 071:0412.

¹⁵⁴ Cf. TAVARES, Cláudio Tuiuti. *op. cit.*

5.2 METODOLOGIA UTILIZADA NO LEVANTAMENTO VOCABULAR

Estão presentes neste levantamento vocabular apenas as palavras constantes dos manuscritos que integram esta edição. Fazem parte dele palavras características do fazer poético de Arthur de Salles, recorrentes em diversos de seus textos ao longo de toda a sua obra, e outras nem tão recorrentes, mas bastante peculiares, não muito comuns e, por isso mesmo, elementos que podem dar uma prova da erudição do poeta.

Analisando os manuscritos de Arthur de Salles, pode-se verificar, a princípio, que, de seu vocabulário, constam *palavras marcadas*, ou seja, aquelas cujo uso caracteriza alguma escola literária. No seu caso ficam evidentes as influências tanto do parnasianismo quanto do simbolismo, como se disse anteriormente; *palavras de criação pessoal*, algumas vezes criadas pelo poeta para efeito de rima, ou extraídas do uso popular; e *palavras de uso comum*, que fazem parte do seu léxico, aparecendo repetidas vezes ao longo de suas obras, "palavra muito minha amiga", no dizer do poeta.

Essas palavras encontram-se misturadas entre os poemas. Podem-se encontrar expressões tipicamente simbolistas em poemas da fase parnasiana do poeta e vice-versa. Além do que, há, evidentemente, palavras que podem ser consideradas neutras, ou seja, livres de um significado específico em determinado contexto, e há ainda aquelas que são de uso corrente em ambas as escolas – o que é comum, aliás, a escolas subsequentes – e ganham significado especial a depender do contexto em que se encontram.

Na época da organização do Acervo, em 1979, foram usadas, para a primeira classificação dos materiais, como já foi dito, informações extraídas de análises extrínsecas. Dessa forma, os documentos aqui analisados foram agrupados simplesmente por serem, ou parecerem ser, rascunhos de poesias não pertencentes a nenhuma obra específica. Mais tarde, no decorrer das pesquisas feitas sobre a obra de Arthur de Salles, verificou-se que alguns desses documentos eram, na realidade, parte integrante de outras obras, ou pertencentes a alguma coletânea, sendo, dessa maneira, analisados em outras ocasiões. É o caso, por exemplo, dos documentos 001:0003 e 003:0063, incluídos na coletânea de *Poemas do Mar*¹⁵⁵. Portanto, os documentos restantes nas pastas 001 e 003, e agora

¹⁵⁵ CARVALHO, Rosa, *op. cit.*

estudados, constituem uma amostra aleatória da produção poética de Arthur de Salles, o que nos permite apresentar uma visão generalizada do vocabulário do autor.

A partir da análise do vocabulário desses manuscritos pôde-se chegar, a princípio, a um levantamento, dentro da divisão lexical citada anteriormente. Procedeu-se a essa classificação, de acordo com as características vocabulares pertencentes às escolas simbolista e parnasiana, tomando como base os estudos de Andrade Muricy¹⁵⁶ e Péricles da Silva Ramos.¹⁵⁷ Evidentemente, tal classificação não é rígida, nem tampouco se pretende definitiva, pois como já foi mencionado, há, entre o vocabulário de ambas as escolas, palavras neutras e palavras de uso comum em ambas as escolas.

É importante salientar o fato de que a classificação das *palavras de criação pessoal* foi baseada em buscas em dicionários contemporâneos ao poeta. Tomaram-se como base dicionários do início do século por ter sido nesta época que se concentrou a maior parte da produção do autor. Esses dicionários foram: FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 1899. 2.v.; AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da língua portugueza*. Lisboa: Parceria, 1925. 2.v.; e SÉGUIER, Jayme. *Diccionario práctico ilustrado*. Porto: Chardron, 1928.

Nessas buscas, nenhuma dessas palavras foi localizada. Tal fato, no entanto, não leva a crer na possibilidade de serem todas criações autorais, já que, como se sabe, nem todas as palavras consagradas pelo uso corrente e popular são consideradas pelos estudiosos como merecedoras de verbetes em dicionários. Optou-se, no entanto, por subordinar a esta classificação todas as palavras que não foram encontradas nas buscas aos dicionários.

Especificamente para o levantamento do vocabulário medieval utilizado por Arthur de Salles, foram pesquisados os glossários e vocabulários dos seguintes cancioneiros: *O Cancioneiro da Ajuda*¹⁵⁸, *o Cancioneiro Paay Gómez Charinho*¹⁵⁹, *o Cancioneiro Joan Zorro*¹⁶⁰, *o Cancioneiro de Martin Codax*¹⁶¹.

¹⁵⁶ Cf. MURICY, Andrade. *op. cit.*

¹⁵⁷ Cf. RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *op. cit.*

¹⁵⁸ VANCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *op. cit.*

¹⁵⁹ CUNHA, Celso. *O Cancioneiro de Paay Gómez Charinho...*

¹⁶⁰ CUNHA, Celso. *O Cancioneiro de Joan Zorro...*

¹⁶¹ CUNHA, Celso. *O Cancioneiro de Martin Codax...*

Neste levantamento as palavras estão dispostas em ordem alfabética. Seguindo cada verbete encontram-se as informações relativas aos seus locais de ocorrência – pasta, documento e fôlio– assim como os seus significados dentro do contexto de cada poema.

Para preservar a fidelidade ao vocabulário sallesiano, mantém-se todas as palavras na forma e na grafia que se encontravam nos textos originais, conservando-se o uso das maiúsculas e os erros ortográficos óbvios. Colocam-se também todas as formas em que a palavra aparece nos textos; em contrapartida, os significados são apresentados somente na sua forma corrente, sem flexão de gênero e número. Os verbos são escritos na flexão em que aparecem nos textos seguidos da sua forma infinitiva, na qual é apresentado o seu significado.

Para melhor visualização, as palavras marcadas foram identificadas no levantamento que se segue antecedidos dos seguintes símbolos: (#) para aquelas consideradas parnasianas e (*) para as consideradas simbolistas; (♣) para as palavras pertencentes ao vocabulário medieval, presente nos manuscritos 001:0007 e 001:0009 – *Catalectos e Rimas Várias* – e (♥) para as palavras pertencentes ao vocabulário palaciano, presente no manuscrito 003:0047, 1r e 1v – *Romances da Castelhan*.

As palavras consideradas como de criação pessoal aparecem somente com indicação de ocorrência, não trazendo explícito o significado.

5.3 LEVANTAMENTO VOCABULAR A PARTIR DOS DOCUMENTOS DA PASTA 001 E 003

Palavras	Ocorrência	Significado
* Abafada	003:0043, 1r	sufocante; irrespirável; asfixiado
# abençoado	003:0031, 1v	aquele ou aquilo que recebeu bênção
aberta	003:0061, 1r	descerrado; amplo; vasto
# abraçam [abraçar]	003:0062, 1r	apertar nos braços; cingir entre os braços
# Abranda/abrandar/ ♥ abrandem	003:0043, 1v; 0046, 1r; 0047, 1v	tornar brando; amolecer; suavizar
Abrindo/abre [abrir]	003: 0049, 1v; 0059, 1v	descerrar; separar; afastar
* abysmo/abismo	001:0005, 1r; 003: 0042, 1r; 0060, 1r	precipício
acaba [acabar]	003:0059, 1r	terminar; findar
acção	003:0042, 1r	ato; obra
accesa/acceso	003:0050, 1r; 0041, 1r	que se acendeu; vivo; brilhante
* Accorrentar	003:0042, 1r	prender com correntes
* Accusas/ acuso [acusar]	003:0042, 2r; 0060, 1r	incriminar; culpar
* acerba/acerbos	003:0045, 1r e 1v	angustia; aflige
acessa [acessar]	003:0057, 1r	entrar; ingressar
* acoites [açoitar]	003:0056, 1r	fustigar com açoite; flagelar
acorda [acordar]	003:0031, 1r	despertar
Acordar	003:0044, 1r	lembrar
acordo	003:0052, 1r	pacto; concordância
acto	003:0059, 1r	ação; feito
acudosa	003:0049, 1r	
* acusado	003:0059, 1r	que sofre incriminação
adeus	003:0045, 1r	cumprimento de despedida
adulada	003:0029, 1r	bajulado; lisonjeado
* adustão	001:0001, 1r; 003:0057, 1r	cauterização por meio do fogo
# aedo	003:0053, 1r	poeta, na Grécia antiga, que recitava suas composições ao som de uma lira
afasta [afastar]	003:0055, 1r	apartar; distanciar
* afflictiva	003:0062, 1v	que causa aflição
* afflicto/aflitos	001:0001, 1r; 003:0045, 1v; 0057, 1r	inquieto; angustiado
* afogam [afogar]	003: 0055, 1r; 0056, 1r	asfixiar; sufocar
* afundavam/afundou [afundar]	003:0046, 1r; 0056, 1r	fazer ir ao fundo
* agastado	003:0053, 1r	irritado; aborrecido
agita [agitar]	003:0059, 1v	mover com frequência
* agrilhoa [agrilhoar]	003:0042, 2r	prender com grilhões
* agrilhoadas	003:0042, 1r	preso com grilhões
# Agros/agros	003:0050, 1r; 0056, 1r	terra cultivável
agua	003:0041, 1r; 0049, 1r; 0057, 1r; 0062, 1r; 0062, 1v	líquido incolor essencial aos organismos vivos
aguia	003:0049, 1r	ave de rapina
Ah	003:0042, 1r	interjeição

* ais	003:0047, 1r	lamento
alado	003:0038, 1v	dotado de asas
alçados	003:0043, 1r	levantado; erguido
alcavas	001:0014, 1r	
# Alegria/alegria	003: 0052, 1r; 0054, 1r; 0059, 1v	contentamento; satisfação
alevantados	003:0043, 1r	levantado; erguido
alimarias	003:0043, 1v	fera; animal
# alma	003: 0029, 1r; 0031, 1r; 0043, 1r; 0047, 1v; 0052, 1r; 0054, 1r; 0056, 1r; 0061, 1r	sede de afeto; sentimentos e paixões
alongado	003:0034, 1r	comprido; afastado
altas	003:0047, 1r; 0055, 1r	elevado; aumento
altar	003:0047, 1v	mesa consagrada de religiões e seitas
alteia [altear]	003:0044, 1r	elevantar; erguer
altos	003:0038, 1v; 0043, 1r e 1v; 0047, 1r; 0052, 1r; 0053, 1r; 0054, 1r; 0061, 1r	que soa forte; grande; elevado; de grande extensão vertical
# alvas	003:0033, 1r; 0033, 1r	claro; branco
# alvoradas	001:0005, 2v	claridade que precede o romper do Sol
# amado	003:0041, 1r	dileto; querido; estimado
# amansa [amansar]	003:0043, 1v	tornar-se manso; dócil
# amantes	003:0029, 1r	aquele que se ama
# Amar/amar/amai/amou	003: 0038, 1v; 0042, 1v; 0047, 1v; 0053, 1v	ter amor; querer bem
* Amarga/amargas/amargo	003:0043, 1r e 1v; 0056, 1r; 0045, 1r; 0062, 1r	doloroso; triste; penoso; de gosto desagradável
* amargura	003:0062, 1v	tristeza; sofrimento
Amassado/amassados	003: 0043, 1v; 0057, 1r	amarrotado; amarfanhado
ambições	003:0055, 1r	aspiração; desejo intenso
ambitos	003:0055, 1r	recinto; contorno
# ameiga [ameigar]	003:0043, 1v	tornar-se meigo; doce
# amiga	003:0038, 1v	ligado a outros por laços de amizade
# amizade	003:0042, 1v	simpatia; estima; ternura
# Amor/amor	003:0029, 1r; 0042, 1r; 0049, 1v; 0052, 1r; 0052, 1r	sentimento de dedicação absoluta a outro ser
# Amphion	003:0043, 1r e 1v	marido de Níobe, rainha de Tebas ¹⁶²
# amphionia	003:0043, 1r	relativa a Amphion
# amphiono	003:0043, 1v	relativo a Amphion
# amphora	003:0059, 1r	vaso de cerâmica com duas asas simétricas e fundo pontiagudo
amplidos	001:0014, 1r	
♥ ancia	003:0047, 1v	perturbação, aflição, pena, tormento
anciãos	003:0059, 1v	velho; idoso
anciosa	003:0041, 1r	que tem ânsia
♥ anhelo	003:0047, 1r	desejo; aspiração
# anima	003:0042, 1v	alma
anneis	003:0042, 2r	tira circular que se usa nos dedos

¹⁶² BULFINCH, Thomas. *O Livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução de David Jardim Júnior. 4. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 137.

anos/anos	003:0047, 1v; 0049, 1v; 0055, 1r	período de tempo correspondente a 12 meses
annunsiaste [anunciar]	003:0055, 1r	divulgar; noticiar
# anoutece [anoitecer]	003:0062, 1v	chegar a noite
* anseios	003:0041, 1r	desejo ardente; aspiração
* ansia	003:0062, 1v	aflição; angústia
* ansiedade	003:0045, 1r	receio sem objeto visível
* ansiei [ansiar]	003:0057, 1r	ter ânsia; receio
# antiste	003:0029, 1r	antigo sacerdote pagão da antiguidade; título honorífico que se dava aos bispos
* antros	003:0038, 1v	lugar de perdição e vícios
apagado	003:0057, 1r	que não tem luz ou brilho; que não sobressai
apanagio	003:0042, 1r	propriedade característica; atributo
apanando	003:0053, 1r	
apertar	003:0047, 1r	comprimir; constringir
* apodrecida	003:0062, 1r	podre; putrefato
aprenda [aprender]	003:0042, 1r	tomar conhecimento de algo
apressarás [apressar]	003:0042, 2r	acelerar; abreviar
aproxima [aproximar]	003:0038, 1v	tornar próximo; avizinhar
apreço	003:0055, 1r	estima; consideração
* aprisionar	003:0042, 1r	fazer prisioneiro
apropria [apropriar]	003:0053, 1r	apossar; apoderar
aprumo	003:0059, 1v	posição vertical; direita
ares	003:0038, 1r; 0043, 1r; 0050, 1r	vento; brisa; gás que constitui a atmosfera terrestre
# arada	003:0043, 1r	lavrado com arado
# arcades	003:0060, 1r	pertencente ou relativo a Arcádia
Arco	003:0046, 1r	curvatura; peça curva
ardentes	003:0047, 1r	que está em brasas; que arde; que queima; que é picante
ardentia	003:0034, 1r	ardor; queimação
# ardor	001:0005, 1r	entusiasmo; paixão
areia	003:0052, 1r	partículas de rochas que formam o substrato de praias; desertos
# arfar	001:0005, 4v	ansiar; ofegar; respirar com dificuldade
# aromadas	003:0041, 1r	que recebeu aroma
# aromar	003:0041, 1r	colocar aroma
arragaes	003:0038, 1r	
arraiaes	001:0016, 1v; 003:0049, 1v	povoação de caráter temporário; geralmente relativo ao campo
* arranca [arrancar]	003:0047, 1r	tirar com força e violência
* arrastada/arrastou [arrastar]	003:0049, 1v; 0062, 1r	roçar ou deslizar pelo chão
arrulhasse [arrulhar]	003:0049, 1r	emitir sons como pombos
artes	003:0038, 1r; 0042, 1r	capacidade natural de pôr em prática os meios necessários para obter um resultado
artista	003:0060, 1r	profissional ou pessoa de Belas-Artes
* arvora-expectro	003:0034, 1r	árvore morta; assombrada
arvore	003:0034, 1r; 0052, 1r	vegetal lenhoso
arvortar	003:0038, 1r	
ascensão	003:0059, 1v	subida; elevação
aspirações	003:0055, 1r	desejo de alcançar um objetivo
* assombrada	003:0049, 1r; 0062, 1r	cheio de assombro; espanto
* assombro	003:0053, 1v	espanto; terror

# astros	001:0005, 2r, 4r e 4v; 003:0053, 1v; 0056, 1r	objeto celeste
atenta	003:0044, 1r	que presta atenção; cuidadoso
atirado	003:0046, 1r	atrevido; ousado
* atormentado	001:0001, 1r; 003:0057, 1r	que sofre tormentos ou torturas
* atormentar/atormentes	003:0042, 1v	infligir tormento; tortura
* atra	003:0053, 1r	lúgubre; infausto
atraso	003:0060, 1r	demora; retardamento
* atroz	003:0038, 1r e 1v	cruel; desumano
♣ attender	001:0007, 1r; 0009, 1r	estar à espera
augmenta	003:0047, 1v	ampliar; acrescentar
# augusto	001:0005, 1r	elevado; sublime
# auras	001:0005, 1r	vento brando; brisa; aragem; sopro
aurelar	003:0055, 1r	
# aureo	001:0005, 2r	brilhante; nobre; magnífico; de grande esplendor
# aurora	001:0005, 2r, 4r e 4v	período antes do nascer do sol; princípio; começo; origem; início da vida; infância
austro	003:0054, 1r	o vento do sul; sul; meridional
Aves/ave	003: 0034, 1r; 0049, 1r; 0052, 1r; 0059, 1v	pássaro
azas	003:0038, 1r e 1v; 0052, 1r; 0062, 1v	órgão do vôo dos animais voadores
azeviche	003:0029, 1r	variedade compacta do linho; usado em joalheria
* azoinante	003:0050, 1r	que perturba; embaraça e confunde
Azul/azul	003:0038, 1r; 0046, 1r	da cor do céu e do mar
azulina	003:0059, 1v	da cor azul; puxada para o azul
Bahianas	003:0055, 1r	mulher negra ou mulata da Bahia; vendedora de comida típica com traje característico
balança/balançando [balançar]	003:0050, 1v; 0052, 1r	oscilar; mover-se de um lado para o outro
balanço	003:0045, 1r	movimento oscilatório
bamboando [bamboar]	003:0034, 1r	balançar; menear; gingar
# bardo	003:0054, 1r	trovador; vate; poeta
baroneza	003:0033, 1r	mulher casada com um barão
barranco	003:0034, 1r; 0052, 1r	escavação; ribanceira
barro	003:0045, 1r	mistura de argila com água
Basta	003:0061, 1r	não mais; cessar
Bate/bate/batido [bater]	003: 0038, 1v; 0042, 2r; 0050, 1r e 1v	dar pancadas; golpear
Bebia [beber]	003:0057, 1r	ingerir um líquido
beija-fulô	003:0050, 1r	colibri
# beijos	003: 0041, 1r; 0049, 1v	ato de tocar com os lábios alguém ou alguma coisa
beira	003:0050, 1r; 0052, 1r; 0059, 1r	borda; margem
beirada	003:0034, 1r	margem; borda
# bela/bella	001:0005, 4r; 001:0001, 1r; 003:0054, 1r; 0059, 1r	mulher ou coisa bonita; a amada
beleza	003:0055, 1r	coisa bela; qualidade de belo
# Belleza/♥ belleza/beleza	003: 0041, 1r; 0047, 1r;	qualidade do belo, harmonia de proporções

	0049, 1v; 0054, 1r	
# bellos	003:0031, 1v; 0034, 1r; 0038, 1v; 0041, 1r; 0052, 1r; 0062, 1v	que é agradável aos sentidos
# bem	003:0062, 1r	pessoa muito querida e amada
# bemfeitor	003:0038, 1r	aquele que faz o bem ou benfeitorias
♣ ben	001:007, 1r; 009, 1r	de modo bom e conveniente
# benditos	003:0057, 1r	aquele ou aquilo que é abençoado
# bens	003:0038, 1r	o que é propriedade de alguém; possessão
# blandicia	003:0045, 1r	meiguice; brandura; afago; mimo
# boa	003:0050, 1r	feminino de bom
* bocarra	001:0002, 1r	boca muito grande ou muito aberta
bocca	003:0033, 1r; 0059, 1r	cavidade na parte inferior da face
boi	003:0050, 1r	nome dado aos indivíduos machos da família dos bovídeos
bom ton	003:0029, 1r	trato distinto; delicado; próprio da classe alta
bordas	003:0059, 1r	beira
* bramido	001:0002, 1r	clamor; grito forte
Branca	003:0047, 1r e 1v	nome próprio
# brancas	003:0041, 1r	da cor da neve; ausência de cor
# brando	003:0049, 1r; 0062, 1v	meigo; manso; afável
braveza	003:0043, 1v	bravura; intrepidez; coragem
bravia	003:0057, 1r	bruto; selvagem; feroz
braza	003:0062, 1v	carvão incandescente; ardor
brazão	003:0029, 1r	insígnia de família nobre
# brejeiros	003:0033, 1r	travesso; brincalhão
breve	003:0042, 2r e 2v	transitório; de pouca duração
# brilho	003:0054, 1r	cintilação; resplandecência
Brincas [brincar]	003:0061, 1r	divertir; recrear
# brisa	003:0049, 1r	vento suave e fresco
bronze	003:0042, 1r	liga metálica de cobre e estanho
bronzas/bronzos	003:0042, 1v e 2r	feito de ou da cor do bronze
* bruma	001:0005, 1v; 003:0042, 1v	nevoeiro; neblina; cerração
* bruta/brutos	003: 0056, 1r; 0062, 1v	tosco; rude
* brutais	003:0056, 1r	violentos; rudes
buscavam [buscar]	003:0062, 1r	procurar; tentar descobrir
♣ ca	001:0007, 1r; 0009, 1r	aqui, neste lugar
cabeça	003:0059, 1r	parte do corpo dos animais onde se situa o encéfalo e o crânio
cabellos	003:0062, 1v	conjunto de pêlos da cabeça
cabo	003:0038, 1v	fim
caboclas	003:0033, 1r	mestiço de branco com índio
cabritos	003:0059, 1r	pequeno bode
cacimba	003:0062, 1r	poço cavado até um lençol de água
* cadeias	003:0038, 1r; 0042, 1r, 1v e 2v	corrente de elos de metal; grilhão
# Cadméa	003:0043, 1r e 1v	Tebas, cidade de Cadmo
Cahírem/cair/cairá/caiu	003: 0038, 1r; 0049, 1r e 1v; 0059, 1r	ir ao chão
cajús	003:0033, 1r	pseudofruto do cajueiro
Cala/calar/calado	003: 0038, 1r; 0042, 2r; 0043, 1r	parar de falar; emudecer

calido	003:0059, 1v	quente; ardente
Calmo	003:0046, 1r	tranquilo; sereno
caminheiro	003:0056, 1r	aquele que percorre um caminho; viandante
caminhos	003:0049, 1v; 0050, 1r; 0057, 1r; 0061, 1r; 0056, 1r	trilha; via; destino; rumo
* campa	001:0005, 1r	pedra que cobre a sepultura
# campina	001:0005, 4r	campo extenso, sem árvores
# campos	003: 0049, 1v; 0052, 1r; 0053, 1r	extensão de terras com árvores esparsas
* can	001:0001, 1r	cabelo branco
Cansado/cançadas	003: 0056, 1r; 0057, 1r	fatigado; afadigado
cantante	003:0049, 1v	que canta
cantares/catasse/cantarei/canta/ cantado [cantar]	003: 0034, 1r; 0041, 1r; 0043, 1r; 0046, 1r 0047, 1v; 0049, 1r; 0050, 1r	emitir com a voz sons musicais
# cantaros	001:0012, 1r	vaso com uma ou duas asas, para líquidos
canticar	003:0049, 1v	
cantico	003:0049, 1v	canto em honra a uma divindade
canto	003:0046, 1r	lugar afastado; retirado
Canto/cantos	003:0041, 1r; 0046, 1r; 0052, 1r; 0054, 1r; 0061, 1r	som musical; canção; poesia
caos	003:0052, 1r	desordem; confusão
captivos	001:0014, 1v; 003:0038, 1r	prisioneiros; seduzidos; dominados
cardo	003:0056, 1r	praga da lavoura
caridosa	003:0049, 1r	que tem caridade
caros	003: 0033, 1r; 0050, 1r	que é tido em grande valor, querido
carregados	003:0050, 1r	com carga; cheio; pesado
carros	003:0038, 1v; 0050, 1r	automóvel; veículo de rodas
♥ Castelhan/castelã	003:0047, 1r	senhora ou dona de castelo; senhora feudal
♥ castello	003:0047, 1r	residência senhorial fortificada
castigo	003:0038, 1r	pena; punição
♣ catalectos	001: 0009, 1r	coleção de fragmentos ou peças soltas de autores antigos, antologia clássica
cato [catar]	003:0050, 1v	buscar; procurar
caudaes	003:0043, 1r	torrente impetuosa
cavando [cavar]	003:0050, 1r	fazer um buraco; revolver a terra
* cega	003:0062, 1v	que não vê; alucinado; obcecado
celebraram [celebrar]	003:0055, 1r	comemorar; festejar
celeres	003:0038, 1v	veloz; ligeiro; rápido
celeridade	003:0038, 1v	velocidade; ligeireza; rapidez
# celeste	003:0042, 1r	relativo ao céu; concernente à divindade
# celestiais/celestiaes	001:0005, 1v; 003:0042, 1r e 1v	concernente à divindade
cella	001:0009, 1v	aposeno dos frades e freiras nos conventos; pequena alcova ou quarto de dormir
# celso	001:0009, 1v	alto; elevado; sublime
Censoria	003:0043, 1v	relativo a censor ou à censura
centelhas	003:0038, 1r	fagulha; chispa
ceos/ceu/céus	003: 0029, 1r; 0034, 1r; 0047, 1v; 0053, 1v; 0061, 1r; 0062, 1v	firmamento

Cercal-a [cercar]	003:0043, 1r	rodear; circundar
certando	003:0053, 1r	pleitear; combater; discutir
cessar	003:0042, 1v	interromper; suspender
Cham/cham	003:0050, 1r; 1v	plano; rasteiro; de pouca qualidade
chama	003:0038, 1r; 0046, 1r	labareda; fogo
chão	003:0034, 1r; 0062, 1v	verso chão raso; fraco; sem grande valor
chaveiro	003:0044, 1r	objeto que porta ou pessoa que fabrica ou guarda chaves
chefe	003:0038, 1r	dirigente; diretor
* ♥ chorar/chorardes/Choras	003: 0042, 2v; 0047, 1r	verter lágrimas; exprimir tristeza
* choro	003:0042, 2v	pranto; lamento
christan	003:0054, 1r	pessoa que professa o ou relativo ao cristianismo
chula	003:0033, 1r	espécie de dança e música popular de origem portuguesa
Chuvia/Chove [chover]	003: 0050, 1r; 0061, 1r	fenômeno meteorológico que consiste em cair água em forma de gotas do céu
* cicatriz	003:0061, 1r	vestígio de danificação; impressão duradoura
cigarras	003:0034, 1r	inseto da família dos cicadídeos cujos machos apresentam órgãos musicais
cingida	003:0043, 1r	cercada; rodeada
* cinza	001:0001, 1r	luto; destruição; aniquilamento; cor da dor
* cinza	003:0057, 1r	pó ou resíduo da combustão de certas substâncias
* cinzento	003:0034, 1r	qualidade do que é cinza
cipoal	003:0062, 1v	parte de uma mata repleta de cipós
* cisma	003:0057, 1r	devaneio; desconfiança
# citharedo	003:0043, 1r	cantor que se acompanhava com cítara
* clamar	003:0054, 1r	bradar; gritar
* clamores	001:0002, 1r; 003: 0056, 1r; 0053, 1v	grito de queixa; súplica; protesto
# * clara	003:0033, 1r	nítido; bem perceptível ao ouvido
# * claras/claro	003: 0052, 1r; 0053, 1r; 0054, 1r; 0059, 1v; 0061, 1r	luminoso; luzente
* clarão/clarões	003: 0044, 1r; 0053, 1v; 0059, 1r; 0061, 1r	claridade intensa instantânea
# * claridade	003:0041, 1r	luminosidade
* claustro	003:0054, 1r; 0057, 1r	pátio interior dos conventos; clausura; recinto fechado
clavasco	003:0044, 1r	
* coagulos	003:0050, 1r	parte solidificada de um líquido
♣ coita	001: 0007, 1r; 0009, 1r	pena, mágoa
* ♥ coitado	003:0047, 1r	desgraçado; mísero; pobre infeliz
coivara	003:0050, 1r	resto de ramagem não atingida pela queimada, que se junta para ser incinerada
coivarados	003:0050, 1r	ramagem queimada
# colibri	001:0005, 4v	ave pequena, veloz e delicada, que se alimenta do néctar das flores
combusta [combustar]	003:0055, 1r	queimar
cometido [cometer]	003:0042, 2r	praticar; fazer
commovido [comover]	003:0043, 1r e 1v	emocionar; causar comoção
concavo	003:0062, 1v	cavado; escavado

concupiscências	003:0033, 1r	desejo intenso de bens ou gozos materiais
condão	003:0043, 1v	virtude especial; poder misterioso
condição	003:0043, 1v	situação; circunstância
conhece [conhecer]	003:0050, 1v	saber
conservei [conservar]	003:0054, 1r	preservar; manter
# Contemplae/contemplamos [contemplar]	003:0038, 1r; 0042, 2r	observar embevecidamente
continuo	003:0055, 1r	continuado; que não pára
continuo [continuar]	003:0047, 1v	suceder; prosseguir
contra	003:0062, 1v	em oposição; em posição contrária
Copia [copiar]	003:0060, 1r	fazer uma cópia; reproduzir
copos	003:0033, 1r	vaso sem tampa pelo qual se bebe
cor	003:0049, 1v; 0059, 1r; 0062, 1v	coloração
coração/corações	003:0031, 1r; 0042, 1v; 0043, 1r e 1v; 0057, 1r; 0061, 1r	órgão que bombeia o sangue nos animais
coragem	003:0042, 1r	bravura; intrepidez
corda	003:0046, 1r	cabo feito de fios
cordão	003:0031, 1r	corda delgada
corisca [coriscar]	003:0050, 1r	faiscar; relampejar
coroas	003:0043, 1v	ornamento circular usado na cabeça que simboliza algum tipo de poder
Corpo/corpos	003:0042, 1r; 0049, 1r e 1v; 0059, 1r; 0062, 1v	a estrutura total de um organismo vivo
corrente	003:0059, 1r	cadeia com elos; grilhões
correnteza	003:0043, 1r e 1v	águas que fluem rapidamente
corro [correr]	003:0060, 1r	mover-se rapidamente
cortar/cortam	003: 0047, 1r; 0059, 1v	aparar; separar uma parte de um todo
* corvos	003:0056, 1r	pássaro de cor preta, relacionado ao mau agouro
cousas	003:0041, 1r	objeto; assunto
coxas	003:0042, 2v	parte mais superior do membro inferior da virilha ao joelho
Crava/crava/Cravado [cravar]	003:0042, 1r, 1v e 2r	fincar; penetrar
creadora	003:0041, 1r	que cria; inventivo; criativo
creança	003:0062, 1v	infante
* crepúsculos	001:0001, 1r; 003:0054, 1r; 0056, 1r	decadência; declínio; ocaso; entardecer
crer	003:0059, 1r	acreditar; ter fé
crescenças	003:0049, 1r	acréscimo; aumento; suplemento
crescente	003:0034, 1r	que cresce; progressivo
cresciam [crescer]	003:0060, 1r	desenvolver; aumentar
Criados	003:0060, 1r	serviçal; empregado
* crime	003:0038, 1v; 0049, 1v	violação da lei, delito
* Criminoso/criminosa	003:0042, 1r	aquele que comete um crime
* cruel	003:0029, 1r	duro; insensível; que sente prazer em fazer o mau
* ♥ cruenta	003:0047, 1v	sanguinolenta; cruel
* crueza	003:0056, 1r	crueldade
* cruz	003:0049, 1v	pena; suplício; aflição
cruzando [cruzar]	003:0044, 1r	atravessar; transpor
♣ cuidação	001:0007, 1r	aflição, pensamento, idéia
♣ cuydado/Cuidado	001:0007, 1r; 0009, 1r;	cautela; precaução; zelo

	003:0042, 2r	
culpado	003:0042, 2r e 2v	que tem culpa
cultor	003:0055, 1r	cultivador; que se dedica a algo
cultuada	003:0029, 1r	adorado; admirado
cume	003:0038, 1v; 0042, 1r	auge; apogeu; ápice
cunha	003:0042, 2v	palavra suplementar que arredondava o verso ou período
cura	003:0042, 1v	restabelecimento da saúde
curso	003:0060, 1r	direção; rumo
curvado	003:0050, 1r	arqueado; vergado
curvos	003: 0034, 1r	arqueado; vergado
Cylleme	003:0053, 1r	
# cythara	003:0043, 1r	instrumento de cordas; forma aperfeiçoada da lira
dalma	003:0056, 1r	relativo ou pertencente à alma
dansas/Dansa/dansar	003:0059, 1r	bailar
* dantescas	001:0001, 1r	cenas horríveis descritas por Dante, no Inferno, na <i>Divina Comédia</i>
Dava [dar]	003:0062, 1r	conceder; ofertar
debruçado [debruçar]	003:0057, 1r	inclinat; pender
debuçado	001:0001, 1r	
decifrar	003:0054, 1r	interpretar; compreender
# deleitoso	003:0053, 1r	que é muito agradável; que dá prazer
# delio	003:0053, 1r	habitante da ilha de ou relativo a ilha de Delos, na Grécia
* delirante	001:0005, 1r	que delira; alocado
dereador	003:0042, 2v	em volta de
Derramei [derramar]	003:0054, 1r	espalhar; espargir
# desabrocham [desabrochar]	003:0041, 1r	abrir; desvendar; mostrar
* desatino	003:0062, 1v	falta de juízo; loucura
♣ desaventura	001:0007, 1r; 0009, 1r	má-sorte, desfortúnio, infelicidade
descalpo	003:0050, 1v	
descantar	003:0047, 1r	quebrar o encanto; causar decepção; desiludir
desce [descer]	003:0050, 1r	baixar; abaixar
descida	003:0061, 1r	declive; vertente
* desconforto	003:0045, 1r	desconsolo; aflição
descuidosaa	003:0049, 1r	descansado; tranqüilo
Desejado/desejado	003:0041, 1r	cobiçado
desejos	003: 0041, 1r; 0059, 1r; 0062, 1v	anseio; cobiça; aspiração
Desenhava [desenhar]	003:0049, 1v	delinear; traçar um desenho
* desentranha	003:0043, 1r	ato de tirar as entranhas
desertas/desertos	003: 0041, 1r; 0042, 1r e 2r; 0062, 1r	desabitado; despovoado; ermo
* desespero	003:0042, 2r	aflição extrema
* desfallece [desfalecer]	003:0053, 1r	perder as forças; enfraquecer
♥ desfiar	003:0047, 1v	desfazer em fios
* desgraças	003:0038, 1r; 0042, 1r e 2r; 0062, 1v	má sorte; infortúnio; infelicidade
* desgraçado	003:0038, 1r	infortunado; infeliz
♣ desnembra/deslembra [deslembra]	001:0007, 1r; 0009, 1r	esquecer
desnuda	003:0052, 1r	nu; despido

Desperta/desperta [despertar]	003:0031, 1r; 0053, 1v; 0057, 1r	acordar; tirar do sono
* destemor	001:0016, 1r	arrojo; audácia; falta de medo
destino	003:0038, 1r; 0049, 1r e 1v; 0062, 1v	aquilo que acontecerá a alguém; futuro
destrinco [destrincar]	003:0045, 1r	torcer fazendo estalar; apertar estreitamente
* destroços	001:0014, 1v	ruínas; restos
desvãos	003:0031, 1r; 0057, 1r	recanto escondido; esconderijo
desvenda [desvendar]	003:0038, 1r	tornar manifesto; revelar
* ♥ Desventuroso	003:0047, 1v	infeliz; desgraçado; desditoso
* detestado	003:0038, 1v; 0042, 1v	abominado; odiado
# Deus/deuses	003:0038, 1r e 1v; 0042, 1r e 1v; 0052, 1r; 0053, 1r	divindade; ser supremo
* devasta [devastar]	003:0049, 1v	destruir; arruinar; danificar
devene [devenir]	003:0059, 1r	transformação incessante e permanente; devir
* dezolgação	003:0059, 1r	devastação; ruína; destruição
dias	003:0050, 1r; 0057, 1r; 0059, 1r; 0047, 1v; 0054, 1r	o período de tempo de 24 horas
# Diana	001:0005, 4r e 4v	pastorinha; Lua ling. poética; deusa da lua na mitologia romana; nome romano de Artemis ¹⁶³
dias-anciãos	001:0001, 1r; 003:0054, 1r	dia passado
diferente	003:0059, 1r	diverso; distinto
* discórdia	003:0029, 1r	desarmonia; desentendimento
disperso	003:0041, 1r	espalhado; dissipado
Dissipação [dissipar]	003:0042, 1v	espalhar; dispersar
distante	003:0049, 1r; 0057, 1r; 0062, 1v	remoto; afastado
# ditosos	001:0005, 2v	feliz; venturoso
# diva	001:0009, 1v	mulher bela, linda, perfeita
# divina/divinos	001: 0005, 4r; 0005, 4r; 0017, 1r; 003: 0029, 1r; 0034, 1r; 0042, 1r; 0043, 1r; 0057, 1r; 0054, 1r	concedido por Deus; proveniente de Deus
# divinal	003:0057, 1r	que é divino
# diviniseamos [divinizar]	001:0005, 1v	tornar divino
* dó	003:0050, 1r	comiseração; lástima; compaixão
# doces	003:0031, 1r; 0043, 1r; 0043, 1r; 0047, 1r; 0049, 1r; 0050, 1r; 0062, 1v	meigo; terno; afável
# docemente	003:0038, 1v	com doçura; suavemente
dogmas	003:0054, 1r	ponto fundamental e indiscutível de uma doutrina religiosa
* Dolorosa/doloroso	003: 0041, 1r; 0042, 2v; 0049, 1r; 0062, 1v	dorido; magoado
dom/don/dons	003:0038, 1r; 0042, 1r e	dote ou qualidade natural, inata

¹⁶³ *Id. ibid.*, p. 13.

	2v	
domadora	003:0046, 1r	domesticador
dominando [dominar]	003:0052, 1r	ter autoridade ou poder; prevalecer; conter
domínio	003:0053, 1v	posse; poder
Dona	003:0047, 1r e 1v	pronome de tratamento
dona	003:0052, 1r	proprietária
# donzella	001:0005, 4r e 4v	mulher virgem; mulher nobre
* dores	001:0005, 1r; 003: 0038, 1v; 0042, 1v; 0046, 1r; 0049, 1v; 0052, 1r; 0053, 1r; 0059, 1v; 0060, 1r; 0062, 1v	mágoa; pesar; aflição; sofrimento
Dorada	003:0049, 1v	da cor de ouro
dormentes	003:0044, 1r; 0057, 1r	entorpecido; insensível
dorso	003:0050, 1r	parte posterior; reverso
Douda	003:0054, 1r	maluco; demente
# Doura [dourar]	003:0031, 1r	tornar dourado
# Dourado/dourados	001:0005, 1r; 003:0031, 1r	da cor do ouro
# douro	001:0005, 4r	de ouro
dous	003:0049, 1v	algarismo correspondendo a duas unidades
doutrina	003:0029, 1r	conjunto de princípios de um sistema
* droga	003:0060, 1r	substância entorpecente, alucinógena
duende	003:0034, 1r	ser sobrenatural travesso, geralmente pequeno e verde
* duras/duros	003: 0043, 1v; 0050, 1v	rijo; sólido; consistente
dura/duro [durar]	003: 0038, 1r; 0042, 1v; 0043, 1r; 0047, 1v e 2v	persistir; perdurar
dureza	003:0043, 1v	severidade; rigor
duvila	003:0059, 1r	
Eã	003:0050, 1r	interjeição
echoa [ecoar]	003:0033, 1r	ressoar; fazer eco
idade	003:0044, 1r	duração; época ou estágio de vida
# effluvio	001:0005, 1v	emanação de energia ou de matéria, perfume, aroma
efluir	003:0031, 1r	emanar; correr
# elegância	003:0029, 1r	graça; encanto; garbo
embala [embalar]	003:0047, 1r	balançar; impulsionar
embalde	003:0046, 1r	em vão; inutilmente
embebe [embeber]	003:0061, 1r	encharcar; ensopar
emoção	003:0031, 1v; 0054, 1r	comoção
♥ empenhar	003:0047, 1v	comprometer
Empurrando [empurrar]	003:0056, 1r	impelir; impulsionar
# enamorada	001:0005, 2v	encantada; enfeitada; apaixonada
* encadeado	003:0038, 1r	preso com cadeia
* encadear	003:0042, 1r e 2r	colocar cadeias
# encantadas/encantados	003:0041, 1r	seduzido; encantado; arrebatado
encelvado	003:0042, 1r e 2r	
Enchendo [encher]	003:0045, 1r	ocupar; preencher
Engels	003:0029, 1r	economista alemão
* enleia	001:0013, 1r	liga; ata; embaraça; confunde
enroscava [enroscar]	003:0062, 1v	enrolar; torcer
* Enterra	003:0042, 2v	encerrar; sepultar; ocultar
entoeja	003:0062, 1r	canto gênebre

enxada	003:0050, 1r	instrumento de capina
# ephemeris	003:0041, 1r	de pouca duração; passageiro
equidade	003:0029, 1r	igualdade; retidão
* ermos	001:0001, 1r; 003:0052, 1r; 0057, 1r	lugar sem habitantes; deserto; solitário
* erra/errando [errar]	001:0016, 1r; 001:0017, 1r; 003:0053, 1v	vaguear
* erradio	003:0049, 1v	que vagueia
escapar	003:0042, 2r	fugir; escapular; livrar-se
escape	003:0059, 1v	saída; fuga; salvação
escassos	003:0043, 1r	raro; parco
escavados	003:0049, 1v	cavado; côncavo
escelso	003:0043, 1r	alto; elevado; sublime
* escombros	003:0053, 1v	entulho; destroço; ruína
escondida	003:0057, 1r	oculto; encoberto
* escorraçado	003:0062, 1r	afugentado; expulso; rejeitado
* escuras/escuro	003:0043, 1v; 0044, 1r; 0049, 1r; 0052, 1r	sem claridade; privado de luminosidade
* escuridão	001:0005, 4v 001:0009, 1v	penumbra; breu; falta de luz
Escuta/escuta/escutae [escutar]	003: 0038, 1r; 0043, 1r; 0057, 1r	ouvir
* esfarpado	001:0001, 1r; 003:0057, 1r	rasgado em farpas; estilhaçado
esfuziantes	003:0033, 1r	muito alegre; muito vivo; radiante
Esguio/esguia	003:0049, 1r e 1v	alto; delgado; comprido
# esmaltado	003:0042, 1r	coberto ou ornado de esmalte
* esmo	003:0049, 1r	ao acaso; à toa; sem rumo
* esmorece	003:0049, 1r	tira o ânimo; desalenta
espaçadas	003:0049, 1r	intervalado; vagaroso; lento
espairento	001:0010, 1r	
espalha/espalhava [espalhar]	003:0062, 1r	dispersar; difundir
* espanta [espantar]	003:0059, 1v	causar espanto, medo, assombro
* Espantada/Espantado	003: 0049, 1r; 0062, 1r	surpreendido; admirado; pasmado
# espargiam [espargir]	001:0005, 4v	espalhar; derramar; irradiar
* espavorida	003:0062, 1r	cheio de pavor; aterrado
Espectaculo	003:0038, 1v	representação; exibição
espectantes	001:0002, 1r	que espera
* Espelunca	003:0060, 1r	lugar escuro e imundo; antro
espera [esperar]	003:0046, 1r	aguardar
esperança	003:0054, 1r	expectativa; espera
espessura	003:0043, 1r	grossura
espia [espiar]	003:0056, 1r	olha; espreita
espiritualidade	003:0055, 1r	qualidade de espiritual
# esplende [esplender]	003:0052, 1r	brilhar ou luzir muito
# esplendentes	001:0014, 1v	resplandecentes; brilhantes
# esplendor	003:0031, 1r; 0044, 1r; 0057, 1r	resplendor; suntuosidade; pompa
espraia [espraia]	003:0056, 1r	derramar; alastrar; irradiar
espumas	003:0041, 1r	conjunto de bolhas que se formam na superfície do mar
* espúrio	003:0029, 1r	ilegítimo; ilegal
Esquece [esquecer]	003:0046, 1r; 0061, 1r	perder da memória, da lembrança; olvidar
esquina	003:0062, 1r	aresta; canto

* esquivo	003:0049, 1r; 0062, 1v	arisco; intratável
esterão	001:0016, 1r e 1v	estirão, extensão
* esteril	003:0042, 1v	infecundo; árido
esternar	003:0031, 1v	exteriorizar; manifestar
* estocados	003:0049, 1v; 0062, 1v	golpeado com estoque
* estorcendo	001:0015, 1r	contorcendo com força
estrada	003:0034, 1r; 0052, 1r	via; caminho; rota
Estrallejando [estralejar]	003:0033, 1r	estralar
* estranho/estranhas	003: 0042, 1r; 0053, 1v; 0054, 1r	fora do comum; anormal
# estrellas	003: 0042, 1r; 0047, 1v	astro luminoso
estremas/estremos	003:0053, 1v	remoto; distante; longínquo
Estremece/estremece [estremecer]	003:0031, 1r; 0038, 1v; 0057, 1r	sacudir; abalar
* estrepitando	003:0043, 1r; 0050, 1r	estrondar
# estros	001:0005, 4v; 003:0061, 1r	engenho poético; imaginação criadora
estrofe	003:0061, 1r	parte de um verso
* estrondava [estrondar]	003:0053, 1v	fazer ruído; soar forte
estua	003:0033, 1r	agita-se em ondas; fica muito quente
estupenda	003:0042, 2r	espantoso; fora do comum
esvoa [esvoar]	003:0062, 1v	
* Esvoaçam [esvoaçar]	003:0034, 1r	esvoejar; flutuar ao vento
* eternas	003: 0041, 1r; 0045, 1v; 0059, 1v	que não tem fim
* eternal	003:0038, 1r	que é eterno
* eternidade	003:0041, 1r	qualidade do que é eterno
# Ether	003:0034, 1r	o espaço celeste
# ethereo	003:0042, 2r	sublime; puro; elevado
etnias	003:0054, 1r	grupo homogêneo do ponto de vista cultural e biológico
Evocação	003:0031, 1r	ato de chamar de algum lugar; fazer aparecer
evocadora	003:0041, 1r	aquela que evoca
evoque [evocar]	003:0031, 1r; 0057, 1r	chamar de algum lugar; fazer aparecer
examinar/examinará	003:0042, 2v	analisar; pesquisar
excelencia	003:0049, 1r	primazia
# excelsa/excelsos	003: 0038, 1r; 0052, 1r	alto; elevado; sublime
exigencia	003:0042, 2v	demanda; requerimento
* exilada	003:0045, 1v	expatriado; desterrado
* exílio	003: 0052, 1r; 0056, 1r	expatriação; degredo
* Exorcisa	003:0060, 1r	expulsar os maus espíritos
experiencia	003:0055, 1r	prática; habilidade; perícia
expressão	003:0055, 1r	gesto; semblante
* extinguir	003:0062, 1r	aniquilar, destruir
extremada	003:0062, 1v	extremo; radical
extremo	003:0038, 1r	extraordinário; final; radical
face	003:0049, 1r; 0062, 1v	semblante; rosto
# fados	003:0031, 1v; 0052, 1r; 0062, 1r	canção de caráter triste e fatalista
# fagueiros	001:0005, 2v	agradável; ameno
fala	003:0060, 1r	discurso; palavra
# falanstério/falastério	003:0029, 1r	no fourierismo, comunidade de produção composta por 1800 trabalhadores

* falecida	003:0043, 1r e 1v	morto
familia	003:0059, 1r	grupo formado por pessoas aparentadas
fancinaz	001:0016, 1r	
fartura	003:0049, 1v	abundância. grande quantidade
fase	003:0038, 1r	estágio; período; época
* fatal	003:0042, 1r	irrevogável; inevitável
* fatalidade	003:0062, 1v	sorte inevitável
* fatigados	003:0042, 1r	cansado; esfalfado
fé	003:0059, 1r	crença
* febre	001:0002, 1r	grande perturbação de espírito; desejo ardente
* febricitantes	001:0005, 1r	febris
* febril/febris	001:0001, 1r; 0005, 4r; 003:0057, 1r; 0059, 1r	em estado de febre; exaltado; apaixonado
Fechem [fechar]	003:0052, 1r	cerrar
# fecundas/fecundo	001:0002, 1r; 003: 0038, 1r; 0050, 1r; 0054, 1r	fértil; produtivo
# Fecundando [fecundar]	003:0041, 1r	tornar-se capaz de produzir
feita [fazer]	003:0050, 1r	fabricar; executar; criar
feliz	003:0047, 1v	contente; satisfeito
* feras	003:0043, 1v	animal bravo; pessoa cruel
* fere [ferir]	003:0042, 2r	fazer feridas; golpear
* feridas	001:0001, 1r; 003:0054, 1r	ulceração, chaga, corte; dor, mágoa, injúria, ofensa, agravo
* ferido	001:0001, 1r 001:0002, 1r	ofendido; magoado
* feros	003:0043, 1r e 1v	encarniçado; cruento
* ferros	003:0038, 1v; 0042, 1r	metal branco-acinzentado, duro
# fértil	003:0062, 1v	capaz de produzir, de criar
fervor	003:0041, 1r	ardor; entusiasmo
festa	003:0055, 1r	comemoração; solenidade
Filho/filhos	003:0042, 1r; 0060, 1r	descendente do sexo masculino
fim	003:0060, 1r	conclusão; término
finas	003:0054, 1r; 0059, 1r e 1v	delicada; amável
firmamento	003:0050, 1r; 0052, 1r	céu
firme	003:0052, 1r	estável; seguro; fixo
fixidez	003:0042, 2r	estabilidade; imutabilidade
fixo	003:0042, 2v	imutável; estável
* flagício	003:0042, 2v	tortura; tormento
# flavescence	001:0014, 1r	louro; cor de ouro
flecha	003:0046, 1r	seta; haste de extremidade ponteaguda
# flor/flôr	003:0034, 1r; 0042, 1r; 0049, 1v; 0055, 1r; 0059, 1r; 0062, 1v	órgão de reprodução sexuada das plantas superiores
# floresce [florecer]	003:0041, 1r	fazer brotar
# floresta	003:0046, 1r	floração arbórea densa
# florida/florido	003: 0052, 1r; 0061, 1r	que tem flores
# florindo [florir]	003:0057, 1r	dar flores; adornar-se de flores
fluhião [fluir]	003:0034, 1r	verter; correr em abundância
* flutuoso	001:0014, 1v	que flutua
* fogos	003:0042, 1r e 1v; 0049, 1v; 0062, 1v	calor e luz produzida por combustão
* fogos-fatuos/fadus	003: 0049, 1v; 0062, 1v	inflamação espontânea de gases emanados

		de sepulturas e pântanos
* fojos	001:0002, 1r	cova funda disfarçada de folhas para que caiam nela animais ferozes
folhas	003:0034, 1r	órgão geralmente laminar e verde das plantas
* fome	003:0057, 1r; 0062, 1r	urgência de alimento; falta; necessidade
# fonte	003:0043, 1r	origem; causa; aquilo que produz
# fontes	003: 0038, 1r; 0045, 1r	nascente de água; bica onde corre água
Força/força	003:0041, 1r; 0042, 1r e 2r; 0047, 1v	poder; vigor; energia
* Forjada	003:0038, 1r	falso
Forma/forma	003:0054, 1r; 0062, 1r	modo; maneira
# formosa/♥ formosos	001:0005, 4r 001:0014, 1r; 0047, 1v	de formas belas; deleitosa; aprazível
fortalecida	003:0043, 1r	encorajado; animado
fortaleza	003:0043, 1r e 1v	fortificação
forte	003:0042, 1r; 0046, 1r; 0059, 1v	robusto; vigoroso
Fourier	003:0029, 1r	Françês, idealizador do fourierismo
* fragua	001:0001, 1r; 003:0057, 1r	ardor; pena; amargura
francez	003:0055, 1r	nascido na França
franzino	003:0049, 1r e 1v	fraco; frágil
* fremente	003:0038, 1v	vibrante; agitado
* fremitos	003: 0034, 1r; 0062, 1v	tremor; estremecimento
Fria/frios	003: 0031, 1r; 0042, 1v; 0044, 1r; 0057, 1r; 0059, 1r; 0062, 1r	privado de calor
frondas	003:0059, 1v	partido político que se rebelou contra Mazarino
fructos	003: 0034, 1r; 0062, 1r	fruta
* Fugindo/fugir/fugistes /fugindo/fugi/fuja/foje [fugir]	003: 0034, 1r; 0049, 1r; 0055, 1r; 0060, 1v; 0062, 1r e 1v	retirar-se apressadamente; escapar; pôr-se em fuga
* fugitiva/fugitivo	003:0041, 1r; 0049, 1r e 1v; 0059, 1v; 0062, 1v	que fugiu; que se evadiu
# fulgurantes	003:0029, 1r	reluzente
fumosa	001:0009, 1v	que está cheia de fumaça; onde há fumaça; que lança fumaça
fundamentos	003:0038, 1v	base; alicerce
fundas/fundo	003: 0038, 1v; 0042, 1r; 0045, 1r; 0046, 1r; 0049, 1r e 1v; 0052, 1r; 0054, 1r; 0059, 1r e 1v; 0062, 1v	parte mais profunda; interior
* funesta	003:0049, 1v	lutuoso; doloroso; angustioso
* furnas	001:0002, 1r	caverna; cova; lugar retirado e esquisito
furtei [furtar]	003:0038, 1r	roubar
fuso	003:0059, 1r	instrumento onde se enrola o fio ao fiar
futuro	003:0038, 1r	porvir; destino
gabroinos	003:0054, 1r	relativo ao gabro, rocha magnética, plutônica
Galhos/galhos	003:0034, 1r	ramo
Galícia	003:0045, 1r	região da Espanha

galopada	003:0050, 1r	corrida a galope
Gargalhadas	003:0033, 1r	gaitada; risada ruidosa
garra	003:0061, 1r	unha das feras
garrafas	003:0033, 1r	vaso destinado a conter líquidos
* gemer/gemo	003:0038, 1r; 0042, 2v	sofrer, padecer
* gemidos	001:0005, 1v; 003:0042, 1v, 0045, 1r	lamentações, sons lastimosos
gente	003:0038, 1r	povo, pessoas
gerações	003:0055, 1r; 0060, 1v	linhagem, estirpe
geratriz	003:0038, 1r	a que gera
gesto/jestos	003:0049, 1r; 0055, 1r; 0059, 1r; 0062, 1v	aparência; semblante; ação
giló	003:0050, 1r	fruto do jiloeiro utilizado na alimentação
gleba	003:0050, 1r	área de terra não urbanizada, própria para cultura
Gloria	003:0046, 1r; 0055, 1r	louvor; fama; mérito
♥ Glosando [glosar]	003:0047, 1r	desenvolver um mote em verso
golpejou	003:0046, 1r	
* golphão/golfão	001:0001, 1r; 003:0057, 1r	porção de mar que entra pela terra, cuja abertura é muito larga
goso	003:0043, 1r e 1v	gosto, prazer, satisfação
gotta	003:0041, 1r	pingo
governa [governar]	003:0042, 1v	conduzir; reger; administrar
♥ gozar	003:0047, 1r	sentir prazer, deliciar-se
# graça	003:0057, 1r	beleza; elegância de estilo
# graças	001:0001, 1r	favor dispensado ou recebido, dádiva, benefício
# grácil	003:0059, 1v	elegante; gracioso
♣ grado	001:0007, 1r; 0009, 1r; 003:0054, 1r	vontade
♣ gran	001:0007, 1r; 0009, 1r	grão, grande
grandeza	003:0054, 1r	qualidade de grande; generosidade
grãos	003:0052, 1r	pequeno corpo arredondado
grasna [grasnar]	003:0056, 1r	gritar com voz desagradável como a do corvo
gratidão	003:0055, 1r	reconhecimento; agradecimento
# grega	003:0062, 1v	pertencente ou relativo à Grécia
Grenne	003:0060, 1v	
gretão	003:0062, 1v	abertura na terra provocada pelo calor do sol
* grilhão/grilhões	003:0042, 2r e 2v	corrente, algema
* grilhetar/grilhoa	003:0042, 1v e 2r	colocar grilhões
* griseos	003:0056, 1r	acinzentado
* Gritavam [gritar]	003:0062, 1v	dizer em voz alta, bradar
* Grito/grito	003:0045, 1r; 0050, 1r	fala em voz muito alta, brado
grotta	003:0049, 1r	depressão num terreno, úmida e sombria
* grotão/grotões	001:0001, 1r; 003:0049, 1r; 0057, 1r	vale profundo produzido pela força das águas
guademar	003:0050, 1r	boi mestiço de zebu e caracu
guardas [guardar]	003:0062, 1r	manter; conservar
guerra	003:0029, 1r; 0047, 1v; 0054, 1r; 0060, 1v	combate, peleja, luta, conflito
guerreiro	003:0046, 1r	combatente; soldado
habil	003:0042, 2r	apto, capaz

habilidade	003:0042, 1v	aptidão; capacidade
hajas	003:0059, 1v	
Harpagão	003:0029, 1r	personagem principal de "O Avarento", de Molière; avarento
# ♥ harpa/harpas	003:0047, 1r; 0059, 1v	instrumento de cordas dedilháveis
* hediônda	003:0053, 1v	horrenda; pavorosa; medonha
Herodes	003:0059, 1r	personagem bíblico
# heroína	003:0053, 1v	mulher de valor inestimável; personagem principal de uma obra
#ervas	003:0052, 1r	planta não lenhosa
hesitar	003:0042, 2r	vacilar; titubear; ficar indeciso
hirsuta	003:0034, 1r	de pêlos longos, duros e espessos
hirto	003:0034, 1r	hirsuto
história	003:0031, 1r	narração de fatos, acontecimentos
hombros	003:0053, 1v	segmento mais alto do membro superior
homem/homens	003: 0033, 1r; 0038, 1v; 0042, 1r; 0053, 1v; 0062, 1r	ser humano
horas	003:0057, 1r	espaço de tempo indeterminado
* horda	003:0056, 1r	bando indisciplinado, malfazejo
horizonte	003:0055, 1r	extensão; espaço
horna [ornar]	001:0014, 1v	ornamentar, enfeitar
* horrores	003:0038, 1r e 1v	sensação arrepiante de medo
hospede	003:0060, 1r	aquele se aloja em casa alheia
* hostil	001:0001, 1r	contrário, adverso, inimigo, agressivo
humanas/humanos	003: 0029, 1r; 0038, 1r; 0042, 1r; 0053, 1v; 0057, 1r; 0059, 1r; 0062, 1r	relativo ao ser humano
* humilhante	003:0038, 1r	vergonhoso, vexatório
♣ hy	001:0007, 1r; 0009, 1r	aí
hymeneo	001:0005, 1r	casamento, matrimônio, festa de núpcias
Iago	003:0029, 1r	personagem de "Otelo", de Shakespeare; indivíduo astuto, intrigante, falso
# idyllios	001:0005, 1r	composição poética de caráter campestre, pastoril, amor poético, suave
igaçabas	003:0046, 1r	pote de barro; urna funerária indígena
iluminado	003:0042, 1r	que recebe iluminação
iluminando/Illuminava [iluminar]	003:0041, 1r; 0049, 1r; 0062, 1v	tornar claro, alumiar
# ilotas	003:0029, 1r	soltados gregos
imberbisaveis	003:0038, 1r	
* imensidade	001:0005, 2r	infinito
imensidade	001:0005, 2r	grandeza, imensidão
imperio/império	003: 0029, 1r; 0042, 2r	estado ou seu território em geral vasto e com grande influência sobre outros
* impetro	003:0029, 1r	súplica, rogo
impetuoso	003:0038, 1v	arrebato; veemente
impiria	003:0059, 1r	
implacavel	003:0042, 1v	inexorável; insensível
* imploração	003:0062, 1v	súplica
* imprecantes	003:0057, 1r	que roga pragas
inacesso	003:0042, 1r	inacessível
indestructiveis	003:0042, 1r	inabalável; inauterável

industria	003:0042, 2r	destreza, aptidão, perícia
inedito	003:0034, 1r	original
* inércia	003:0060, 1r	letargia, torpor
inesgotáveis	003:0038, 1r	copioso; abundante
* inexhoravel	003:0042, 1v	implacável, inabalável
# infancia	001:0005, 2v	o primeiro período da existência
* infanda	003:0029, 1r	execrável, perversa
* infecunda	001:0017, 1r	estéril
infernus	003:0031, 1r	para muitas religiões corresponde ao lugar onde se encontram os que morreram em pecado
infinita/infinito	003: 0041, 1r; 0054, 1r; 0059, 1v	incalculável, inumerável, sem fim
* informe	001:0017, 1r	sem forma, tosco, grosseiro
* infortunado	003:0038, 1v	desventurado, desgraçado, infeliz
* infortunio	003:0038, 1r	infelicidade, desventura, desgraça
* infulgor	003:0031, 1r	escuridão, falta de brilho, de luz
inimigo	003:0042, 2v	adversário
* iniquidade	003:0042, 1r	falta de equidade
# innocencia	001:0005, 2v	candura, pureza, ingenuidade
innumeraveis	003:0038, 1r	incalculável
* inquieta/inquieto	001:0001,1r; 003:0034, 1r; 0042, 1v; 0057, 1r	desassossegado, agitado, aflito
* inquietação	003:0041, 1r	desassossego, agitação, aflição
* insanas/insano	001:0001, 1r; 003:0042, 1r e 2r	demente; insensato
insistencia	003:0042, 2v	teima, obstinação
* Insonne	003:0042, 1v	que tem insônia, que não dorme
instante	003:0031, 1r; 0057, 1r	momento; ocasião
instrumento	003:0043, 1r	objeto considerado em sua função
inteligencia	003:0055, 1r	sapiência; intelecto
intemperies	003:0038, 1r	rigores das variações climáticas
intenção	003:0055, 1r	propósito; deliberação
intenso	003:0042, 1r	forte; veemente
invenciveis	003:0042, 1r	que não pode ser vencido
iriçadas	003:0056, 1r	arrepinado; ouriçado
irmã/irmão	003:0062, 1r	companheiro, membro
irresistivel	003:0042, 2v	que não se pode resistir
irriquieto	003:0038, 1v	inquieto
irritar	003:0042, 1v	encolerizar; excitar
* irrompe	001:0014, 1v	surge com ímpeto
isenta	003:0047, 1v	eximido; livre; imparcial
Jamais	003:0046, 1r	nunca
# jardins	003:0041, 1r	terreno onde se cultivam plantas
João	003:0059, 1r	nome próprio
jugo	003:0038, 1r	domínio; sujeição
juiz	003:0052, 1r	jugador; árbitro
# Jupiter	003:0038, 1r e 1v; 0042, 1r e 1v	o deus supremo na mitologia romana
justiça	003:0029, 1r	conformidade com o direito
justo	003:0055, 1r	imparcial; integro
Kropotkine	003:0029, 1r	
La peti	003:0059, 1r	expressão francesa que significa "a pequena"

Labio/lábios	003: 0047, 1r e 1v; 0059, 1v	beijo
Labor	003:0052, 1r	trabalho
Labrica/labrica	003:0059, 1r	
laços	003:0042, 2r	nó que se desata sem esforço
* ♥ lamentar/lamenta	003:0042, 1v; 0047, 1v	lastimar, prantear
lamo	001:0005, 4v	
lampadarios	003:0044, 1r	suporte para lâmpadas, candelabro
# lampyrio	001:0009, 1v	nome científico do pirilampo
lançado	003:0062, 1v	atirado; jogado
largas	003:0045, 1r	amplo; extenso; vasto
lassos	003:0059, 1r	largo; amplo; vasto
# ledice	001:0013, 1r	alegria, contentamento
ledo	003:0043, 1r	risonho, contente, jubiloso
leito	003:0047, 1r	cama
lembranças	003: 0034, 1r; 0041, 1r; 0044, 1r; 0055, 1r	algo presente na memória
lendas	003:0041, 1r	narração fantasiosa
Lenine	003:0029, 1r	líder da revolução bolchevique
Lenta/lenta	003:0049, 1r; 0062, 1v	vagaroso, demorado
letras	003:0054, 1r; 0055, 1r	língua e literatura; humanidades
levantar/levanta	003:0043, 1r e 1v	altear a voz
leve	003:0061, 1r	de pouco peso; delicado
levedado	003:0057, 1r	que fermentou
levemente	003:0052, 1r	de leve
libertadora	003:0042, 1v; 0045, 1r	que dá liberdade
libertar	003:0042, 2r	livrar, tornar livre
lição	003:0054, 1r	ensinamento;
limfeta	003:0059, 1r	
linguagem	003:0042, 2v	sistema de signos que serve como meio de comunicação em grupo
# Lírio	003:0053, 1r	planta da família das liliáceas
livre	003:0042, 2r; 0060, 1r	liberto; solto
lôas	003:0057, 1r	introdução ou prólogo de peças de teatro, discurso laudatório
Loco	003:0059, 1r	louco
* lodosa	003:0062, 1r	lamacenta, que tem lodo
longe	003:0031, 1r	distante; remoto
longo	003:0047, 1v; 0061, 1r	de grande duração
louros	003:0055, 1r	glórias, triunfos
louvor	003:0061, 1r	elogio, exaltação
luar	003:0047, 1r e 1v	luminosidade refletida pela lua espalhada pela Terra
# lumes	001:0005, 2v; 003:0041, 1r	luz, clarão, fulgor, brilho
# luminosa/luminoso	001:0002, 1r; 003:0041, 1r	que tem luz própria; que reflete luz
Luso	003:0056, 1r	português
Luxuria	003:0059, 1r	lascívia; sensualidade; libertinagem
# luz	003:0029, 1r; 0034, 1r; 0047, 1r; 0049, 1v; 0053, 1v; 0059, 1r e 1v; 0061, 1r	claridade, brilho, fulgor, cintilação
# luziam/luzir	003: 0061, 1r; 0062, 1v	emitir luz, irradiar claridade, brilhar,

		resplandecer
luziando	003:0049, 1v	
luzilou	001:0017, 1r	
* lymphá	003:0043, 1r	flúido corpóreo amarelado ou incolor que contém principalmente leucócitos, e que circula dentro dos vasos linfáticos
# lyra	001:0009, 1v; 003:0043, 1r e 1v	instrumento musical usado na Grécia antiga
Mães	003:0038, 1r	mulher que tem filhos
* magoa	003:0053, 1r	desgosto, pesar, amargura
* magoadó	001:0015, 1r	lastimoso, aflito, ferido
majo	003:0059, 1v	
* mal	003:0029, 1r; 0038, 1r; 0059, 1r; 0062, 1r	enfermidade; nocivo; prejudicial
* Malassombro	003:0034, 1r	fantasma
* maldição	003:0062, 1v	ato de amaldiçoar ou maldizer
* maldito	003:0049, 1v	amaldiçoado, funesto
* ♣ males	001:0007, 1r; 0009, 1r; 003:0042, 1v	pesar, aflição; enfermidade; doença
mandíbulas	003:0056, 1r	osso único na parte inferior da cabeça onde se inserem os dentes da arcada inferior
Manga	003:0050, 1v	fruto da mangueira
manhans	003:0034, 1r; 0056, 1r	a primeira parte do dia
mansas/mansó	003:0034, 1r; 0049, 1r; 0062, 1v; 0057, 1r	pacato; sereno
mansidão	003:0049, 1v	brandura; serenidade
manto	003:0042, 1r; 0057, 1r	veste larga, comprida, sem mangas
* Mão grado	003:0042, 1r	desagrado; desprazer; malgrado; apesar de
mãos	003:0053, 1r; 0057, 1r; 0059, 1r	segmento terminal do membro superior
* mãos	003:0042, 1v; 0052, 1r	nefasto; funesto, malvado
mares	003:0038, 1r; 0041, 1r; 0044, 1r; 0047, 1r e 1v; 0050, 1v; 0053, 1v; 0055, 1r; 0059, 1r e 1v	oceano
marcas	003:0060, 1r	sinal; impressão
maré	003:0034, 1r	fluxo e refluxo periódico das águas do mar
Marejas/Mareyas	003:0053, 1r	deixar transparecer, revelar
Mariannas/Marianna	003:0062, 1r	nome próprio
Marlene	003:0060, 1v	nome próprio
martello	003:0042, 2r	instrumento destinado a bater e quebrar
* ♥ martyrio	003:0047, 1r	tormento, grande sofrimento
Marx	003:0029, 1r	filósofo e economista alemão
mastigando [mastigar]	003:0056, 1r	triturar com os dentes
mastros	003:0053, 1v	longa peça para sustentar velas em um barco
mata	003:0049, 1v; 0062, 1r	verbo matar
matinaes	003:0042, 1v	matutino
matriz	003:0038, 1r	fonte; mãe
# mavioso	001:0005, 2v	afável, afetuoso, terno
maxixe	003:0050, 1r	fruto do maxixeiro
medieval	003:0044, 1r	medievo
medo	003:0038, 1v; 0042, 2v	pavor; temor

medrosa	003:0062, 1r	que tem medo
# melodia	003:0053, 1r	sucessão rítmica de sons
memoria	003:0031, 1r; 0044, 1r	lembrança; recordação
mestre	003:0042, 2v; 0050, 1v; 0055, 1r	professor; perito; especialista
millenaria	003:0062, 1v	milenar
* ♥ miragem	003:0047, 1r	efeito resultante de uma ilusão de óptica, visão enganosa
* misérias	001:0001, 1r; 003:0057, 1r	estado lastimoso, penas
* misero	003:0053, 1r	lastimável, deplorável
missão	003:0062, 1r	compromisso; obrigação
mister	003:0042, 1r e 2r	necessidade, urgência; ofício
moderna	003:0059, 1r	atual; presente
momento	003:0056, 1r	instante; ocasião
montanhas	003: 0043, 1r; 0042, 1r; 0052, 1r; 0053, 1r e 1v	monte alto; grande elevação
monte	003:0042, 2r	morro
moradores	003:0053, 1r	habitante
morna	003:0034, 1r	tépido
* morre	003:0059, 1r	falecer, perecer
* morrediço	001:0009, 1v	que está para morrer
* mortas/mortos	001:0005, 1r; 003:0044, 1r	falecido, perecido, sem vida
* mortal/mortaes	003:0038, 1r; 0042, 1r e 1v	letal; que é passível de morte
* morte	003:0046, 1r; 0049, 1v; 0059, 1v	fim de um organismo vivo, destruição, ruína
♥ mouros	003:0047, 1v	sarraceno
Movido [mover]	003:0059, 1r	deslocar; pôr em movimento
mudez	003:0056, 1r	incapacidade de falar
mudo	003:0042, 2r; 0043, 1r; 0045, 1v	que não fala
mui	003:0042, 1v; 0061, 1r	muito
mulheres	003:0033, 1r; 0041, 1r; 0060, 1r	ser humano do sexo feminino
multicores	003:0033, 1r	policromado; multicolorido
multiplica [multiplicar]	003:0052, 1r	aumentar em número
mulungú	003:0034, 1r	árvore ornamental eritrina
mundo	003:0038, 1r; 0050, 1v	planeta, humanidade
* murchar	003:0042, 1r	privar da frescura ou viço
* murchas	003:0057, 1r	que perderam a frescura, o viço, a cor, a beleza
* murmura/murmurando	003: 0045, 1r; 0049, 1r; 0062, 1v	dizer em voz baixa, emitir som baixo, segredar
muros	003: 0043, 1r e 1v; 0050, 1v	parede de defesa
* mutilado	003:0042, 1v	que falta um membro
nação	003:0046, 1r	país
# nacarada	001:0005, 2v	branco com reflexos furtacor
namora [namorar]	003:0033, 1r	cortejar
nardo	003:0054, 1r	planta herbácea e perfume extraído da raiz desta planta
# nascentes	003:0062, 1r	que nasce, que começa

nascera/nasceu/nascidas [nascere]	003: 0042, 1v; 0052, 1r; 0061, 1r	surgir; vir ao mundo
# natureza	003:0043, 1v	força ativa que estabeleceu e conserva tudo o que existe
Naufrago	003:0045, 1r	indivíduo que naufragou
nauta	003:0045, 1r	navegante; navegador
naves	003:0054, 1r	embarcação
necessidade	003:0038, 1r	exigência
negacas [negaça]	003:0033, 1r	engodo, provocação
* negras/negros	001:0002, 1r; 003: 0038, 1v; 0044, 1r; 0045, 1r; 0049, 1v; 0050, 1r	preto, escuro, lutuoso, nefando, melancólico, funesto
* negror	003:0062, 1v	escuridão, trevas
♣ nembra [nembrar]	001:0007, 1r	lembrar, fazer recordar
♣ nembrado	001:0007, 1r; 0009, 1r	lembrado
neucoroso	003:0053, 1r	
* nevoentas/nevoentos	003:0031, 1r; 0057, 1r	nebuloso, sombrio
# ninhos	003: 0034, 1r; 0049, 1v; 0050, 1r; 0052, 1r	refúgio, abrigo
nobres	003:0055, 1r	sublime, elevado
nobreza	003:0055, 1r	fidalgua
* Nocturno/nocturna/noturna	003:0044, 1r; 0045, 1r; 0062, 1v	noctívago, noturnal, referente à noite
nomade	003:0057, 1r	errante, sem habitação fixa
nome	003:0055, 1r	denominação
nordeste	003:0049, 1v	ponto situado entre o norte e o oeste
norte	003:0049, 1v	ponto cardeal oposto ao sul
nota	003:0033, 1r	sinal gráfico que representa o som musical
Notícia	003:0060, 1r	informação, conhecimento
* noute	001:0002, 1r	cegueira, trevas, tristeza
* ♥ noute/noutes	003: 0041, 1r; 0042, 1r e 1v; 0047, 1r e 1v; 0054, 1r; 0056, 1r	período de tempo em que o sol está abaixo do horizonte; escuridão
nouveau riche	003:0029, 1r	expressão francesa que designa pessoas que enriqueceram e se deslumbraram com isso
nova	003:0055, 1r; 0062, 1v	recente
nua/nús	003: 0038, 1v; 0042, 1r; 0050, 1r	pelado; desprovido de cobertura.
* nublado	003:0057, 1r	nebuloso, coberto de nuvens
nulla	003:0042, 2r	sem valor; inútil
♣ nulla ren	001:0007, 1r; 0009, 1r	absolutamente nada
# nume	003:0057, 1r	divindade mitológica
numeroso	003:0053, 1r	abundante; copioso
nuve	003:0031, 1r	conjunto visível de partículas de água/gelo em suspensão na atmosfera
ô	003:0042, 2v	interjeição
Oa	003:0050, 1r	interjeição
Obedeço/obedecer	003:0042, 1v e 2r	cumprir; executar; estar sob autoridade de
obra	003:0042, 2v	trabalho; feito
* ocaso	003:0056, 1r	crepúsculo, desaparecimento de um astro no horizonte, no lado oeste
* odeias [odiar]	003:0038, 1v; 0042, 1v	detestar, sentir aversão
* odiosa	003:0042, 1v	detestável, execrável
# odysseia	003:0049, 1v	poema grego escrito por Homero; série de

		complicações e ocorrências inesperadas
* ofegado	003:0031, 1r	exausto, cansado
oh	003:0042, 1r	interjeição
olhar/Olhares	003: 0033, 1r; 0038, 1r; 0062, 1v	mirada; fixar a vista em algo
olhos	003:0047, 1r; 0059, 1r; 0062, 1v	órgão par situado na cabeça e responsável pela visão
# olympico	003:0038, 1v	pertencente ou relativo ao Olimpo ou a seus deuses
# Olympo	003:0038, 1r; 0042, 2r	habitação das divindades pagãs, lugar de delícias; paraíso
ombro	003:0053, 1v	segmento mais alto do membro superior
ondas	003: 0038, 1r; 0045, 1r; 0050, 1v; 0056, 1r; 0057, 1r; 0059, 1r e 1v	vaga
# ♥ opala	003:0047, 1r	mineral que reflete à luz cores vivas e reflexos
* opressão	003:0029, 1r	ato ou efeito de oprimir,
* opróbrio	003:0029, 1r	abjeção extrema
♥ óração	003:0047, 1v	reza; prece
orbitas	003: 0049, 1v; 0055, 1r; 0062, 1v	cavidade da face onde fica o globo ocular
ordem/ordens	003:0042, 1v e 2v	arranjo; disposição
ordenes [ordenar]	003:0042, 2v	arranjar; dispor
orgulho	003:0059, 1r	brio; altivez
# Orpheo	003:0043, 1v	semideus, filho dos deus Apolo e da musa Calíope ¹⁶⁴
# orvalho	001:0005, 1v	chuva miúda, chuvisco, aquilo que acalma e consola
oscillando [oscilar]	003:0034, 1r	balançar
oscillantes	001:0014, 1v	hesitantes, inseguros, incertos
ouro	003:0043, 1v; 0047, 1r	metal amarelo precioso
# outomnal/outonnal	003:0031, 1r; 0057, 1r	relativo a outono
# outono	003:0031, 1r	estação do ano que sucede o verão; época de colheita
pae	003:0038, 1v; 0042, 1r e 1v	progenitor
♥ pagem	003:0047, 1r e 1v	moço nobre que, na Idade Média, servia de acompanhante
* paira	003:0029, 1r	voar vagarosamente, mover-se com lentidão no alto
paisente	003:0060, 1r; 0061, 1r	
paiz	003:0042, 1r	nação
palavras	003:0059, 1r	termo, vocábulo
palhas	003:0059, 1r	haste seca das gramíneas
* pallidos	001:0005, 1r	sem animação, fraco, tênue
palmas	003:0033, 1r; 0055, 1r	porção da face anterior de cada mão
palmas	003:0061, 1r	folha da palmeira
palmeiras	003:0062, 1v	espécime das palmeiras, palmácea
* palpita	003:0031, 1r	ato de palpitar
pandeiros	003:0033, 1r	instrumento circular composto de um aro e uma pele esticada

¹⁶⁴ *Id. ibid.*, p. 224.

pão	003:0057, 1r	alimento feito de farinha, água e fermento
par	003:0047, 1r	igual, semelhante, parceiro
Parado/parados	003:0049, 1r; 0062, 1v	sem movimento, quieto
parelhos	003:0056, 1r	semelhante, igual, parceiro
párias	003:0029, 1r	homem excluído da sociedade
# Parnaso	003:0053, 1r	montanha da Grécia consagrada a Apolo e às musas
parte/partirei/partiria	003: 0042, 2r; 0046, 1r	pôr-se a caminho
partes	003:0062, 1r	porção de um todo dividido; porção; quinhão
passado	003:0031, 1r; 0057, 1r	decorrido, pretérito
passando	003:0057, 1r	transportar
passaredo	003:0043, 1r	porção de pássaros
passaros	003: 0038, 1v; 0049, 1v	designação comum às aves da ordem dos passiformes
passos	003: 0049, 1v; 0056, 1r	passada
# pastor	003:0054, 1r	cuidador de rebanhos
paterna	003:0042, 1r	paternal; relativo ao pai
pausa	003:0060, 1r	interrupção temporária; intervalo
* pavoroso	003:0042, 1v	horroroso, medonho
paz	003:0045, 1r; 0057, 1r	concordia; harmonia
peccado	003:0059, 1r	transgressão; erro; vício
pedaços	003:0057, 1r	porção; fragmento
pedras	003:0043, 1r e 1v; 0043, 1r	fragmento de rocha;
peitos	003:0042, 2v; 0047, 1v; 0053, 1r; 0059, 1r	seio; parte saliente do tórax
peixe	003:0059, 1v	animal cordado aquático com nadadeiras que respira através de brânquias
pellos	003:0042, 1r	por
* ♥ pena	003:0050, 1r	sofrimento, piedade, compaixão, padecimento
* ♥ penar	003:0047, 1r e 1v	padecer, sofrer
pensar	003:0031, 1v; 0059, 1r	raciocionar; refletir
pequenos	003:0062, 1v	diminuto
♣ per	0010007, 1r; 0009, 1r	através de, por meio de
* perdidos	003: 0062, 1r	sumido, desaparecido
peregrinos	003:0054, 1r	viajante
# perfeitos	003:0047, 1v	que reúne todas as qualidades
# perfume	003:0038, 1r; 0041, 1r	cheiro agradável, aroma, fragrância
pés	003:0038, 1v; 0052, 1r; 0054, 1r	base; extremidades inferiores de um corpo
pesadas/pesados	003: 0042, 2r e 2v; 0052, 1r	densas; com muito peso
* ♥ pesadello	003:0047, 1r	mau sonho, sonho aflitivo
pesantina	003:0033, 1r	
* pesar	003:0047, 1v	desgosto, tristeza, consternação
* peste	003:0062, 1r	doença contagiosa grave, coisa pernicioso
* piedade	003:0042, 1v e 2v	compaixão, dó
# pincaros	003:0052, 1r	o ponto mais alto, o auge
pipilar	003:0034, 1r	onomatopéia utilizada para fazer referência ao som feito pelas aves
# placido	001:0005, 2v	sereno, tranquilo, manso, sossegado
planta	003:0043, 1r	vegetal

pobres	003:0031, 1v	inferior; de pouco valor
Poder/poder	003:0042, 1r e 1v; 0060, 1r	força; influência; autoridade
poderosos	003:0042, 2r	forte; influente
* podres	003:0059, 1r	em decomposição, deteriorado
poeirentes	001:0015, 1r	
* poeirento	001:0016, 1r e 1v	sujo de poeira, empoeirado
Poema/poemma/poema	003: 0031, 1v; 0034, 1r	obra em verso
poentes	003: 0031, 1r; 0057, 1r	ocaso; pôr do sol
poeta	003:0031, 1v; 0045, 1r	que faz poesias
pompa	003:0054, 1r	ostentação; luxo; gala
Pompeu da Barra Aragão	003:0050, 1v	nome próprio
ponte	003:0047, 1r	construção que liga margens opostas de um curso d'água
porção	003:0034, 1r	parte; parcela; fração
* porfia	001:0016, 1r	discussão, contenda, polêmica
portada	003:0059, 1r	portal, pórtico
Portadoras	003:0059, 1v	carregador, condutor
portas	003:0052, 1r	peça que fecha uma abertura em uma parede
porto	003:0045, 1r	lugar costeiro onde se abrigam navios
* porvir	003:0056, 1r	futuro
poude	003:0046, 1r	verbo poder
* povoados	001:0016, 1v	pequena aglomeração urbana
prademá	003:0050, 1r	
praia	003:0059, 1v	orla de terra próxima a um corpo aquático, geralmente arenosa
* ♥ pranto/prantos/prancto	001:0005, 2r; 003: 0047, 1v ; 0062, 1r	lamento, queixa, choro
prata	003:0055, 1r	elemento químico metálico utilizado em numerosas ligas preciosas
# prazenteiras	001:0005, 4v	afável, simpático
♥ prece	003:0047, 1v; 0062, 1v	rogo; súplica
* precipícios	003:0042, 1r; 0059, 1r	despenhadeiro, abismo, lugar escarpado
premiar	003:0055, 1r	laurear; recompensar
prende/Prenderas [prender]	003:0042, 2r	pregar; fixar; encarcerar
presas	003:0042, 2v	seguro; atado
presente	003:0038, 1r; 0044, 1r	tempo atual
prestando [prestar]	003:0055, 1r	dar; conceder; dispensar
presteza	003:0043, 1r e 1v	prontidão; agilidade
preto	003:0045, 1v	negro
# primavera	003:0061, 1r	estação do ano que sucede ao inverno; aurora, juventude
# primaveral/primaveirais	003:0056, 1r; 0061, 1r	relativo ou próprio à primavera
primeiro	003:0049, 1v	o mais antigo;
* prisão	003:0042, 2r	clausura, recinto fechado
* profundos	003:0045, 1v; 0057, 1r	íntimo, entranhado
# Prometheu	003:0042, 1r, 1v, 2r e 2v	personagem da mitologia grega castigado pelos deuses por ter dado o fogo aos homens
promptamente	003:0042, 1v	imediatamente; num instante
prova	003:0055, 1r	demonstração
♣ provança	001:0007, 1r; 0009, 1r	superação de obstáculos
provincia	003:0055, 1r	divisão administrativa e política

provincial	003:0055, 1r	provinciano
publica	003:0055, 1r	aberto, de conhecimento de todos
# pudor	003:0038, 1v	sentimento de vergonha relativo ao que pode ferir à decência
* pungitiva	003:0045, 1r	penetrante
# pura/puros	003:0043, 1r e 1v	sem misturas nem alterações, genuíno, transparente
* quebranta [quebrantar]	003:0043, 1r	prostrar, abater, enfraquecer, resultado de mau-olhado
* quedo	003:0043, 1r	demorado, pausado
* queimante	001:0015, 1r	que queima
* ♥ queimar	003:0047, 1r	reduzir a cinzas, consumir pelo fogo
* queixas	003:0049, 1v	lamúrias, lamentações
* queixumes	001:0002, 1r	queixas, lamentações
quentes	003: 0047, 1r; 0062, 1v	cálido; aquecido
Quetou	003:0043, 1v	
quieto	003:0052, 1r	plácido; calmo; tranqüilo
# radiante	001:0005, 4v	muito bonito, que brilha, esplêndido
# radioso	003:0062, 1v	que lança raios de luz, resplandecente
raios	003:0042, 1v	descarga elétrica do céu para a terra
# ramaria	003:0034, 1r	conjunto de ramos de uma planta
# ramos	003:0034, 1r	molho de flores ou folhagens
* rangindo	003:0050, 1r	produzindo ruído decorrente de atrito entre objetos duros, roçando os dentes uns sobre os outros
rapazio	003:0033, 1r	rapaziada
rapida/rapido	003:0038, 1r e 1v	ligeiro; veloz
rara/raros	003:0049, 1v; 0061, 1r; 0038, 1v	infrequente; incomum
* rasgões	003:0057, 1r	rasgos grandes, abertura grande em superfícies cortadas
* rastilhos	001:0009, 1v	pretexto para um acontecimento violento
razão	003:0042, 1v; 0054, 1r; 0059, 1r	motivo; juízo; raciocínio
real	003:0049, 1v	verdadeiro
recontados	003:0034, 1r	contados, narrados novamente
recorda [recordar]	003:0052, 1r	lembrar
* recresta	003:0049, 1v	requeima
recusais/recusar	003:0055, 1r	rejeitar; não aceitar
rede	003:0059, 1r	malha
redondas	003: 0053, 1v; 0059, 1v	circular; esférica
* refece	003:0053, 1r	esfria
refletiu	003:0029, 1r	causou reflexão, desviou da direção inicial
reflexos	003:0056, 1r	luz refletida, efeito da luz refletida
refrão	003:0045, 1r	estribilho
# ♥ refulge	003:0047, 1v	brilha intensamente
refuvescente	001:0013, 1r	
regiros	003:0033, 1r	
registro	003:0055, 1r	inscrição; indicação
reguecar	003:0060, 1r; 0061, 1r	
reguengo	003:0053, 1v	real, régio
rei	003:0054, 1r	soberano que rege um estado monárquico
rejuvece	003:0061, 1r	
rejuvence	001:0010, 1r	

# relva	001:0005, 4v; 0059, 1r	vegetação de gramínea que cresce pelo campo
Remendar	003:0057, 1r	consertar; emendar
remendo	003:0038, 1v	emenda; retificação
Remos	003:0059, 1v	instrumento utilizado para impulsionar pequenas embarcações
* remotas/remoto	003:0029, 1r; 0042, 1r	longínquo, distante, antigo
Renascer	003:0057, 1r	nascer de novo;
rendida/rendidos	003:0043, 1r e 1v	vencido; dominado
Repara	003:0042, 2v	olha, vê
Repartia [repartir]	003:0062, 1r	dividir; distribuir
repartidos	003:0049, 1v	dividido; distribuído
repouso	003:0042, 1v	descanço; pausa
reprovadas	003:0033, 1r	censurado; criticado
Resar	003:0042, 2v	orar
respeito	003:0045, 1r	importância; reverência
# resplende	001:0013, 1r	brilha, reflete
* Ressequido	003:0042, 1r	seco, mirrado
Ressucitando [ressucitar]	003:0044, 1r	reviver; ressurgir
ressurreição	003:0041, 1r	ressurgimento
retentiva	003:0045, 1r	que retém
retro	003:0038, 1v	atrás
retumbo	003:0038, 1v	retumbância
* revoltó	003:0062, 1v	remexido, revolvido, revirado
rezar	003:0044, 1r	orar
rigida/rigidos	003:0042, 2v	rigoroso; rijo
rigoroso	003:0042, 2v	rígido; severo
rijamente	003:0042, 2v	rigidamente
rijeza	003:0043, 1v	rigidez
rijo	003:0054, 1r	rígido
rijura	001:0017, 1r	rigidez
rimas	003:0034, 1r	identidade de som na terminação de duas ou mais palavras
rincão/rincões	003: 0034, 1r; 0049, 1v	lugar retirado, distante
Rios/rios	003: 0038, 1r; 0043, 1r	curso de água de extensão considerável
riram [rir]	003:0059, 1r	sorrir; gracejar
riso	003:0052, 1r; 0061, 1r	sorriso
roceiro	003:0050, 1r	pequeno lavrador; caipira
rocha	003:0042, 2r	rochedo
rochedos	003:0042, 1r e 1v	penhasco
roda	003:0033, 1r	verbo
Rodas	003: 0033, 1r; 0050, 1r; 0059, 1r	objeto circular
rodeios	003:0050, 1r	desculpa; evasiva
* rogo	003:0042, 2v	súplica, prece
rolla	001:0005, 2v	pomba delicada
Romances	003:0047, 1r	conto medieval que narra aventuras ou amores de cavaleiros
rondas	003:0053, 1v; 0059, 1v	patrulha
# Rosa	003:0050, 1r	nome próprio
# Rosas/rosas/rósas	003:0041, 1r; 0056, 1r; 0059, 1r	cor entre o vermelho e o branco
# roseirais	003:0034, 1r	conjunto de roseiras
# roseiras	003:0061, 1r	planta da família das rosáceas

# roseos	001:0005, 1r	da cor das rosas
rosto	003:0049, 1r	face
Rousseau	003:0029, 1r	filósofo francês
rubras	003:0059, 1r	vermelho
Rude/rude	003:0034, 1r; 0042, 1r	tosco; grosseiro
rufantes	003:0033, 1r	
Rugia/rugia [rugir]	003:0053, 1v	soltar rugidos; bramir
* ruína	003:0052, 1r	aniquilamento, destruição, decadência
* rumor	003:0038, 1r e 1v	ruído, murmúrio, burburinho
* rumoroso	003:0033, 1r	ruidoso, com murmúrio
rythmo	003:0041, 1r	sucessão de movimentos regulares
sabe [saber]	003:0038, 1r	conhecer
sae/sahir [sair]	003:0042, 1v; 0055, 1r	partir; afastar-se
saga	003:0062, 1v	narrativa histórica ou lendária
sagrado	003:0042, 1v	sacro; santo
saídas	003:0045, 1v	lugar onde se sai
Saint Simom	003:0029, 1r	Claude Henri Rouvroy, conde de Saint Simon, filósofo que fundou a doutrina saintsimonista
salão	003:0033, 1r	grande sala
Salomé	003:0059, 1r	personagem bíblico
salta [saltar]	003:0050, 1r	dar saltos
Saltitando [saltitar]	003:0033, 1r	dar saltinhos freqüentes
saltos	003:0059, 1r	pulo
salvo	003:0053, 1r	livre de perigo
samba	003:0033, 1r	dança de origem africana
samba [sambar]	003:0033, 1r	dançar o samba
san	003:0057, 1r	sadio
* sangrenta	003:0049, 1r	que brota sangue, sanguinolenta
* sangue	003:0029, 1r; 0042, 1r e 1v; 0049, 1v; 0050, 1r; 0062, 1v	fluido corporal de coloração vermelha, composto predominantemente por hemáceas que flui pelos vasos sanguíneos
* sanguínio	003:0053, 1v	que tem cor de sangue, relativo a sangue
sanhas	003:0053, 1v	ira; fúria
santas	003:0047, 1v	mulher canonizada
Santo/santos	003:0047, 1v	homem canonizado
sapateio	003:0033, 1r	sapateada
sapateiro	003:0033, 1r	que trabalha com sapatos
sapiencia	003:0052, 1r	inteligência
Sardanapalo	003:0029, 1r	que vive na devassidão e no fausto; rei da Pérsia
saudade	003: 0050, 1r; 0054, 1r; 0057, 1r	nostalgia
saudosa	003:0062, 1v	que causa saudades
sciencia	003:0042, 2r; 0059, 1r	conhecimento; sabedoria
# scintillantes	001:0005, 2v	que cintila
* scisma	001:0001,1r; 003:0034, 1r; 0047, 1r	sonho, devaneio, fantasia, capricho, teima
secca	003:0062, 1r	estiagem; falta de chuvas
secreto	003:0043, 1r	sigiloso; oculto
sede	003:0062, 1r	necessidade
sêde	003:0057, 1r	sensação causada pela necessidade de água; avidez
segura/seguros	003: 0043, 1r e 1v ;	certo; convicto

	0055, 1r	
# seio	003:0041, 1r; 0043, 1r; 0043, 1v; 0046, 1r; 0062, 1r	mama, peito; âmago
sella [selar]	003:0042, 2r	fechar
selvagem	003:0042, 1r	feroz; bravo
semblante	003:0043, 1r	fisionomia; aspecto
semeando [semear]	003:0062, 1v	espalhar; dispersar
# semi deus	003:0038, 1r	ser imortal, filho de um deus e um mortal; divindade
* sendas	001:0017, 1r	caminho estreito
Senhor/senhor	003:0029, 1r; 0038, 1v; 0042, 1v; 0052, 1r; 0053, 1v	pronome de tratamento
senhora	003:0053, 1v	dona, proprietária
sensatez	003:0054, 1r	bom senso; prudência
sentido	003:0034, 1r	sentido da vida
sentinella	003:0042, 1v	guarda; vigia
seputulo	003:0059, 1r	
# serenas	001:0005, 4r e 4v	calmas, mansas, sossegadas
sereno	003:0034, 1r; 0046, 1r; 0049, 1r; 0062, 1v	tranquilo; sossegado
serpentes	003:0047, 1r	cobra
sertanejo	003:0049, 1v	do sertão
sertão	003:0062, 1v	região agreste, do interior, longe das povoações
servas	003:0029, 1r	criada
serviços	003:0055, 1r	função; serventia
Setta	003:0046, 1r	flecha
sextillas	001:0009, 1v	estrofe de seis versos
Seytha	003:0042, 1r	doutrina; facção
Shakespeare	003:0060, 1v	escritor inglês
* Silencio/silencio	003:0034, 1r; 0038, 1r; 0044, 1r; 0052, 1r; 0057, 1r	sossego, taciturnidade
* silenciosa	003:0056, 1r	taciturna, calada
* silenes	003:0057, 1r	silente, que está em silêncio
# silentes	001:0001, 1r	silenciosos
siquer	003:0034, 1r	ao menos, pelo menos
soam/soando [soar]	003:0033, 1r; 0053, 1r	ecoar; retumbar
soberano	003:0042, 1r	supremo; absoluto
sobre estando [sobrestar]	003:0043, 1r	parar, deter-se
* socavões	001:0002, 1r	esconderijo, abrigo
socega [socegar]	003:0038, 1v	aquietar; acalmar; tranquilizar
socegados	003:0053, 1r	acalmado; quieto
sociedade	003:0059, 1r	comunidade
* Soffre/soffra/soffrer	003:0038, 1r; 0042, 1r; 0047, 1r	atormentar, padecer, afligir
* Soffridos/soffrida/sofrido	003: 0038, 1r; 0053, 1r; 0059, 1r	atormentado, padecido
* soffrimento	003:0038, 1r	aflição, padecimento
* soidas/soido	003: 0043, 1r; 0045, 1r	rumor, ruído, sonido
sol/sól	003: 0038, 1r; 0042, 1r e 1v; 0049, 1v; 0050, 1r;	estrela do sistema solar

	0061, 1r	
solaridade	001:0005, 2r	
* soledade	003:0045, 1r e 1v	deserto, solidão, lugar ermo
solenne	003:0053, 1r	que se celebra com pompa e magnificência
* solidão/sollidão	001:0005, 4v; 001:0017, 1r; 003:0052, 1r; 0057, 1r; 0044, 1r	isolamento, estado de quem se encontra só
* solitaria	003:0062, 1v	desacompanhada, isolada, só
solo	003:0033, 1r	terra; chão
* soluça [soluçar]	003:0038, 1v	dar soluços, fazer ou deixar ouvir tristemente
som/Sons/sons	003: 0033, 1r ; 0043, 1r e 1v; 0044, 1r; 0049, 1v; 0057, 1r	ruído; tom
somas [somar]	003:0053, 1v	adicionar; acrescentar
* sombra	001:0012, 1v; 003:0034, 1r; 0057, 1r	mácula, mistério, solidão, vestígio
* sombreas [sombrear]	003:0059, 1v	cobrir de sombras, escurecer
* sombria/sombrio	001:0013, 1r; 003:0031, 1r; 0033, 1r; 0062, 1v	triste, melancólico, fúnebre, sombroso
sonda	003:0053, 1v	instrumento de fazer sondagens
# Sonha/sonha/♥ sonhar/sonhou	003: 0042, 1r; 0047, 1r e 1v	ter sonhos, fantasias e devaneios
# sonho	0001, 1r; 003:0045, 1r; 0047, 1v; 0057, 1r	desejo veemente, aspiração
sonora/sonoro	003:0041, 1r; 0052, 1r; 0061, 1r	que emite sons
sopra [soprar]	003:0049, 1r	dirigir um sopro sobre algo
sopro	003:0038, 1v; 0054, 1r	ar expirado
# sorria [sorrir]	003:0049, 1v	rir de leve; mostrar-se alegre
# Sorriso/sorriso	003:0038, 1r; 0049, 1r e 1v; 0062, 1v	ato de sorrir
sorte	003:0042, 1v	destino; de maneira que, de modo que
sosinho	003:0046, 1r	solitário; só
sposa	003:0046, 1r	mulher casada
Stella	003:0047, 1v	nome próprio; estrela
# suave	003:0047, 1r	que revela suavidade, brandura, meiguice
subiam [subir]	003:0062, 1v	elevantar-se; erguer-se
* submersa	003:0056, 1r	sumir, ocultar, encobrir
* succumbido	003:0042, 1v	desalentado, desanimado, descorçoado
suceder	003:0060, 1v	acontecer; ocorrer
Sulamita	003:0041, 1r; 0054, 1r	nome próprio; amante de Salomão
* sulcos	001:0014, 1r	ruga, prega, carquilha
# sumptuosos	001:0014, 1r	luxuosos, pomposos
* supplicantes	001:0001, 1r	aqueles que imploram, que rogam, que suplicam
* supplicio	003:0038, 1r; 0042, 2v	grande sofrimento, tormento
supremas/supremo	003:0031, 1r e 1v; 0042, 2r; 0044, 1r; 0045, 1r; 0053, 1v; 0057, 1r	superior; extremo
surda/surdo	003: 0046, 1r; 0062, 1v	insensível; indiferente
surge/surgia [surgir]	003: 0034, 1r; 0044, 1r	aparecer; vir; chegar
surpreso	003:0043, 1r	perplexo; admirado
surpreza	003:0054, 1r	sobressalto

Suspensa/Suspensos/suspensos [suspende]	003: 0034, 1r; 0042, 1r; 0043, 1r	pendurar; deixar pendente
# suspirar	003:0038, 1r	significar por meio de suspiros
# ♥ Suspiros	001:0005, 1v; 003:0047, 1r	respiração entrecortada; gemidos, lamentos
* sussurravam	001:0005, 4v	segredavam, falavam em voz baixa
* sussurros	003:0044, 1r	murmúrio, ato de falar em voz baixa
susta/Sustendo/sustendo [sustar]	003: 0034, 1r; 0043, 1r e 1v; 0052, 1r	interromper; parar
susto	003:0038, 1v	medo ou temor repentino
# sutil	003:0054, 1r	tênuo, delicado
syllabas	003:0045, 1r	som produzido em uma única emissão de voz
symbolo	003:0034, 1r	representação
tabaróas	003:0057, 1r	matuta; caipira
tabas	003:0046, 1r	aldeia de índios americanos
* taciturno	003:0044, 1r	silencioso, calado, que fala pouco
talhos	003:0050, 1r	corte; rasgo
Talla Henrique de Oliveria	003:0050, 1v	nome próprio
Tamanho/tamanhas	003:0042, 1r e 2v; 0043, 1v; 0053, 1v	tão grande/enorme
tambor	003:0060, 1r	instrumento de percussão
Tardamente	003:0042, 1r e 1v	
tarde	003:0034, 1r; 0049, 1r; 0062, 1v	hora do dia
tardo [tardar]	003:0056, 1r	adiar; demorar
teju pares	003:0059, 1v	
temeste [temer]	003:0042, 1v	recear; ter medo
tempestades	003:0042, 1r; 0053, 1v; 0062, 1v	temporal
tempo	003:0059, 1r	época; momento
tenda	003:0057, 1r	barraca
* tenebroso	003:0062, 1v	escuro, coberto de trevas, medonho
teorias	003:0057, 1r	suposição; hipótese
Terra/terra	003:0038, 1r; 0049, 1v; 0050, 1r; 0053, 1v; 0054, 1r; 0056, 1r; 0061, 1r; 0062, 1r	lugar; local; solo; planeta
terreiro	003:0046, 1r	espaço de terra plano e largo
# Themis	003:0042, 1r	titã do sexo feminino na mitologia romana ¹⁶⁵
# Thracia	003:0043, 1r	região da Grécia
# thrino	001:0005, 2v	cantar com voz melodiosa
thriumphal	001:0017, 1r	vitorioso, regozijante, satisfatório
# timidez	003:0038, 1v; 0049, 1r; 0062, 1v	qualidade de quem é tímido
# Timidos	003:0033, 1r	acanhado, retraído
tintim	003:0033, 1r	
* tisonada	003:0062, 1v	requeimada, tostada, enegrecida
tom	003:0050, 1r; 0062, 1v	estilo; caráter
* tormento	003:0038, 1r	suplício, angústia, aflição
Torpego	003:0031, 1r	

¹⁶⁵ *Id. ibid.*, p. 11.

* Torra	003:0050, 1r	torração
* tortura	003:0038, 1r	tormento ou suplício violento aplicado em alguém
* torturado	003:0060, 1r	atormentar, supliciar, afligir
* ♥ torturar	003:0047, 1r	atormentado, afligido
* torvos	001:0001, 1r; 003: 0056, 1r; 0057, 1r	que causa terror, carrancudo
* tragedia	003:0062, 1v	infortúnio, desgraça, ocorrência fúnebre, sinistra
* tragico	003:0049, 1v; 0062, 1v	funesto, sinistro
* trahia	003:0049, 1v	enganava por traição, atraíçoava
tranca [trancar]	003:0060, 1r	fechar; enclausurar
transborda [transordar]	003:0046, 1r	derramar; verter
* transfigurada	003:0052, 1r	alterada, mudada
Transformou [transformar]	003:0061, 1r	modificar; alterar
* transis	003:0054, 1r	assombro, susto
travessuras	003:0059, 1v	traquinice; traquinagem
* tredos	003:0042, 1r	em que há traição; traiçoeiro
* treguas	001:0016, 1v	parada temporária de alguma atividade, da dor
* treme/tremo	003:0033, 1r; 0038, 1v	estremece, tremula
* tremendo	003:0042, 2v	estremecendo, tremulando
* trementes	001:0005, 1r	que tremem
* tremor	003:0033, 1r	tremedeira, receio, temor
* trepido	003:0043, 1r	assustado, sobressaltado
* trevas	001:0005, 1r e 2v; 0009, 1v; 003:0062, 1v	escuridão absoluta
trilhando [trilhar]	003:0056, 1r	percorre; seguir
# Trinas	003:0033, 1r	dizer ou proferir em tom suave como trinado
trinulante	003:0033, 1r	
triste	003:0029, 1r; 0052, 1r; 0056, 1r	infeliz; descontente
tristeza	003:0041, 1r; 0054, 1r	infelicidade; consternação
tristonho	003:0057, 1r	triste; infeliz
trope	003:0038, 1v	
trovas	003:0062, 1v	composição lírica popular
tudo	003:0059, 1r	totalidade
* tumba	001:0005, 2r	pedra sepulcral, caixão, esquife
* túmulo	003:0046, 1r	monumento fúnebre, sepulcro, sepultura
tupy	003:0046, 1r	povo indígena
* Turvo	003:0056, 1r	opaco, turbido, revolto
tutor	003:0054, 1r	protetor; defensor
tyrameiro	001:0016, 1r e 1v	
tyranna	001:0016, 1r e 1v	mulher má, impiedosa, cruel
ultrajes	003:0038, 1r	insulto; afronta
unico	003:0062, 1r	exclusivo; excepcional
unísona	003:0046, 1r	no mesmo tom
# Urna	003:0061, 1r	vaso
vacillação	003:0059, 1r	hesitação; dúvida
vacillas [vacilar]	003:0042, 2v	hesitar
vae [ir]	003:0059, 1v	partir
Vagos	003:0044, 1r	indeterminado, incerto

♣ val	0010007, 1r; 0009, 1r	servir
vale	003:0055, 1r	várzea
vales/valle	003: 0053, 1r; 0061, 1r	depressão alongada entre montes; planície à beira de um rio.
Vans/van	003:0042, 1v; 0054, 1r	inútil; insignificante
vaqueiros	003:0050, 1r	peão; pastor de vacas
vario	003:0053, 1r	diverso
vassalo	003:0029, 1r	súdito; subordinado
vasta	003:0047, 1r	amplo; extenso
* velada	003:0062, 1v	oculto; dissimulado
* velam [velar]	003:0059, 1v	tornar oculto, sombrio
velha/velho	003:0031, 1r; 0034, 1r; 0049, 1v; 0055, 1r; 0057, 1r	de época remota; que tem muito tempo de existência
veludo	003:0059, 1r	tecido de superfície macia
vencedor	003:0054, 1r	vitorioso
Vencesse/vencesse [vencer]	003:0038, 1v; 0053, 1r	triunfar; ganhar
vencido	003:0054, 1r	derrotado
ventos	003:0034, 1r; 0038, 1v; 0052, 1r; 0059, 1v	ar em movimento
# venturas	001:0005, 1v, 2r	destino, sorte, acaso, fortuna
# venturosas	001:0005, 2r	ditosas, felizes, afortunadas
# Venus	001:0005, 4r e 4v	mulher formosíssima
# verão	003:0059, 1r	estação do ano que sucede a primavera; tempo quente
verbos	003:0054, 1r	palavra
verdade	003:0038, 1r e 1v	exatidão, conformidade com o real
# verdejante	001:0005, 4v	que reluz o verde
# Verdes/verde	003:0047, 1r; 0062, 1v	cor derivada da mistura do azul com amarelo; o que não está maduro
# vermelhas	003:0033, 1r	cor do sangue
vero	003:0061, 1r	verdadeiro, real
Versos/verso	003: 0031, 1v; 0034, 1r; 0041, 1r; 0045, 1r; 0052, 1r;	cada uma das linhas de um poema
* vertiginosos	001:0005, 1v	que causa vertigem, que perturba a razão
# vespertina	001:0005, 4v	período da tarde
vestidos [vestir]	003: 0033, 1r; 0041, 1r	cobrir-se de roupa
vestigiosamente	003:0059, 1r	
vibra/vibrar/vibrando/vibrou	003:0031, 1r; 0046, 1r; 0053, 1r; 0057, 1r	agitar, brandir
# viço	003:0059, 1r	vigor, exuberância
vida	003:0047, 1v; 0052, 1r; 0054, 1r; 0055, 1r; 0057, 1r; 0059, 1v; 0061, 1r; 0062, 1r	existência
Vigor/vigor	003:0042, 2v	força, robustez
* vil	003:0029, 1r	reles, ordinário
* vingança	003:0042, 1r; 0049, 1v; 0053, 1r	desforra, vindita
vinho	003:0046, 1r; 0057, 1r	bebida que embriaga, que inebria
violas	003:0033, 1r	instrumento de corda, semelhante ao violão
* violenta	003:0042, 1v	que se exerce com ímpeto, força
visão/visões	003: 0049, 1v; 0052, 1r;	sentido da vista, fantasia, quimera

	0054, 1r	
vitoria	003:0055, 1r	triunfo, êxito
vivas/vivos	003: 0042, 1r; 0047, 1r; 0059, 1v	que tem vida, animado
# voando [voar]	003:0038, 1v	sustentar-se no ar
# Voejam [voejar]	003:0034, 1r	flutuar ao vento
# volteios	003:0033, 1r	ato de vultear
# Volteja [voltejar]	003:0056, 1r	vultear
Vontade	003:0042, 1r	aspiração, anseio, desejo
# vôo	003:0038, 1v; 0059, 1v	movimento no ar sem contato com o solo
* voraz	003:0057, 1r	ávido, que consome
♥ Voto	003:0047, 1v	desejo íntimo, súplica
Vozes/voz	003:0031, 1r; 0038, 1r; 0043, 1r; 0044, 1r; 0045, 1r; 0049, 1r e 1v; 0057, 1r; 0062, 1v	conjunto de sons emitido pelo aparelho fonador
# Vulcano	003:0042, 1r e 1v	o arquiteto, o ferreiro, o armeiro, o construtor e o artista de todas as obras do Olimpo ¹⁶⁶
Vultos/vulto	003: 0044, 1r; 0049, 1v	figura indistinta, imagem
# Zephyro	003:0043, 1r	o vento oeste na mitologia romana ¹⁶⁷
Zungubango	003:0033, 1r	

¹⁶⁶ *Id. ibid.*, p. 10.

¹⁶⁷ *Id. ibid.*, p. 84.

6 MOVIMENTOS DAS CORREÇÕES

De acordo com os critérios de classificação por tipos de documento, os manuscritos do Acervo de Arthur de Salles podem ser anotações e esboços (AN), rascunhos (R), borrões passados a limpo (BPL), e textos definitivos (TD).

Da pasta 001 foram editados 12 documentos: 26 textos se forem contados o recto e o verso de cada fólio individualmente, já que, muitas vezes, os conteúdos de um lado e de outro do fólio não apresentam nenhuma relação. Desses 26, 13 apresentam características de borrões passados a limpo, 10 classificam-se como rascunhos, 2 como textos definitivos e 1 como anotação. Dessa forma, os borrões passados a limpo compõem 50% do total de textos trabalhados, os rascunhos representam 38% do total, os textos definitivos, 8% e as anotações apenas 4%.

Essa divisão quantitativa dos textos em relação ao tipo pode ser melhor visualizada através do gráfico a seguir:

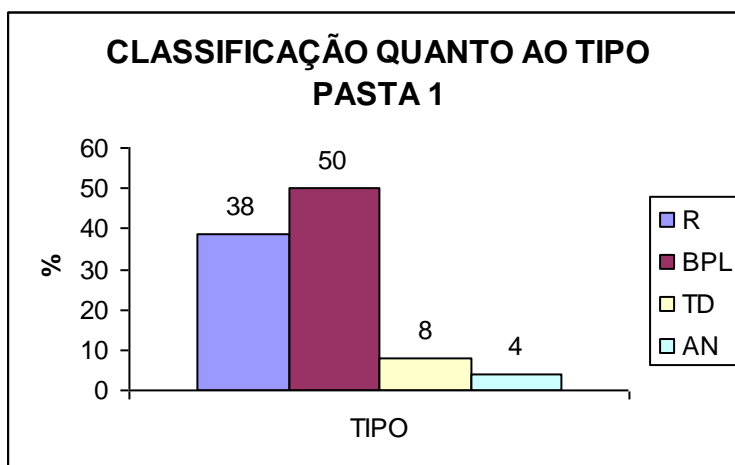


Figura 4 – Classificação quanto ao tipo dos documentos da pasta 001

Da pasta 003, por sua vez, foram editados 25 documentos: 40 textos, contando-se o recto e o verso. Deles, 17 apresentam características de borrões passados a limpo, 14 podem ser classificados como rascunhos, 8 como textos definitivos e apenas 1 como anotação. Portanto, 43% dos textos editados desta pasta são compostos por borrões

passados a limpo, 35% do total são rascunhos, 20% são textos definitivos e, os restantes 3%, são anotações.

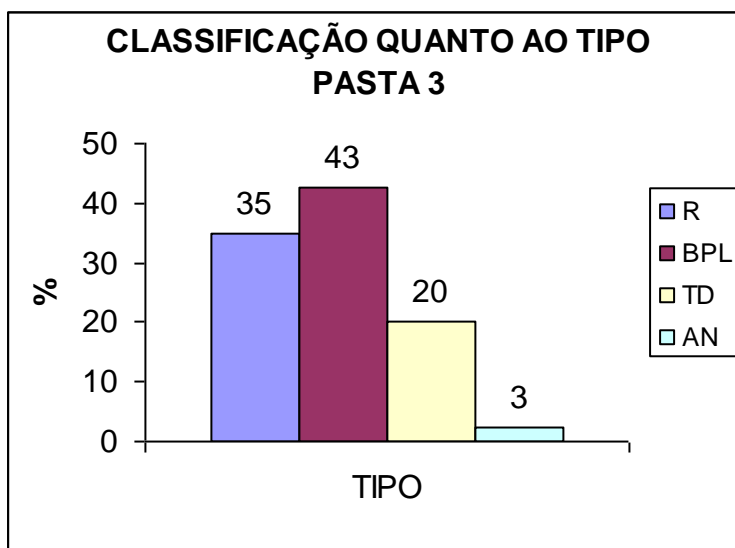


Figura 5 – Classificação quanto ao tipo dos documentos da pasta 003

Considerado-se as duas pastas em conjunto, já que estas compõem uma amostra aleatória, percebe-se que entre os documentos desta edição há predominância de textos que apresentam características de borrões passados a limpo, 45% do total dos textos editados; em segundo lugar estão os rascunhos, que representam 36% do total; em terceiro lugar estão os textos definitivos com 15% e, com uma amostra de apenas 3% estão as anotações.

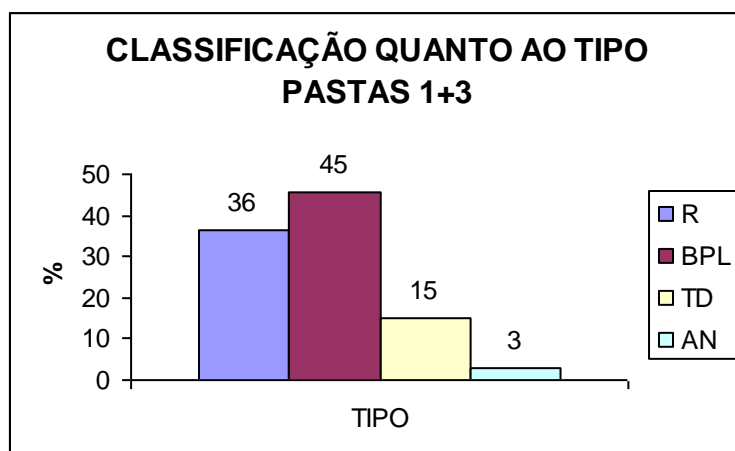


Figura 6 – Classificação quanto ao tipo dos documentos das pastas 001 e 003

A diferença quantitativa entre os documentos das duas pastas é considerável, no entanto, em valores relativos, esta quantidade passa a apresentar semelhança: o percentual de borrões passados a limpo, em ambas as pastas, é superior ao percentual de rascunhos, que, por sua vez, é superior ao de textos definitivos e ao de anotações. Desta forma, a amostragem, que teve um condicionamento aleatório, torna-se absolutamente válida, permitindo que se delimite o padrão de emendas utilizado por Arthur de Salles.

Levando-se em consideração tanto a amostragem total dos textos (pastas 001 + 003) como cada pasta separadamente, percebe-se o mesmo padrão: os borrões passados a limpo constituem a maior parte dos textos, seguidos proximamente pelos rascunhos. Os textos definitivos correspondem a apenas uma pequena fração, mas sempre consideravelmente maior que as anotações.

Após se ter procedido à classificação dos textos por tipo, partiu-se para a quantificação dos movimentos de correção por tipo em relação a cada tipo de texto em ambas as pastas em conjunto.

Como era de se esperar, nos manuscritos de rascunhos o número de supressões, que indicam "o posicionamento crítico por parte do autor no sentido de desprezar uma determinada lição"¹⁶⁸, supera consideravelmente os demais tipos de emenda. Têm-se, então, 54,4% de supressões no total de emendas realizadas nos rascunhos editados.

O segundo tipo de emenda mais utilizado pelo poeta em seus rascunhos é a sobreposição, que contabiliza 14,1% do total de emendas realizadas nos rascunhos. A utilização da emenda por sobreposição, de acordo com Rosa Carvalho ao se referir aos textos passados a limpo, em geral, "revela a intenção do autor de deixar clara sua caligrafia ou de resgatar letras suprimidas ao fazer a cópia"¹⁶⁹. Esse comentário também parece válido para os rascunhos desta amostragem, nos quais se encontram, ainda, diversos exemplos de sobreposição utilizada para substituir uma letra minúscula por uma maiúscula e vice-versa. Outro exemplo constante é o fato de a velocidade do pensamento superar a velocidade da escrita, fazendo com que o poeta suprimisse alguma sílaba, porém, antes mesmo de

¹⁶⁸ CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador, 2001. 796f. il. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia. f. 296.

¹⁶⁹ *Id. ibid., loc. cit.*

terminar a palavra, o erro era detectado e a sílaba era acrescida sobre a sílaba seguinte que voltava a ser escrita logo a seguir.

O terceiro tipo é constituído pelas emendas na entrelinha superior, representando 14,1% do total de emendas realizadas nos rascunhos. Pode-se dizer que as emendas na entrelinha representam um terceiro estágio no processo de escrita que seria um aperfeiçoamento do texto, já que na supressão o autor descarta, um termo ou expressão, mas ainda não encontrou um substituto para o que foi retirado. Na sobreposição o substituto é escrito imediatamente, dando a perceber, em muitas das vezes, o lapso. Na emenda na entrelinha, seja ela substituição ou acréscimo, o elemento que mais agrada ao poeta já está escolhido (o que ainda pode não representar uma escolha definitiva, já que a maioria das emendas não se encontra em textos definitivos), fazendo parte de um processo de burilamento do texto.

Para que se tenha uma visão geral dos movimentos de correção realizados nos rascunhos, veja-se o gráfico a seguir:

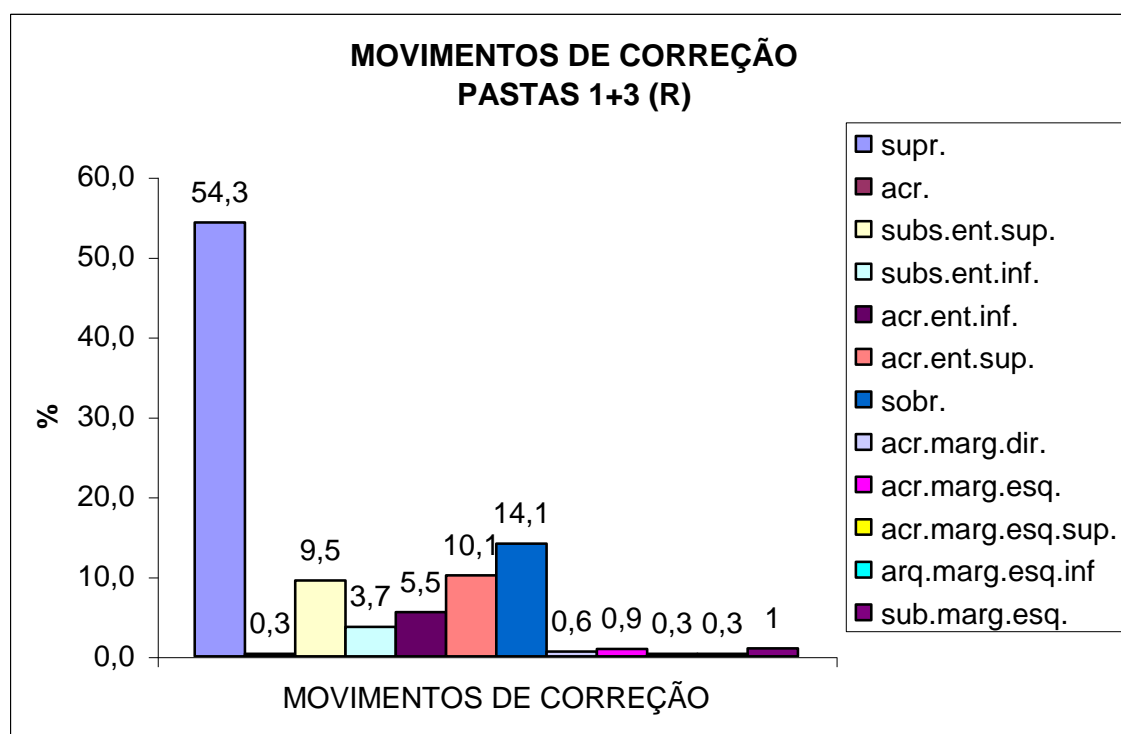


Figura 7 – Movimentos de correção dos rascunhos das pastas 001 e 003

Nos borrões passados a limpo (BPL), independentemente de se analisar o total dos textos ou cada pasta separadamente, encontra-se o mesmo padrão de emendas: um pouco menos da metade corresponde a supressões, seguidas, mas em um patamar bem menor, de sobreposições. No total, as emendas na entrelinha superior aparecem logo abaixo das sobreposições, embora bem melhor representadas na pasta 001 do que pasta 003. A proporção de anotações marginais é relativamente elevada na pasta 003, mas este dado não é representativo de toda a amostra, uma vez que está restrito a apenas três documentos na referida pasta, um dos quais compreendendo 92% do total geral de anotações marginais.

Pode-se ver que, sendo a maioria dos documentos das pastas 001 e 003 borrões passados a limpo e rascunhos, o número de supressões é bastante superior a qualquer dos outros tipos de emendas, seguido da quantidade de sobreposições e emendas na entrelinha superior. Estas são as emendas mais constantes no fazer poético de Arthur de Salles.

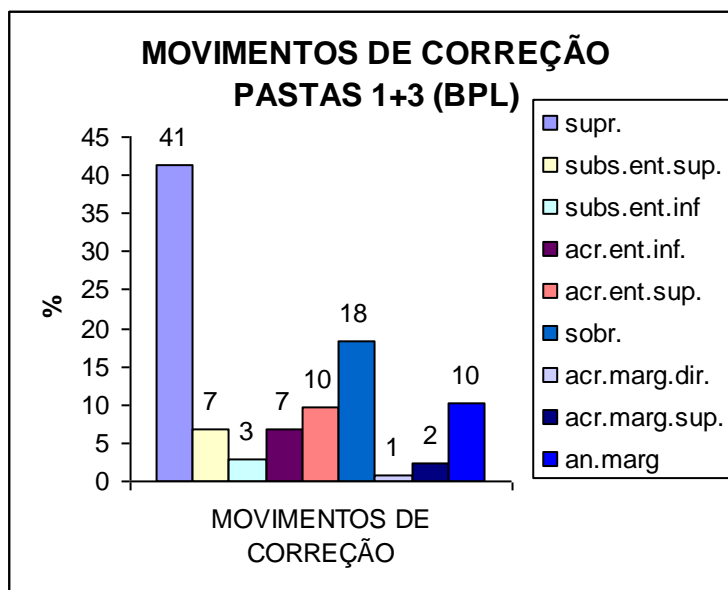


Figura 8 – Movimentos de correção dos borrões passados a limpo das pastas 001 e 003

De uma maneira geral, nos textos definitivos, considerando os presentes em ambas as pastas, a sobreposição é a emenda mais freqüente, seguida pela supressão, fato que é perfeitamente explicado já que, como se disse, a emenda por sobreposição, em muitas das vezes, deixa claro o lapso, nestes casos, ocorrido no momento da cópia. Acréscimos aparecem em uma proporção relativamente alta na pasta 003, entretanto, isto não é

representativo para a amostra inteira, uma vez que todos os acréscimos registrados estão restritos a um único texto, um documento datiloscrito com emendas autorais, no qual o autor faz correções à datilografia, acrescentando acentuações e pontuações ausentes.

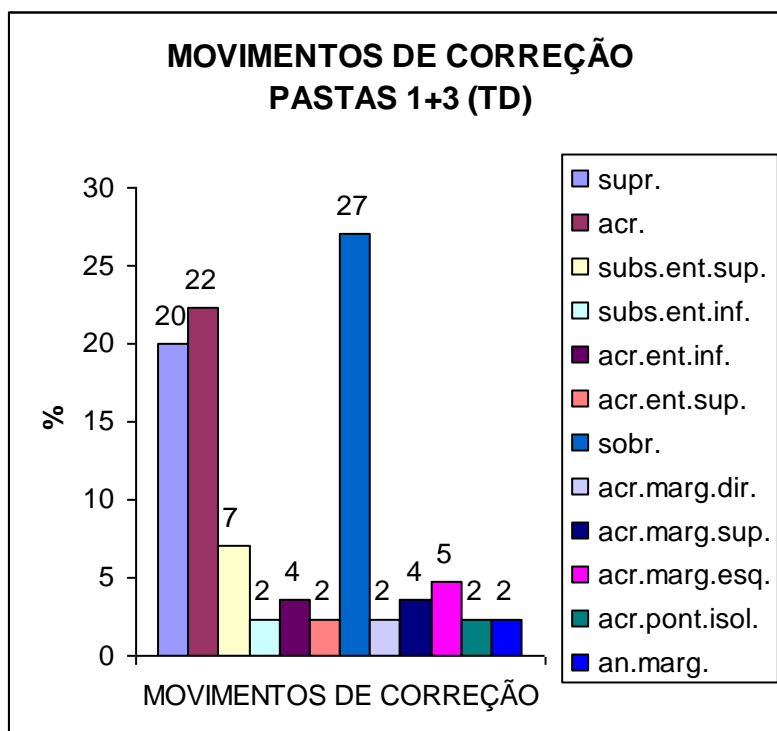


Figura 9 – Movimentos de correção dos textos definitivos da pasta 001 e da pasta 003

As anotações, que representam apenas 3% do total de documentos desta edição, constituem uma amostra não significativa, e trazem, na maioria das vezes, rabiscos ininteligíveis, ou apontamentos que nada têm a ver com a produção literária do poeta.

7 SOBRE O FAZER POÉTICO DE ARTHUR DE SALLES

7.1 ETAPAS DE UMA ESCRITURA

Justamente por se ter em mãos amostras de todos os tipos de manuscritos – algumas anotações, diversos rascunhos e borrões passados a limpo (apesar de ainda bastante trabalhados) e certos textos definitivos –, pode-se analisar o fazer poético de Arthur de Salles ainda em vias de surgimento.

A atitude inicial do poeta para começar seus textos, como se pode perceber a partir das transcrições dos manuscritos, se dá de forma bastante ordenada e contínua. Inicialmente, ao que parece, o poeta traça, em linhas gerais, o que virá a ser o texto, lançando no papel frases ou versos soltos, presentes nas anotações. Posteriormente, reorganiza, nos rascunhos, esses mesmos versos ou frases, integralmente ou em parte, mas ainda de forma desordenada, para, então, passar a uma etapa mais avançada, organizada, do seu fazer poético, que seriam os esboços passados a limpo e os textos definitivos.

Nos fragmentos de poemas que se encontram a seguir (doc. 001:0001/f.1r e v e 001:0016/f.1r e v), nos quais se colocaram lado a lado os versos coincidentes, vê-se que os versos, que porventura são retomados na fase seguinte, não seguem a mesma ordem na qual se encontravam anteriormente.

Muitas vezes, um mesmo verso é repetido em pontos diferentes do que virá a ser o futuro poema, ou então, os mesmos versos, quando retomados, têm sua estrutura geral aproveitada, mas sofrem ainda algumas alterações, como é o caso de

E tres dias a fio e tres noutes a fio (001:0016/f. 1v)

substituído por

Tres dias e tres noutes na porfia. (001:0016/f. 1r)

Este outro verso, que aparece, com duas construções divergentes no primeiro testemunho

Bater-lhe à porta um cantador (001:0016/f. 1v)

e

Veio bater-lhe à porta estranho cantador (001:0016/f. 1v)

é retomado apenas uma única vez, reproduzindo na íntegra a segunda variante:

Veio bater-lhe à porta estranho cantador (001:0016/f. 1r)

Têm-se ainda exemplos, embora mais raros, de versos que são retomados sofrendo apenas alterações na pontuação, como é o caso de

Vencendo um esterão de centenas de leguas (001:0016/f. 1v)

que, no testemunho seguinte, apresenta-se acrescido de uma vírgula e de um ponto final:

Vencendo, um esterão de centenas de leguas. (001:0016/f. 1r)

Nisto, pode-se verificar outra característica do fazer poético de Arthur de Salles, a pontuação, que é meticulosamente elaborada e reelaborada a cada testemunho, conferindo à versão definitiva, no mais das vezes, menor leveza e maior objetividade.

Vejam-se, portanto, os testemunhos:

001:0016/f. 1v

(...) *vida bella e erran/te*/*
(...) *lenda, e soffrimento e <destemor>*

(...) *de estranho destemor:*
<U*/m dia>
Um dia, vem de bem distante
/F*/eio, caçado, poeirento
Bater-lhe à porta um cantador

Vierà através de <milas> leguas
De pouso em pouso procurando
O tyrameiro fancinaz...
Eis que se encontram nesse dia.
E+
Vencendo um esterão de centenas de leguas
Veio bater lhe á porta um estranho cantador.
<Viera de pouso em pouso> .-
Feio, caçado, poeirento.
E tres dias a fio e tres noutes a fio
Numa luta sem treguas

Certa vez <na>.
<C>/C\erta vez na <fazenda> ...
Certa vez <†> tyranna <alça vô voa>
Vida ao leo da tyranna. E a sua aventura
Por arraias e povoados
<Canta> ás vezes.

001:0016/f. 1r

Giram-lhe a vida <bella> e errante
Uns tons de lenda, <de heroismo> [↓soffrimento
e destinno] e dor.

Um dia

Veio bater-lhe à porta estranho cantador.
Tres dias e tres noutes na porfia...
Vinha de lá, de lá, duma região distante

Vencendo, um esterão de centenas de leguas.

Tres dias e tres noutes na porfia
Numa luta sem treguas –
Era ano duns turvos
Giram-lhe a vida [↑bella] errante
Traços de lenda e soffrimento e destemor
<Tons de heroísmo e destemor>
Um dia <†> de bem distante
Vencendo um esterão de centenas de leguas
Bater-lhe á porta um cantador...
Feio e caçado e poeirento
Bater-lhe a. porta um cantador
Que do nome p(†) lhe saia
<Vinha surgida pela força>[↑††††] [↓nome]
(D)o tyrameiro fancinaz
Eis que se encontras.
Venha atraves de de lentos <†>/leguas\
De pouso em pouso procurando
f <O> tyrameiro fancinaz.
f Eis <que se encontram nesse dia>
f <E>
f f f f f f f f f f

Não se pode afirmar que Arthur de Salles tivesse em mente, no início do momento de criação, o texto que viria a escrever alguns minutos depois. Porém, parece provável que a auto-exigência do autor e seu senso crítico o fizessem passar por inúmeras etapas antes de dar por terminado um trabalho, como se pode ver no segundo exemplo abaixo apresentado (doc. 001:0001/f. 1r e 001:0001/f. 1v). As três primeiras linhas do testemunho anterior são retomadas com poucas alterações para serem os últimos versos do testemunho seguinte, quando o poema já toma feições mais definidas. Na primeira linha do primeiro documento, tem-se

Vim te buscar essa luz que brava, excelsa e forte (001:0001/f. 1v)

retomado com mais objetividade conferida em função do verbo

Vim buscar essa luz que matei excelsa e forte (001:0001/f. 1r)

A terceira linha do primeiro testemunho, depois de ser esboçada na linha anterior

O tédio <ainda>

O tédio hostil da vida e o fascínio da morte (001:0001/f. 1v)

passa na íntegra ao segundo, sem sofrer alterações

O tédio hostil da vida e o fascínio da morte (001:0001/f. 1r)

Todavia, os demais versos esboçados no primeiro testemunho não são retomados no momento seguinte, como se pode ver:

A viagem noturna do
poeta

Quanta vez andiei inquieto e atormentado
Por tua grande paz. E quantas debruçado
Sobre o torvo golphão das miserias humanas
Abri como de um barco ao léo de ondas insanas
Meus braços para ti supplicantes e afflictos.
Ah! Plantar na adustão dos teus ermos benditos
Minha tenda em rasgões de nomade tristonho!
E com a linha da scisma e uns pedaços de Sonho
Remendar este manto esfarpado da vida!(.)

.....

Minha sede febril de tua agua escondida
Nos profundos grotões, onde as horas silentes
Vão buscal-a, passando em theorias dormentes
Sem a gracas bravia can das tabaróàs
Quando passam florindo o caminho de loàs
Tinha a fome febril do teu pão amassado
Pelas mãos do Silencio. O teu pão pão levedado
Com a cinza da <Reuncia>...

E fui. Bebi tua agua

E esta alma fez-se um ninho em vez de acesa
fragua-

Outra visão mais clara e mais bella da terra

Comi teu pão. Lavei as feridas da guerra

<Que a vida (†) abriu em mim vencedor e
vencido>

Dos teus dias-anciãos que foram peregrinos

Aprendi a licção de altos dogmas divinos.

E para decifrar lettras de estranhos verbos

Fui conversar os teus crepusculos acertos.

Vim te buscar essa luz que brava, excelsa e forte

O tedio <ainda>

O tedio hostil da vida e o fascinio da morte

<Que> alçai haver.

Tuas noutes dantescas!.....

. Que é um modo de então voltares

lem<brei a (†) que> -

E como <dodas> o primeiro que houve

Vim buscar essa luz que matei excelsa e forte

O tedio hostil da vida e o fascinio da morte

7.2 AS APARÊNCIAS ENGANAM: UM EXEMPLO COM DOIS MANUSCRITOS DE ARTHUR DE SALLES

7.2.1 De *Catalectos* a *Rimas Várias*

Entre dois dos documentos da pasta 001 um detalhe chama rapidamente a atenção do pesquisador. Trata-se de uma cantiga de amor da qual se dispõem de dois testemunhos, tombados sob os números 001:0009 e 001:0007, que aqui, não por descuido, aparecem indicados nesta ordem.

O primeiro (001:0009) é um documento autógrafo, manuscrito em papel almaço, com alguns rasgos nas bordas. Na parte superior da folha, ao centro, vê-se o título *Catalectos*, sublinhado, e logo abaixo, três estrofes de 6 versos octassílabos. A escrita é clara e pousada, dando ao documento características de um texto passado a limpo.

O segundo documento (001:0007), em papel de carta, também é manuscrito, porém apógrafo, com letra de Maria das Dores Salles Brasil, prima do poeta que fazia às vezes de sua secretária. O poema, assim como o anterior, é distribuído em 3 estrofes de 6 versos. A escrita também é clara e pousada, ou seja, trata-se também de um texto passado a limpo. No entanto, embora o manuscrito seja apógrafo, o testemunho é autógrafo, em virtude das emendas autorais feitas no texto, no qual podem ser apuradas algumas divergências em relação ao outro testemunho, a começar pelo título, que de *Catalectos*, como no testemunho anterior, passa a ser *Rimas Várias*.

A princípio, poder-se-ia crer que o poeta escreveu seu texto, que foi passado a limpo (doc. 001:0007) e, após fazer algumas modificações, o próprio Arthur de Salles teria passado novamente seu texto a limpo em uma versão mais apurada (doc. 001:0009).

A leitura dos dois manuscritos mostra os seguintes movimentos de correção, que podem ser analisados nas transcrições de ambos aqui dispostas em paralelo:

0007	0009
<Catalectos> [<u>↑Rimas varias</u>] <u>Restos de uma novella perdida..</u>	<u>Catalec</u> <†>/t\os
<p>Por vós ey tido e ey provado Por vos amar tanta provança.....</p> <p>5 Nunca de vós não ouve grado, Nem ouve ben minha esperança[.] Ay minha gran desaventura.... Coita de amor que sempre dura!</p>	<p>Por vós ey tido e ey provado Por vos amar tanta provança.... Nunca de vós não ouve grado Nem ouve de bem minha esperança... Ay minha gran desaventura... Coita de amor que sempre dura</p>
<p><Por vós><d>/D\esnembra <a desrazão>[↑toda][→cuidação]</p> <p>10 O coração que tudo nembra. Por vós[,] que avedes dado em sembra Males sem co<i>/n\t<a>/o\ ao coração.... Ay minha gran desaventura Coita de amor que sempre dura!</p>	<p>De vós deslembra a sem razão O coração que tudo alembra, De vós que havedes dado em sembra Males sem conto ao coração. Ay minha gran desaventura Coita de amor que sempre dura.</p>
<p>15 Não val meu pranto, ca sei ben Que nem de vós <u>ser<a>/ey\</u> nembrado [→serey] Vou-me per hy com meu cuidado Sen attender <†>/p\er nulla ren. Ay minha gran desaventura...</p> <p>20 Coita de amor que sempre dura!</p>	<p>Non val meu pranto ca sei ben Que non de vós será nembrado Voy-me por hy em meu cuydado Sen attender per nulla ren Ay minha gran desaventura Coita de amor que sempre dura.</p> <p style="text-align: center;">+</p>

Vejam-se, então, as divergências linha a linha:

- cabeçalho: ambos os documentos trazem, centralizado no início da página, o título *Catalectos*, sublinhado em 0009 e não sublinhado em 0007, no qual, no entanto, foi riscado e substituído por *Rimas Varias*; além do que, o documento 0007 possui ainda uma indicação recuada a direita: Restos de uma novella perdida.
- linha 3: em 0007 é acrescido um sinal de pontuação no final da linha, ausente em 0009;
- linha 4: a letra *m* presente no final da palavra *ben* em 0009, é substituída, em 0007, por *n*, resultando em *ben*, pois como já se viu, o vocabulário estava sendo trabalhado pelo poeta no intuito de reproduzir as características de um texto medieval;
- linha 6: em 0009 o verso termina sem pontuação, em 0007 o mesmo verso apresenta ao final um sinal de exclamação seguido de ponto final;
- linha 7: em 0009 lê-se *De vós deslembra a sem razão*, quando, em 0007, tinha-se *Por vós*, que é suprimido, e na palavra que vem a seguir, *Desnembra*, é substituída a letra inicial minúscula por maiúscula, seguido de *a desrazão*, também substituída por *toda cuidação*;

- linha 8: em 0009 lê-se *O coração que tudo **alembra***; quando em 0007, lê-se *O coração que tudo **nembra***;
- linha 9: em 0009 o verso inicia com **De** vós não seguido de vírgula; ao passo que em 0007 inicia-se o verso com **Por** vós, (seguido de vírgula); em 0009 o verbo **havedes** apresenta-se com a letra *h*; e em 0007, sem ela, ficando **avedes**;
- linha 10: em 0009 têm-se *Males sem conto*; e em 0007, *Males sem coita*, sendo, porém, o *i* substituição por **n** e o **a** substituído por **o**;
- linha 12: em 0009 o verso termina com ponto final, e, em 0007, termina com ponto de exclamação;
- linha 14: em 0009, **Non** val meu pranto **ca** sei ben; em 0007, **Não** val meu pranto, **ca** sei ben, substituindo *Não* por *Non* e suprimindo a vírgula;
- linha 15: em 0009, **Que** **nom** de vós **será**; em 0007 tinha-se inicialmente, **Que** **nem** de vós **será**, sendo o verbo emendado para **serey**;
- linha 17: em 0007, no final do verso tem-se um sinal de pontuação, ausente em 0009;
- linha 18: em 0007 o verso termina com reticências, ausentes em 0009;
- linha 19: em 0009 o verso termina com ponto final, e, em 0007, termina com ponto de exclamação, seguido do ponto final.

De acordo com o exposto, pode-se concluir que se trata, evidentemente, de dois testemunhos de um mesmo poema, que foram classificados aleatoriamente, quando do tombamento do acervo. Uma análise extrínseca poderia nos levar a crer que 0009 é uma cópia, passada a limpo, que teria tido por base 0007, posto que um se encontra praticamente sem emendas, ao passo que o outro as apresenta. Somente após a primeira análise intrínseca fica evidenciado o engano. E, como se pode deduzir através de ambas as transcrições, há ainda diversos indícios que nos levam a crer na existência de um terceiro testemunho intermediário entre os documentos 0009 e 0007; eles não são cópia direta um do outro, visto que muitos dos pontos variantes entre ambos aparecem alterados em 0007, sem que as emendas necessárias estejam presentes no testemunho anterior, o 0009. Portanto, estas emendas devem ter sido realizadas em um outro momento genético intermediário.

7.2.2 "O Clamor da terra": um manuscrito híbrido

Este manuscrito constitui um exemplo um pouco distinto dos demais. Pois, após feita a transcrição, pôde-se perceber que o documento se tratava de um manuscrito híbrido, já que trazia três trechos de textos diferentes. Entretanto, decidiu-se por mantê-lo como integrante do *corpus* desta tese, por não ter sido ele analisado em nenhuma das pesquisas anteriores, já que, na primeira triagem, ele foi classificado equivocadamente como sendo rascunho de poesia em função de suas características extrínsecas, que mostravam, por exemplo, todas as frases da mancha escrita se iniciando com letras maiúsculas.

Assim como os dois exemplos vistos anteriormente, o fôlio traz no verso o esboço do que foi complementado no recto. Ainda através das características extrínsecas, corroboradas pelas informações extraídas das transcrições, pode-se perceber que esse documento apresenta fragmentos de, pelo menos, três textos diferentes. O título e as três primeiras linhas vêm escritos em tinta azul, com pena grossa, repetindo o conteúdo do texto esboçado no verso. As doze linhas seguintes, apesar de virem escritas com tinta preta, utilizando uma pena mais fina, parecem ser também uma retomada do esboço iniciado no verso, pois há continuidade no estilo de seu conteúdo.

A terceira parte do fôlio, por sua vez, apresenta uma tinta bem mais clara, escrita com pena ainda mais fina do que aquela utilizada nas linhas anteriores. O texto apresenta-se em forma de diálogo, e não parece ter nenhuma ligação com as partes anteriores, nem no conteúdo, nem no estilo e, tampouco, na forma. Na última linha do verso do fôlio o poeta usa a mesma pena e a mesma tinta utilizadas na segunda parte do manuscrito, permitindo concluir-se que o texto teria sido inserido posteriormente, em um espaço vago no papel, ou já estava presente no papel que teria sido reaproveitado, comportamento bastante comum em Arthur de Salles.

A análise deste documento, que não é um caso isolado entre os papéis de Arthur de Salles, denota o uso que o poeta fazia do suporte de sua escrita. Arthur de Salles utilizava, freqüentemente, aparas de papel, ou papéis já usados, que continham, muitas vezes, escritas feitas por outras mãos – como é o caso do documento 001:0013/1f. 1 v – ou ainda papéis que haviam sido utilizados anteriormente pelo próprio poeta, como é o caso do documento

001:0012/1f., no qual o recto se encontra escrito com o papel disposto em uma posição e o verso, com o papel no sentido oposto, de cabeça para baixo. Isso talvez ocorresse, muitas vezes, por falta de recursos do poeta ou simplesmente pela sua comprovada desorganização. Contudo, o que interessa é a consequência desses atos e não suas causas.

001:0002/f. 1v

001:0002/f. 1r

O clamor da terra

Ella fallou assim

Dentro de grande noute negra

*<Sob o <o>/O\lhar das estrelas> mudas e
espectadas*

Ella clamava assim dentro da grande noute negra

Sob o olhar das estrelas mudas e espectantes

Para o ceo cheio da febre secular do seu clamor.

A sua voz <suprema> [↑Tudo callou a sua voz] de yapurú ferido:
Furnas e socavoes <grotas>, [↑<valles>] [↓valla e], terras e
<plainos>

As grandes mattas, [↑remotas,:] as terras e as planuras.

Fez-se fundo queixume o bramido da cachoeira

O uivo das onças ficou trancado na bocarra dos fojos.–

<Como que> [↑Fez-se fundo grande bramido] se fez queixa <o
tròd> das cachoeiras.....

<<C>/C\omo que> as <aguas> rios estacaram attentas e surpresas.

Os rios sobrestearam o rodamoinho das aguas

E ella fallou assim.

Ó Bella e fecunda luminosa redentora -

– Eia João Mulungú..

– Eia Manel Juruna –

– Homem você sumiu, que foi isso?..

[↑Em covou que misterio –] Rabo de saia, João Mulungú?..

Não vê, Manel Juruna –

– Você sumiu e depois tambem sumiu <J>/Z\anoca

Mulata desenfreiada

Rabo de saia, Joao Mulungu –

Os rio surpresos, attentos.

8 REMINISCÊNCIAS

De acordo com Cândido Figueiredo, no seu *Novo dicionário da língua portuguesa*¹⁷⁰ de 1899, a palavra *reminiscências* designa a faculdade de remeter e reproduzir conhecimentos adquiridos, definição que se aplica a boa parte da produção literária de Arthur de Salles, que, como já se disse anteriormente, era um apaixonado pelo mar, aprofundando-se em conhecimentos sobre ele; conhecia de perto o Recôncavo e parte do semi-árido baiano, pois morou em diversas cidades ao longo de sua vida profissional; e tinha um interesse muito especial pelos clássicos, tornando-se grande estudioso dos autores canônicos.

Em meio a alguns de seus manuscritos, encontram-se aqueles em que o autor demonstra a sua admiração pelos clássicos, ensaiando através de seus conhecimentos a recriação da métrica, do vocabulário, do estilo, deixando visíveis as fontes de sua inspiração.

A partir de breves exemplos, tenciona-se mostrar um pouco do gênio poético de Arthur de Salles, sua cultura e seu labor.

Poeta de seu tempo, Salles foi beber nas fontes mais recônditas da poesia e desta forma incursionou pela poesia medieval portuguesa, inspirou-se no renascimento italiano¹⁷¹, bebeu na fonte do romantismo europeu, e nos brindou com exercícios de criação poética dos quais se vê aqui apenas uma pequena amostra.

¹⁷⁰ FIGUEIREDO, Cândido de. *op. cit.*

¹⁷¹ LOSE, Alicia Duhá. Arthur de Salles: o leitor e o escritor. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS ITALIANOS, 3 e CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES DE ITALIANO, 9. *Anais...* Salvador: UFBA, 2001. (no prelo).

8.1 ARTHUR DE SALLES: O LEITOR E O ESCRITOR

A terra que criou gênios como Botticelli, Michelangelo, Da Vinci, Petrarca e Dante, teve influência incontestável sobre a arte mundial. Na Idade Média, a Itália era um centro científico e cultural, com suas academias e seus estúdios. Passou a ser ponto de referência para as artes. Hoje ainda influencia e fascina leigos e especialistas, e toca até a mais insensível das criaturas.

A esse fascínio, que atravessa os séculos, os artistas brasileiros não poderiam passar incólumes. Entre esse seleto grupo de almas sensíveis encontra-se o poeta baiano Arthur de Salles.

Em algumas das já citadas cartas trocadas entre Arthur de Salles e seu grande amigo, Durval de Moraes, percebe-se a preocupação de ambos com o movimento cultural na Bahia. Por terem morado distantes um do outro por tanto tempo, Durval de Moraes no Rio de Janeiro e Salles em diversas cidades do interior do Estado da Bahia, onde trabalhou como bibliotecário ou professor, os amigos trocaram longas missivas.

No Acervo de Arthur de Salles, a correspondência entre os dois amigos foi dividida em cinco grupos, e são as chamadas cartas-informação¹⁷² que mais vão nos interessar neste momento por conterem, além de dados relevantes sobre costumes e tradições da época, informações sobre acontecimentos literários e políticos, relatos sobre as Letras da Bahia, citação de personalidades baianas da época, crítica ao trabalho de tradução e aos tradutores baianos, e sobre o processo de divulgação cultural e editoração. Também através delas consegue-se ter uma noção da bagagem cultural de Arthur de Salles. O poeta faz, nas diversas missivas, inúmeras referências a autores e a obras nacionais e estrangeiras, que fazem parte de suas leituras. Pois, segundo os intelectuais de sua época, Arthur de Salles era

(...) sem contestação o nosso, maior poeta contemporâneo, sendo no mesmo lance, e nestes últimos tempos, a nossa mais sólida e mais profunda cultura literária. (...) Representou, em nossa época e em nossa terra, a mais perfeita cultura literária nacional e estrangeira, particularmente a portuguesa, a inglesa, a francesa, a alemã, a italiana, a espanhola e a escandinava. Foi, evidentemente,

¹⁷² Cf. GAMA, Nilton Vasco da; TELLES, Célia Marques. *op. cit.*

depois de Castro Alves, o poeta mais fecundo e mais brilhante que a Bahia já possuiu. Guloso de tudo aprender nos domínios da poética e da Literatura, Artur de Sales era um leitor inveterado: leu muito, muitíssimo. (...).¹⁷³

Heli Menegale, em texto publicado no *Jornal do Comércio* e no *Diário de Minas*, escreve: "transparece-lhe dos versos o lastro cultural – a reflexão, o estudo dos clássicos"¹⁷⁴. E em matéria não assinada do *Diário da Bahia* do dia subsequente à morte do poeta (i.e. 28 de junho de 1952), diz-se que Arthur de Salles, um dos maiores poetas de sua época, era possuidor de um espírito fecundo e de vasta cultura, deixando, sua perda, um vácuo na literatura nacional, sem ninguém à altura para substituí-lo.¹⁷⁵

Entre as literaturas estrangeiras, a italiana exercia lugar de destaque nas missivas de Arthur de Salles. Ao longo das 221 cartas, são feitas, pelo menos, 30 referências diretas a autores italianos, geralmente acompanhadas de citações de trechos de suas obras ou frases clássicas atribuídas a eles. A cultura italiana, como um todo, também tem seu lugar de destaque, pois o poeta menciona diversas vezes lugares pitorescos da terra, na qual ele, por sinal, nunca esteve, faz referências a artistas de variados *métiers*, como músicos, escultores, ou a árias de óperas ou canções, que ele, em determinado momento, ao chegar do teatro, comenta com o amigo.

Vejam-se, portanto, exemplos do que se afirma, nos trechos retirados da correspondência do poeta.

Em carta de 30 de abril de 1908, Arthur de Salles nos informa que toda arte vinda daquelas paragens exerce sobre ele esse mesmo fascínio¹⁷⁶. E, em carta de 1º de julho de 1912, explica de forma mais clara seu encantamento: "Ora, meu poeta, eu amo as cidades marítimas e amo as cidades antigas com as suas estatuas, os seus templos gothicos, as suas ruas, o seu velho ar de poesia antiga, millenaria, seus annaes, seus artistas."¹⁷⁷

Como se vê, Arthur de Salles, a mais de ser poeta, era um apreciador da arte, de um modo geral, palavra que ele grafa, invariavelmente, com letra maiúscula, pois, para o poeta

¹⁷³ SILVA, Alberto. Artur de Sales. *A Tarde*, Salvador, p. 3 e 9, 16 jul. 1952.

¹⁷⁴ MENEGALE, Heli. *op. cit.*

¹⁷⁵ MORRE o maior poeta da Bahia...

¹⁷⁶ Cf. doc. 061:0220 [carta de 30.04.1908], do Acervo de A.S.

¹⁷⁷ Doc. 0065:0310 [carta de 01.07.1912], do Acervo de A.S.

baiano, "A Arte é um mare-magnum e no entanto a muitos é 'dolce navigare in questo mare'"¹⁷⁸.

Em carta de 30 de outubro de 1913 Arthur de Salles, mostrando-se sobremaneira interessado em determinada obra literária que lhe foi fornecida pelo amigo Durval, demonstra a emoção que lhe provocam assuntos relativos à pátria de Dante:

Imagina a alegria que me fez os olhos cheios de lagrimas benditas quando em uma tarde destas recebi o teu 'Italia coroada de rosas'. Horas antes eu pensava em como havia de ler estas paginas de evocação que pelo prestigio do ainda não sentido mo inflamavam a visão de Artista, sonhador do passado e das ruínas e dos marmores e bronzes remotos... Vinha dias atraz de bater as livrarias da minha terra somnolento, rezando e dormindo emballado pela queixa consoladora do seu velho amigo, o mar. As livrarias não n'a tinham, esta Italia de Dante e do D'Annunzio, que Justino pintou em paginas bellas, adoraveis, de Artista novo, mas sem aquella força de Castellar descrevendo a Capella Sixtina ou Pisa ou Veneza ou as Catumbas, de onde a cruz sahia como uma estrella...

Não na conheciam os livreiros d'aqui. Uma pagina de Almachio sobre essas paginas mais me aguçavam o desejo febril.

Voltei a Turris; e nessa tarde inolvidavel, uma das paginas mais fundamente sentidas da minha vida de Artista e de Amigo, que felizmente a emoção illuminou de lagrimas benditas como as que, horas escondidas, choro pelo que nunca virá, nessa tarde, eu pensava na Italia de Justino e de Montalvão, imaginando-o sonoro, evocativo, sentido que se tivesse entre as mãos, ouviria a voz dos Marmores e das madonas de Raphael, e veria desfillar ante meus olhos o cortejo immenso das sombras antigas gemendo, cantando e amando...¹⁷⁹

Mais adiante, na mesma missiva, ainda envolto no sentimento e na emoção, o poeta, que tinha em uma das paredes do quarto que ocupava em São Bento das Lages, quando lá lecionou, uma gravura de Dante Alighieri¹⁸⁰, declara sua reação, como transparece nas entrelinhas da carta. Enebriado pela emoção, deixa-se levar pela inspiração proveniente da citada obra, que o conduzira à atmosfera da terra dantesca, e põe-se a escrever:

(...) E voltando-me sobre o papel comecei a traçar uns versos. Mas a ideia empolgava e turbava. Eis que me batem á porta e eis que a cabeça risonha dessa mulher que illustra a capa, com um sorriso doloroso e uma flor na trança escura, appareceu-me. Pois não era a "Italia coroada de rosas"?!

Chegou e eu a recebi com as lagrimas de alegria. Tambem que lhe podia dar, Durval, senão as rosas da alma?...

Eis porque te disse, que hoje, ja te abencoei, hoje que abri essas Paginas de Arte.¹⁸¹

¹⁷⁸ Doc. 0063:0266 [carta de 05.07.1912], do Acervo de A.S.

¹⁷⁹ Doc. 064:0295 [carta de 30.10.1913], do Acervo de A.S.

¹⁸⁰ Cf. doc 0068:0295 [carta de 30.10.1913], do Acervo de A.S.

¹⁸¹ Doc. 064:0295 [carta de 30.10.1913], do Acervo de A.S.

Arthur de Salles queria muito bem à Itália e, possivelmente, seu nome também teria chegado até lá. Relatando a Durval de Moraes uma conversa com um amigo em comum, Almachio Diniz, diz-lhe que este lhe teria tomado uns dados biográficos para um dicionário "ou coisa que o valha", a sair na Itália. Todavia, não se tem informação alguma sobre a efetiva realização desse fato.

Muitos anos mais tarde, porém, Luciana Stegagno Picchio publica na Itália a obra *La letteratura brasiliana*, que traz um breve comentário sobre o parnasianismo, e uma referência ao grupo de Salvador, do qual fazem parte Arthur de Salles, o "tradutor de Shakespeare", e Durval de Moraes, o "poeta devoto".¹⁸²

Para Arthur de Salles, Dante era um dos maiores poetas que o mundo já conheceu, e contestava, com o amigo, os críticos que não partilhavam dessa opinião.

Essa phrase do Mestre afirmando que o Dante talhava em tercettos toda a sua obra, que toda a sua Alma coube naquelles endecassylabos immortaes não me agradou e extranhou-me sobremodo. Deu-me a idéa de limite, de restringimento,...¹⁸³

No entanto, Arthur de Salles não era o único a ser influenciado pelos ares que vinham daquelas terras. Toda intelectualidade da época se deixava encantar pela cultura ítala, nomeando, por exemplo, periódicos em homenagem a pinturas dos mestres italianos. Desta forma, lê-se em uma das cartas de Arthur de Salles o seguinte trecho:

Lia, ha pouco, d' Annunzio na Gioconda e na Bahia a Della Guardia a interpretara com o seu poder prodigioso de evocadora de almas. E uma vibração estranha, fundamente dolorosa, de uma dor nova, tomou-me toda a alma, irradiou-me. Como me rasgaria fundo aquelle grito supremo de Gioconda, feito de immortalidade, em que toda a ancia humana de perpetuidade, parece se acolher e aquella revolta da Vencida que nunca inspirara um gesto que se perennisasse na brancura torturada do marmore, que sarava a ferida enquanto a outra conservava o esboço da obra maravilhosa uma das cem em que se perpetuaria uma das infinitas faces de sua belleza eternamente fecunda! Momento augusto da minha Dôr de Artista!

O desejo de me ajoelhar diante dessa Mulher que por algumas horas revolvía, desapiedadamente, todo o fundo revolto da minha alma, de minha vida, de minha tortura, obscuras, mudas no insano perpassar dos dias e dos dias!..¹⁸⁴

¹⁸² Cf. PICCHIO, Luciana Stegagno. *op. cit.* (1ª edição italiana: 1972).

¹⁸³ Doc. 071:0406 [carta não datada], do Acervo de A.S.

¹⁸⁴ Doc. 0063:0265 [carta de 01.07.1912], do Acervo de A.S.

A literatura italiana servia também como ponto de referência e de comparação para o estilo literário de seus contemporâneos. No entanto, não era apenas esta que interessava ao poeta baiano, que alimentava a sua cultura, vasta e tantas vezes exaltada, nas bibliotecas de sua terra. Outras obras do cânone universal faziam parte de seu repertório literário, e também o inspiravam. De acordo com Rosa Carvalho:

Nota-se que o conteúdo de algumas de suas produções poéticas se aproxima daquele de produções alheias, seja no tratamento dado ao tema, seja nas alusões feitas às obras de outros autores, o poeta, entretanto, não parafraseia o texto de base, mas se deixa influenciar por ele, como em **Ocaso no mar** e sua relação com **Soleil couchant**, de José Maria de Heredia (conteúdo); **Veneza** e a remissão para **Otelo** ou **O Mouro de Veneza**, de Shakespeare; **Anchieta** e a referência ao poema **A tentação de Santo Antônio**, de Gustave Flaubert. Admite-se, então, que, por trás de um texto, sempre há outros textos, isto é, percebe-se, nos versos de Salles, a leitura de Shakespeare, de Baudelaire, de Leconte de Lisle, de Heredia e de vários outros nomes da literatura.¹⁸⁵

Durval de Moraes, que também era apreciador da literatura italiana, sabendo do interesse do amigo, mandava-lhe alguns versos italianos, como se lê em carta de março de 1912: "Hoje mesmo vim á Villa deitar uma carta para ti. Aqui chegando, encontrei a tua de 13 com o trecho italiano do autor de 'Il Piacere'"¹⁸⁶.

Eram os mais variados os assuntos tratados pelos dois amigos ao longo de tantos anos de correspondência, desde questões familiares e pessoais, notícias dos amigos em comum, acontecimentos sociais, questões profissionais, negócios: através das cartas tem-se um panorama geral da época em que viveram os dois poetas. Em uma carta de 18 de janeiro de 1911, tratam, por exemplo, de traduções, assunto que muito interessava a Salles, que freqüentemente andava às voltas com esta atividade:

(...) O Alvaro, porem, disse-me que na traducção do poeta paulista há uma falta grave: ventos alisados. Disse-me que não é possível. Alisios e só alisios. É termo exclusivamente marítimo não pode soffrer alteração.

Logo o Alvaro está superior pela fidelidade. Agora quase todo o mais eu ainda fico com o Alvaro ao contrario do chronista. E note-se que o soneto foi ultimamente retocado e está um primor. Quer queiram quer não o Alvaro é o maior traductor que tem o Brasil, maximé de Heredia. O traductor paulista não vae ao bojo do Kilkerry que é mais livre quanto mais do Alvaro. Ora, aqui está...¹⁸⁷

¹⁸⁵ CARVALHO, Rosa Borges Santos. *op. cit.*, f. 150.

¹⁸⁶ Doc. 0063:0258 [carta de 20.03.1912], do Acervo de A.S.

¹⁸⁷ Doc. 062:0237 [carta de 18.01.1911], do Acervo de A.S.

A relação entre as leituras efetuadas por Arthur de Salles e a influência que elas exerciam em sua produção intelectual também transparece das cartas, como se vê nesta de março de 1920:

Pois hoje, eu li Antonio e Cleopatra de mestre William e por isto é que estou a gelar a tua paciencia, pondo em frente do cesar romano os cesares bahianos. Aquelle patricio de Virgilio ia a deixar a mulher e Roma por aquella morena egypcia que lhe deu dez Romas em pouco tempo! Sim: dez Romas que tantas cabiam naquelle corpo magnifico como as thermas e o capitolio, como as victorias e os versos de Virgilio. Depois a covardia entrou a alma do homem, um sopro maldito arrojou-o fóra daquela gloria, demittiu-o daquelles esplendores. Ella é que não se demittiu.... O imperio cahiu, podre, morreu. Ella está ahí na sua belleza immortal de domadora de Roma!... Mestre Willlian encheu-me as horas com aquella tempestade sonora e dolorosa de almas.¹⁸⁸

A leitura desse clássico teria influenciado o poeta, que, mais tarde, iria traduzir *Macbeth*. Segundo noticia Alberto Silva, no jornal *A Tarde*, Arthur de Salles, ao morrer, teria deixado incompleta a tradução de *Antonio e Cleópatra*, porém, como já se disse, não se tem informações sobre esse fato.

Não se contentou o poeta baiano em apreciar apenas a obra poética de Dante. Certamente nela se inspirou para criar, por exemplo, o poema *Triumphal*, publicado na *Revista Moderna*, no ano de 1900, o qual possui, não por acaso, diversas das características encontradas no estilo poético batizado por Dante de *Dolce stil nuovo*¹⁸⁹.

¹⁸⁸ Doc. 0067:0340 [carta de 04.03.1920], do Acervo de A.S.

¹⁸⁹ “Ma se la nuova scuola poetica sembró tradurre l’amore in filosofia, in realtà lo rendeva più intimo: da omaggio lo convertiva in adorazione, da galanteria in passione, talvolta serena, più spesso dolorosa. Dalle corti lo traeva nel sacrario dell’anima. La ispirazione era perciò il canone fondamentale della nuova poesia, che, com frase dantesca, fu chiamata del *Dolce stil nuovo*”. DONADONI, Eugenio. *Breve storia della letteratura italiana*. 4 ed. Milano: Carlo Signorelli, 1960. p. 20. Traduzindo: Mas, se a nova escola poética pareceu traduzir o amor em filosofia, na realidade, tornou-o mais íntimo: de homenagem o convertia em adoração, de galanteria em paixão, às vezes serena, freqüentemente dolorosa. Das cortes o trazia no sacrário da alma. A inspiração era, para isso, o cânone fundamental da nova poesia, que, com frase dantesca, foi chamada de *Doce estilo novo*.

TRIUMPHAL¹⁹⁰

Essa que passa, magestosamente,
Por entre a multidão boquiaberta,
Como uma deusa de laureis coberta,
Como uma santa, gloriosamente;

5 É a mulher que eu amo com'um crente,
Que das prisões do tédio me liberta
E da minh'alma na amplidão deserta
Brilha serena, luminosamente.....

10 É sombra augusta que me segue os passos
Que soluça de amor enternecida,
Ao enlaçar-me nos seus quentes braços

E ao beijal-a do Amor nas explosões
Perpassam-me na mente enfebrecida
Desvairadamente e hallucinações....

Em dois quartetos e dois tercetos, a exemplo do melhor *stil nuovista*, Arthur de Salles canta a mulher amada, sua Laura-Beatrice enamorada, na perfeição, sinceridade e candura de seu amor. A exemplo do que faziam os poetas trecentistas, a mulher *cantada* por Salles é “un’intermediaria di Dio, bellezza perfetta che si rivela all’uomo o come grazia che tocca i cuori, o come verità che illumina l’intelletto.”¹⁹¹

Assim como para alguns poetas do *Dolce stil nuovo* a *donna* de Arthur de Salles

è anonima, o reca nomi simboleggianti le sue virtù o il suo potere. Nessuna nota de concretezza femminile, di determinazione storica, intorno a lei. Essa è un angelo che passa fugacemente sulla terra, per gioia e conforto degli uomini, ma è atteso nel cielo, dove presto ritornerà.¹⁹²

No entanto, o toque de nacionalidade e atualização do *mito feminino* em Salles está na concretude do amor, já que a sua *donna*, apesar de etérea e perfeita, dá-se ao toque do

¹⁹⁰ SALLES, Arthur de. Triumphal. *Revista Moderna*. Bahia, ano 1, n. 3, p. 20, mar. 1900. Texto editado por PEREIRA, Norma Suely da Silva. *op. cit.*

¹⁹¹ DONADONI, Eugenio. *op. cit.*, p. 20. Traduzindo: uma intermediária de Deus, beleza perfeita que se revela ao homem ou como graça que toca ao coração, ou como verdade que ilumina o intelecto.

¹⁹² *Id. ibid.*, p. 21-22. Traduzindo: é anônima, ou possui um nome simbolizando a sua virtude ou o seu poder. Nenhuma nota de concretude feminina, de determinação histórica em relação a ela. Essa é um anjo que passa

amado, abraçando-o e beijando-o, coisa que para um verdadeiro trecentista, só aconteceria nos seus momentos de sonho e delírio. O amor de Dante pela bela Beatrice, por exemplo,

ha tutt'i caratteri di primo amore giovanile, nella sua purezza e verginità, più nell'immaginazione che nel cuore. Beatrice è più simile a sogno, a fantasma, a ideale celeste, che a realtà distinta e che produca effetti propri. Uno sguardo, un saluto è tutta la storia di questo amore¹⁹³

Esta análise parece também fazer eco às palavras de Loureiro de Souza que, em 1959, questiona:

Pois não se nota aí toda a revelação de alguém que não viu, mas que sentiu, ou que viu em sonho, como Dante, toda a beleza e esplendor que existem nos fundos ignotos dos mares? Pois não se nota aí uma similitude com o tema principal da "Divina Comédia"? Se o Altíssimo Poeta penetrou as geenas. num sonho "que tanto os sentidos lhe tomara" como nos diz no canto primeiro da sua obra, assim também o nosso Vate penetrou o pélagos profundo e viu, num assombroso, "miríficas paragens, bárbaros em chamas". (...) Porque Artur de Sales sempre revelou aquilo que Felicien Challaye chama de a simpatia do artista pela vida universal, quando a contemplação estética toma um caráter mais íntimo Essa simpatia, como bem define Challaye, é o poder que tem o artista de participar em todos os prazeres e em todas as dores.¹⁹⁴

Essa erudição de Salles, esse gosto pela boa "Arte", essa humildade de submeter-se a fontes renomadas e consagradas se reflete em todas as instâncias da obra desse humilde poeta baiano, e é perceptível na temática, na estrutura, no vocabulário. O "leitor inveterado" está patente no escritor, convidando os leitores a acompanhá-lo em um passeio pela literatura, a cultura, a música, a arte, a história universais.

fugazmente sobre a terra, para o prazer e o conforto dos homens, mas é aguardada no céu, para onde, em breve, retornará.

¹⁹³ DE SANCTIS, Francisco. *Storia della letteratura italiana*. Vicenza: Orsa Maggiore, 1994. p. 55. Traduzindo: possui todas as características do primeiro amor juvenil, na sua pureza e virgindade, mais na imaginação do que no coração. Beatriz é mais parecida com sonho, fantasma, um ideal celeste, do que realidade distinta e que produza efeito próprio. Um olhar, uma saudação é toda a história deste amor.

¹⁹⁴ SOUZA, Antonio Loureiro de. *op. cit.*, p. 48-49.

8.2 O ROMANCE DA CASTELÃ

Merece especial atenção o manuscrito catalogado com a notação PO-IS-OM-003-0047-NX:01/02. É um manuscrito autógrafo escrito no recto e no verso. A partir da sua transcrição, percebe-se que a única versão encontrada ainda está longe de representar a vontade última do autor, está, ainda, muito distante do que se imagina seria o texto definitivo. É, ao que parece, um borrão passado a limpo. No entanto, tenta-se aqui apresentar uma versão um pouco mais depurada a partir das pistas fornecidas pelo autor através de supressões, acréscimos, substituições.

f.1r	Romances da Castelhan	Arthur de Salles
	O pagem de Dona Branca Os dias passa a chorar Às noutes do peito arranca Suspiros e ais de cortar	
5	No seu leito Dona Branca Não sabe deste penar.	
	Soffre e sonha, na miragem Que mais lhe vem torturar Sonha o coitado do pagem Que alta noute, a luz do luar, De Dona Branca a miragem Vem seu martyrio acabar.	
10		
	Soffre e sonha(, pesadello Mais lhe será que sonhar!)	
15	A ponte do alto castello Desce para elle ir gozar Da castelã todo o anhelos Toda a belleza sem par.	
	Sonha mais: seus labios quentes Os labios delle a buscar Seus olhos vivos e ardentes Os olhos delle a queimar Seus braços como serpentes O corpo delle a apertar.	
20		
	Sonha mais: na vasta sala Elle, a harpa de ouro, a vibrar As scismas doces lhe embala Num suave descantar Glosando-lhe os pés de opala E os olhos de verde mar!	
25		
30		

Mas tanto sonho lhe augmenta
 O já tamanho penar
 Porque à guerra cruenta
 Não fora os mouros do mar
 5 Que bem lhe ficara isenta
 A alma de tanto pesar.

 Que os santos abrandem peitos
 Bem quizera acreditar.
 Tres longos annos vão feitos
 10 Que lhe dura a ancia de amar
 Essa de labios perfeitos
 Com os das santas do altar.

 Nesses tres annos entanto
 Nesse continuo desfiar
 15 Sobe a prece, desce o pranto,
 Nem a prece lhe ouve o Santo
 Nem Dona Branca o chorar

 Desventuroso e sem vida

 O pagem de d Stella
 20 Viva, os dias a cantar
 À noute se o ceu se estrella
 Ou se refulge o luar
 Aos formosos braços della
 (...) feliz, a sonhar

Dona Branca ou A Conquista do Algarve: poema, esse é o título do poema de Almeida Garrett, publicado em Paris em 1826, por J. P. Aillaud, com 251 páginas, cuja primeira edição encontra-se sob a cota BNL. 3635P. da Biblioteca Nacional de Lisboa. Em 1859 foi publicada em Porto Alegre, por H. L. Streccius, a edição brasileira, e em 1860 foi a vez da edição americana, publicada em Nova York por Robert A. Murray.¹⁹⁵

Poema narrativo em dez cantos, *Dona Branca ou A Conquista do Algarve* conta através do fato histórico – a conquista – o amor proibido de Dona Branca, filha de Dom Afonso III, homem muito religioso, e do chefe árabe Aben Afan. Esta história dá a Almeida Garrett a oportunidade de criticar a clausura e de proclamar a universalidade de Deus através de todas as crenças. O tema é tratado em um estilo que, de acordo com a crítica, é o primeiro esforço consciente para criar uma poesia romântica portuguesa.¹⁹⁶

¹⁹⁵ Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/escritores/garrett/biblactiva.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2003.

¹⁹⁶ Tradução nossa. Disponível em: <http://fr.encyclopedia.yahoo.com/articles/ma/ma_288_p0.html>. Acesso em: 25 jun. 2003.

Dáí vem a inspiração para Arthur de Salles que, no manuscrito acima transcrito, apresenta o "romance da castelã", inspirando-se na personagem criada por Garrett. O poema de que se fala parece, como se disse, não se tratar de um texto definitivo e sim de um borrão passado a limpo, pois se encontra em uma apara de papel e apresenta algumas emendas autorais, o que mostra que o texto ainda estava em construção quando esta versão foi abandonada pelo autor. No entanto, já estão bem claras as intenções do autor de produzir um poema usando a medida antiga, que se caracteriza por apresentar versos em redondilha maior (sete sílabas) e menor (cinco sílabas), diferentemente da medida nova, caracterizada por versos decassílabos, bastante característica da poesia renascentista.

A medida velha foi muito utilizada nas formas poéticas mais características da poesia palaciana, como o vilancete, a cantiga e a esparsa. Mesmo assim, após a introdução da medida nova, a medida antiga continuou a ser usada amplamente¹⁹⁷. De acordo com Norma Goldstein:

O verso de sete sílabas, heptassílabo, ou redondilha maior, é o mais simples, do ponto de vista das leis métricas. Basta que a última sílaba seja acentuada, os demais acentos podem cair em qualquer outra sílaba. Talvez por isso ele seja o verso predominante nas quadrinhas e canções populares. Verso tradicional em língua portuguesa, já era freqüente nas cantigas medievais.¹⁹⁸

O poema de Arthur de Salles apresenta-se em 10 sextetos (é importante lembrar que o texto não se encontra em estado definitivo, portanto 9 estrofes apresentam-se completas e 1 delas incompleta, com apenas 2 versos) de versos heptassílabos, redondilha maior na sua maioria (43 dos 54, não sendo contabilizados os versos anulados pelo autor), com o acento recaindo na 2ª e na 6ª sílabas – *O/ pa/gem/ de/ Do/na/ Bra//nca* – e rimas cruzadas (*ababab*) pobres, já que as palavras pertencem, em sua maioria, à mesma categoria gramatical e a identidade do som se dá a partir da vogal tônica (*Branca: chorar: arranca: cortar: Branca: penar*).

Usando esse tipo de métrica, Arthur de Salles refaz o mesmo percurso trilhado anteriormente por grandes nomes da literatura, por exemplo, Camões que, assim como Sá de Miranda, também

¹⁹⁷ SEIXAS, Cid. *O Trovadorismo galaico-português*. Feira de Santana: EdUEFS, 2000.

(...) cultivou as duas tendências presentes no século XVI: a forma poética tradicional, chamada então de medida velha (...) e a tendência trazida da Itália, a medida nova (...). Sua obra pode ser considerada uma síntese entre a tradição portuguesa e as inovações renascentistas. Em suas redondilhas, Camões dá continuidade à poesia medieval.¹⁹⁹

Sá de Miranda, por sua vez

(...) embora houvesse aceitado as sugestões temáticas e formais do Renascimento italiano, nunca abandonou inteiramente certas fórmulas do lirismo tradicional de raízes medievais, adotando a medida velha como padrão métrico para inúmeras composições.²⁰⁰

Como se vê, esse ambiente palaciano é retomado por Arthur de Salles em um interessante exercício de criação.

8.3 "RIMAS VÁRIAS": UMA CANTIGA DE AMOR

O Romance da Castelã, no entanto, não se trata de um caso isolado no poetar de Arthur de Salles, pois, entre os documentos da pasta 001 do Acervo do autor se encontram dois manuscritos, duas versões de um mesmo poema, que apresentam uma cantiga de amor²⁰¹ construída minuciosamente nos moldes dos trovadores medievais.

Arthur de Salles, além de ter sofrido as influências dos movimentos literários de sua época, como se viu, foi buscar inspiração para o seu fazer poético muito mais longe. Estudioso que era, a arte para ele estava distante de ser resumida apenas à inspiração.

Os documentos 0009 e 0007 comprovam um fazer laborioso, perseguido insistentemente pelo autor, pois todas as alterações que executa ao longo da feitura de seu poema servem a um objetivo muito claro e que, inúmeras vezes, na busca pela forma, termina por endurecer o texto, tornando-o, porém, formalmente mais perfeito.

¹⁹⁸ GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 27.

¹⁹⁹ Disponível em: <<http://portrasdasletras.folhadaregiao.com.br/liricacamos.html>>. Acesso em 10 abr. 2003.

²⁰⁰ Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/veluhdias/sademiranda.html>>. Acesso em 10 abr. 2003.

²⁰¹ LOSE, Alcília Duhá. Um poema à moda medieval. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 4, 2001, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: PUC-MG, 2001. p. 475-478.

Arthur de Salles tencionava criar um poema nos moldes dos trovadores medievais, o que fica evidente após uma análise mais apurada da estrutura e do vocabulário de ambos os testemunhos. Por exemplo: ao substituir *m* por *n* em final de palavras, em *bem*→*ben*, deixa a grafia mais próxima da forma medieval; quando substitui *De vós*→*Por vós*, força a repetição da expressão, já que essa mesma estrutura vai se repetir na estrofe seguinte, para forçar o efeito de *dobre*, do qual, mais tarde, ele se desfaz; quando troca o *l* por *n* em *deslembra*→*Desnembra* ou *alembra*→*nembra* aproxima a palavra de sua forma mais antiga; quando substitui sucessivamente *sem razão*→*a desrazão*→*toda cuidação*, mostra o apuro das estruturas usadas no medievo; assim como quando suprime o *h* em *havedes*→*avedes*; e substitui *o* por *e* em *nom*→*nem*; ou substitui o tempo e a pessoa, a 3ª pela 1ª, no verbo *ser* para obter o *y* em *será*→*serey*.

Arthur de Salles, como foi testemunhado inúmeras vezes por críticos e admiradores, era um grande intelectual, amante das letras e da literatura, "patrimônio inestimável dessa cultura"²⁰². E foi, certamente, lançando mão dessa cultura e desse saber que escreveu, em pleno século XX, um poema nos moldes das cantigas medievais, seguindo-lhes tanto a estrutura métrica e rítmica como o vocabulário, sobremaneira elaborado. *Rimas Várias* é uma cantiga de amor, onde o homem fala, expondo a dor de seus sentimentos causada pela coita de amor²⁰³.

Cotejando os dois testemunhos, obtem-se o que seria o texto estabelecido dessa cantiga:

²⁰² SOUZA, Tomé de. *op. cit.*, p. 5.

²⁰³ SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. 2 ed. São Paulo: Grifo, 1972. p. 296.

Rimas varias

Restos de uma novella perdida.

- 5 Por vós ey tido e ey provado
Por vos amar tanta provança....
Nunca de vós não ouve grado,
Nem ouve ben minha esperança.
Ay minha gran desventura....
Coita de amor que sempre dura!
- 10 Desnembra toda cuidação
O coração que tudo nembra.
Por vós, que avedes dado em sembra
Males sem conto ao coração....
Ay minha gran desventura
Coita de amor que sempre dura!
- 15 Não val meu pranto, ca sei bem
Que nem de vós serey nembrado
Vou-me per hy com meu cuidado
Sen attender per nulla ren.
Ay minha gran desventura...
Coita de amor que sempre dura!

Rimas Várias é um poema de 18 versos octassílabos – *Por/ vos/ a/mar/ tan/ta/ pro/van//ça* –, divididos em três estrofes – 1ª *Por vós* / 2ª *Desnembra* / 3ª *Não val* –, com o acento recaindo na 2ª e na 8ª sílabas – *Por/ vós/ ey/ ti/do/ e □ ey/ pro/va//do* –, e rimas cruzadas e emparelhadas – *ababcc, abbacc, abbacc* –, características que se encaixam, ao que parece, àquelas das cantigas medievais.

Celso Cunha, na edição do *Cancioneiro Paay Gómez Charinho*, diz que

Muito freqüente na poesia narrativa e didática do norte e do sul da França, o *octassílabo*²⁰⁴ foi também um dos versos mais usados pelos trovadores galego-portuguêses, principalmente na cantiga de amor. D. Denis, por exemplo, dêle se utilizou em trinta e nove de suas cento e trinta e oito canções. (...) Quanto à acentuação, sabe-se que êste verso apresentava na lírica provençal, além do *acento obrigatório na 8ª*, de regra, um *outro secundário na 4ª sílaba* (...). Também nas cantigas galego-portuguêses era essa a forma mais antiga e usual do octassílabo (...). Posteriormente, a par dêsse tipo, conheceu a lírica peninsular um octassílabo com a 3ª acentuada em lugar da 4ª (...) e outros menos freqüentes, em que o *acento secundário recai na 2ª ou na 5ª*, ou nas duas simultaneamente.²⁰⁵

²⁰⁴ Grifos nossos.

²⁰⁵ CUNHA, Celso. 1945. O Cancioneiro de Paay Gómez Charinho. In: _____. 1999. *Cancioneiro dos trovadores do mar*. Ed. prep. por Elsa Gonçalves. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. p. 59.

Segundo Amorim de Carvalho, no seu *Tratado de versificação portuguesa*, a poesia medieval portuguesa (séc. XII a XIV) tinha como elemento bem característico e freqüente o refrão²⁰⁶. Para Celso Cunha, tanto "*as cantigas de amor* e de amigo como as de escárnio ou de mal-dizer podiam apresentar ou não estribilho. (...) As primeiras, de caráter popular por excelência, denominavam-se *cantigas de refram*"²⁰⁷, característica também presente em *Rimas Várias*, que, ao final de cada estrofe, repete o estribilho *Ay minha gran desventura... / Coita de amor que sempre dura*.

"A maioria dos trovadores portugueses não empregou mais de três rimas numa estrofe"²⁰⁸, afirma Celso Cunha. Seguindo essa estrutura, *Rimas Várias* apresenta na primeira estrofe a rima *ababcc*, na segunda e na terceira *abbacc*.

Arthur de Salles utilizou ainda o recurso do *dobre* – "a repetição da mesma palavra em lugares determinados das estrofes"²⁰⁹ – no primeiro testemunho do poema (*Catalectos*, doc. 001:0009), quando repete, no primeiro verso da primeira e da segunda estrofes "*Por vós*", porém abandonou esse recurso no segundo testemunho (*Rimas Várias*, doc. 001:0007), substituindo, na segunda estrofe, essa expressão por "*De vós*".

²⁰⁶ CARVALHO, Amorim de. *Tratado de versificação portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Portugália, 1965. p. 152.

²⁰⁷ CUNHA, Celso. 1945. *O Cancioneiro de Paay Gómez Charinho...* p. 74.

²⁰⁸ *Id. ibid.*, p. 75.

²⁰⁹ *Id. ibid.*, p. 86.

9 A TECNOLOGIA A SERVIÇO DA CRÍTICA TEXTUAL

Sempre que novas abordagens ou técnicas são advogadas, um mau-humor muito compreensível apodera-se daqueles que sentem que podem ter de vir a modificar ou reconsiderar hábitos pedagógicos bem esclarecidos que os serviram bem até ao aparecimento dos desordeiros mais recentes.²¹⁰

Discute-se muito sobre os prejuízos que a informática pode trazer ao trabalho com a gênese textual. Fala-se da ameaça que o computador representa ao manuscrito e ao trabalho do geneticista. São realizados congressos, organizadas mesas-redondas, debates, discussões. Há quem diga que com o advento dos editores e processadores de texto o trabalho do geneticista ficará confinado aos manuscritos produzidos nos séculos XIX e XX.

Pesquisadores renomados se debruçam sobre este tema, alguns tomando partido da informática, outros do pesquisador, alguns colocam ambos frente a frente, outros os colocam lado a lado. Lê-se, nessa discussão, o que escreve Jean-Louis Lebrave, conceituado pesquisador do ITEM – Institut des Textes et Manuscrits Modernes, do CNRS, em Paris:

[...] foi sobretudo o desenvolvimento espetacular da informática que causou o maior prejuízo ao texto que nos legou o século XIX. Primeiramente, o correlato material do conceito de texto desaparece: o computador transforma o escrito em um objeto volátil e imaterial tanto por suas formas de estocagem, que escapam à nossa percepção direta, quanto pelos procedimentos de visualização na tela. Nossos hábitos de apreensão do escrito são profundamente perturbados: fragmentação do espaço de consulta, apenas uma ínfima janela sendo aberta sobre o texto, quase impossibilidade de uma leitura cursiva, fragilidade da conservação submetida às eventualidades da alimentação elétrica da máquina...²¹¹

²¹⁰ MAN, Paul de. *A Resistência à teoria*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 43.

²¹¹ LEBRAVE, Jean-Louis. Crítica genética: uma disciplina ou um avatar moderno da filologia? In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 115.

Junto a essas informações, surgem comentários como o de Roberto Zular:

Não deixa de ser curioso que a crítica genética tenha surgido simultaneamente à chamada era da informática. É que, ao contrário do que possa parecer, o uso dos manuscritos tem muito a ensinar sobre o alargamento das possibilidades de texto (hipertextualidade, uso de imagens, de diferentes fontes, etc.), bem como sobre os procedimentos, hoje já quase banalizados, de operação sobre o texto (cortar, colar, buscar, etc.)²¹²

No entanto, como afirma o próprio Jean-Louis Lebrave, a evolução parece inelutável, por isso mesmo este não é o ponto que nos interessa na peleja filologia × informática.

Em geral, os comentários sobre o trabalho conjunto de produção de textos e informática vêm, como afirma José Luis Jobim, no âmbito da experiência pessoal, entremeado de "exercícios de futurologia".²¹³

Outro ponto de extrema importância nesta questão é a suposta disputa de espaço entre o livro eletrônico e o livro convencional, os quais nunca cessam de ser comparados. A explicação para isso, de acordo com Jobim, é relativamente simples:

Considerando que o sistema de produção e circulação de textos em meio digital, até por ser muito posterior ao tradicional sistema de circulação em livros, paga tributo à tradição do livro como objeto relevante, pode ser mais fácil perceber o quanto a leitura e a produção textual no computador se esforçam em fazer referência, quando não reduplicar, aspectos da palavra impressa em livros. Afinal, é conveniente, quando se quer introduzir novas práticas sociais, que se levem em conta práticas socialmente vigentes, principalmente aquelas que foram aprovadas e reconhecidas por um longo período histórico. Em outras palavras: se a circulação de textos por via eletrônica adotasse processos completamente dissociados de formas relacionadas ao livro (*codex*), correria um enorme risco de rejeição por um público que associa a idéia de texto àquelas formas.²¹⁴

É, no entanto, de chamar a atenção o quão pouco, ou quase nada, se fala sobre os benefícios que as técnicas advindas da informática podem trazer ao trabalho filológico. E é justamente isso o que se pretende abordar.

Como se pode observar pelo que foi até aqui exposto, o Acervo do poeta baiano Arthur de Salles vem sendo estudado há mais de duas décadas, pelo Grupo de Edição

²¹² ZULAR, Roberto. A Pluralidade da escrita. In: _____ (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 16-17.

²¹³ JOBIM, José Luis. *Formas da teoria*. Rio de Janeiro: Caetés, 2002. p. 217, 220.

²¹⁴ *Id. ibid.*, p. 221-222.

Crítica de Textos da UFBA. Agora, pretende-se dar um novo fôlego à pesquisa, utilizando os recursos tecnológicos que a informática oferece ao trabalho do filólogo.

Para melhor conservação dos materiais, os documentos (manuscritos, datiloscritos, impressos, fotografias, etc.) já começaram a ser digitalizados, usando-se um *scanner* de alta resolução. As imagens são capturadas e gravadas em formatos com pouca ou nenhuma compressão para que não haja redução em qualidade. A imagem de cada página é capturada e armazenada em um arquivo, que é nomeado com o código de tombo do documento original (ex. documento 0046), dentro de uma pasta que leva como nome o número da pasta do Acervo (ex. pasta 03) na qual ficam contidos os documentos originais, o que facilita a localização e a identificação das imagens digitalizadas dos documentos. Os arquivos contendo as imagens, por sua vez, são armazenados em CD (de cada pasta digitalizada faz-se pelo menos três CD, um original e duas cópias), o que permitirá que se tenham à disposição para consulta todos os documentos do Acervo.

Esse processo de digitalização é, também, de grande valia no momento da leitura e transcrição dos documentos, pois, dispondo do recurso do *zoom*, o pesquisador do manuscrito poderá ampliar as imagens sem perda de resolução (até um determinado limite), o que auxilia imensamente na decodificação de alguns trechos de difícil leitura e na definição de detalhes do suporte. Além disso, a utilização das imagens digitalizadas evita a degradação dos materiais originais, eliminando a necessidade de manuseio dos mesmos, já que os documentos são manipulados e sofrem a ação da luz apenas uma única vez (durante o processo de digitalização).

No entanto, é sempre válido lembrar que "por mais fundamental que seja esse processo de digitalização, ele nunca deve conduzir à relegação ou à destruição dos objetos impressos [ou manuscritos] do passado"²¹⁵, pois

com as possibilidades e promessas da digitalização, a ameaça de outra destruição não se afastou definitivamente. Como leitores, como cidadãos, como herdeiros do passado, devemos, pois, exigir que as operações de digitalização não ocasionem o desaparecimento dos objetos originais e que seja sempre mantida a possibilidade de acesso aos textos tais como foram impressos [ou manuscritos] e lidos em sua época.²¹⁶

²¹⁵ CHARTIER, Roger. *Os Desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002. p. 28.

²¹⁶ *Id. ibid.*, p. 29.

Já que não se pode ignorar o fato de que

a médio e longo prazo esta opção pode não ser tão vantajosa. A manutenção de um arquivo digital, que é apontada como uma "vantagem" [...], esconde o fato de que há uma indeterminação quanto à durabilidade dos arquivos magnéticos. Não só a indústria que alimenta o meio magnético tem o hábito de transformá-lo cada vez mais, em espaços de tempo menores, como não há garantia de que daqui a algum tempo haja máquina para ler um arquivo magnético codificado em um programa de hoje.²¹⁷

Em vista disso, seria necessário a quase que eterna atualização dos arquivos em relação às tecnologias vigentes. O papel, no entanto, apesar de toda a sua delicadeza, já se mostrou extremamente resistente se bem acondicionado e manuseado.

A forma de apresentação de edições também pode se beneficiar dos avanços tecnológicos, pois o aparato genético, contendo as variantes encontradas nas diferentes campanhas de feitura da obra, pode ser apresentado em formato digital, exibindo as variantes uma sobre a outra, através de hipertexto (*links*), "porque os hipertextos são estruturados de maneira a permitirem várias seqüências diferentes de leitura, de modo que realmente cada usuário faça suas opções"²¹⁸. Desse modo, as edições genéticas ficam mais objetivas, já que o leitor tem a oportunidade de perceber a sobreposição da escrita no processo de criação autoral, pois

[...] a textualidade eletrônica permite desenvolver as argumentações e demonstrações segundo uma lógica que já não é necessariamente linear nem dedutiva, tal como dá a entender a inscrição de um texto sobre uma página, mas que pode ser aberta, clara e racional, graças à multiplicação dos vínculos hipertextuais. Por outro lado, e como consequência, o leitor pode comprovar a validade de qualquer demonstração consultando pessoalmente os textos (mas também as imagens, as palavras gravadas ou composições musicais) que são o objeto da análise se, evidentemente, estiverem acessíveis numa forma digitalizada.²¹⁹

No caso do Acervo de Arthur de Salles, todos os documentos foram catalogados e numerados na época de sua organização. Agora as informações relativas a eles já vêm sendo lançadas em um banco de dados, contendo informações extrínsecas e intrínsecas dos materiais, integrando código de localização no acervo, características extrínsecas,

²¹⁷ JOBIM, José Luis. *op. cit.*, p. 230.

²¹⁸ *Id. ibid.*, p. 227.

²¹⁹ CHARTIER, Roger. *op. cit.*, p. 24-25.

transcrição e *facsimile* digitalizado para cada documento. Desse mesmo banco de dados constarão informações sobre os demais documentos do Acervo, como artigos de jornais relativos à *Fortuna Crítica do Poeta*, informações sobre a *Obra Dispersa*, depoimentos de amigos e familiares, coletados quando da organização do Acervo, índice de fotografias e documentos relativos ao poeta, assim como suas imagens digitalizadas, além de resumos de todas as teses, dissertações, monografias e artigos produzidos pelo grupo de Pesquisas, de modo a apresentar um sistema geral de referência cujas informações possam ser plena e rapidamente resgatáveis.

Técnicas semelhantes já vêm sendo utilizadas em grandes centros de pesquisas do país e do exterior – a exemplo do Institut des Textes et Manuscrits Modernes, do CNRS, em Paris, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –, no entanto, todos estes procedimentos são ainda bastante inovadores, e vêm sendo implementados, aos poucos, no Acervo Arthur de Salles.

Este trabalho encontra-se em fase inicial de desenvolvimento. Ainda assim, com o que já foi realizado, os resultados têm sido bastante animadores. Porém, é importante ressaltar que as técnicas tradicionais de trato com os manuscritos que vêm subsidiando a pesquisa filológica há muitos anos não são descartadas, elas são a base para todo o trabalho que se vem iniciando. Todavia, uma vez que, como afirma Ivo Castro “nenhum filólogo trabalha livre das condições de seu tempo”²²⁰, pretende-se, ao contribuir para o progresso desses trabalhos de caráter digital, fazer jus ao nosso tempo.

²²⁰ CASTRO, Ivo. O Retorno à filologia. In: PEREIRA, Paulo Roberto Dias; PEREIRA, Cilene da Cunha (Orgs.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários* in memoriam Celso Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 516.

9.1 EDIÇÃO DIGITAL DOS MANUSCRITOS DAS PASTAS 001 E 003 DO ACERVO DE ARTHUR DE SALLES

Como se disse anteriormente, esta tese faz-se acompanhar por uma edição digital dos documentos das pastas 001 e 003. Este trabalho consiste apenas em uma proposta, a um só tempo, modesta e ousada. O material que ora se apresenta não é fruto do trabalho de técnicos e especialistas na área de informática, é, antes, uma incursão de uma usuária curiosa, que se atreveu a propor um trabalho inovador. Sendo assim, muitas dificuldades surgiram, e à medida que isso acontecia, as soluções tinham de ser inventadas, já que não se teve por base nenhum exemplo anterior. O início foi realmente o marco zero. O que, se, por um lado, dá mais liberdade para criação, por outro, aumenta a possibilidade de erro.

Tem-se consciência das inúmeras falhas que o trabalho apresenta, a maioria delas decorrente da inexperiência, outras, verdadeiro descuido. Sabe-se, ainda, que nem todas as decisões tomadas foram as melhores, nem todas as soluções criadas foram suficientes, mas o primeiro passo foi dado e, a partir dele, espera-se receber contribuições, sugestões, críticas, e o que mais ocorrer, pois é com a troca de experiências que edições desse tipo podem vir a contribuir com a divulgação, mais ampla (por ser, às vezes, mais rápida e menos dispendiosa), de trabalhos de crítica textual.

Talvez o material utilizado para a edição semidiplomática (textos não terminais, de manuscrito único) não fosse o mais adequado a uma edição digital; talvez a leitura realizada não tenha sido a melhor a ser aqui aplicada, porém, o desafio foi lançado e o trabalho só começou!!!

9.1.1 Especificações da edição digital

Esta edição foi confeccionada no programa Microsoft FrontPage 2000®, versão 4.0.2.2717, o qual disponibiliza a utilização/criação de *hyperlinks* e a visualização em formato html (formato padrão de páginas da Internet), que permite a leitura em qualquer computador que possua um programa de navegação na Rede Mundial de Computadores.

Para a transcrição dos manuscritos, foram adotados todos os critérios já utilizados na transcrição que configura o início do trabalho de edição (seja ela apresenada em papel ou em formato digital), no entanto, a edição digital tornou necessária a utilização de alguns outros critérios especiais, que vão listados a seguir:

- Para cada texto reconstitui-se o que teria sido a última versão deixada pelo autor. Esta última versão respeita com fidelidade os movimentos de escrita do autor, mesmo nos casos em que se pode interpretar uma intenção outra, um pouco diversa daquela que se encontra graficamente representada no documento. Em função de os documentos aqui editados trazerem majoritariamente textos em processo de criação, o que se obteve como resultado dessa "última versão" nem sempre parece ter nexos dentro do que se espera de um texto poético.

- Os movimentos da escrita do autor foram representados por *hyperlinks* (hipertextos) que, ao serem acionados, conduzem a outra versão do mesmo texto (da "última versão" ao texto contendo os movimentos de correção e vice-versa).

- Mesmo pertencendo a mais de uma campanha de escritura, todos os movimentos de escrita serão remetidos, através dos *hyperlinks*, a um único documento (a "última versão").

- As linhas que foram inteiramente anuladas pelo autor foram suprimidas do texto da última versão.

- Grafos aleatórios não foram considerados na reconstrução da última versão.

- Na "última versão", cada *hyperlink* remeterá a um lugar programado dentro do texto, que, por sua vez também é um *hyperlink*, que, ao comando do operador, levará de volta ao mesmo ponto do documento anterior. Cada movimento de correção é remetido ao seu correspondente na última versão e evidenciado através de um destaque colorido.

- A partir do *Sumário*, o operador terá acesso a cada uma das páginas da edição, desta forma, ao clicar duas vezes com a tecla esquerda do *mouse* sobre o *hyperlink* *Biografia*, por exemplo, o usuário será conduzido à página que contém a biografia do poeta Arthur de Salles. Ao fazer o mesmo procedimento sobre os códigos dos documentos editados, será remetido à descrição do documento, tendo, a partir dela, acesso à "última versão" e dessa para aquela que contém os movimentos de correção. Do mesmo modo, é possível ir, a partir de qualquer uma das páginas, diretamente ao sumário. Todos os hipertextos dessa edição são reversíveis, i. e., tem possibilidade de ida e volta ao mesmo lugar.

- A partir do *Sumário*, tem-se acesso à página da descrição do documento e, a partir desta, se chega aos fac-símiles e à "última versão".

- A imagem digitalizada do documento é vinculada, através de *hyperlink*, à expressão [fac-símile], e ela será exibida em uma resolução de, aproximadamente, 800 x 1200 pixels, tamanho que permite uma leitura adequada.

10 CONCLUSÃO

Quando o pesquisador descobre o fio de Ariadne, é levado pela curiosidade e se deixa seduzir pelas descobertas, que vão uma trazendo a outra. E o que passa a interessar, no final das contas, não é se chegar a uma conclusão, à saída do labirinto. É, antes de mais nada, se chegar a cada descoberta, como se cada uma fosse uma peça de um quebra-cabeças que não tem fim, cada elemento deixando vislumbrar mais uma parte do todo, dando mais clareza à imagem que se espera formar. No entanto, ao passo que se vão encaixando as peças, abre-se uma outra lacuna que instiga mais a vontade de encontrar a próxima peça, e ir acrescentando mais e mais.

O trabalho com acervos literários não é diferente. Para cada informação que se tem, são solicitadas outras tantas. Para cada resposta que se encontra, são levantadas diversas outras perguntas, e, portanto, seria sobremaneira leviano denominar-se a parte final desse trabalho de "conclusão". Melhor seria denominá-la de considerações finais, ou de resultados parciais.

Assim sendo, as "peças" encaixadas por este trabalho consistem, em síntese, na atualização de diversos dados biobibliográficos de Arthur de Salles, que vinham, ao longo de meio século sendo equivocadamente reproduzidos. Esses dados, por vezes equivocados, por vezes incompletos, configuravam uma imagem distorcida do poeta baiano que sofreu influências das escolas literárias do seu tempo, como mostra o levantamento vocabular de seus manuscritos.

A par de ver-sejar ora com as características do parnasianismo, ora com as do simbolismo, percebe-se, através dos manuscritos, que Arthur de Salles também ia buscar inspiração em textos muito mais distantes. Bebeu em fontes medievais, elaborando cautelosamente, através da métrica e do vocabulário, uma cantiga de amor intitulada "Rimas várias". Foi ao Romantismo, debruçando-se sobre a obra de Almeida Garret para tomar-lhe de empréstimo a personagem Dona Branca. Com o propósito de seguir os passos do autor, Arthur de Salles utiliza-se de termos constantes em textos de Garret e contemporâneos seus.

Essa intertextualidade, presente nos manuscritos, pode ser apreendida também do conteúdo da correspondência do poeta com seu amigo Durval de Moraes. Esse epistolário, material rico e consistente, deixa entrever ainda elementos biobibliográficos do autor, além de informações sobre a conjuntura política, econômica e cultural de sua época.

Àqueles que pensavam que Arthur de Salles era um poeta olvidado, demonstra-se, através de referências bibliográficas, que ele continua a constar de obras, bastante atualizadas, que tratam da literatura brasileira. E que o Grupo de Edição Crítica de Textos da Universidade da Bahia apresenta um trabalho de considerável fôlego, cujo suporte máximo é o Acervo de Arthur de Salles, o qual já rende três décadas de estudo.

Além do fazer poético do autor, o estudo de seus manuscritos dá margem à pesquisa do seu vocabulário (do qual se apresenta aqui um modesto levantamento), donde se depreende sua extensa e eclética cultura.

O rigor e a exigência com o seu trabalho de escrita se mostram na reelaboração constante de seus textos. Uma pequena amostra desse labor pode ser analisada na edição semidiplomática de seus manuscritos, que apresenta em destaque as inúmeras emendas que Salles fazia em seus textos em fase de criação. A edição digital, na qual as regras, os critérios e a estrutura convencionais são transpostos para um outro "suporte", o virtual, permite vislumbrar os movimentos de correção dos manuscritos como o foram realizados pelo poeta: uns sobre os outros, temporalmente sucessivos. Essa edição, no entanto, configura-se apenas em uma proposta ousada e ainda bastante incipiente, mas que tem o intuito de continuar a seguir a pista do fio de Ariadne, aliando o trabalho que já vem sendo realizado com as vantagens proporcionadas pelas novas tecnologias de informação.

REFERÊNCIAS

ADRIANO, Carlos; VOROBOW, Reinaldo. Outras palavras. Entrevista com Caetano Veloso. *Cult. Revista brasileira de literatura*, São Paulo, p. 42-43, ago. 2001.

ALVES, Ívia. *Arco & Flexa: contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia. *A prosa inacabada de Arthur de Salles: Rincões Patrícios e outros escritos*. 1999. 209f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*. 2. ed. act. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925. 2v.

BAHIA, Secretaria de Educação e Cultura. *Obra poética de Artur de Sales*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1973. 464p.

BORDINI, Maria da Glória. *Anais do III Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros. Tema: ética e política de gestão de acervos literários*, Porto Alegre: PUCRS, 1998. (Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias, v. 4, n. 1)

BORDINI, Maria da Glória. *Manual de organização do acervo literário de Erico Verissimo*. Porto Alegre: PUCRS, 1995. (Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias, v. 1, n. 1)

BRASIL, Assis (Org.). *A poesia baiana no século XX: antologia*. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999.

BULFINCH, Thomas. *O Livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. 4. ed. Tradução David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BYATT, A. S. *Possessão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAROLLO, Cassiana Lacerda (Org.). *Decadismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL; MEC, 1980.

CARVALHO, Amorim de. *Tratado de versificação portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Portugalia, 1965.

CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. 2001. 796f. il. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

- CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. 1995. 226f. il. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: EdUSP, 2003. 2v.
- CASTRO, Ivo. O Retorno à filologia. In: PEREIRA, Paulo Roberto Dias; PEREIRA, Cilene da Cunha (Orgs.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CHARTIER, Roger. *Os Desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: EDUFMG, 1999.
- COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global, 2001. 2v.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. 1986. *Índice do Vocabulário do Português Medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. v. 1.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. 1988. *Índice do Vocabulário do Português Medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. v. 2.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. 1994. *Índice do Vocabulário do Português Medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. v. 3.
- CUNHA, Celso. 1945. O Cancioneiro de Paay Gómez Charinho. In: _____. 1999. *Cancioneiro dos trovadores do mar*. Ed. prep. por Elsa Gonçalves. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- CUNHA, Celso. 1949. O Cancioneiro de Joan Zorro. In: _____. 1999. *Cancioneiro dos trovadores do mar*. Ed. prep. por Elsa Gonçalves. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- CUNHA, Celso. 1956. O Cancioneiro de Martin Codax. In: _____. 1999. *Cancioneiro dos trovadores do mar*. Ed. prep. por Elsa Gonçalves. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- CUNHA, Celso. *Estudos de versificação portuguesa (séculos XIII a XVI)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1982.
- DE SANCTIS, Francisco. *Storia della letteratura italiana*. Vicenza: Orsa Maggiore, 1994.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.

DONADONI, Eugenio. *Breve storia della letteratura italiana*. 4. ed. Milano: Carlo Signorelli, 1960.

DUARTE, Luis Fagundes. Prática de edição: onde está o autor?. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES, 4., 1995, São Paulo. *Anais...* São Paulo: APML/ANNABLUME, 1995. p. 335-358.

FERREIRO, Manuel. *As cantigas de Rodrigu'Eanes de Vasconcelos*. Santiago de Compostela: Laiovento, 1992.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 1899. 2.v.

GAMA, Albertina Ribeiro da; TELLES, Célia Marques. Alguns aspectos da cultura literária baiana nas cartas de Arthur de Salles a Durval de Moraes. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre: PUCRS, p. 92-100, 1996. v. 2, n. 2.

GAMA, Albertina Ribeiro da; TELLES, Célia Marques. Os Rascunhos e as anotações de Arthur de Salles. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES, 4., 1994, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 1994. p. 95.

GAMA, Albertina Ribeiro da; TELLES, Célia Marques. Os documentos manuscritos da Coleção Arthur de Salles. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis*, Olomouc (Rep. Tcheca), v. 69, n. 6, p 61-5, 1996.

GAMA, Nilton Vasco da; TELLES, Célia Marques. A "Obra" de Arthur de Salles contida na sua correspondência com Durval de Moraes. In: MOTA, Jacyra (Org.) CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1, Salvador, 1997, *Atas...* Salvador: UFBA, 1997. v.2, disq. 7, linghist, com. 8.

GARRETT, Almeida. *Dona Branca ou A Conquista do Algarve*. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/escritores/garrett/biblactiva.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2003.

GAZETA do Povo. n. 2.350, p. 1, 05 jun. 1913.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 27.

GOUVEIA, Almeida. *Pethion de Vilar: cavaleiro do sonho e do ideal* (interpretação do simbolismo). Salvador: [s.n.], 1970.

JOBIM, José Luis. *Formas da teoria*. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.

LANSON, Gustave. Un manuscrit de Paul et Virginie. Étude sur l'invention de Bernardin de Saint-Pierre. In:_____. *Études d'histoire littéraire réunies et publiés par ses collègues, ses élèves et ses amis*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1930. p. 225.

- LARA, Cecília de. *Nova Cruzada: contribuição para o estudo do pré-modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros; USP, 1971.
- LEBRAVE, Jean-Louis. Crítica genética: uma disciplina ou um avatar moderno da filologia? In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 97-174.
- LOSE, Alícia Duhá. *Arthur de Salles: a edição de outros escritos, 2001, 267f. + anexos + CD*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- LOSE, Alícia Duhá. Arthur de Salles: o leitor e o escritor. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS ITALIANOS, 3 e CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES DE ITALIANO, 9. *Anais...* Salvador: UFBA, 2001. (no prelo).
- LOSE, Alícia Duhá. Panorama biobibliográfico de Arthur de Salles na década de 30. Seminário "Anos 30: cultura e Política"; *Anais...* Universidade Federal da Bahia, Salvador, nov. de 2001. (no prelo).
- LOSE, Alícia Duhá. Um poema à moda medieval. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 4, 2001, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: PUC-MG, 2001. p. 475-478.
- MAN, Paul de. *A Resistência à teoria*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MATTOS, Waldemar. O Poeta Artur de Sales. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 45, p. 127-132, jun. 2002.
- MENEGALE, Heli. Artur de Sales, o poeta praeiro. *Jornal do Comércio*, Salvador, 21 maio 1960. s.n.p.
- MIRANDA, Adalmir da Cunha. O poeta Artur de Sales. *A Tarde*, Salvador, 19 maio 2001. Caderno Cultural, p. 3.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: simbolismo*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1985.
- MORAES, Durval de. A vitória da solidão. *Bahia Ilustrada* In: BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. *Obra Poética de Artur de Sales*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1973. p. 463.
- MORRE o maior poeta da Bahia. *Diário da Bahia*, Salvador, p. 1 e 4, 28 jun. 1952.
- MORREU Artur de Sales. *A Tarde*, [Salvador], 27 jun. 1952.

- MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952.
- OLIVEIRA, Eloywaldo Chagas de. Discurso de posse. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 14, p. 64, 1953.
- PEREIRA, Norma Suely da Silva. *Um punhado de versos e paginas de prosa*. 2002. 225f. + anexos. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Tradução Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- QUEM deve ocupar na Academia de Letras da Bahia a cadeira vaga com o falecimento do poeta Arthur de Salles? Per. n. ind., s.l., s.d. Col. Um tema por dia.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Panorama da poesia brasileira (Parnasianismo)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.
- SALLES, Arthur de. *Sangue-Mau*. Ed. crít. sob a dir. de Nilton Vasco da Gama. Salvador: EDUFBA, 1981.
- SALLES, Arthur de. *Poemas regionais; Sangue mau, O ramo da fogueira*. Bahia: Era Nova, 1948. 129p.
- SALLES, Arthur de. *Poesias; 1901-1915*. Bahia: [s.n.] [1920]. 252+ivp.
- SALLES, Arthur de. *Sangue máo; poema*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1928. viii+108p.
- SALLES, Arthur de. Truimphal. *Revista Moderna*. Bahia, ano 1, n. 3, p. 20, mar. 1900.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SÉGUIER, Jayme. *Diccionario práctico ilustrado*. Porto: Chardron, 1928.
- SEIXAS, Cid. *O Trovadorismo galaico-português*. Feira de Santana: EdUEFS, 2000.
- SESSÃO em homenagem a Arthur de Salles. *Estado da Bahia*, [Salvador], 10 out. 1952.
- SHAKESPEARE, William. Macbeth. Tradução de Arthur de Salles. In: _____. *Macbeth. Rei Lear*. Trad. de Arthur de Salles e J. Costa Neves. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1948. p. 1-131. (Clássicos Jackson, 10). Prefácio de Artur de Sales.
- SILVA, Alberto. Artur de Sales. *A Tarde*, Salvador, p. 3 e 9, 16 jul. 1952.
- SILVEIRA, Giraldo Baltazar. Arthur de Salles; esboço bio-literário. *Jornal da Tarde*, Salvador, 8 de set. 1956.

SIMÕES, Hélio. Breves notas introdutórias. In: BAHIA, Secretaria de Educação e Cultura. *Obra Poética de Artur de Sales*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1973. s.n.p.

SOUZA, Antonio Loureiro de. Arthur de Sales. In: _____. *Gregório de Matos e outros ensaios*. Salvador: Progresso, 1959. p. 37-70.

SOUZA, Tomé de. Arthur de Sales. *Diário da Bahia*, Salvador, p. 5, s.d.

SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. 2. ed. São Paulo: Grifo, 1972.

TAVANI, Guisepppe. *Ensaio Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

TAVARES, Cláudio Tuiuti. A Última entrevista de Arthur de Salles. *Diário de Notícias*, Salvador, 6 de jun. 1952.

TELES, Maria Dolores. *Obra dispersa de Arthur de Salles em: Nova Revista, Bahia Ilustrada e A Luva: tentativa de edição crítica*. 1998. 248f + anexos. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador. f. 173-178.

TELLES, Célia Marques; TELES, Maria Dolores; LOSE, Alícia Duhá; PEREIRA, Norma Suely. A Obra dispersa de Arthur de Salles publicada em periódicos. *Estudos lingüísticos e literários*, Salvador, n. 27-28, p. 38-58, jan.-dez. 2001.

TELLES, Célia Marques. Das cartas à impressão: uma trajetória. *Leitura; Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL*, Maceió, n. 22, p. 43-51, jul.-dez. 1998.

TELLES, Célia Marques. Uma carta de Durval de Moraes a Arthur de Salles. *Qvinto Império; Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Salvador, n. 6, p. 87-103, 1º sem. 1996.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. 1904. Glossário do Cancioneiro da Ajuda. In: _____. (Edit.). *Cancioneiro da Ajuda*. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.

VEIGA, Cláudio. *Sete tons de uma poesia maior*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. 43.ed. São Paulo: Globo, 1994. 485p.

ZILBERMAN, Regina. Mulheres de escritores – sujeitos da história. In: MORGANTI, Vera Regina. *Confissões do amor e da arte: entrevistas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. p. 417.

ZULAR, Roberto. A Pluralidade da escrita. In: _____ (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 13-26.